

Os Portugueses no Tibete.

*Os primeiros relatos
dos jesuítas
(1624-1635)*

Estudo histórico
de Hugues Didier



OS PORTUGUESES NO TIBETE
OS PRIMEIROS RELATOS DOS JESUÍTAS (1624-1635)

Estudo histórico de Hugues Didier

Coordenação e fixação dos textos
da edição portuguesa por Paulo Lopes Matos

Tradução de Lourdes Júdice

C o l e c ç ã o O u t r a s M a r g e n s

Título original: *Les Portugais au Tibet.*
Les premières relations jésuites (1624-1635)
© Editions Chandeigne, 1996

Estudo histórico: Hugues Didier

Coordenação e fixação dos textos
da edição portuguesa: Paulo Lopes Matos
Tradução: Lourdes Júdice

© Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Reservados todos os direitos para a língua portuguesa
de acordo com a legislação em vigor

Pesquisa iconográfica: Robert Schrimpf
Mapas: Nathalie Drozdowicz

Capa: Fernando Felgueiras
Revisão: Francisco Paiva Boléo
Paginação e fotolitos: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
Impressão e acabamento: Gráfica Maiadouro, S. A.

1.ª edição: Fevereiro de 2000
ISBN: 972-8325-82-7
Depósito legal: 148 378/00

CNCDP – Catalogação na Fonte

**OS PORTUGUESES NO TIBETE: os primeiros relatos dos jesuítas
(1624-1635)**

Os Portugueses no Tibete: os primeiros relatos dos jesuítas (1624-1635) /
Estudo histórico de Hugues Didier; Tradução de Lourdes Júdice;
coordenação e fixação dos textos da edição portuguesa de Paulo Lopes
Matos. – Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos
Descobrimentos Portugueses, 2000. – 289p: il; 24cm. – (Outras
Margens). – ISBN: 972-8325-82-7

1 – DIDIER, Hugues; 2 – JÚDICE, Lourdes; 3 – MATOS, Paulo Lopes

A João e Alexandre

INTRODUÇÃO

1. Tibete, o último destino dos Descobrimentos?

Os textos que se seguem relatam a descoberta do Tibete pelos europeus. É certo que o mundo ocidental já dispunha de informações mais ou menos falsas sobre o mais misterioso país da Ásia, antes da viagem e estabelecimento de António de Andrade e outros jesuítas portugueses no reino de Gu-ge (Tibete Ocidental) e também no de Utsang (Tibete Central), no início do século XVII. Já tinham ocorrido encontros acidentais entre lamas e membros da Igreja romana, como o descrito por Guillaume de Rubrouck, em 1253-1254. Mas nunca nenhum viajante vindo da Europa tinha atravessado os colos dos Himalaias ou posto os pés no «Tecto do Mundo». O mesmo não acontecia com os mercadores ou peregrinos chineses, indianos ou muçulmanos que foram, aliás, os percussores ou informadores das duas equipas de portugueses particularmente destemidos que se lançaram ao assalto da Terra das Neves, a primeira a partir de Agrã e da corte do Grande Mogol, e a segunda a partir de Bengala.

A epopeia marítima de Portugal inspirou uma obra incomparável na Literatura dos tempos modernos, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Esta obra, a única epopeia verdadeiramente conseguida nesta época (recordemos *La Franciade*, de Ronsard...), teria sido impossível sem a existência de uma ampla literatura portuguesa da navegação e descoberta marítima. Ela confirma a ideia de uma nação portuguesa feita de marinheiros ou inseparável da água salgada. Mas ignora-se com frequência que estes Argonautas também abandonaram os seus navios, embrenhando-se nas massas continentais, a pé, a cavalo e até de camelo. O Brasil por um lado e, por outro, a exploração dos corações quentes ou gelados da Ásia, da China continental e sobretudo dos grandes espaços muçulmanos ou submetidos ao islão (Império otomano, Irão safévida, Afeganistão e Índia do Grande Mogol), provam que os portugueses não rezearam afastar-se dos mares. À excepção de minúsculos espaços insulares ou costeiros, não houve conquista nem *bandeirantes* no Oriente. A audácia lusitana nas terras

muçulmanas da Ásia e particularmente no Tibete, apenas acessível a partir da Índia dominada pelo islão, talvez não tenha sido menor que a demonstrada nas vagas. No entanto, ela não inspirou epopeias: não podiam existir duas, uma para o mar e outra para a terra, sendo a segunda o prolongamento da primeira. Mas os homens cujas explorações este livro descreve tinham consciência de nela participarem, como Francisco de Azevedo, em 1630, e em plenos Himalaias, recordando de súbito Camões, «o nosso poeta», e particularmente um verso de *Os Lusíadas* que evoca «a clara nascente do Ganges», onde se supõe que os habitantes vivem «do perfume das flores que brotam dessa nascente»¹.

A estadia de um punhado de jesuítas portugueses no Tibete, de 1624 a 1635, prosseguida esporadicamente até 1640, e cujas obras foram retomadas em 1715 por Ippolito Desideri, inscreve-se num duplo contexto: o do Extremo-Oriente, onde a ordem fundada por Inácio de Loiola tentou asiaticar o cristianismo (Matteo Ricci, Roberto de' Nobili), e o do mundo muçulmano, onde ela estava também empenhada: no Médio-Oriente das minorias cristãs mais ou menos afastadas da comunhão com Roma, do Líbano à Abissínia e à Índia do Norte (ou Grande Mogol), onde diversas circunstâncias excepcionais, devidas essencialmente às ambições político-religiosas de Akbar (1542-1605), permitiram um diálogo islâmico-cristão pouco usual e singular.

Embora não contenham informações significativamente falsas, estes textos apresentam distorções por vezes espantosas relativamente à ideia do budismo lamaico que nos dão, hoje em dia, as obras modernas. O nome de Chescamoni (*Sākyamuni*) apareceu pela primeira vez em 1627, sob a pena de Estêvão Cacela, um padre pertencente à província jesuíta de Cochim (e não à de Goa), e livre da autoridade ou influência de Andrade pois residia em Utsang, no Tibete central, e não no Gu-ge. Foi a incapacidade ou a recusa de ver Buda e o budismo na terra dos lamas que impediu o primeiro visitante europeu do Tibete de se tornar o fundador da tibetologia moderna. Mais do que a Cacela ou Cabral, afinal mais lúcidos em Utsang do que os padres de Tsaparang no Gu-ge, o mérito de ter fundado esta ciência coube ao jesuíta italiano Ippolito Desideri (1684-1733). Estes textos, interessantes, vivos, coloridos e cheios de detalhes concretos, acabam por ser mais impressionistas que realistas. Situados a mon-

¹ *Os Lusíadas*, 7, 19.

tante da tibetologia moderna, fazem corpo com o imaginário, a lenda, ou melhor, as lendas cristãs e muçulmanas acerca do Tibete, solidárias para fazerem do Buda e do budismo um ponto cego, ou seja, uma alteração paganizante do seu próprio monoteísmo, uma deformação de si próprio².

O Tibete visitado em 1624-1641 é, em sentido próprio e figurado, o ponto mais alto da exploração do mundo pelos portugueses. Estes tinham convivido bastante com os muçulmanos em Ceuta, em Moçambique, em Melinde e nas costas do Oceano Índico, de Ormuz às Molucas, por terem em todo o lado procurado o que, na sua opinião, o islão escondia e não permitia atingir: além das especiarias, cristandades perdidas, isoladas, exóticas, como se pode inferir das palavras de Vasco da Gama: «Vimos buscar cristãos e especiarias.»³ Na origem de todas estas expedições, primeiro marítimas e depois terrestres, esteve sempre o mesmo desejo, quase sempre e por todo o lado frustrado mas sempre renascido, de encontrar longe, no sudeste, no nordeste ou a leste do mundo muçulmano, uma espécie de duplo exótico da cristandade latina.

Andrade gostaria, tal como no início acreditou, que os tibetanos fossem cristãos, como uma parte dos indianos de Malabar, os abisínios ou os arménios. Como pensara Góis alguns anos antes, ao atravessar o reino de Kaşgar (Xinjiang). E também Cacela e Cabral procuraram na Ásia central, e nomeadamente no Tibete, onze anos depois do fracasso de Góis, o caminho para o Cataio, identificado desta vez como o Shambala (*Šam bla lai*) dos relatos dos lamas. O imaginário europeu e o imaginário tibetano também se misturavam. Parece que só o sonho podia engendrar o dinamismo psicológico necessário ao estudo de realidades longínquas ou pouco acessíveis. Mas uma vez atingidas estas, depois de desbravados os furores dos oceanos ou as encostas geladas dos Himalaias, o sonho tinha que debater-se ferozmente contra a decepção. Tinham que existir restos de cristianismo na *seita dos lamas*, ou então o Cataio continuava ainda por descobrir, para lá das montanhas e dos desertos da Ásia.

Para António de Andrade e os seus companheiros foi muito difícil chegar, em 1624, a Tsaparang, a capital do reino de Gu-ge no Tibete ocidental, e aí permanecer durante vários anos. O caminho

² Ver pp. 30-41 e 49-51.

³ *Roteiro da primeira viagem de Vasco de Gama*, ed. Neves Águas, Mem Martins, 1987, p. 54; *Voyages de Vasco de Gama*, apresentação de Jean Aubin, trad. e anotação de Paul Teyssier e Paul Valentin, Paris, ed. Chandeigne, 1995, p. 125.



Este mapa da Ásia (Ortelius, 1602) revela um continente de onde está ausente o Tibete, ainda praticamente desconhecido. Mas, em contrapartida, o mapa menciona o mítico Cathay.

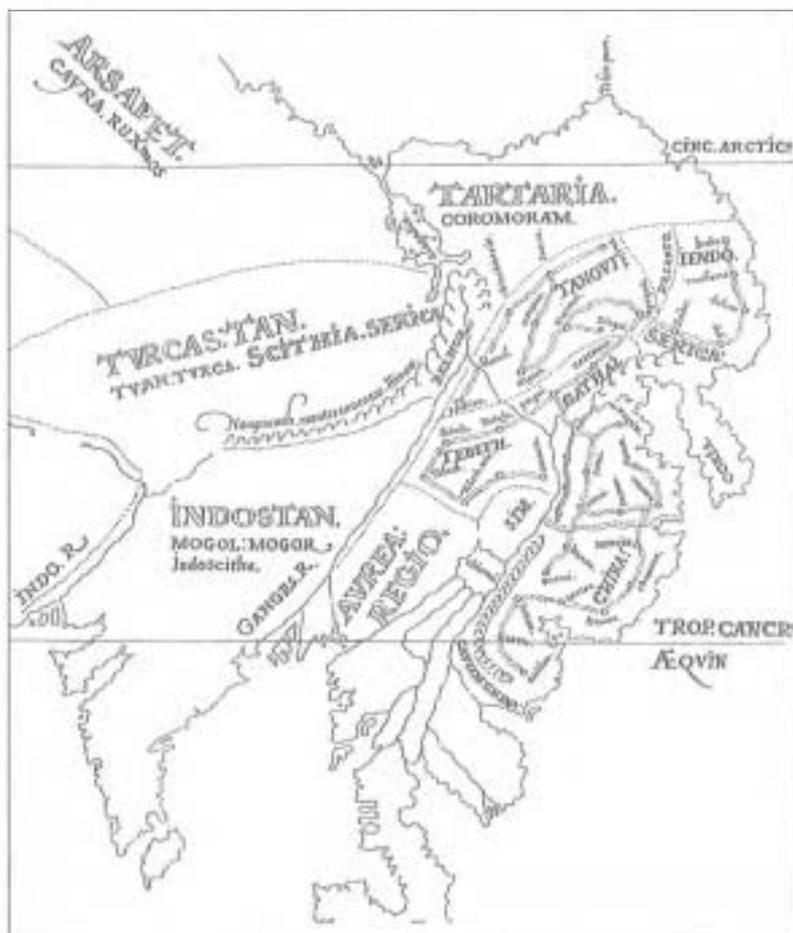
escolhido, o mais directo — Deli, vale do Alto Ganges, colo de Maná (3170 m), Tsaparang, não longe do curso superior do Sutlej —, era também o mais duro. Mas para estes homens de fé inabalável a empresa tibetana era a resposta a um apelo divino; e aquele país, até então quase desconhecido ou só conhecido indirectamente, possuía aos seus olhos, nas palavras do próprio Andrade, o mesmo valor que a Terra Prometida tem para os Hebreus⁴. Num documento conservado nos arquivos da Companhia de Jesus⁵, a descoberta dos tibetanos e o estabelecimento de uma missão no Tibete são apresentados como um acontecimento essencial da história da salvação, um sinal profético. Com efeito, o profeta Isaías tinha anunciado para o fim dos tempos a existência de «uma nação que vive numa montanha muito alta, de onde correm rios poderosos»⁶.

Este apocaliptismo bastante triunfal, disposto a situar a plenitude da salvação e o fim da história numa sequência imediata de acontecimentos hoje despojados de qualquer valor sobrenatural, explica

⁴ Primeira carta, p. 85.

⁵ Archivum Romanum Societatis Jesu, *Goa*, 56, fl. 517. Doravante citamos este arquivo por A.R.S.I.

⁶ *Isaías*, 18:7.



Esta parte do mapa de Mameel Godinho de Herédia (Tratado Ophirico, 1616) demonstra a dificuldade da empresa descrita neste livro. Não só o interior do continente é pouco acessível aos portugueses vindos do mar, como se verifica uma grande lentidão na circulação da informação que, por vezes, permanece mesmo secreta. Publicado quase dez anos depois da exploração de Bento de Góis através da Ásia central (1602-1607, pp. 34-35), os seus resultados são aqui ignorados: o Cathayo ainda é apresentado como distinto da China, e Cambalu (Khambalik), de Pequim. Se pode espantar-nos a representação do lago Baikal na Sibéria e ligado ao Oceano Índico, surpreende-nos ainda mais a posição do Ganges, confundido com o Bramaputra. Apesar da denominação centro-asiática e não indiana de Tebeth este mapa corresponde à óptica de João Cabral e de Estêvão Cacela, vindos por Bengala em 1627-1628.

a operação publicitária de que beneficiou por um momento António de Andrade, o fundador da primeira missão jesuítica no Tibete. De facto, ele esteve muito perto de se elevar a um nível igual ou superior ao de Cristóvão Colombo. Pensou-se, ou quis-se fazer pensar, que este religioso destemido tinha redescoberto o *Grande Cathayo*, já evocado por Marco Polo e procurado em vão pelos navegadores que tinham partido quer às ordens de Portugal quer às de Castela. O primeiro relato europeu acerca do povo visitado e evangelizado por Andrade tem o título pomposo de *Novo Descobrimento do Gram Cathayo ou Reinos de Tibet*. O livreiro lisboeta Mateus Pinheiro publicou-o em 1626, e foi quase imediatamente traduzido e difundido em toda a Europa católica, da Espanha à Polónia⁷. Não é possível saber se a identificação do Tibete como Grande Cataio, essencial para assegurar o sucesso da empresa publicitária, foi obra de Sebastião Barreto, jesuíta de Goa, ou de Mateus Pinheiro, em Lisboa. Andrade nunca disse ter atingido o objectivo de todas ou quase todas as missões anteriores. No entanto, ele afirmou que, na Mongólia ou para os lados da Mongólia, havia uma cidade com o nome mágico de *Katay*⁸. Os padres de Goa, com Barreto à cabeça, não viam inconveniente em chamar Cataio ao Tibete. Andrade não os desenganou: não pôde ou não quis livrá-los desse hábito. A verdade é que essa aproximação, ou mesmo erro, não podia ser prejudicial à sua empresa, dada a sua necessidade de homens e de dinheiro e, portanto, de publicidade.

Andrade também não teria desaconselhado o pomposo prólogo de Mateus Pinheiro que precedia o seu relato. Trata-se de uma amalgama hábil de patriotismo português e lealdade dinástica à Casa de Áustria, senhora de todos os reinos ibéricos e das suas extensões no ultramar desde 1580. A descoberta de Andrade é aí inscrita na trama gloriosa das vitórias católicas, como a reconquista da Bahia no Brasil e a rendição de Breda, immortalizada num quadro de Velázquez, a derrota das frotas inglesa e holandesa, tão decisiva para o restabelecimento das posições portuguesas na Ásia. Acompanham-na acontecimentos mais especificamente religiosos, como a canoniza-

⁷ H. Didier, «António de Andrade à l'origine de la tibétophilie européenne», em *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, vol. 20 (1988-1992), Münster, 1993, pp. 47-48. J. Aschoff, *Tsaparang- Königsstadt in Westtibet*, Munique, M. C. Verlag, 1989, pp. 169-170.

⁸ Primeira carta, p. 107. Também João Cabral se sobressalta ao ouvir o nome Cata, ver p. 246.

ção de Isabel de Portugal (1271-1336) em 1626 e, cinco anos antes, a adesão a Roma do imperador Susenyos. O reino abissínio é descrito como mais vasto que o continente europeu. Neste contexto, tomar o Tibete pelo Cataio perdido e reencontrado não passa de um exa-gero menor:

«Entre as grandes felicidades e vitórias do notavel ano de 1625, pode Hespanha com razão contar e cantar a alegre nova do novo descobrimento do Gram Cathayo, e Reinos de Tibet, cousa tantos anos é dos Portugueses desejada, e com tantos trabalhos e perigos dos Pregadores Evangelicos em vão até agora intentada. Digo felicidades e vitórias do ano de 1625, por ser o Santo, e nele a Rainha S. Isabel, Padroeira e Senhora deste reino canonizada. A Bahia restaurada com tanta gloria nossa, quanta infamia dos inimigos. Breda rendida, depois de tão perfiado cerco, a armada dos Holandeses vencida pela Portuguesa no Oriente; a de Inglaterra frustrada de seus intentos e rebatida dos nossos com tanto valor no Ocidente; a frota e naus da India, livres quase milagrosamente da dos inimigos. Felicidades são, que fazem notavel, e memoravel o ano de 1625, e a nós notavel obrigação a ser delas sempre lembrados, para dar a sua divina Magestade as devidas graças. E com muito maior razão deve o mundo todo festejar a redução do grande imperio de Etiopia à obediencia da Santa Igreja Catolica Romana: imperio tão grande, que ele só é igual, ou maior que toda nossa Europa, pois tem de largo quinhentas leguas e de comprido setecentas. Ambas estas empresas tão gloriosas guardou a divina Providencia por tantos seculos para os generosos espiritos Portugueses, e para o espirito e zelo das almas dos reverendos padres da Companhia de Jesus, como veremos nas relações seguintes, das quais a primeira, como mais breve, sairá logo, e a outra após ela, Deus querendo, pois não é razão fiquem em eterno silencio sepultadas duas das maiores façanhas que ha muitos seculos fizeram os varões Apostolicos, e Evangelicos conquistadores.»⁹

É muito difícil deslindar a cadeia de erros e mentiras numa operação publicitária como esta. Quer o primeiro relato de Andrade quer o segundo beneficiaram de uma ampla difusão. Os outros textos aqui apresentados permaneceram inéditos até ao século XX, por não servirem esta operação publicitária, ao revelarem aquilo que Andrade não considerou útil dar a conhecer ao público devoto de Portugal e da

⁹ M. Esteves Pereira, *O descobrimento do Tibete pelo P. António de Andrade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921, p. 64.



Mapa da Ásia do sul, extraído do livro de Athanasius Kircher, *China Illustrata*, 1667. O Tibete
Os itinerários visíveis no mapa são os dos grandes viajantes da Ásia: Marco Polo, São Tomé,



aparece claramente representado, com a nascente do Ganges e a cidade de «Caparaigue». Bento de Góis, António de Andrade, Heinrich Roth, François d'Orville e Johannes Griebner.



Os itinerários das missões em Tsaparang e Utsang e o de Bento de Góis, que passou mais a norte do Tibete e chegou à China.



O Tibete nos nossos dias, com as suas fronteiras actuais, e a localização das principais cidades referenciadas.

Europa: nem todos os lamas são estúpidos e maus, estes contam com os jesuítas para acalmar os ardores secularizadores do rei do Gu-ge, Thi Tashi Dagpa, e, em troca dos seus bons serviços, asseguram o transporte do correio entre a missão de Tsaparang e a de Utsang. Também não é dito ao grande público que esta última missão está estabelecida dentro do espaço de uma lamaria¹⁰, e que os jesuítas atraem simpatizantes e neófitos por obra de uma confusão completa dos ritos e das religiões, tanto em Utsang como no Gu-ge. A arrogância de Andrade relativamente aos lamas, tão marcada nos dois relatos impressos, é um estratagema menos para uso dos seus superiores que do público a quem se dirigem estes textos, tanto na Europa como em Portugal. Estes jesuítas tinham demasiado a temer e demasiado a receber ou aprender com os monges budistas para os tratarem com desprezo ou agressividade. Só eles podiam ajudá-los a decifrar e a compreender o seu Livro santo, muito provavelmente a versão tibetana do tratado da Sabedoria Transcendental ou *Prajñāparāmi-lāsūtra*, muito venerado pelos lamas do Gu-ge e mais acessível do que os 108 volumes do Kanjur e os 225 do Tanjur, grandes colecções canónicas¹¹. Claro que não é qualquer dos relatos impressos de Andrade que nos mostra os jesuítas como alunos aplicados dos lamas, mas sim um manuscrito inédito e concebido para assim permanecer¹².

Publicado com o prólogo patriótico-religioso de Mateus Pinheiro, o primeiro texto adiante reproduzido garantia aos jesuítas a fama, tanto em Portugal como na Europa. *Novo Descobrimento do Gram Cathayo ou Reinos de Tibet*, publicado em português em 1626 e 1627, acrescido do segundo relato de Andrade, foi imediatamente publicado em castelhano em Segóvia, em italiano em Nápoles, em francês em Belfort e em alemão em Augsburg, onde o sucesso foi tanto que se fez uma segunda edição no mesmo ano. Em 1628, apareceu uma outra edição francesa em Pont-à-Mousson, diferente da de Belfort, uma tradução polaca em Cracóvia, e tudo indica que tenham surgido também nesse ano as edições inglesa e neerlandesa¹³. Este sucesso estrondoso encobriu todas as outras informações sobre o Tibete que

¹⁰ Em francês «lamasserie» (*N. da T.*).

¹¹ É esta a explicação dada pelo professor H. Eimer, tibetólogo alemão, consultado a respeito do singular usado nestes textos: «o seu livro», e não «os seus livros». Hugues Didier em J. Aschoff, *ob. cit.*, p. 97.

¹² Manuscrito entretanto reproduzido no *Journal of the Asiatic Society of Bengal*, n.º 21 (1925), p. 69, e também A.R.S.I., *Goa* 73, fl. 65.

¹³ H. Didier, «António de Andrade [...]», in *ob. cit.*, pp. 47-48.

iam permanecer ou permanecem ainda no segredo dos arquivos romanos da Companhia de Jesus. Este livro reúne apenas as mais notáveis conhecidas até então, das quais, até hoje e como já vimos, apenas foram divulgadas duas.

A operação publicitária só podia assentar no primeiro e segundo relatos de Andrade. Os outros quatro textos situam-se à margem desta, pelo que a sua interpretação requer menos desconfiança que a dos dois primeiros. E, como teremos oportunidade de afirmar nesta introdução, a missão foi um fracasso e não deixou cristãos no Tibete. Tomamos conhecimento nesses textos de factos bastante curiosos e não muito edificantes, como o de os jesuítas viajarem pelas estradas do norte da Índia e do Tibete disfarçados de muçulmanos (o que lhes era facilitado pelo seu tipo físico, muito semelhante ao dos iranianos, e pela cor da pele, igual em Lisboa e em Ispão) e o de conhecerem apenas uma língua asiática, o persa. Quando num texto missionário se pretende aumentar o entusiasmo do público laico do Ocidente e suscitar orações e vocações nos colégios dos jesuítas, torna-se imprescindível ocultar factos tão pouco gloriosos ou exaltantes como os que acabámos de evocar, e sublinhar ou exagerar os que podem servir a operação publicitária em curso. Francisco de Azevedo teve que andar quase um ano inteiro de turbante na cabeça, vestindo uma túnica e de cimitarra a tiracolo, e disse-o com toda a franqueza aos seus superiores, em 1631¹⁴. Mas, ao deixar Agrã para partir para o Tibete, António de Andrade servira-se exactamente do mesmo disfarce. Os termos utilizados no primeiro relato publicado não são inexactos: vestidos como os muçulmanos da Índia, «como os Mogores[...]», de túnica e turbante, «com toucas e cabaias»¹⁵. Mas não permitiam, a um leitor europeu vulgar ou ao tradutor que daria o texto a conhecer em Itália, em França, na Alemanha ou na Polónia, saber que no Oriente, ao contrário do que acontece na Europa, a indumentária não é definida em função da tradição ou da moda, instâncias seculares, mas de acordo com a Lei religiosa, enquanto sinal de pertença comunitária e de obediência a imposições divinas. Falta por isso a essa redacção o termo que tudo faria compreender a quem nunca viveu fora da Europa: *μουνο*, muçulmano. A mesma precaução explica ainda o silêncio de Andrade no que respeita à arte e monumentos de Tsaparang, hoje acessíveis graças ao livro de

¹⁴ Ver p. 209.

¹⁵ Primeira carta, p. 76.

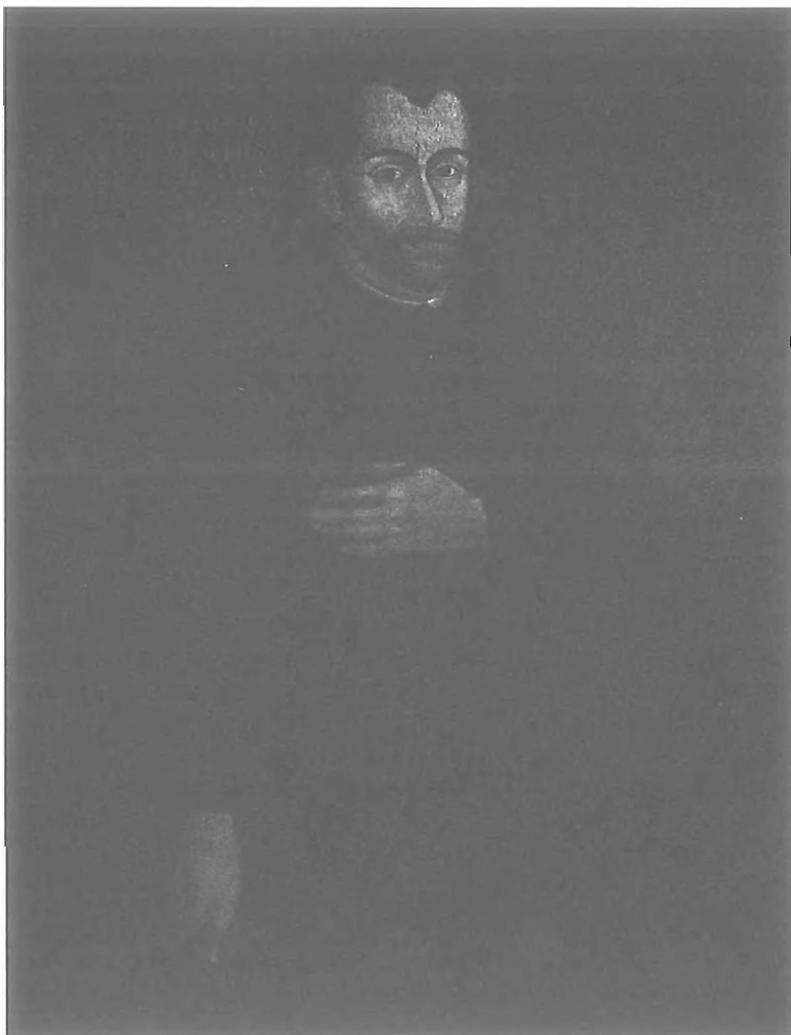
Jürgen Aschoff. Falar de divindades com vários braços ou várias cabeças como as da Índia, teria arrefecido os ânimos prontos a inflamarem-se.

Qualquer informação desencorajadora ou desmobilizadora deixou de dever ser divulgada ou comunicada. É esta a razão do contraste entre os dois relatos de Andrade que foram impressos e o relatório de Azevedo, entre uma multiplicidade de outros documentos ainda inéditos. Azevedo queixa-se. Andrade nunca o faz. Os que editam tratam de identificar o Tibete como o Grande Cataio, objecto último das explorações iniciadas no século XV. Os que estão no terreno já não acreditam nisso, e os que não perderam ainda toda a esperança de o encontrar, como Cacela e Cabral, imaginam-no noutro lugar, muito mais longínquo. O relato missionário não dirigido a colegas e superiores cultiva necessariamente o abstracto artístico, abstendo-se de evocar tudo o que, na Europa, poderia embaraçar os homens encarregados de atrair para a obra nascente zelo missionário, esmolas, pedidos e orações dirigidas a Deus ou aos seus santos. Era necessário apresentar a imagem de um Tibete particularmente atraente, brilhante, inspirador de todas as esperanças.

Temos disso um bom exemplo na forma como o primeiro relato de Andrade reproduz o édito, traduzido do persa para português, onde o rei tibetano Thi Tashi Dagma acolhe oficialmente os jesuítas e lhes concede privilégios. Começa com estas palavras: «*Nos el-Rei do Potente*»¹⁶. Na Europa, estas palavras não poderiam ter uma interpretação diferente da que lhes foi dada pelos tradutores encarregados da tarefa de dar a conhecer o que se queria fazer passar por um acontecimento dominante e decisivo para a história da salvação. «*O Potente*» transformou-se nas edições europeias de Andrade em «*le Puis-sant*», «*The Powerful*», «*Das Mächtige*», como se se tratasse de uma expressão metafórica da grandeza política, da mesma natureza que «*Porta Sublime*», «*Império do Meio*» ou «*Rei Sol*». Ora, lendo outros textos dos arquivos romanos constata-se que «*O Potente*» alterna com «*O Botente*», com um *b*¹⁷; não se trata portanto da tradução portuguesa de um termo pomposo empregado numa língua asiática, mas da transcrição fonética da palavra hindi *Bhoṭānta*, cuja consoante inicial

¹⁶ F. M. Esteves Pereira, *O descobrimento [...]*, p. 64.

¹⁷ A.R.S.I., *Goa* 56, fl. 93; fl. 436; fl. 517. G. Toscano, *Alla Scoperta del Tibet*, Bolonha, Editrice Missionaria Italiana, 1977, p. 75, observação acerca dos nomes deste país.



Retrato de António de Andrade (1634)
(Academia das Ciências de Lisboa)

Nascido em 1580 em Oleiros (Beira Baixa), António de Andrade ingressou na Companhia de Jesus em 1596, em Coimbra. Partiu para a Índia em 1600 e completou a sua formação em Goa. Depois de dirigir dois colégios de jesuítas, foi nomeado superior da missão de Agrã, no Grande Mogol (1621). Partiu em 1624 à descoberta do Tibete e dirigiu a missão de Tsaparang de 1625 a 1629, data em que foi chamado a Goa para ser nomeado provincial dos jesuítas e delegado da santa Inquisição. Morreu envenenado em 1634, pouco depois de ter sido promovido a «visitador» com a missão de inspeccionar as missões da China e do Japão.

pode equivaler tanto ao *b* como ao *p*. Significa simplesmente «Tibete». Mas quem poderia saber isso na Europa? O uso da palavra hindi assim transcrita, preferencialmente ao nome turco-árabe «O Tibet» (do árabe *Tubbat* e do turco *Tübät*)¹⁸ utilizado noutras partes do relato, surge como um convite para se identificar o país descoberto como o Grande Cataio, mitificado na consciência europeia. Ele transforma Thi Tashi Dagpa, régulo da Ásia central, num igual de Luís XIII ou de Filipe IV. Segundo o relato impresso por Mateus Pigneiro, existiam 52 000 combatentes no Gu-ge. O manuscrito parece não referir mais de 12 000 ou 15 000. Mais tarde, o padre Nuno Coresma não lhe atribui mais de 2000¹⁹. Não se tratava seguramente de uma grande potência!

Pelos dois primeiros relatos publicados, Andrade foi a única autoridade em matéria de tibetologia até à segunda metade do século XVIII. Durante mais de um século, exceptuando alguns círculos de jesuítas empenhados na obra missionária, a Europa não soube mais do que aquilo que os portugueses quiseram dizer-lhe em 1624 e 1626²⁰. Apesar de não conterem erros materiais flagrantes, estes textos podem provocar no leitor moderno, possuidor de alguns conhecimentos sobre a civilização tibetana, uma impressão de irrealidade²¹. É desagradável que o Buda e o budismo sejam por assim dizer invisíveis nas cartas assinadas por Andrade, o que não implica que Estêvão Cacela e João Cabral não tenham tido a esse respeito uma intuição suficientemente clara. Os textos seguidamente apresentados são apenas o início de uma longa série de escritos missionários sobre o Tibete, escritos confidenciais, geralmente redigidos em português, mas também em latim e em italiano. Posteriormente, mais precisamente com Ippolito Desideri, o italiano tornar-se-á a língua da tibetologia nascente²². Foi aliás para honrar esta ciência que, depois de apresen-

¹⁸ G. Ferrand, *Relations de voyages et textes géographiques arabes, persans et turcs*, tomo I, Paris, 1913, p. 230.

¹⁹ J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 41, nota 32; C. Wessels, *Early Jesuit Travellers in Central Asia*, Haia, M. Nijhoff, 1924, p. 67.

²⁰ *Dictionnaire de Moreri*, tomo 4, p. 858, art. «Lama» (1740), *Encyclopédie*, tomo 16, p. 314, art. «Tibet» (Neuchâtel, 1765); ambos inspirados talvez por M. Thévenot, *Rélation de divers voyages curieux*, Paris, 1672, p. 19.

²¹ O que é sublinhado por G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 112, 147, 206 e J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, pp. 10, 15-16.

²² *An account of Tibet. The travels of Ippolito Desideri of Pistoia*, ed. de Filippo de Filippi, Londres, 1937; *Lo Sññ-po, essenza della dottrina cristiana*, edição preparada por Giuseppe Toscano, Roma, Institutum Historicum Societatis Jesu, 1982.

tados na sua ortografia portuguesa, optámos por referir os nomes e termos tibetanos na grafia erudita Tucci-Toscano, equivalente latino do alfabeto do Norte da Índia utilizado no Tecto do Mundo. Mas nenhuma das obras sobre tibetologia até hoje disponíveis pode explicar-nos o que levou os portugueses a atravessar os colos dos Himalaias muito antes dos ingleses ou dos franceses.

2. A Europa à procura das «cristandades exteriores»

Destinados a serem publicados e suscitarem a generosidade, os dois primeiros relatos de Andrade (1624 e 1626) são necessariamente um compromisso entre a descrição objectiva do Tibete e o sonho que o fez deslocar-se de Agrã a Tsaparang. O mesmo não acontece nos outros textos conservados nos arquivos romanos da Companhia de Jesus, igualmente integrados neste livro. Mas a verdade é que nem a missão do Gu-ge nem a de Utsang teriam atraído Andrade, Azevedo, Cacela ou Cabral, e os seus companheiros, se todos eles não tivessem sido incitados a tudo fazerem para atravessar os Himalaias e estabelecer-se no Tibete, à custa de consideráveis riscos físicos, sofrimentos e despesas materiais, se não os possuísse previamente uma esperança louca. Num primeiro momento, a esperança de encontrarem cristandades isoladas ou perdidas, quer se chamassem «Grande Cathayo» quer não. Num segundo momento, a esperança de reanimarem uma dose de cristianismo, segundo Andrade intimamente integrada na *seita dos lamas*.

Estes relatos descrevem, sem dúvida, o Tibete, mas evocam também aquilo que os destemidos portugueses tinham vindo procurar. Juntamente com numerosos outros textos da mesma época ou da mesma proveniência (os arquivos de uma ordem missionária), eles provam que, na primeira metade do século XVII, os europeus não tinham ainda esquecido os mitos medievais conexos do Grande Cataio e do Preste João. O duplo fracasso dos portugueses no oceano Índico e de Cristóvão Colombo no Atlântico provocara-lhes uma dor que ainda não tinha sido superada. Nem avançando pelo Leste nem pelo Oeste tinha sido encontrado qualquer desses povos cristãos, pretensamente numerosos e poderosos, que habitariam para lá do mundo muçulmano e seriam susceptíveis de lhe servir de contrapeso. No processo das *Cristandades escondidas*, da *Missão* e da *Tomada ao inverso do islão* pode ler-se com proveito a excelente síntese de Alain Milhou

no tomo VII da *História do Cristianismo das origens até aos nossos dias*²³, dando-se aqui um complemento a essa síntese. Os jesuítas do Grande Mogol, como Jerónimo Xavier, Bento de Góis, António de Andrade e muitos outros, ligados à província de Goa ou, como Estêvão Cacela e João Cabral, à de Cochim, fizeram o possível para manter viva a crença ilusória na existência de importantes *Cristandades escondidas*, termo que, em rigor, pode entender-se de duas formas complementares: existência na Ásia de reinos cristãos análogos aos da Europa, e virtualidades da recristianização «do interior» de povos outrora cristãos mas que já não o eram aquando da chegada dos missionários.

Este mito, essencial para a Europa no fim da Idade Média e na aurora dos Tempos Modernos, foi tão responsável pelo avanço das caravelas dos grandes descobridores como os ventos favoráveis. Um *arquétipo* que animou Andrade e muitos outros foi o de uma espécie de duplo exótico, de sócia ou de *Doppelgänger* da cristandade latina, que era evidentemente necessário encontrar nalgum lugar, a todo o custo. Na lenda medieval e mesmo pós-medieval do Cataio, o imaginário labora a partir de um facto real: a expansão do cristianismo mesopotâmico em direcção à Alta Ásia e até ao Extremo Oriente, entre os séculos VIII e XIV²⁴. A amplificação lendária do *fenómeno nestoriano*²⁵ dá-nos a medida do medo e frustração infligidos aos ocidentais pela expansão do islão na bacia do Mediterrâneo, na Ásia, nas duas rotas da seda e das especiarias, e mesmo na Europa, do século VIII ao século XV. Donos e senhores das vias comerciais do Antigo Continente, e até das suas vias de invasão — frequentemente as mesmas —, os muçulmanos constituíam um formidável obstáculo que os cristãos da Europa não podiam esperar abolir, mas pretenderam contornar. Sem o ferrolho islâmico no meio do mundo, não existiria o desejo tão ardente de encontrar no Leste longínquo irmãos na fé, cristandades exóticas perdidas, não existiria evasão da grande Península banhada pelo *Mar Tenebroso*, nem existiriam as grandes descobertas.

²³ Obra publicada sob a direcção de J. M. Mayeur, Ch. e L. Pietri, A. Vauchez, M. Venard, volume VII, Paris, Desclée de Brouwer, 1994, pp. 536-548.

²⁴ J. Dauvillier, «Les provinces chaldéennes "de l'extérieur" au Moyen Âge», *Mélanges Cavallera*, Toulouse, s.d., pp. 263-316; *Dictionnaire de théologie catholique*, XI, pp. 157-323, art. *Nestorienne* (Église), por E. Tisserant.

²⁵ Em francês: *nestorien* — relativo à Igreja da Babilónia. Ao longo de todo o texto optou-se pela tradução literal deste termo (*N. da T.*).

Ao atravessar o oceano, Cristóvão Colombo pretendia chegar à China mongol anterior à revolução dos Ming em 1368, o Grande Cataio. De partida para o que julgava ser a Ásia Oriental, estava convencido de aí vir a encontrar importantes cristandades que viveriam de acordo com os rituais e a cultura da Mesopotâmia, daí ter escolhido como intérprete Luis de Torres, um cristão-novo que conhecia o hebreu e o caldeu. Esperava, portanto, poder conversar na corte de Cipangu (o Japão) ou na do Cataio (a China), graças a uma língua que não é mais que uma forma oriental de aramaico. Tal como Guillaume de Rubrouck duzentos e trinta e nove anos antes, Cristóvão Colombo levava uma carta do seu soberano para o Grande Khan²⁶. Para traduzir para caldeu.

Por outras vias, os portugueses procuravam as mesmas terras. Aliás, o livro de Marco Polo circulava no seu país desde 1425. «A obra de D. Henrique o Navegador não podia deixar de assentar no desejo de rever o que esses homens já tinham revelado à Europa cristã.»²⁷ As viagens lusitanas continuam as viagens italianas. Enquanto Cristóvão Colombo se enganou julgando saber para onde ia, Vasco da Gama chegou em 1497 a um lugar onde outros, italianos, muçulmanos do Magreb e até portugueses, já tinham chegado por terra, vindos de Oeste. Não se tratava verdadeiramente de uma *Terra Incógnita*, mas estamos longe de poder afirmar que a Ásia do Sul ou a África Oriental fossem seguramente conhecidas antes destas viagens do fim do século XV, tão grande é o peso do imaginário medieval.

Os portugueses sentiram-se desiludidos e quem diz decepção diz desconhecimento. Com efeito, esperavam encontrar muitos adoradores da Cruz nas margens do oceano Índico. Desde o tratado do geógrafo italiano Giovanni da Carignano que o *Preste João* já não se encontrava para os lados da Mongólia como no século XII, no tempo em que o descrevia Otto de Freisingen²⁸, mas em África e na Abissínia monofisita, terra aos seus olhos menos vasta e povoada do que toda a Europa, independentemente do que se afirma no inflamado prólogo publicado em 1626 com a carta de Andrade. A ilha de Socotorá ainda era cristã no século XVI: uma ninharia²⁹. Quanto à Índia,

²⁶S. de Madariaga, *El ciclo hispánico*, Buenos Aires, 1952, pp. 237 e 242; P. Chaunu, *L'expansion européenne*, Paris, 1969, p. 192.

²⁷E. Brazão, *Em demanda do Cataio*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954, pp. 14-15.

²⁸J. Mac Gregor, *Tibet: a Chronicle of Exploration*, Londres, 1970, pp. 1-2.

²⁹Testemunho de Francisco Xavier, *Correspondance*, Paris, Desclée de Brouwer, 1987, pp. 84-85.

não era nada do que eles esperavam: «As instruções de Março de 1500 assentam numa concepção em parte errada: a convicção de o Samorim de Calecut e os régulos da costa de Malabar, os guardiões do paraíso da pimenta, professarem a fé cristã.»³⁰ Quando os portugueses entraram pela primeira vez num templo hindu, pensaram que se tratava de uma igreja, por causa de uma estátua de deusa que julgaram representar a Virgem Maria³¹. Mas a Igreja siro-malabar, de obediência mesopotâmica como a ilha de Socotorá, reduzia-se a muito pouca gente: o Querala não era cristão, no seu conjunto.

De forma muitas vezes falaciosa, a gesta portuguesa na Ásia afirma-se seguidora da ideologia das cruzadas. Os poemas ou relatos em prosa querem fazer crer que os navegadores ou os conquistadores sempre estiveram de más relações com os muçulmanos e só procuravam prejudicá-los. A realidade histórica apresenta mais *nuanças*: para poderem estabelecer a sua hegemonia nas costas do oceano Índico eles tiveram que aliar-se a muçulmanos como os da república mercantil de Melinde, e tiveram que aprender a ser tolerantes, quando necessário. Mas a existência de várias cristandades para lá do islão ter-lhes-ia permitido serem mais fortes e mais intransigentes, agindo assim mais em conformidade com a sua doutrina. Não podia ser assim. Afonso de Albuquerque (1453-1515) talvez soubesse que não estava a falar muito a sério ao propor-se ferir o mundo muçulmano no seu coração, penetrando no Egipto e na Arábia para destruir Medina e Meca³². No seu império oriental, os portugueses tiveram que fazer de conta que tinham partido em cruzada embora soubessem pertinentemente que assim não era, pois nem os lugares nem o tempo lhes permitiam tomar-se por companheiros de Godofredo de Bulhão ou São Luís.

A amplificação mítica das cristandades nestorianas, na origem das vãs esperanças portuguesas, associa-se ao espírito de cruzada, pois ajuda-os a acreditar que vão por fim dispor de meios geopolíticos ou militares para apertar o mundo muçulmano com tenazes, a Leste e a Oeste. A lenda do «Grande Cataio ou reino do Preste João» nasceu nas vésperas da segunda cruzada (1174-1149), mais precisamente em 1145, da pena de Otto de Freisingen que, segundo um

³⁰J. Cortesão, *Os descobrimentos portugueses*, Lisboa, Arcádia, 1960, vol. 2, p. 182.

³¹*Roteiro da primeira viagem [...]*, p. 58.

³²J. B. Aquarone, *D. João de Castro*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968, II, p. 400; B. Diffie, G. Winius, *Fundação do império português*, col. Documenta histórica, vol. II, Lisboa, Vega, 1993, p. 52.

bispo sírio que viajava como embaixador arménio, descreveu o grande padre-rei descendente dos Reis Magos e que reinava sobre um Estado da Ásia rico e poderoso, o *Presbyter Joannes*. Um pouco mais tarde, em 1165, foi posta em circulação uma carta, naturalmente apócrifa, escrita pelo Preste João, «Governador das Três Índias», ao imperador bizantino Manuel I. Nela, o misterioso soberano cristão da Ásia gabava-se das suas riquezas e do seu poder de uma forma um pouco mais explícita do que o muito histórico Thi Tashi Dagpa no texto impresso em Lisboa em 1626.

Nesta falsificação do século XII³³, o Preste João anunciava que ia arrasas os sarracenos marchando sobre Jerusalém. Essa profecia, ou essa esperança, inspirava-se em dois factos reais ainda bastante recentes: a difusão do cristianismo nestoriano entre os turcos e os mongóis, e a expansão destes em detrimento de diversos povos ou Estados da Eurásia, nomeadamente dos muçulmanos. Dizia-se que essas tribos da Alta Ásia eram cada vez mais poderosas e até cada vez mais cristãs. Depois da infeliz cruzada de 1248, São Luís sonhou com uma grande guerra santa euro-mongólica contra o islão. Induzido em erro pelo testemunho de um desconhecido que se apresentava como um mensageiro do governador mongol do Irão, enviou em embaixada junto do Grande Khan o dominicano André de Longjumeau, e depois o franciscano Guillaume de Rubrouck, que atravessou o continente eurasiático em 1253-1254. O testemunho deste último ajuda à compreensão do mecanismo psicológico que fazia os cristãos do Ocidente inventarem irmãos ou quase irmãos na fé para lá do mundo muçulmano, e verem ou julgarem ver vestígios de cristianismo no Extremo Oriente. Além disso, embora não tenha visitado o Tibete, Guillaume de Rubrouck foi o primeiro europeu a ver e descrever os lamas tibetanos, trezentos e setenta anos antes de Andrade. Não seria por isso justo falar de um sem nos lembrarmos do outro.

Guillaume de Rubrouck deixou-se confundir pelo espectáculo da corte mongol em Karakorum onde se misturavam quase todos os povos do império. É também todas as religiões: xamanismo, budismo de diversas escolas ou tendências, islão sunita e islão chiita, cristianismos monofisita, nestoriano, bizantino e romano. De visita aos turcos uigures, que viviam então no norte da Mongólia, ele constatou que este povo, actualmente muçulmano, estava naquela época a começar a abandonar o seu paganismo nativo para abraçar outras

³³J. Mac Gregor, *Tibet [...]*, pp. 1-2.

religiões a que ele não podia atribuir os nomes que lhes damos hoje em dia: islão e cristianismo vindos do Oeste, budismo lamaico trazido do Sul pelos monges tibetanos. Para ele esta situação era estranha. Falando com um uigur cristão, graças ao seu intérprete, disse-lhe que não compreendia por que é que não havia uma cruz nem imagens de Jesus Cristo na sua igreja. Ao contrário das Igrejas do mundo mediterrânico, os nestorianos mantinham a desconfiança pelas representações dos primeiros cristãos. O que observou dos lamas pareceu-lhe ao mesmo tempo mais familiar e mais estranho. Enquanto o clero nestoriano era casado, os *sacerdotes idolorum* faziam voto de castidade como os padres latinos. Exactamente como o clero católico, eles também tocavam os sinos, tinham ofícios corais, rezavam o terço e não usavam barba. Enquanto os nestorianos mantinham as mãos caídas, os monges idólatras rezavam com as mãos juntas, como os padres romanos. Ao entrar numa igreja, achou o seu *ídolo principal* parecido com São Cristóvão. Viu nas paredes imagens que julgou representarem *bispos* de dedos erguidos, como que a abençoar. E até o arcanjo São Miguel³⁴! À primeira vista, o budismo foi assim interpretado como uma mistura de cristianismo e paganismo. Seria um cristianismo que se tinha deixado corromper por um meio envolvente pagão, ou um paganismo que tinha ido buscar inspiração à Igreja de Cristo? Visivelmente, Guillaume de Rubrouck colocava já a mesma pergunta a que também tentariam responder Matteo Ricci e António de Andrade. E estes termos, que hoje em dia nos parecem absurdos, eram naturais para estes homens.

Implicitamente, a percepção do budismo como duplo semipagão do nestorianismo fazia pensar numa evangelização antiga, em larga escala, do continente asiático. Não é possível saber se as lendas do Preste João e do Cataio, ainda tão vivas nos séculos XV e XVI, se apoiam nela, ou a apoiam. Uma cristianização geral mais ou menos apagada ou corrompida, sob os golpes do islão ou pelo contacto com os idólatras! Campori, um jesuíta versado em línguas, traduziu o documento que confirmava esta ideia, um texto litúrgico utilizado pela Igreja siro-malabar para o ofício do Apóstolo São Tomé:

«Com São Tomé, o erro da idolatria desapareceu das Índias. Com São Tomé, os chineses e os etíopes foram convertidos à Verdade.

³⁴ A. Van den Wingaert, *Sinica franciscana*, Florença, Ad Claras Aquas, vol. 1, pp. 227-230; J. Dauvillier, «Guillaume de Rubrouck et les communautés chaldéennes d'Asie centrale au Moyen Âge», *Actes du 22^e Congrès des Orientalistes*, Leiden, 1957, p. 349.

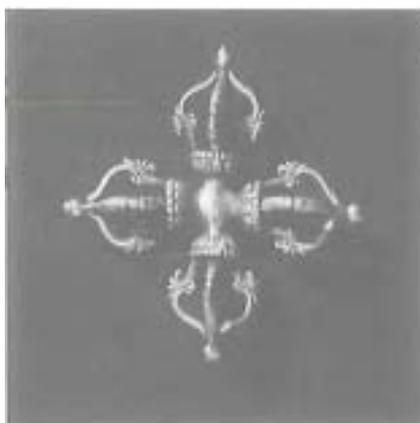
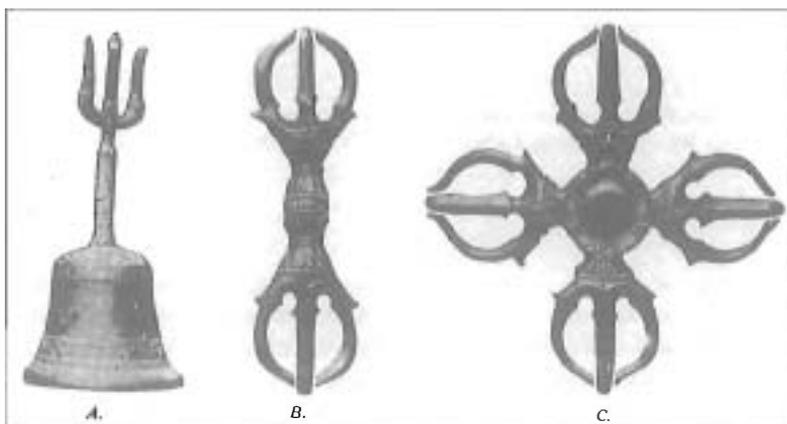
Com São Tomé, receberam o sacramento do baptismo e a condição de filhos de Deus. Com São Tomé, acreditaram e confessaram o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Com São Tomé, mantiveram a fé no Deus único. Com São Tomé, os esplendores da doutrina vivificante atingiram toda a Índia. Com São Tomé, o Reino dos céus foi tomado e entregue aos chineses.»³⁵

Pouco tempo antes da divulgação deste estranho hino a uma *Ásia maciçamente cristã*, tinham sido publicadas duas obras portuguesas que propunham uma síntese entre as lendas ocidentais do Preste João e do Grande Cataio, e a lenda indo-mesopotâmica de São Tomé. São elas as *Décadas da Ásia*, de João de Barros, em 1563, e a *Jornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes*, em 1606. Ambas especificam que a aplicação da expressão «reino do Preste João» à Abissínia, como era vulgar nessa época, era um erro. Nas montanhas do Norte, que não se percebe se são as do Decão ou dos Himalaias, existiam segundo eles vastas cristandades que mereceriam esse nome prestigioso. Existe um «bispo da montanha» (que montanha?) sufragâneo do da Babilónia... Estes dois livros repetem também informações confusas e imprecisas sobre cristandades exteriores por descobrir, transmitidas por jesuítas residentes no Norte da Índia, na corte do Grande Mogol Akbar, um monarca muçulmano de espírito tolerante e até sincretista (1542-1605). Estas informações motivaram várias expedições portuguesas ao interior do Continente, entre as quais a de Andrade em 1624.

Em 1581, três jesuítas (Acquaviva, Montserrat e Henriques), enviados a Agrã para junto do seu espantoso soberano, ouvem dizer que há cristãos para lá da cadeia dos Himalaias. No Oeste desse país misterioso existiria um padre residente numa grande cidade que fazia semanalmente uma oferenda simbólica de vinho: tratar-se-ia da eucaristia? A primeira informação do século XVI europeu sobre os tibetanos enquanto tais data de 1582. Rodolfo Acquaviva chamou ao seu país «Bottan» (do hindi *Bhoṭānta*): «São homens brancos e não há maometanos entre eles.»³⁶ Em 1590, Antoni Montserrat redigiu um espantoso relatório geográfico e histórico onde se pode ler: «este império das Índias a que os turcos chamam *Hindustão* era outrora governado por reis cristãos [...] Não há dúvida que esta terra ainda era

³⁵ M. Ricci, N. Trigault, *Histoire de l'expédition chrétienne au royaume de la Chine*, Paris, Desclée de Brouwer, 1978, pp. 181-182.

³⁶ Citado por G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 28.



Objectos rituais que sugerem um parentesco entre o lamaísmo e o catolicismo.

Em cima: evolução do trisūla para duplo vajra, ou duplo dorjé (rDo ije):

A. Sineta sagrada, terminada pelo trisūla, símbolo das Três Jóias do Budismo, ou Triratna. B. Dorjé (rDo ije) ou vajra, formado pela união de dois trisūla, emblema do raio, ou seja, da essência das divindades.

C. Duplo dorjé ou vajra, semelhante a uma cruz.

Em baixo: cruz em forma de dupla vajra e desenho de uma mitra tibetana com a espada de fogo, emblema de Mañjuśrī, divindade da sabedoria.

povoada pelos cristãos há três séculos. Mas os mouros venceram-nos e expulsaram-nos [...] Existem ainda vestígios de cristãos nas encostas de *Imao* que escaparam às armas dos mouros»³⁷.

Fundado por Aibek em 1206, o sultanato de Deli tinha divulgado o islão na planície indo-gangética. Tamerlão, outro conquistador muçulmano, destruíra-o em 1398-1399. Montserrat confunde portanto a situação encontrada por este último, no fim do século XIV, com a encontrada por Aibek no início do século XIII. Os indianos que ao longo deste período permaneceram hindus, receberam das autoridades muçulmanas o estatuto menor mas reconhecido de *dimmīs*, à semelhança dos cristãos e dos judeus do mundo mediterrânico. Em contrapartida, o budismo, já enfraquecido, desaparece completamente nos séculos XII-IV, num processo já iniciado aquando da chegada dos árabes ao Sind, no século VIII. O comportamento brutal dos muçulmanos face ao budismo explica em grande medida o seu desaparecimento do espaço centro-asiático e norte-indiano: mosteiros, templos e manuscritos foram impiedosamente destruídos. Foi portanto este amplo fenómeno de substituição do budismo pelo islão que Montserrat interpretou como a agonia de uma cristandade, em virtude de um esquema geopolítico comum no Mundo Antigo, «montanha cristã» contra «planície muçulmana»: Abissínia, Alto-Egipto, Monte-Líbano, etc. A Ásia tinha de ter as suas Astúrias... e elas eram o *Imao* ou Himalaias.

No decorrer de uma viagem a Caxemira depois de Akbar, em 1597, três outros jesuítas, Xavier, Pinheiro e Góis, ouviram uns viajantes muçulmanos falar de um país chamado *Tebat* (à árabo-turca) onde lhes explicaram que havia igrejas, monges e bispos. Jerónimo Xavier — sobrinho de Francisco Xavier — redigiu em português e em persa, língua internacional da época, uma epístola dirigida ao episcopado tibetano³⁸. No ano seguinte, em 1598, encontrou-se com um comerciante muçulmano da Ásia central, que regressava de uma peregrinação a Meca, e falou-lhe de um longínquo país cristão vasto e rico, situado a nordeste de Agrã, ou de Lahore, e chamado *Xatai*, um nome parecido com *Cathayo*. No decorrer deste encontro em que a língua utilizada foi o persa, o viajante explicou ao jesuíta de Navarra que nesse reino, maioritariamente cristão apesar de integrar duas minorias, uma judaica e outra muçulmana, «muitas pessoas de ambos

³⁷ G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 38-40.

³⁸ G. Toscano, *Alla scoperta [...]* p. 45. Texto inserido em J. Hay, *De rebus japonicis, indicis et peruanis*, Antuérpia, 1605, pp. 796-797.

os sexos fazem voto de virgindade e entregam-se à vida monástica em edifícios especiais cujo acesso é interdito às outras pessoas.»³⁹ A imagem desta cristandade exterior, descrita a Xavier, evoca Portugal, Castela ou Aragão no século XV.

O que se seguiu foi de um irrealismo grandioso: Xavier montou uma expedição terrestre para chegar ao Cataio ou Xatai e confiou o comando a um irmão coadjutor português, Bento de Góis. No fim de Outubro de 1602, com uma caravana de mercadorias para assegurar a sua subsistência e a dos seus ao longo de uma viagem que se anunciava muito longa, Bento de Góis dirigiu-se a Lahore, passando depois por Peshavar através do célebre colo de Khaibar, entrou no Afeganistão e depois no Uzebequistão. Aí, seguindo a famosa rota da seda, atravessou o Turquestão Oriental ou Xinjiang. Encontrou por lá muitas aventuras que lhe alongaram o caminho. Nas masmorras do sultão de Yarkand, teve oportunidade de visitar o antigo rei do Ladakh, com quem pôde comunicar graças a um intérprete tibetano-persa. Desta conversa mantida numa das línguas do islão, concluiu que os habitantes desse país, situado a norte da Índia e a sul do Turquestão, rezavam não em mesquitas mas em igrejas, o seu clero era celibatário, jejuavam durante a Quaresma e utilizavam como Livro santo o *Injil* ou Evangelho⁴⁰. Góis não procurou visitar a cristandade do Tibete porque tinha ordens para prosseguir a todo o custo o seu caminho rumo à do Cataio ou Xatai, dirigindo-se para Leste ou para Nordeste, o que fez com enormes dificuldades. A 17 de Outubro de 1605, ou seja, cerca de três anos depois da sua partida de Agrã, chegou à cidade de Xuxhou (ou Jiuquan), no extremo Oeste da China, onde havia de morrer mais tarde, esgotado, é certo, mas reconfortado por um enviado de Matteo Ricci, há muito tempo à frente da missão jesuíta de Pequim. A sua empresa tinha sido de uma inutilidade cruel: o Cataio (ou Xatai) era a China, abordada por navegadores portugueses há pouco menos de um século⁴¹. Em função do que era possível ver do mar ou do deserto, aos olhos de um marinheiro vindo da Europa ou aos de um mercador muçulmano da Ásia central, o mesmo povo tanto era idólatra como cristão.

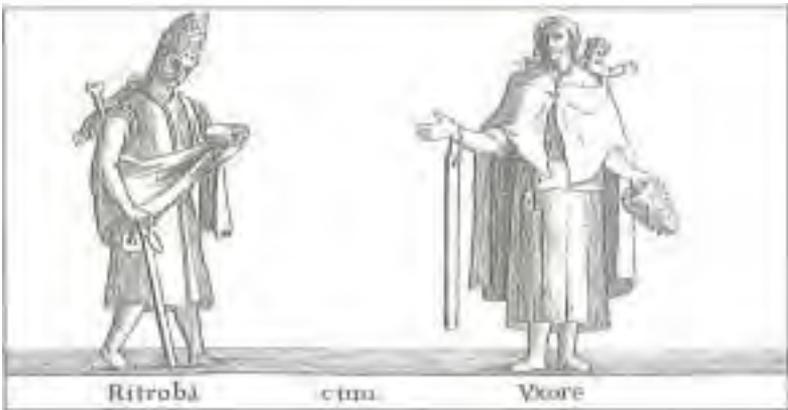
³⁹ G. Toscano, *Alla scoperta [...]* pp. 48-49; E. Brazão, *ob. cit.*, pp. 71-72.

⁴⁰ F. Guerreiro, *Relaçam annual das consas que fezeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da Índia oriental*, Lisboa, 1609, pp. 165-165 bis.

⁴¹ H. Didier, «Une Chine où l'on n'arrive jamais», *Corps Écrit*, n.º 25, 1989, pp. 119-120; M. Ricci, N. Trigault, *Histoire de l'expédition [...]*, p. 13.

No entanto, os muçulmanos não eram os únicos a confundir cristianismo com budismo, no século XVI. Um europeu pouco catequizado, cujo testemunho foi acolhido com circunspecção, «por ser laico e nada compreender das coisas eclesiásticas», fez a mesma confusão. Antes de Bento de Góis ter encontrado em Yarkand o soberano cativo do Ladakh, pouco tempo depois da partida da sua caravana, um mercador português, Diogo de Almeida, pediu uma audiência ao arcebispo de Goa e deu-lhe conta da sua estadia no Tibete, mais precisamente em Babgo, cidade do Ladakh. O que por lá tinha visto confirmava as esperanças ocidentais de encontrar por fim uma cristandade poderosa no centro da Ásia.

Com efeito, segundo Almeida, os tibetanos «possuem muitas igrejas ricamente ornamentadas com retábulos e imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora e dos santos Apóstolos. Há entre eles muitos padres que observam a lei do celibato, como os nossos; também se lhes assemelham pelos hábitos e a única diferença é raparem completamente a cabeça. Têm um bispo a que chamam *lamão*»⁴². Ao reproduzir este testemunho, André Gouveia salientou que as autoridades de Goa esperavam de Bento de Góis a sua confirmação ou infirmação. O encontro deste último em Yarkand com o rei do Ladakh, prisioneiro dos muçulmanos, parecia confirmar a



Escapou à perspicácia de Andrade que uma parte dos lamas, nomeadamente os que usavam mitras como as dos bispos, são casados.
(Giorgi, *Alphabetum*, 1762)

⁴² A. Gouveia, *Jornadas do Arcebispo de Goa Aleixo de Menezes*, Coimbra, 1606, p. 3; G. Toscano, *Alla scoperta [...]* pp. 66-69.



Vista de Lhasa em 1661, segundo um croquis de Johannes Grueber (Kircher, China Illustrata, 1667).

Os textos aqui apresentados são todos anteriores à época áurea de Lhasa. O primeiro jesuíta a visitá-la foi Johannes Grueber em 1661. Ippolito Desideri também lá foi em 1716, depois de passar por Shigatsé, onde encontrou o túmulo de Estêvão Cacela. Este caracterizava Lhasa (Lha sa) como um lugar de peregrinação (p. 241). Pela sorte de Lhasa foi responsável nomeadamente Nag bdan blo bzai'i rgya mtsh'o, 5.º dalai-lama (p. 196), que soube tirar partido da anexação de Shigatsé e da morte de Sei ge, rei do Ladakh abordado por Azevedo (p. 198) — acontecimentos estes que se deram em 1642.

opinião de Diogo de Almeida. Mas a finalidade da expedição não era o Tibete, mas o Cataio ou a China... A três séculos e meio de distância, Almeida, mercador inculto, e Góis, irmão coadjutor jesuíta instruído, sem nunca terem falado um com o outro, estavam de acordo com Guillaume de Rubrouck, de visita aos uigures submetidos então ao apostolado dos lamas tibetanos: estes últimos pertenciam ao género «cristão» mas, à primeira vista, o monge dominicano tinha detectado neles a desastrosa influência do paganismo.

Apesar de não justificável em termos de história científica, a concepção do budismo espontaneamente concebida no espírito de Guillaume de Rubrouck no século XIII tinha futuro. Foi essa a concepção que ressurgiu com Antônio de Andrade. Na sua segunda viagem a Tsaparang, este afirmou estar convencido de que o Tibete tinha sido cristão em tempos recuados, e persistiam na sua religião inúmeros vestígios de cristianismo⁴³. Mas não desenvolveu, com base nesses vestígios ou legado cristãos, uma teoria tão clara como a que encontramos sob a pena de Matteo Ricci, na sua exposição sobre as religiões chinesas. Para o pioneiro da sinologia europeia, era evidente que o budismo derivava do cristianismo por via de uma degenerescência ou de uma mestiçagem. Como tantos outros europeus do século XVI, Ricci estava igualmente seguro de que, durante os primeiros séculos da nossa era, a parte do mundo situada a Leste da Mesopotâmia ou da Pérsia tinha sido evangelizada. No seu espírito, o mundo antigo greco-latino não fora privilegiado desse ponto de vista: a Índia e a China tinham-se encontrado no mesmo caminho que ele. Mas o que se seguiu não foi igual. A desastrosa gênese da *setta di Sciecchia*, ou religião de Śākyamuni (se é que se trata de uma religião), foi explicada por Ricci pelo texto litúrgico siro-malabar, traduzido do aramaico oriental por Campori. Não restavam dúvidas: a Índia fora outrora cristã, ou pelo menos evangelizada por São Tomé e São Bartolomeu. Ao ouvirem falar da nova religião, os chineses tinham enviado à Índia mensageiros ou inquiridores. Estes, enganando-se na morada, tinham batido à porta de falsários que lhes tinham servido um *cocktail* de Novo Testamento e doutrinas diversas, todas gregas. Assim, com Demócrito ou os seus discípulos indianos, os chineses aprenderam o eterno devir e a multiplicidade dos mundos, com Pitágoras e Platão, a metempsicose. Com os discípulos de Jesus, por fim, o dogma da Trindade, à qual, como Andrade, Ricci assemelhou a tríade do budismo ou Três Jóias (*Triratna* em sânscrito), bem como toda uma série de usos e de ritos: a ascese, a penitência, a esmola, a peregrinação, os votos monásticos, o celibato consagrado, as imagens nos santuários e o canto litúrgico. Nas palavras de Ricci, os monges desta seita sincrética filosófico-evangélica repetiam as sílabas *tofoomé* nas suas orações, para as colocarem sob a autoridade de São Bartolomeu⁴⁴.

⁴³ Segunda carta, p. 106.

⁴⁴ M. Ricci, N. Trigault, *Histoire de l'expédition [...]*, pp. 166-167; P. d'Elia, *Fonti ricciane*, Roma, 1942, vol. I, pp. 123-124.



O padre Matteo Ricci (à esquerda). Kircher, *China Illustrata*, 1667.

O envio dos mensageiros chineses à Índia, na origem dessa mistura pagano-cristã que era o budismo aos olhos de Ricci, não foi uma invenção absurda: no início do que é, para nós, a era cristã, muitos chineses foram à Índia recolher ensinamentos e manuscritos⁴⁵. Mas a realidade histórica do budismo permaneceu fora do alcance de Ricci, como do de Andrade. É certo que eles não dispunham de meios que lhes permitissem situar no tempo o fundador do budismo, ou conhecer a sua anterioridade em relação a Cristo. Para eles, passava-se com a civilização e a história o mesmo que com a língua: não possuíam qualquer instrumento de trabalho. Tinham que criar a partir do nada léxicos, gramáticas, atlas, crónicas e manuais de saber-viver para uso dos missionários vindouros. Se o Tibete aqui descrito pode espantar aqueles que hoje em dia conhecem a sua civilização e o seu pensamento, isso não se deve tanto ao facto de Andrade ter querido ocultar alguns dos seus aspectos, mas acontece sobretudo porque a tibetologia europeia só podia nascer depois dele. No entanto, há mais que ignorância por trás das imperfeições das hipóteses ou deduções feitas por estes homens. Encontramos neles uma ideia vulgar na Idade Média e reforçada no Renascimento: a de que o mundo constitui uma unidade e as suas civilizações derivam de uma mesma origem. Quando pensavam na Índia, na China, no Japão e no Tibete, eles não podiam impedir-se de acreditar no seu parentesco com o Egpto, a Palestina, a Grécia ou a Itália.

3. A evangelização e as formações mistas pagano-cristãs

O método da tábua rasa, utilizado para cristianizar o México, ou a utopia de sociedades neófitas bem separadas, defendida por Francisco Xavier no sul da Índia⁴⁶, remetem evidentemente para a afirmação teológica segundo a qual tudo é obra do diabo na civilização e na religião da nação a converter. Mas o neo-agostinianismo severo e condenador de tudo o que não pertence à Igreja, estava longe de ser a única teologia em uso. Era igualmente lícito pensar que o Espírito Santo estava activo entre os pagãos e podia até inspirar-lhes os seus

⁴⁵ «Le bouddhisme chinois» de P. Demieville, in *Histoire des religions*, Paris, Pléiade, 1970, I, pp. 1253-1254.

⁴⁶ Cf. a introdução de H. Didier a *Correspondance de saint François Xavier*, Paris, 1987, pp. 22-23.

livros sagrados. Os adversários da indianização ou da sinização da fé cristã empreendida pelos jesuítas entre os séculos XVI e XVIII também se socorriam de razões teológicas para afirmar a absoluta corrupção das nações asiáticas e das suas tradições. Pelo contrário, Matteo Ricci (1552-1610) ou Roberto de' Nobili (1577-1656) não eram aventureiros nem revolucionários ignorantes dos ensinamentos dos Padres e Doutores da Igreja e escolhiam argumentos diferentes dos dos seus opositores. Seria um grande erro apresentar como uma audácia incrível o ensinamento usado por Nobili para atrair os hindus para Cristo: «A religião primitiva da Índia possuía quatro Vedas ou Leis. Vós ensinai três, mas confessais que nenhuma delas pode produzir a salvação. Esta encontra-se na quarta Lei que vos trago do Ocidente. Tinha-se perdido mas Deus revelou-a a nós.»⁴⁷

Estabelecer uma espécie de complementaridade entre os livros sagrados da Índia e a Bíblia ou o Evangelho, ou mais precisamente o cumprimento destes no mistério inigualável de Cristo, é o mesmo que afirmar que o Espírito Santo inspirava os sábios antepassados dos brâmanes. Mas não é afirmar mais do que São Clemente de Alexandria, que pretendia que a filosofia grega, mais precisamente a platónica ou neo-platónica em uso na Antiguidade tardia, era o Antigo Testamento dos não-judeus⁴⁸. Glorificando os Vedas ou Confúcio como uma espécie de *preparações evangélicas*, os jesuítas situavam-se na esteira do mais humano dos padres gregos, mas também de um certo humanismo cristão do Renascimento que, quase tanto como a Bíblia, venerava os *Oráculos sibílicos* e sobretudo o *Hermes Trismegisto*, erradamente considerado como o livro santo da religião egípcia e pejado de intuições pré-cristãs⁴⁹. No século XVI, a Igreja católica honrava muito estes textos e quando os sábios demonstraram mais tarde o seu carácter apócrifo, esta começou a rodear a Bíblia de muralhas quase tão impossíveis de transpor como as erguidas pelos protestantes⁵⁰. Enquanto o Antigo e o Novo Testamento não se tornaram os únicos textos onde Deus se revela, parecia ser possível a existência de inúmeras conciliações com as tradições religiosas da Ásia.

⁴⁷ Citado em F. Mauro, *L'expansion européenne (1600-1870)*, Paris, PUF, 3.^a ed., 1988, p. 201.

⁴⁸ Clément d'Aléxandrie, *Stromates*, I, cap. 15.

⁴⁹ F. A. Yates, *Giordano Bruno et la Tradition hermétique*, Paris, 1964, pp. 23-31 e pp. 206-228, «L'hermétisme religieux au XVI^e siècle».

⁵⁰ F. A. Yates, *Giordano Bruno [...]*, pp. 484-492: o último grande hermetista católico foi o jesuíta Athanasius Kircher (1601-1680).

Os jesuítas estavam prontos a assumi-las, emendando-as para que conduzissem ao único Redentor do género humano. O facto de o budismo parecer a estes homens vindos da Europa um paganismo menos pagão que outros ou um cristianismo corrompido, tornava-o, por isso mesmo, transformável do interior. Era necessário utilizá-lo e reformá-lo. No início da missão chinesa, os jesuítas decidiram vestir hábitos de bonzos, correndo evidentemente o risco de permitirem que a fé em Cristo fosse confundida com uma das numerosas seitas de seguidores do Iluminado. Mas quando viram que na China o budismo tinha há muito caído em descrédito e a ortodoxia neoconfuciana exercia uma hegemonia quase absoluta, passaram a usar roupas de mandarins e adoptaram a ideologia correspondente⁵¹. Na sua qualidade de *preparação evangélica*, Confúcio valia tanto como Platão ou Hermes Trismegisto.

Nenhum texto permite afirmar que Andrade se tenha vestido de lama, mas o facto de ter viajado disfarçado de muçulmano para chegar a Tsaparang, em 1624⁵², permite-nos supor que o teria certamente feito se isso lhe fosse útil. O que é certo é que ele foi detentor do título e classe de *lama* no reino do Gu-ge. O formão estabelecido por Thi Tashi Dagpa chama-lhe *nosso mestre lama maior*⁵³. Foi este o termo reproduzido no texto persa e depois na sua transcrição portuguesa! Como não existia confucionismo no Tibete, a única possibilidade que restava aos jesuítas era apresentarem-se como reformadores do budismo. Aliás, Andrade nem teve que se preocupar a imaginar este estratagema, uma vez que o mesmo parece ter sido concebido pelo próprio Thi Tashi Dagpa e ratificado pelo seu hóspede. Identificar os padres europeus como uma espécie de bonzos era natural para os tibetanos, há muito tempo habituados a só terem vizinhos muçulmanos e hindus. Andrade vinha de longe, do Sul dos Himalaias, da Índia, como outrora Atisha (982-1054), um reformador do budismo no Tibete. E tal como Tsong Khapa (1357-1419)⁵⁴, outro reformador da instituição dos lamas muito posterior ao desaparecimento do budismo indiano, Andrade também acusa os monges do Tibete de relaxamento, como se para os jesuítas e para os lamas a ascese visasse os mesmos fins.

⁵¹ J. Shih, Introdução a M. Ricci, N. Trigault, *Histoire de l'expédition [...]*, p. 19.

⁵² Primeira carta, p. 76 «indo vestidos como os mogores»: *Viagens na Ásia Central. Em demanda do Cataio: Bento de Goes e António de Andrade*, introd. e notas de Neves Águas, Mem Martins, Europa-América, 1988, p. 76.

⁵³ F. M. Esteves Pereira, *O descobrimento [...]*, p. 64.

⁵⁴ *Encyclopædia Universalis*, xvii, pp. 1257-1259, art. «Tibet» (D. Snellgrove).

O primeiro relato anuncia a promoção ultra-rápida do recém-chegado à classe de *lama maior*, tão útil a Thi Tashi Dagma desejoso de atenuar a autoridade do seu irmão e do seu tio grandes lamas, de diminuir o peso dos mosteiros na vida social do Gu-ge e de expandir o seu próprio poder, como se explica no segundo relato. No entanto, Andrade nunca explica a natureza equívoca do seu papel espiritual em Tsaparang. Ele tinha aliás todo o interesse em ser discreto a respeito deste aspecto da nova missão, uma vez que o processo inquisitorial de Roberto de' Nobili era ainda um acontecimento recente (1621)⁵⁵. Mas tanto nestes textos como noutros documentos romanos da Companhia de Jesus há uma série de detalhes que nos permite compreender a realidade da sua classe e função de grande lama no Gu-ge. Ele podia entrar livremente nos templos e nos mosteiros, perturbar um retiro de Thi Tashi Dagma, examinar o tipo de colchões onde dormiam os lamas, ou discutir com eles de igual para igual nos debates que são uma tradição comum a muitos povos⁵⁶. Aliás, os lamas não se comportaram face aos jesuítas como um bloco unido ou hostil. Foi necessariamente entre eles que os recém-chegados encontraram pessoas (não identificadas) que lhes ensinaram a língua tibetana erudita e o conteúdo do «seu livro», o tratado da Sabedoria transcendental ou *Prajñāparāmitāsūtra*⁵⁷.

Esta dependência dos lamas retira muita naturalidade ou autenticidade à arrogância com que Andrade fala deles ou se lhes dirige. Trata-se de uma forma de se proteger de eventuais censores. Uma necessidade geográfica, dado que todo o correio expedido de Tsaparang para Roma tinha que passar por Goa, hostil a Nobili e aos seus semelhantes. Mas, apesar de tudo, ele diz o bastante para se perceber que pretendia evitar apresentar a eventual adoção do cristianismo pelos tibetanos como uma ruptura com o seu passado. Andrade desejava uma transição indolor e quase imperceptível e encontramos uma prova desta intenção naquilo que temos que considerar como uma das suas audácias rituais e iconográficas: ao constatar que a fórmula ritual sânscrita ou mantra *Oṃ ma ṇi pad me hūṃ* era inextirpável, aconselhou os neófitos a continuarem a recitá-la, atribuindo-lhe novos sentidos⁵⁸.

⁵⁵ P. Bachmann, *Roberto de' Nobili*, Roma, Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1972, pp. 82-90.

⁵⁶ Segunda carta, pp. 109, 120-123.

⁵⁷ J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 49; A.R.S.I., *Goa*, 73, fl. 65.

⁵⁸ Segunda carta, pp. 131-133.



Se, como é provável, foram artistas tibetanos os autores dos frescos da igreja dos jesuítas em Tsaparang que representavam os Destinos finais de acordo com a fé cristã — inferno, purgatório, limbo e paraíso — (pp. 159-160), podemos imaginar algo que estará entre este mandala, que evoca a roda da vida com os seus doze sectores, e as estampas de que os exercitantes se serviam para representarem os Exercícios espirituais de Inácio de Loiola. (Giorgi, Alphabetum, 1762)

Antes de qualquer iniciação cristã, os habitantes de Tsaparang podiam fazer as suas orações na igreja que ele se apressara a construir e ornamentar, insistindo no contributo da população, e até de certos lamas, na sua edificação. Mas refere apenas o transporte e dis-

posição dos materiais, tijolos e madeiras⁵⁹. Não explica quem pintou os frescos a partir das gravuras trazidas da Europa. Como os jesuítas eram só quatro e tinham muita pressa em aprender a língua⁶⁰, é pouco provável que fosse um deles o pintor: é lícito por isso supor que o novo santuário foi decorado por tibetanos não batizados cujo estilo estava a meio caminho entre a iconografia laica e a iconografia católica. Com efeito, um documento romano explica como este foi muito bem ornamentado: com oito painéis sobre a vida da Virgem, dezassete sobre a de Cristo, as imagens aureoladas dos quatro Doutores da Igreja latina, os santos Inácio e Francisco Xavier que completavam uma representação da criação de Adão e, sobretudo, um fresco tão nitidamente quadripartido como certos *mandalas* lamaicos, que descrevia os quatro destinos finais: Céu, Purgatório, Limbo e Inferno⁶¹. Esta brilhante realização era a sequência lógica do encontro do Verão de 1624: durante a sua primeira estadia em Tsaparang, Andrade tinha entusiasmado a corte de Thi Tashi Dagma com uma imagem de Nossa Senhora⁶² e pensou que os tibetanos já a veneravam antes da sua vinda, pois tinha-a reconhecido em certas figuras, provavelmente na Tārā branca ainda hoje existente no Templo vermelho⁶³.

Andrade nunca pensou que os tibetanos fossem cristãos, excepto, sem dúvida, ao ouvir os testemunhos dos muçulmanos, a caminho do Alto Ganges. Mas também nunca afirmou que eles eram pagãos como os outros, como diziam os adversários da missão do Gu-ge, no seio da província jesuíta de Goa⁶⁴. No seu espírito, o lamaísmo era uma formação mista pagano-cristã, como o budismo chinês, para Matteo Ricci. Este não procurou alterá-lo de dentro e recristianizá-lo gradualmente, uma vez que o estado do Império do Meio não o exigia. Apesar de partir de premissas idênticas, a missão de Andrade era muito diferente. A abordagem de ambos, como aliás a de Roberto de' Nobili, implica a recusa de admitir uma solução de continuidade completa entre as religiões do mundo e a religião revelada. Ora a ideia da existência de um fosso intransponível entre a Igreja e os paganismos, comum aos calvinistas e aos luteranos dos séculos XVI

⁵⁹ Segunda carta, pp. 143-144.

⁶⁰ A.R.S.I., *Goa*, 73, fl. 66, 16 de Novembro de 1627, fl. 49-49v., 10 de Novembro.

⁶¹ A.R.S.I., *Goa*, 73, fl. 69.

⁶² Terceira carta, p. 157.

⁶³ J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 152. É Maria, a Tārā branca (reproduzida na capa deste livro).

⁶⁴ A.R.S.I., *Goa*, 73, fl. 100; sobretudo, fl. 69.

e XVII, e depois para os jansenistas, estendeu-se aos católicos. É preciso fazer um esforço para admitir que isso ainda não era assim, naquela época de intolerância generalizada em que a Inquisição exercia a sua vigilância e executava os seus castigos. A cristianização do *mantra* sânscrito *Om ma ni pad me hūm* por Andrade ou, um pouco antes, a forma como os habitantes do antigo império dos Incas foram incorporados na Igreja, implica a certeza de que paganizar é menos grave que judeizar⁶⁵.

Na Idade Média e no século XVI, o Ocidente latino só conhecia as religiões da Europa e do Mediterrâneo: ortodoxia bizantina e eslava, judaísmo e islão. Com as cruzadas, descobriu também os cristianismos arménio e maronita, mas nada aprendeu de consistente quanto à verdadeira natureza e extensão das Igrejas copta ou abissínia, e nestoriana. Até às viagens portuguesas, estas continuavam a ser *terra desconhecida*, quase tanto como as idolatrias asiáticas ou americanas. Muito mais exóticas ou verdadeiramente orientais do que as de Constantinopla ou Antioquia, estas cristandades exteriores confirmavam a lenda de uma ampla difusão do Evangelho, em África e nas Índias Orientais e mesmo Ocidentais. Até nas religiões pagãs havia vestígios dele, pensavam nos séculos XVI-XVII certos espíritos bem intencionados. Como Ricci em relação aos chineses, também os espanhóis achavam que os índios não tinham ouvido apenas o diabo. A barba e a pele clara de Quetzalcoatl, o herói civilizador dos Aztecas, o nome do de uma parte do Brasil, Zomé = Tomé = São Tomé, ou a adoração da Cruz na Guatemala, provavam que o Apóstolo incrédulo que tinha querido tocar com a mão a chaga aberta de Cristo não se limitara a evangelizar as Índias Orientais⁶⁶.

A Palavra de Deus já se fez ouvir no mundo inteiro. Mas depois, que degradação! A crença numa evangelização global da Ásia oriental, ou mesmo de outras terras menos acessíveis ainda, surgia naturalmente nos espíritos que acreditavam que tudo era perfeição na origem, e consideravam o correr do tempo como uma perda ou um recuo. A ideia de progresso, muito doente nos nossos dias, ainda não tinha sido inventada. Tudo consistia então em renascer ou reformar: regressar à perfeição da Antiguidade greco-latina ou transformar a Igreja para que ela voltasse a assemelhar-se ao que fora na era apostólica. A missão pode ser vista como uma restituição, um retorno à

⁶⁵ Segunda carta, pp. 131-133.

⁶⁶ Pode encontrar-se uma síntese destas lendas americanas feita por J. E. Nieremberg, em *Historia naturæ*, Antuérpia, 1635, pp. 72-74.

fonte, às origens. As palavras de Roberto de' Nobili, atrás referidas, apelam para um desejo comum a todas as civilizações tradicionais: o de recomeçar a história e recuperar o que se perdeu. Mas a origem é desdobrada, pois a Palavra de Deus soou no universo duas vezes: depois do aparecimento do Velho Adão e depois do do Novo Adão. Para estes homens, simultaneamente virados para o passado e abertos às civilizações recentemente descobertas ou redescobertas, pouco importavam a idade exacta e a proveniência dos elementos cristãos, cristianizáveis ou cristianóides, contidos nas religiões da Ásia ou da América.

Talvez eles não atribuísem, aliás, mais do que um valor limitado às hipóteses históricas e às lendas que inventavam ou de que eram herdeiros. Em larga medida, a procura dos vestígios deixados aqui ou ali pelas prédicas de São Tomé ou São Bartolomeu era uma repetição inútil da crença na concordância fundamental entre religião natural e religião revelada⁶⁷. Actualmente temos uma noção muito clara, talvez demasiado clara, da idade do cristianismo. A data do início da Igreja é a da Ceia partilhada por Jesus Cristo com os seus discípulos, mas durante muito tempo considerou-se que ela remontava ao sacrifício de Abel, o Justo⁶⁸. Bossuet limita-se a exprimir uma noção bastante comum, embora chocante para o leitor actual, quando escreve: «Eis então a religião sempre uniforme, ou melhor, sempre a mesma, desde a origem do mundo: nela sempre se reconheceu o mesmo Deus como autor, e o mesmo Cristo como Salvador do género humano. Vereis pois que nada é mais antigo entre os homens do que a religião que professais.»⁶⁹ A verdade do cristianismo pressupõe a sua *antiguidade* absoluta: não bastam vinte ou dezasseis séculos. É necessário explicar por que é que homens animados deste espírito se satisfaziam com a crença na antiguidade do *Corpus Hermeticum*, e a sua conformidade com o dogma católico. Encantava-os igualmente verem a confirmação da sua fé nos relatos de Virgens que dão à luz um Deus⁷⁰ e que têm suscitado confusão ou dúvida

⁶⁷ P. Chaunu, *Conquête et exploitation des nouveaux mondes*, Paris, 1966, p. 386: «O tomismo [...] coloca a Revelação da Igreja no prolongamento da Revelação natural [...]».

⁶⁸ A missa continua o sacrifício de Abel, o Justo («munera pueri tui justi Abel»); *Génésis* 3:4.

⁶⁹ Bossuet, *CŒuvres*, Paris, 1961, p. 765, *Discours sur l'Histoire universelle*, II parte.

⁷⁰ Veja-se a obra mariológica perfeitamente ortodoxa do século XVII de J. E. Nieremberg, *Trophæa mariana*, Antuérpia, 1658, pp. 13 e 15.

aos cristãos dos últimos duzentos e cinquenta anos. Há muito tempo que a Igreja deixou de venerar as Sibilas, essas profetizas pagãs⁷¹.

A percepção da conformidade substancial entre a religião dos primeiros homens e os ensinamentos da Igreja fundada por Jesus Cristo levava estes homens a verem em todas as tradições sagradas alterações maiores ou menores de um mesmo dado original, de uma *Prisca Theologia* única e universal. A unidade das civilizações e dos povos, tão raramente admitida hoje em dia, parecia evidente a estes homens que partiam da Europa com a cabeça cheia de ideias medievais e humanistas cristianizadas. Quando Roberto de' Nobili julga levar aos indianos o Veda por eles perdido, ou quando Andrade se deixa nomear grande lama e quer reformular um mundo que ainda não teve tempo para conhecer convenientemente, eles não o fazem por presunção mas manifestam a sua fé profunda na unidade do homem e na sua proximidade universal com a origem.

Afirmar que todas as religiões são deformações mais ou menos diabólicas da que Deus por duas vezes deu aos homens, legitima mais a crença na existência de numerosas formações mistas pagano-cristãs do que as hipóteses lançadas a respeito das andanças de São Tomé ou São Bartolomeu. Ora esta crença, muito bem fundamentada no caso dos missionários jesuítas que partiram para a Ásia nos séculos XVI-XVII, coincide de forma quase perfeita com a *visão muçulmana das religiões não-muçulmanas*. Para os viajantes do islão com que eles poderiam cruzar-se em Pequim, Agrã ou Deli, também é evidente a existência de numerosas formações mistas pagano-cristãs, ou melhor, pagano-monoteístas. Como a Índia ou a Europa antiga, também o mundo muçulmano vê o tempo como uma degradação e tende a considerar o início da história como um tempo de verdade e perfeição. O próprio islão não se apresenta como uma novidade, mas como a restauração, autenticada por Deus, da religião adâmica, que foi também a de Noé, Abraão, Moisés e Jesus. Admitir a missão reformista do profeta Muḥammad, implica necessariamente que se reconheça que o judaísmo sinagoga desnaturou significativamente os ensinamentos confiados por Deus a Moisés, tal como a Igreja deformou bastante o Evangelho primordial transmitido por Jesus. Como o Profeta dos Hebreus, também este só poderia ter sido mu-

⁷¹ «Teste David cum sibylla», dizia a liturgia romana. J. Geffcken, *Die Oracula sibyllina*, Leipzig, 1902; *Dictionnaire de théologie catholique*, XIV, pp. 2027-2031, art. «sibyllins» (oráculos).

çulmano. O islão define-se portanto como a ortodoxia daquilo a que chamamos, há bastante pouco tempo, a *tradição judaico-cristã*. O cristianismo e o judaísmo são assim descritos no islão como dissidências, heresias, deformações do que não apareceu na Hégira mas se limitou a resplandecer de novo nesse momento, uma vez que Deus o instituiu, criando o mundo e o primeiro homem.

Na origem, os livros dados por Deus aos profetas de Israel e a Jesus eram substancialmente idênticos ao Corão. Mas os judeus e os cristãos alteraram voluntariamente a Palavra de Deus. Deixaram-se penetrar por influências pagãs. Pela revelação da autoridade de Deus, os muçulmanos vêem o cristianismo histórico como fundamentalmente ambíguo e bastardo: uma aproximação entre o monoteísmo ou islão de Jesus e o politeísmo traduzido no dogma da Trindade e no culto das imagens. A visão muçulmana do cristianismo histórico parece comandar a de muitas outras religiões, do judaísmo ao zoroastrismo, passando pelos misteriosos sabeístas⁷² de que fala o Corão, e aos quais foram mais tarde frequentemente equiparados os budistas e outras seitas secretas. Os povos do Livro (*Ahl al-Kitāb*), denominação que os muçulmanos não aplicam a si próprios mas utilizam relativamente aos judeus e aos cristãos, sem exclusividade dado que a estenderam episodicamente a outros grupos também munidos de Escrituras santas, formam um grupo intermédio entre eles e os pagãos, medianamente merecedor de honra ou muito pouco honrado. No islão, o estatuto teológico dos homens determina o seu estatuto político: as pessoas do Livro não podem pretender usufruir de direitos iguais aos dos muçulmanos, únicos monoteístas verdadeiros; mas, ao contrário dos pagãos idólatras completos, têm direito à vida. Esta tripartição da humanidade (muçulmanos / cristãos ou outras pessoas do Livro / pagãos) remete-nos para uma percepção da história como decadência e do islão como regresso às fontes. Aos olhos dos muçulmanos, por não saberem encaminhar-se para o islão de Jesus, os cristãos paganizam-se com frequência e as categorias 2 e 3 do género humano correm o risco de confundir-se⁷³.

Se, no decorrer da sua expansão na bacia do Mediterrâneo e na Europa, o islão fez o cristianismo desaparecer ou recuar, a Leste do Irão, na Ásia central e até na Indonésia, foi o budismo que por ele foi

⁷² Adoradores do fogo, do sol e dos astros (*N. da T.*).

⁷³ G. Mornot, *Islam et religions*, Paris, 1986, pp. 11, 18, 100-112; Louis Gardet, *Introduction à la théologie musulmane*, Paris, 1948, p. 148; H. Didier, «Chrétiens et musulmans face au bouddhisme», *Islamochristiana* n.º 16, Roma, 1990, p. 137.

encontrado e eliminado. A ambivalência muçulmana face aos cristãos, tratados ora como meios-irmãos no monoteísmo ora como quase pagãos e verdadeiros inimigos, alargou-se aos budistas. Destes últimos existem com efeito duas visões muçulmanas, uma absolutamente negativa e outra relativamente indulgente. A avaliar pela forma como o islão eliminou completamente o budismo na Ásia central, no Afeganistão ou no actual Paquistão, não podemos afirmar qual das duas foi historicamente decisiva. No entanto, a versão que identifica a Via de Buda com uma forma perfeitamente repugnante de idolatria pode encontrar-se lexicalmente na língua persa, em que *but*, «ídolo», é utilizado juntamente com um termo corânico e árabe: aliás, os poetas do Irão fazem muitas vezes rimar *but* com *Tubut*, «Tibete».

Quanto à versão relativamente indulgente do budismo, ela aplica ao sábio indiano Gautama, sem sombra de escrúpulo histórico ou cultural, o esquema semítico ou judaico-árabe do profeta-legista-fundador de nação. É certo que o Corão concebe Jesus segundo o modelo de Moisés e apresenta Muḥammad como a duplicação de um e do outro, sem conceber que qualquer mestre espiritual ou fundador possa escapar à hegemonia deste arquétipo invasor conexo com o do Livro «descido dos céus», como as Tábuas da Lei ou o Corão. Mas este último refere-se bastante a Israel e ao cristianismo e não diz absolutamente nada a respeito da Índia ou da Ásia Oriental, pelo que a interpretação muçulmana do budismo não devia passar de uma extrapolação tardia.

Para os guerreiros ou comerciantes muçulmanos mais indulgentes que percorriam as rotas da Seda ou das Especiarias, era essencial não se sentirem mais desenraizados ou perdidos do que se percorressem as terras antigamente romanas penetradas pelo judaísmo ou pelo cristianismo. Eles fizeram de Buda um Enviado divino de outros tempos, cuja mensagem original, na sua forma anterior ao processo de alteração e de paganização, só podia ser idêntica ao monoteísmo de Abraão, Moisés ou Jesus, no islão eterno. Para muitos, Buda era efectivamente o Elias da Bíblia, apelidado *Ḥiḍr* pelo Corão. Para alguns, ele era o próprio Jesus de Nazaré, uma homologação facilitada pelo facto de, para falarem dos bonzos ou da Tríade (*Triratna*) do budismo, os muçulmanos só poderem utilizar palavras já utilizadas no meio síriaco ou árabe a propósito dos monges ou da Trindade cristã⁷⁴.

⁷⁴G. Guimaret, «Bouddha et les bouddhistes dans la tradition musulmane», *Journal asiatique* n.º 257, p. 278; M. Gaborieau, *Récit d'un voyageur musulman au Tibet*, Paris, 1972, pp. 63 e 95.

Para os muçulmanos que viviam ou viajavam a Este do Irão e no centro e Sul da Ásia, o budismo só podia ser, *na melhor das hipóteses*, e no seu aspecto contemporâneo, não-original nem evoluído, uma degenerescência, *uma formação mista pagano-monoteísta*, exactamente como o cristianismo das igrejas em relação ao islão de Jesus, para os lados do mar Mediterrâneo e da Europa. Os missionários jesuítas presentes na corte do Grande Mogol nos finais do século XVI e no início do século XVII não podiam aceitar uma ideia que fundamentalmente desprezava a sua fé que é também um dos eixos constantes da apologética muçulmana, mas podem perfeitamente ter-se deixado enganar pelas suas implicações. De qualquer forma, ontem como hoje, um cristão ou um europeu que viva ou viaje nas terras do islão não se apercebe imediatamente de que é aí olhado com superioridade. E também lhe é muito difícil reconhecer que a divisão do género humano em cristãos e não-cristãos, ou entre Europa e Ásia, não parece ter, para os seus hospedeiros, qualquer utilidade ou pertinência.

As esperanças de encontrar cristandades perdidas nos Himalaias ou para os lados da Mongólia e da China, alimentadas pelos padres jesuítas estabelecidos junto de Akbar e do seu sucessor, estavam impregnadas de *quiproquos* islâmico-cristãos. Durante a sua estadia em Kaşgar, Bento de Góis ouviu um mercador do bazar explicar que os habitantes do Cathayo — ou seja, em definitivo, os de uma China muito mais longínqua — eram não apenas infiéis (*kāfir* [*kafara*]), transcrito como *cáfares* no texto português), mas também europeus (*frangī*, transcrito como *frangues*)⁷⁵. É bem verdade que o Extremo-Oriente e o Extremo-Occidente deste velho mundo onde o islão é o verdadeiro centro têm em comum a não circuncisão, o consumo da carne de porco, o gosto pelas imagens, a instituição monástica e esse misterioso Um que é Três. É quanto basta para que todas as diferenças essenciais para nós desapareçam imediatamente! No inconsciente colectivo do islão, os não-muçulmanos tendem a surgir como um único povo: «A infidelidade é uma única comunidade, *al-kufru milla wāḥida*», diz um adágio peremptório⁷⁶.

A missão tibetana da Companhia de Jesus foi, por razões geográficas e históricas incontornáveis, uma sucursal da do Grande Mogol. Andrade, o seu fundador, viveu alguns anos no Gu-ge, depois de ter

⁷⁵ F. Guerreiro, *Relaçam annual* [...], pp. 166-167; H. Didier, «Une Chine où l'on n'arrive jamais», *Corps écrit* n.º 25, Paris, 1988, p. 119.

⁷⁶ Citado por B. Lewis, *Juifs en terre d'islam*, Paris, 1966, p. 77. Ver também, art. «Kāfir», em *Encyclopédie de l'Islam*, segunda edição, tomo IV, pp. 425-426.

defendido Jesus Cristo num meio essencialmente muçulmano. A abordagem do budismo lamaico nestes textos foi complicada pelas intermináveis polémicas islâmico-cristãs e pela sua influência na mentalidade muito particular dos religiosos católicos enviados a terras muçulmanas. Entre a percepção do cristianismo como uma formação mista pagano-islâmica ou pagano-monoteísta, tão forte no islão, e a percepção do budismo como uma formação mista pagano-cristã, comum a Guillaume de Rubrouck, Matteo Ricci e António de Andrade, há um jogo de espelhos que lança uma claridade ilusória sobre um assunto que é, na realidade, muito obscuro: o da identidade real de povos longínquos. Foi ele que autorizou a esperança, sem dúvida igualmente ilusória, numa conversão gradual desses meio-pagãos ou meio-cristãos. E foi também ele que ditou uma certa estratégia de evangelização no Tibete, que viria, aliás, a revelar-se vã.

4. O impossível diálogo triangular cristãos-muçulmanos-budistas

Os relatos de Andrade e dos seus companheiros carecem muitas vezes de clareza. A razão dessa obscuridade não se deve unicamente ao desejo de esconderem dos censores de Goa a audácia da sua empresa: por não dominarem a língua tibetana e não disporem de qualquer instrumento de trabalho, eles não podiam ver um certo número de factos ou questões. Seguiam os caminhos dos viajantes muçulmanos e a primeira imagem europeia do Tibete surgiu por isso velada pelo olhar do islão. No que respeita à única estação de Tsaparang, a mais duradoura e importante das três estabelecidas no Tibete pelos jesuítas no século XVII, o balanço parece negativo. Se assim foi, isso não se deveu apenas ao facto de Thi Tashi Dagpa, o rei amigo de Andrade, ter sido vencido pelo seu inimigo, o soberano do Ladakh em 1630, ou por a sua imprudência política anti-lamaica contradizer indirectamente a linha missionária dos jesuítas.

Estes não se apressaram a baptizar imediatamente o maior número possível de pessoas, mas procuraram antes reformar e orientar para o cristianismo os ritos e as imagens do lamaísmo, «recriando» por dentro aquilo que, aos seus olhos, não passava de um sincretismo pagano-cristão. Segundo os arquivos romanos da Companhia de Jesus, desde 1627, ou seja, dois anos após o estabelecimento dos padres em Tsaparang, há espíritos críticos que perguntam a Andrade quantas pessoas foram baptizadas. «Muitas», respondeu ele evasivamente em

Agosto⁷⁷. «Dezassete», especificou Alano dos Anjos (Alain de la Beauchère) em Novembro do mesmo ano⁷⁸. A empresa tibetana estava longe de agradar a todos na Província indiana. Era preciso contar com opositores que se calaram entre 1630 e 1634, enquanto Andrade exerceu as funções de provincial de Goa. Nesse ano, o pioneiro da missão do Tibete foi envenenado pelo criado dos padres (filho de um cristão-novo mal baptizado), quando se preparava para o denunciar à Inquisição⁷⁹. E assim deixou de ser possível contar com o apoio da Índia ao Tibete.

A oposição acordou, como atestam vários documentos romanos. Reunida pelo seu sucessor, Álvaro Tavares, a *consulta* de Dezembro de 1635 pôs definitivamente fim à missão do Gu-ge. Esta decisão foi tomada com base no gravoso relatório redigido e enviado de Tsaparang pelo padre espanhol Nuno Coresma. Nele afirma-se essencialmente que a missão era um abismo financeiro. O rei do Ladakh, senhor do Gu-ge após a invasão, exigia ainda mais presentes que Thi Tashi Dagpa. Mas isso não era o principal: os jesuítas estavam na penúria. Pró-cristão por cálculo político anti-lamaico, o último rei do Gu-ge nunca foi baptizado⁸⁰. Para além dele, os únicos tibetanos a compreenderem finalmente que os lamas e os jesuítas pertenciam a dois universos religiosos muito distintos talvez tenham sido aqueles que, depois de catequizados e baptizados, decidiram tornar-se muçulmanos. Nuno Coresma reconhece o desastre:

«Quanto a esperança de Cristandade, é tam pouca, que em dez anos que os padres nesta residencia não chegam ainda os baptizados a cem pessoas, e destas a maior parte são cativos nossos, e do Rei que por rezam de comprarmos aqueles, e remediarmos a estes com o comer e vestir, aceitaram nossa lei ou para melhor, a porção, a outra parte que é menor, com esta de pobres, principalmente viúvas, ou mulheres, que não têm remedio outro, fora o que de nós pretendem. E sobre tudo nem poderei afirmar com Verdade, haja entre todos eles um só, que alem do nome seja Cristão; e boa prova seja os que por sermos forçados, a lhes faltar no temporal, se fizeram mouros, de que nem falta aqui copia, parte espia, parte mercadores.»⁸¹

⁷⁷ Texto reproduzido em *Journal of the Asiatic Society of Bengal*, n.º 21, Calcutá, 1925, p. 81.

⁷⁸ A.R.S.I., *Goa* 73, fl. 73.

⁷⁹ G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 403-406; B. Videira Pires, *Portugal no Tecto do Mundo*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988, p. 58.

⁸⁰ G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 268-269.

⁸¹ A.R.S.I., *Goa* 73, fl. 97-97v.

Todavia, estes podiam ter regressado ao budismo lamaico do qual Andrade os tinha afastado com doçura, decorando a sua igreja com tanto cuidado como se se tratasse de um templo e encontrando novos significados para o mantra *Oṃ ma ṃi pad me ḥūm*. Mas preferiram o islão. Trágica ironia do destino: ao partir de Agrā em direcção ao Tibete, ele tinha-se disfarçado de muçulmano⁸². Antes desta expedição improvisada, ele vivia na corte do Grande Mogol, num meio essencialmente muçulmano, exprimindo-se em persa como todos os padres enviados a Akbar ou Jahāngīr, e foi graças ao persa que se fez entender ao chegar ao Gu-ge⁸³. Através desta língua que, apesar de indo-europeia, tem uma grafia árabe e apresenta muitas marcas do léxico da única língua sagrada do islão, irromperam no que ele julgou apreender do Tibete, as categorias culturais e religiosas forjadas pelo Corão.

Embora mentalmente próximo do islão, Andrade odiava-o. Na primeira carta, felicita os muçulmanos indianos por votarem os hindus a um desprezo total⁸⁴. Para as suas deslocações através dos Himalaias, os padres pediram e obtiveram a protecção do Grande Mogol e o apoio de guildas de mercadores de Caxemira, ligadas ao Gu-ge⁸⁵. Não menos importante é o facto de ser bem visível, no tratado assinado em 1624 com Thi Tashi Dagma, uma cláusula de desconfiança e hostilidade comuns em relação ao islão⁸⁶. Possível consequência desta cláusula: ao iniciar-se a construção de uma igreja em Tsaparang, foi destruída a única mesquita⁸⁷. Sou livre de imaginar que a tenham reconstruído mais tarde, para uso do punhado de tibetanos que os padres não conseguiram impedir de se converterem ao islão, depois de os terem baptizado...

Sem o islão talvez Andrade não tivesse partido para o Tibete, pois não teria esperanças de aí encontrar cristãos, se não existisse a tendência muçulmana para confundir o budismo e o cristianismo. Desde Setembro de 1624 que ele sabia estar enganado a este respeito, embora não o afirmasse claramente no primeiro relato. Mas no prólogo do segundo, pode ler-se esta opinião muito clara: «[...] como não eram estas terras de cristãos, mas que parece o tinham sido algũa hora [...]»⁸⁸. Isso não o impediu de estar sempre a encontrar, entre a religião do

⁸² Primeira carta, p. 76.

⁸³ Primeira carta, p. 94.

⁸⁴ Primeira carta, p. 80.

⁸⁵ Primeira carta, p. 94.

⁸⁶ Primeira carta, p. 94.

⁸⁷ *Journal of Asiatic Society of Bengal*, n.º 21 (1925), p. 70.

⁸⁸ F. M. Esteves Pereira, *O descobrimento [...]*, p. 79.

Tibete e a sua, analogias que foram aumentadas artificialmente pelas possibilidades ou impossibilidades linguísticas oferecidas pela única língua nessa época comum a alguns membros da corte de Thi Tashi Dagpa e aos jesuítas. As Três Jóias do budismo não podiam ser expressas senão através da palavra persa, aliás árabe e corânica, que designava a Trindade cristã, *Taṭlīt*. Para se referir ao Buda, Andrade utiliza a expressão «Filho de Deus» porque nenhum intérprete podia chamar-lhe *but* em persa, sem dar a impressão de estar a insultá-lo. Os *llias* do panteão lamaico não são considerados «deuses», como nos nossos textos modernos, mas anjos, o que implica na tradução original a sequência *lla-malāk-anjo*⁸⁹. Enquanto não dominava a língua tibetana, escaparam-lhe determinados factos essenciais. É muito improvável que no início de 1626 ou no fim de 1625 ele tenha podido dispensar os serviços de um intérprete persa-tibetano. Ora o acontecimento relatado na carta expedida de Tsaparang a 20 de Fevereiro de 1626 deve ter-se passado apenas alguns meses depois da sua chegada, na Primavera de 1625. Trata-se de um encontro amigável com um monge budista:

«Entre outros Lambas (que são os seus eclesiasticos) nos veio um visitar, ao qual miudamente perguntamos o seguinte:

1.º Quantos deuses adoravam?

R: Que um só, mas este, que era trino.

2.º Se Deus tinha Filho?

R: Que sim, e que este Filho se fizera homem e depois morrera e se fora para o Ceu, e lá estava com seu Pai.

3.º Se este Filho era Deus como o Pai?

R: Que sim mas juntamente era homem.

4.º Se sua mãe era mulher ou não?

R: Que sim, e que tão bem fora para o Céu, e lá estava.

5.º Quantos anos havia, que [o] Filho de Deus morrera?

R: Que morrera havia 1600 anos pouco mais ou menos.

6.º Por que causa morrera?

R: Que ele não podia dar razão disso, que a dariam outros lambas mais sabios que ele já tinha dito o que sabia.

7.º Se tinha algum genero de sacrificios?

R: Que acendiam de continuo as lampadas diante de sua imagem, para o mesmo Senhor na hora da morte, lhe mandasse alumiar o caminho escuro da outra vida, e juntamente lhe ofereciam cada dia certos vasos de agua fresca, de maneira que enchendo-os pela manhã,

⁸⁹ Por exemplo, A. David-Neel, *Journal*, Paris, 1976, II, p. 110 dá «*lha* = deus».

à tarde deitavam a tal agua fora, e que os enchiam de outra fresca, para que nosso Senhor lhe desse de beber passando esta vida no caminho da outra. Dizem que no inferno padecem os condenados continuos tromentos de fogo e frio, e castigando-os os demonios de fogo os botam em tanques frigidissimos.»⁹⁰

Este diálogo baseia-se num *quiproquo*, ou, mais exactamente, num erro de tradução: quando o lama se quer referir a uma «Jóia» do budismo, ou seja, a um fundamento da sua sabedoria, *conjoe*, na grafia portuguesa (= *dKon mc'og* em transcrição erudita), Andrade percebe *Xuda*, ou *Allah*, em persa, que traduz para português como *Deus*. Não dispondo de todos os instrumentos para conhecer o Extremo Oriente que possuímos hoje em dia, Andrade não podia suspeitar que o conceito de um Deus criador e senhor do mundo e do homem, tão natural para os fiéis do islão e do cristianismo, está completamente ausente do budismo. Este erro inicial nunca será corrigido. Com efeito, o segundo relato, onde se descrevem colóquios com os lamas, contém esta frase reveladora: «Na primeira (discussão) tratou-se este ponto: que coisa é Deus. Eles dizem que Deus é trino e uno. Mas acrescentam cousas ridículas na forma de explicar isto.»⁹¹

O lado agnóstico, ou mesmo ateu, dos ensinamentos espirituais dos lamas escapou-lhe sempre. Não se encontra nestes textos qualquer alusão ao conceito, fundamental no budismo, de vacuidade universal, de relatividade e não-substancialidade de todos os seres e todas as coisas, ou *śūnyatā*⁹². A sequência *Conjoe-Allah-Deus* explica também a sua deficiente compreensão da iconografia tibetana e está na base das aproximações injustificadas entre Buda e o «Filho de Deus», e entre a representação da Sabedoria transcendental (em sânscrito *Prajñāpāramitā*, em tibetano *Šes rab p'a rol tu p'yiṅ pa'*) e a «Mãe de Deus»⁹³. Enquanto o cristão vê nas suas imagens sagradas o reflexo de uma história real da salvação e seres reais e subsistentes pois acredita num *ego* divino fundador dos *ego* humanos, o discípulo de Śākyamuni vê, ou é suposto que veja, nas suas, concretizações da vacuidade universal, a espuma do vazio e do efémero. Para este último, qualquer *ego* é uma ilusão⁹⁴.

⁹⁰ A.R.S.I., Goa 73, fl. 48.

⁹¹ Segunda carta, p. 123.

⁹² G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 189-199, nota 30.

⁹³ G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 116-117, nota 106.

⁹⁴ D. I. Lauf, *L'héritage du Tibet*, Berna, 1977; Chogyam Trungpa, *Pratique de la voie tibétaine*, Paris, 1978, p. 231.

Se é verdade que a passagem obrigatória pelo léxico religioso do islão impediu em parte Andrade e os seus companheiros de perceberem a heterogeneidade do budismo relativamente a uma religião que adora um Deus único e subsistente por si mesmo, ela não explica, no entanto, todas as estranhezas do interrogatório acima citado. Ter-se-á que admitir que existia alguma noção de Jesus de Nazaré no Tibete, antes da chegada dos jesuítas? Não é impossível que assim acontecesse: os comerciantes arménios percorreram toda a Ásia⁹⁵. Na Idade Média, as missões nestorianas chegaram até ao Tibete⁹⁶. No fim do século XIX, o biógrafo do czar Alexandre III, Nicolas Novotitch, afirmou ter descoberto manuscritos tibetanos sobre Jesus, no Ladakh. O seu testemunho foi completamente recusado por historiadores modernos⁹⁷, mas ainda não está provado que Novotitch estivesse completamente enganado, nem que a sua descoberta não o tenha sido de facto: em tibetano, Jesus diz-se *Issa*, como no Corão (‘*Isā*). É conhecida a importância e duração dos contactos entre o mundo muçulmano e o Tibete, cuja religião pôde ser definida como um «budismo reformado para resistir ao islão»⁹⁸. Não é impossível que, no século XVII ou ainda antes, se encontrassem budistas que considerassem Jesus-Issa como um buda ou bodhisattva do Ocidente, como acontece no século XX⁹⁹. A coisa não é em si mais indecente do que a homologação pelos muçulmanos do Buda histórico ao profeta Elias, ou mesmo a Jesus... Mas a verdade é que a impressão sentida por Andrade de se encontrar em presença de um cristianismo degenerado sob o efeito de um meio envolvente pagão, ou de um paganismo influenciado pelo cristianismo, só pôde encontrar confirmação neste diálogo. As perguntas por ele colocadas ao lama que veio visitá-lo revelam vestígios das querelas cristológicas dos primeiros séculos. Ele sabia que, se tivessem retirado elementos cristãos da Igreja da Babilónia, os lamas recusariam a expressão «Mãe de Deus». Condenado pelo Concílio de Éfeso em 431, Nestorius negava que Maria fosse *Theotokos*...

⁹⁵ A. Mazahéri, *La route de la Soie*, Paris, Papyrus, 1983, p. 191: até à China. M. J. Seth, *Armenians in India from the earliest times to the present days*, s.l., 1937.

⁹⁶ J. Dauvillier, «Témoignages nouveaux sur le christianisme nestorien chez les Tibétains» — *Bulletin de la Société archéologique du Midi de la France*, Toulouse, 1941, pp. 1-5.

⁹⁷ G. Gronbold, *Jesus in Indien. Das Ende einer Legende*, Munique, 1985, e N. Klatt, *Lebte Jesus in Indien? Eine religionsgeschichtliche Klärung*, Göttingen, 1988.

⁹⁸ A. Mazahéri, *La route de la Soie*, p. 105.

⁹⁹ Ver a introdução de W. Y. Evans-Wentz, *Bardo Thödol, le livre des morts tibétain*, Paris, 1977, pp. 12-19.

Existia, evidentemente, uma outra heresia cristológica que Andrade quis assegurar-se não ter podido estender as suas ramificações até estes pagãos que tinham qualquer coisa de cristãos. Chamar-lhe-emos indiferentemente arianismo ou maometismo. Ele fez dizer ao lama tão bem disposto que Aquele que tinha morrido há cerca de dezasseis séculos era Deus como o seu Pai. Para Andrade, como para todos os ibéricos dos tempos antigos, o islão era um arianismo judeizante, e por isso, à sua maneira, uma heresia cristã, a mais odiosa de todas¹⁰⁰. Rodeando o Tibete a Norte, a Oeste e até a Sul, esta religião parecia cercar perigosamente a dos lamas, no século XVII, uma evidência que se reflecte no tratado feito com Thi Dashi Dagpa. Andrade receava a influência das concepções muçulmanas nos cristãos paganizados ou pagãos cristianizados que julgava habitarem Tsaparang e todos os Himalaias.

Os seus receios manifestaram-se vigorosamente aquando do primeiro colóquio com os lamas em que se exprimiu em tibetano¹⁰¹. Falava-se do tratado da Sabedoria transcendental (*Prajñāparāmitasūtra* ou *rDo rje gc'od pa*), tão venerado no Tibete, a que Andrade chama *Clô conjoe*, «Grande Livro», tomando-o pela totalidade da segunda Jóia da tríade esotérica do Budismo ou *Triratna*, ou seja, por todo o *Dharma*: a doutrina de Buda, a Lei e as Escrituras do Budismo¹⁰². Ora, para ele, a segunda jóia é o Verbo de Deus, e o Filho, Igual ao Pai. Descobre assim uma heresia cristológica perniciosamente inscrita no espírito dos seus interlocutores:

«Perguntei se essa segunda Pessoa a que eles chamam *Clô Conjoe* (*C'os dKon mc'og*), “Grande Livro de Deus”, é o livro que lêem e está nas suas mãos. Responderam-me que sim. “Mas, disse eu, este livro que aqui tendes envolto neste tecido, é Deus? Como é possível, se ele não tem vida pois é semelhante a ùa pedra ou a um pedaço de madeira? Se o deitardes na água ou no fogo, destruir-se-á rapidamente, enquanto Deus está vivo e é eterno e imutável. Além disso, este livro foi feito pelo copista que o escreveu”»¹⁰³

Portanto, os lamas não acreditariam exactamente que Deus se revelara aos homens com o aspecto de um deles. Professariam mais

¹⁰⁰ A. Ducellier, *Le miroir de l'islam*, Paris, Julliard, 1971, pp. 29-35.

¹⁰¹ Segunda carta, pp. 121-126.

¹⁰² As três Jóias budistas (sânscrito *Triratna*) são, por esta ordem: 1.º o Iluminado (sânscrito *Buddha*) que ensinou; 2.º O ensinamento, a doutrina, as Escrituras budistas (sânscrito *Dharma*); 3.º A comunidade dos discípulos do Iluminado (sânscrito *Saṅgha*). Equivalências no Tibete: 1.º *Buddha* = *Saïs rgyas*, 2.º *Dharma* = *Saïs rgyas dKon mc'og*, 3.º *Saṅgha* = *dGe dun*. Segundo G. Toscano, *Alla scoperta* [...], p. 217. Ver adiante.

¹⁰³ Segunda carta, p. 123.

a *inscrituração* do Verbo divino do que a sua encarnação. Andrade, muito distante de tudo o que hoje sabemos do budismo, compreendeu que, para os seus interlocutores, não fora um Novo Adão que descera dos Céus, mas um Escrito perfeito.

O argumento por ele desenvolvido contra a doutrina dos lamas ou o que julgou compreender dela, dá-nos menos indicações sobre o lugar onde ele se encontrava, o Tibete, do que sobre aqueles de onde ele vinha: a Índia do norte e, para lá dos mares, o seu Portugal natal, ambos marcados pelo islão. Para este, o Livro santo foi directamente transmitido por Deus aos homens. A revelação é uma «descida», *nuzūl* ou *tanzīl*. Muḥammad não foi de modo nenhum o autor do Corão, que é, por isso mesmo, milagroso e incriado¹⁰⁴. Nas suas polémicas imemoriais e intermináveis com os muçulmanos, os cristãos tiveram que refutar constantemente a exclusão do Livro santo do domínio das criaturas, logo, da história. Para eles, só o Verbo que se revela é incriado, não os escritos por ele inspirados aos escritores da Bíblia, seus co-autores humanos. Em termos vigorosos e até um pouco prosaicos, Andrade quer fazer ver aos lamas que o seu livro pertence a este mundo, ao universo criado. Os mesmos termos deviam já ter sido usados contra o Corão, em Agrã, Deli, Goa, Ceuta ou Lisboa. Este debate, que hoje nos pareceria bastante vão, não mostra apenas como Andrade ainda conhecia mal o sentido dos termos religiosos ou filosóficos tibetanos, em 1626. Talvez ele não tivesse atribuído aos lamas a doutrina da *inscrituração* divina, se não fossem do seu conhecimento lendas em que certos livros santos caem do céu, no Tibete como noutras civilizações. Os *Anais azuis*, redigidos no final do século XV, bem como mais cedo, no século XII, uma crónica, afirmam que algumas obras da colecção canónica de *Kanjur*, cerca de três em cento e oito, não tiveram autor ou copista humanos, mas caíram dos Céus sob o reino de *Iha* ou génio Tho-tho-ri¹⁰⁵. É verdade que nessa época, o islão já estava muito difundido à volta do Tibete, mas o arquétipo do Livro celeste e incriado não é um exclusivo do mundo muçulmano, e encontramos-lo também na Índia, onde se aplica aos *Vedas*¹⁰⁶.

¹⁰⁴ L. Gardet, M. Anawati, *Introduction à la théologie musulmane*, Paris, 1948, pp. 38, 49, 59, 92.

¹⁰⁵ C. Huth, *Geschichte des Buddhismus* e G. N. Roerich, *Deb-thér sñon-po (Anais azuis*, em tradução inglesa), fl. 19, citado em D. I. Lauf, *L'héritage du Tibet*, Berna, 1977, p. 37.

¹⁰⁶ *Encyclopædia Universalis*, XVIII, pp. 649-658, art. *Véda* (J. Varenne).

Apesar da sua grande abertura de espírito, Matteo Ricci obstinava-se em ligar a história cultural e religiosa da China ao Próximo Oriente e ao Mediterrâneo. Os escritos árabes e persas sobre o Extremo Oriente partem do mesmo *a priori* unificador¹⁰⁷. A forma utilizada por Andrade para saber se as heresias de Arius e Nestorius, e até do islão, tinham deixado vestígios no curioso culto sincrético praticado em Tsaparang, mostra bem como a Igreja dos Tempos Modernos acreditava firmemente na unidade do género humano. Muito mais tarde, no século XVIII, um agostinho italiano, Giorgi, ainda apresentava o lamaísmo como uma derivação do maniqueísmo e uma síntese de diversas heresias cristãs¹⁰⁸. O sinal mais visível de paganismo no que parecia ao pioneiro da missão tibetana uma espécie de grande embrulhada, é a crença na metempsicose ou transmigração. Ele não incrimina a Índia vizinha, mas simplesmente os pagãos em geral, *os Gentios*¹⁰⁹, e pretende ter tratado este tema de forma irónica aquando de um colóquio com os lamas. O que o impediu, portanto, de considerar a «seita dos lamas» como uma verdadeira Igreja Oriental desviada ou abastardada, autorizou-o a lançar contra eles a acusação de terem *falsificado as Escrituras*. Enquanto as Igrejas se ativeram ao texto grego de Setenta e não tomaram em consideração o texto hebraico do Antigo Testamento, ou seja, antes dos *Hexaplos* de Orígenes, ou antes de São Jerónimo ter criado a Vulgata, esta foi uma das principais acusações dos cristãos contra os judeus¹¹⁰. Para o islão, tão frequentemente herdeiro de temas paleocristãos ou patrísticos, a alteração das Escrituras ou *talrif* é um dos argumentos mais destacados. O Corão descido dos Céus e incriado vem compensar e substituir a Tora que os judeus, mal intencionados, mutilaram e interpolaram, e também o Evangelho único de Jesus que os cristãos, contaminados pelo paganismo antigo, multiplicaram e despojaram do estrito monoteísmo daquele de quem, erradamente, se consideram discípulos¹¹¹. Para os muçulmanos, o texto original de ambos os Testamentos estava em conformidade com o Corão.

Tal como há séculos acontece com os cristãos do Oriente, também os padres jesuítas deviam estar fartos de ouvir falar do tema apo-

¹⁰⁷ G. Monnot, *Islam [...]*, Paris, 1986. H. Didier, «Interférences islamo-chrétiennes dans les représentations du bouddhisme», *Islamochristiana*, Roma, 1990, n.º 16, pp. 128-137.

¹⁰⁸ A. A. Giorgi, *Alphabetum tibetanum*, 2 vols., Roma, 1762.

¹⁰⁹ Segunda carta, p. 129.

¹¹⁰ M. Jourjon, «Saint Irénée», em *Le monde grec ancien et la Bible*, Paris, 1984, p. 149; M. Simon, *Verus Israël*, Paris, 1983, pp. 184-185.

¹¹¹ Ver capítulo sobre *Sinais celestes* no Corão (85,22); H. Didier, «Le sacré selon l'islam», *Corps Écrit* n.º 2, Paris, 1981, pp. 175-179.

logético muçulmano da alteração bíblica ou *talrif*. É isto que Andrade volta a servir aos lamas: na sua opinião, a sua crença na metempsicose prova que «o seu livro» (o *Prajñāparāmitāsūtra*) já não é *presentemente* aquilo que era *inicialmente* — as interpolações pagãs apodreceram o que antes devia ter sido a Santa Escritura, ou o seu digno equivalente¹¹². Isto pareceu-lhe tão evidente como é certo para qualquer muçulmano que os Evangelhos usados nas igrejas são falsos e diferem do Evangelho (*Injil*) original confiado por Deus a Jesus: qualquer versículo trinitário ou cristológico é para ele uma manifesta extrapolação. Os lamas do Gu-ge não podiam sem dúvida imaginar que o recém-chegado os conduzia, independentemente da sua vontade, às querelas que há mil anos sobressaltavam os povos do mar Mediterrâneo, da Síria à Espanha. Ao censurar-lhes o seu «jejum feito para engordar»¹¹³, Andrade estava a fazer eco do que os cristãos da Ásia Ocidental ou da Península Ibérica censuraram sempre ao jejum do Ramadão, ao mesmo tempo que lhes lançava um desafio ascético, à altura das funções de *mestre lamba maior* que exercia por ordem do rei Thi Tashi Dagpa.

Seremos então tentados a dizer que os fantasmas euro-mediterrânicos ou islâmico-cristãos exerceram uma tal influência em Andrade e nos seus colegas que eles não viram nem o budismo nem a civilização tibetana como hoje podemos conhecê-las. Têm a seu favor a desculpa de ser impossível, para uma mesma geração, ser ao mesmo tempo a dos conquistadores e descobridores e a dos sábios. Os europeus chegaram à Índia no século XV, mas foi necessário esperar pelo século XVII, ou mesmo XVIII, para que um punhado deles compreendesse por fim a natureza e a importância da língua sânscrita e, por conseguinte, da civilização assente nessa língua. O Tibete serviu em parte de refúgio ou de conservatório para um budismo norte-indiano apagado pelo renascimento do hinduísmo e pela expansão do islão; o impulso da tibetologia europeia não podia assim deixar de seguir ou acompanhar o da indologia. Sem livros que o informassem acerca da história, civilizações, religiões e filosofias da Ásia, Andrade estava indefeso contra certas miragens conceptuais, contra os logros criados por traduções apressadas e triangulares tibetano-persa-português; *conjoe* [*dKon mc'og*] não era *Allah* nem *Deus* e *Iha* não era *malāk* nem *anjo*. Quem pode julgá-lo severamente por ter confundido a tríade exotérica do budismo ou *Tiratna* — formada pelo *Buda*, um

¹¹²Segunda carta, p. 129: «[...] o livro de Deus não contem nem ensina cousas contra a rezão e, se este vosso algũa hora foi livro de Deus, agora vai fora de caminho [...]».

¹¹³Segunda carta, p. 130.

homem sobre-humano, o *Dharma*, a sua doutrina, a Lei ou as Escrituras e o *Saṅgha*, a comunidade do budismo — com a tríade esotérica do budismo ou *Trikāya* — formada pelos três corpos de Buda, o seu *Dharmakāya* ou «corpo de Lei», o seu *Saṃbhogakāya*, ou «corpo de beatitude» e o seu *Nirmāṇakāya*, ou «corpo de transformações»^{114?} Com efeito, Giuseppe Toscano salienta que o termo tibetano *Sanguîā conjoe* [*Saṅs rgyas dKon mc'og*], aparentemente equivalente a *Saṃbhogakāya*, o segundo termo da tríade esotérica, parece ter sido entendido pelos portugueses como o terceiro termo da tríade exotérica, ou *Saṅgha*¹¹⁵. É difícil não nos perdermos...

Andrade e os outros jesuítas da missão tibetana salientaram unanimemente as suas dificuldades de comunicação¹¹⁶. Só uma coragem e talento excepcionais permitiram a estes homens abordarem aquele universo desconhecido, sem léxico nem verdadeiros professores. Para avaliarmos toda a dimensão da sua audácia, é fácil imaginarmos a situação inversa: alguns lamas desembarcados na Europa a conversarem com teólogos católicos, após menos de um ano de aprendizagem do latim e de uma língua românica, indubitavelmente nem mais nem menos divergentes do que as formas erudita e popular do tibetano. Contando apenas com os serviços de intérprete de um mercador português que tivesse aprendido um pouco de persa na feitoria-protectorado de Ormuz ou no império do Grande Mogol, para darem os seus primeiros passos no Ocidente. De facto sabe-se que, até à difusão do inglês pelos conquistadores britânicos, o persa permitiu uma comunicação em larga escala, no Norte da Índia e numa grande parte da Ásia¹¹⁷. Estes lamas hipotéticos não teriam, evidentemente, qualquer noção da história e da cultura greco-latinas e europeias e imaginariam Jesus e a Igreja a partir de um vago conhecimento do Corão, a menos que imaginassem que as terras do Sol poente tinham adoptado uma forma aberrante e degenerada de budismo... No século XX, temos aliás alguma intuição destes *quiproquos* fictícios, através do que alguns mestres espirituais vindos da Índia ou do Tibete se aventuram a dizer sobre o cristianismo, na Europa e na América.

¹¹⁴ G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 216-217, nota 55; D. I. Lauf, *L'héritage du Tibet*, pp. 96-98; J. Blofeld, *Le bouddhisme tantrique du Tibet*, Paris, 1976, pp. 68-49.

¹¹⁵ G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 216-217, nota 55.

¹¹⁶ Segunda carta, p. 126; A.R.S.I., Goa 73, fl. 66v., e C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, p. 323, manuscrito Cacela, fl. 8. Ver pág. 231.

¹¹⁷ C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, pp. 10-11. A. Mazahéri, *La route de la Soie*, Paris, 1983, p. 7.

Os obstáculos linguísticos e históricos não são os únicos. Existem outros relacionados com a própria natureza daquilo de que queriam falar os jesuítas e os lamas, entre 1624 e 1635. A categoria de *religião* não é universal. Aliás, esta palavra adoptada por todas as línguas da Europa incluindo as eslavas do Leste, excepto o grego, não tem verdadeiro equivalente nas línguas semitas e ainda menos nas línguas indianas ou do Extremo Oriente. A *religião* conota a experiência romana do sagrado, e posteriormente a transmutação desta sob o efeito de uma *Boa Nova* aparecida com a intersecção do hebraísmo e do helenismo¹¹⁸. Ainda por cima, o cristianismo diz ser ou pretende ser homogéneo para todos os que o professam: o *credo* é igual tanto para o mais sábio teólogo como para o mais humilde paroquiano. Não acontece o mesmo com outras tradições «religiosas», nomeadamente a leste do islão. E também no Tibete, terra indelevelmente marcada por Mila Repa (*Mi la ras pa*, 1040-1123), que se considerava seguidor de uma tradição esotérica aprendida na Índia. No defunto budismo norte-indiano, como no seu descendente tibetano, os ensinamentos essenciais encontram-se protegidos dos não-iniciados por uma língua secreta ou crepuscular (*sandhyābhāṣā*). Os textos escritos e as palavras articuladas em público não dizem tudo. Há uma hermenêutica dupla que percorre todas as palavras, podendo estas ser entendidas quer «no seu sentido vulgar» quer «no seu sentido oculto e místico»¹¹⁹. Embora um documento dos arquivos romanos nos apresente um padre jesuíta a ler com facilidade «o livro» dos lamas, (*rDo rje gc'od pa* ou *Prajñāparāmiāsūtrā*)¹²⁰ é difícil acreditar que os recém-chegados tenham sido iniciados em segredos tão bem guardados. Pode-se até dizer que os critérios fundamentais da verdade, do ser ou do que existe são completamente diferentes no budismo e no cristianismo. Algumas hesitações notadas por Andrade nos seus interlocutores, durante os seus colóquios ou noutras circunstâncias, reflectem esta divergência fundamental. Para homens formados na escola de Aristóteles ou Platão, e sobretudo pela teologia de São Tomás de Aquino, era verdadeiramente difícil supor que para os lamas «as santas verdades não são verdadeiras nem falsas»¹²¹. No século XVII,

¹¹⁸ *Encyclopædia Universalis*, xv (1985), p. 237, art. «Religion» (D. Sabbatucci).

¹¹⁹ Anagarika Govinda, *Fondements de la mystique tibétaine*, Paris, 1976, p. 68; J. Blofeld, *Le bouddhisme tantrique du Tibet*, Paris, 1976, p. 76. D. I. Lauf, *L'héritage du Tibet*, p. 20.

¹²⁰ A.R.S.I., *Goa*, 73, fl. 65. J. Aschoff, *Tsaparang-Königsstadt [...]*, p. 49.

¹²¹ H. de Lubac, *Amida*, Paris, 1955, p. 302, nota 83, citação de um «concílio de Lhassa».

como aliás nos nossos dias, qualquer diálogo entre fiéis de Cristo e discípulos do Iluminado só podia deparar-se com o obstáculo formidável que resulta do facto de o budismo ser simultaneamente uma gnose e um agnosticismo, ao passo que o cristianismo é um acto de fé pessoal num Deus pessoal, a entrega confiante de um ou vários *egos* finitos nas mãos de um *ego* infinito, uma categoria rejeitada pelo primeiro por ser ilusória. É certo que existe um absoluto no budismo, mas este não pode verdadeiramente ser dito nos seus próprios termos, não é existente nem inexistente, não é cheio nem vazio. Ou melhor, não se pode dizer nada acerca desse absoluto excepto que ele não é «nem assim nem assim, *neti neti*», uma ideia aliás comum ao budismo e ao vedaísmo, tal como este último aparece expresso no *Bhagavad Gītā*, no memorável discurso poético de Kṛṣṇa em Arjuna¹²². Estamos muito longe do mar Mediterrâneo...¹²³

5. Apartes comerciais dos encontros entre cristãos, muçulmanos e budistas

Depois deste voo metafísico, tão difícil de seguir no século XVII como nos nossos dias, regressemos à terra. Sem viagem não há descoberta do Tibete, nem encontro, mesmo atamancado, entre Portugueses católicos e budistas residentes no Tecto do Mundo. E sem dinheiro não há viagem nem missão¹²⁴. Não foi fácil ir aos reinos de Gu-ge e Utsang e aí permanecer vários anos. O heroísmo e o desinteresse de Andrade são evidentes. Mas não devemos pensar que o zelo religioso dos jesuítas os fazia ignorar as realidades humanas: o seu sentido prático roça por vezes o génio. A missão de Tsaparang, para falarmos apenas dela, tem como pano de fundo a vocação nómada

¹²² *Bhagavad Gītā*, IX, 19. Ver A. David-Neel, *Le bouddhisme du Bouddha*, Paris, 1977, p. 80.

¹²³ Entretanto esta ideia indiana poderia encontrar o seu correspondente heleno-cristão na tradição do apofatismo místico. Esta tem origem num conjunto de textos greco-sírios do século V, falsamente atribuídos a São Dinis o Aeropagita, discípulo de São Paulo. A posteridade, tanto a latino-ocidental como a bizantino-oriental destes apócrifos é imensa. A *teologia negativa* partilha com o vedaísmo e o budismo o método que «consiste em mostrar o sentido do absoluto através da indicação, não do que ele é (empresa considerada absurda), mas do que não é»: J. Evola, *La doctrine de l'éveil*, Paris, 1956, pp. 19-20; ver também H. de Lubac, *Aspects du bouddhisme*, Paris, 1951, pp. 52-53.

¹²⁴ Para mais detalhes, veja-se o meu estudo em alemão «Der Vertrag von 1624», na obra de Jürgen Aschoff, *já cit.*, pp. 89-93.

e mercantil de três nações: árabes (ou muçulmanos), portugueses e tibetanos e, por conseguinte, também um tratado de comércio muito mal camuflado no primeiro relato de Andrade. Este tratado, estabelecido segundo todas as regras entre o pequeno rei de Tsaparang e Andrade, dividido em cláusulas positivas e negativas e onde foram apostos os selos e armas reais, foi redigido em persa, como era uso na Ásia continental, do Império otomano aos confins ocidentais da China e do Volga ao golfo de Bengala. Nele afirma-se¹²⁵, se se ler atentamente o texto aqui reproduzido, que os jesuítas não exerceriam actividades comerciais quer directa quer indirectamente. Nem de outro modo podia ser, segundo a versão destinada a ser publicada e lida em toda a Europa católica. Mas podemos pensar que o verdadeiro texto do tratado dizia as coisas de uma forma um pouco diferente.

Qualquer texto destinado a ser divulgado tinha a obrigação de responder, nem que fosse numa única frase, ao rumor desagradável que corria tanto na Europa como na Ásia portuguesa: havia missionários que se comportavam como mercadores. Os textos inéditos dos arquivos romanos da Companhia de Jesus permitem-nos vislumbrar esta realidade bastante mal conhecida, e assim compreender o verdadeiro alcance do tratado estabelecido em Tsaparang entre Thi Tashi Dagpa e Andrade. Neles ficamos a saber que este último se atreve a assinalar com prazer que «não só os mercadores estrangeiros, mas os naturais acodem logo aos Padres em seus trabalhos, valendo-se deles pelo muito que podem com el-rei»¹²⁶. Dois meses mais tarde, Alano dos Anjos (Alain de la Beauchère) evoca um assunto próximo deste num tom indignado: sem se preocuparem com o bom nome da Companhia de Jesus, os padres residentes nas terras do Grande Mogol contam que os de Tsaparang dedicam uma grande parte do seu tempo às transacções comerciais e à acumulação de mercadorias. Sem que fosse necessário referir-se a isto, ele confirma e justifica este facto:

«Nesta nossa casa (de Chaparangue), não se vende um só pedaço de pano, senão for por comprar algũa medida de cevada, ou algum carneiro pera nossa sustentação, que estas cousas não se podem escrever a Vossa Reverência senão por homens que toda a sua vida fizeram officio de chatinar [...] E que dirá Vossa Reverência das pipas

¹²⁵ Primeira carta, p. 94.

¹²⁶ A.R.S.I., Goa 73, fl. 65: 2 de Setembro de 1627.

de vinho que de continuo vão do Colegio de S. Paulo para Malaca para negociar e trocar o necessario e dos mais tratos, que sabe Vossa Reverencia os quais lá se sofrem. E aqui [a]onde não corre o dinheiro, não se permitirá comprar ã pouca de roupa pera comprar o necessario pera nossa sustentação, sendo assim que aqui o dinheiro não corre nada, e que não havendo roupa, ou alambre, ou coral, não tem homem aqui que esperar de comer.»¹²⁷

Segue-se, no documento, a lista das prendas dadas pelos jesuítas a Thi Tashi Dagpa, rei do Gu-ge. Com excepção de um corte de âmbar, trata-se de armas europeias, estando o todo estimado em 50 ou 60 *xerafins*, uma soma irrisória, na opinião de Alano dos Anjos, em comparação com os 90 000 *xerafins* por aquele oferecidos à missão, e que se traduziram na construção gratuita da igreja e da residência dos padres¹²⁸. Uma pistola de quatro canos e duas espingardas têm mais valor em Goa. Mas quando transportadas para o Tibete, é outra coisa! O mesmo acontece com os tecidos ou hábitos velhos que os padres dão ou vendem — não valem nada na Índia, onde abundam as fibras vegetais, mas são muito requisitados no Gu-ge, onde nada cresce. A utilidade económica da missão deve ter saltado aos olhos de Thi Tashi Dagpa e dos seus súbditos. As razões que levaram os reis de Śrīnāgar, no Ganges, e de Utsang a isentarem os padres de todas as despesas com passaportes ou impostos¹²⁹ deveram-se menos a um acesso súbito de filocristianismo do que a ambições económicas.

Sem gorjetas nas fronteiras, sem prendas para os reis, e sem negócio, teria sido impossível chegar ao Tibete ou aí permanecer. Os textos aqui citados não constituem aliás um desmentido escandaloso do ideal de pobreza e mendicidade escolhido por Inácio de Loiola para os seus discípulos. Perante os constrangimentos económicos exercidos sobre a missão pelo seu meio envolvente asiático, eles manifestam ao mesmo tempo a existência de um mal estar, ou de uma espécie de má consciência, nos jesuítas que se dedicavam à evangelização, e também as lacunas das suas *Constituições*, absolutamente mudas quanto aos meios de financiamento das viagens e instalação em países longínquos¹³⁰. Segundo elas, os padres deviam viver dos donativos e esmolas dos leigos cristãos. Como fazer quando estes não

¹²⁷ A.R.S.I., Goa 73, fls. 66-67: 10 de Novembro de 1627.

¹²⁸ A.R.S.I., Goa 73, fl. 68.

¹²⁹ Inácio de Loiola, *Obras completas*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1963, pp. 542-555.

¹³⁰ H. Didier, *Correspondance [...]*, Introdução, Paris, 1987, p. 25.

existiam, como nas terras da Ásia onde ainda não tinham entrado soldados, marinheiros ou mercadores de Portugal? Muitas vezes considerado co-fundador da Obra, embora tenha abandonado a Europa demasiado cedo para poder ter participado na elaboração das *Constituições*, Francisco Xavier ultrapassara esta dificuldade dedicando-se ao comércio: foi a revenda de um importante carregamento de pimenta que financiou os jesuítas no Japão¹³¹. Não é de espantar que, em nome da Companhia de Jesus, Bento de Góis tenha atravessado a Ásia central à frente de uma caravana importante, em associação com um negociante arménio, no início do século XVII, de 1603 a 1607¹³².

Tratava-se de um mal menor: o transporte, a compra e a revenda de mercadorias nada eram, quando comparados com os donativos dos portugueses ricos, do lado do mar ou, na terra do islão, dos sírios ou arménios mais ou menos ligados à Igreja romana. No século XVII estes últimos estavam particularmente activos em toda a Ásia, nos Turquestãos, na Índia, e até nas Filipinas¹³³. O conflito de 1627 entre os jesuítas do Tibete e os do Grande Mogol incidiu precisamente sobre a utilização a dar a um donativo muito importante de um arménio rico com o nome arábico-iranizado de Mirzā Dū-I-Qarnayīn. Destinada a Andrade e aos seus companheiros, ela foi interceptada ilegalmente por Francisco Leão¹³⁴. Cupidez? Não: as missões tinham-se tornado buracos financeiros. As gorjetas que era necessário dar a funcionários venais, os diversos impostos e as despesas com passaportes, tinham-se tornado cada vez mais insuportáveis à medida que declinava a sua fonte principal de financiamento: o comércio português já não conseguia fazer face à concorrência das casas e feitorias inglesas e holandesas implantadas na Índia. Mais do que nunca, os missionários tinham que se arranjar para viver e viajar sem receberem esmolas. Como vimos acima, a missão tibetana confrontava-se com violentas oposições no seio da província jesuíta de Goa¹³⁵. Alguns padres entretinham-se a comparar o número muito reduzido dos baptismos em Tsaparang com a enormidade das despesas feitas para agradar a Thi Tashi Dagpa, e mais ainda, àquele que o tinha

¹³¹ C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, pp. 13-40.

¹³² F. Braudel, *Les jeux de l'échange*, Paris, 1980, pp. 137 e 547; A. Mazahéri, *La route de la Soie*, Paris, 1983, p. 191.

¹³³ A.R.S.I., *Goa* 73, fl. 66: 18 de Novembro de 1627.

¹³⁴ *Journal of Asiatic Society of Bengal*, n.º 21 (1925), p. 81: 29 de Agosto de 1627.

¹³⁵ Ver *pp. 52-53.

deposto, o rei de Ladakh. No seu relatório devastador de 1635, Nuno Coresma enunciava a espécie de impasse em que se encontravam os jesuítas no Tecto do Mundo: «Esta missão fundou-se em muito dar e peitar, e quando ao principio se deu, sabe o padre que vai [...]»¹³⁶

No mesmo documento, já amplamente citado, ele salientava que os últimos destroços da cristandade fundada por Andrade tinham-se passado para o islão, logo que o poder económico dos jesuítas lhes parecera estar a afundar-se. Este resultado, devido a causas propriamente religiosas e teológicas, parece relacionado com a imbricação dos três comércios, o dos de Caxemira, o dos tibetanos e o dos portugueses, ora parceiros ora rivais. No tratado assinado com Thi Tashi Dagpa em 1624, Andrade introduzira uma cláusula de desconfiança e hostilidade comuns em relação aos muçulmanos, beneficiando da protecção do Grande Mogol nas terras de Śrīnāgar e também do apoio das guildas de mercadores de Caxemira ligados ao Gu-ge¹³⁷. Uma «embrulhada» à altura do labirinto semântico criado pela tradução português-persa-tibetano dos conceitos católicos e budistas.



¹³⁶ A.R.S.I., *Goa* 73, fl. 99-99v.

¹³⁷ Primeira carta, p. 94.

NOTA DO COORDENADOR DA EDIÇÃO PORTUGUESA

I — Os textos

Este livro reúne seis relatos enviados pelos padres da Companhia de Jesus ao Geral de Roma. É importante mencionar que, sendo a proveniência a mesma, não foi possível a recolha de todos os manuscritos onde originariamente deveriam estar depositados — o *Archivum Romanorum Societatis Iesu* (A.R.S.I.). Assim, reúnem-se neste estudo textos publicados em livros antigos e de difícil acesso e manuscritos originais ou cópias dos mesmos.

Por esta razão, esforçámo-nos no sentido de alcançar a versão mais fidedigna de cada um dos relatos jesuíticos, ora eliminando uma cópia ou transcrição de qualidade duvidosa ora trabalhando simultaneamente com dois textos, apurando a crítica de fontes. Deste modo, três dos textos que aqui se apresentam foram recolhidos em livros que já continham essa transcrição. Não sabendo quais os critérios que presidiram às mesmas, vimo-nos obrigados a reconstituir a ortografia e pontuação original através da análise das cópias dos manuscritos de cada autor.

Se, neste último caso, se trata de uma actualização gráfica e não de uma transcrição, poderão subsistir algumas dúvidas sobre o grau de fiabilidade. Através da crítica interna e verificação da sequência dos fólios, parecem ultrapassadas quaisquer dúvidas que porventura se coloquem à veracidade dos textos. Maior problema poderá levantar o primeiro escrito de António de Andrade, publicado por Mateus Pinheiro em 1626. O carácter panegírico desta carta, não alheio ao contexto político que lhe subjaz e ao significado simbólico da «nova descoberta» do Tibete, poderá ter favorecido pequenas alterações, como sugere o autor deste livro.

1 — Primeira carta de António de Andrade, datada de Agra, 2 de Novembro de 1624. Original: *Novo Descobrimento do Gram Catayo*, ou

reinos de Tibet, pello Padre Antonio de Andrade [...], publicado por Matheus Pinheiro (livreiro de Lisboa), 1626.

2 — Segunda carta de António de Andrade, datada de Chaparangue, 14 de Agosto de 1626. *Original: A.R.S.I., Goa 73, fls. 2-22v.*

3 — Terceira carta de António de Andrade, datada do Tibete, 2 de Novembro de 1627. (Texto inédito até ao momento.) *Original: A.R.S.I., Goa 73, fls. 62-65v.*

4 — Carta de Francisco Azevedo (1631) (Viagem de Agrã ao Tibete). *Original: A.R.S.I., Goa 73, fls. 71-92v.* Este manuscrito não é do punho de Francisco de Azevedo mas é por ele assinado. Por este motivo entendemos confrontar o manuscrito com a transcrição feita por Cornelius Wessels, *Early Jesuit Travellers in Central Asia. 1630-1724*, Haia, 1924, pp. 282-313, que julgamos basear-se no escrito original. As diferenças respeitam apenas às nasalações expressas por til em interior de forma, que foram desenvolvidas por este erudito e por nós mantidas nesta transcrição.

5 — Carta de Estêvão Cacela, datada do Reino de Cambirasi, 4 de Outubro de 1627 (Viagem ao Catai e chegada ao Reino do Potente). *Original: C. Wessels, Early Jesuit Travellers [...] pp. 314-322.*

6 — Carta de João Cabral, datada de 17 de Junho de 1628 (Missão ao Reino de Utsangue). *Original: C. Wessels, Early Jesuit Travellers [...]*, pp. 333-336.

II — Critérios de transcrição

Tratando-se de textos produzidos na segunda metade do século XVII e despojados de grandes cuidados estilísticos, como é o caso de cancioneiros e obras poéticas, já saídos a lume nesta colecção, seguiu-se o critério de transcrição recentemente fixado pela *Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*, para edições de textos destinados ao grande público.

Das várias normas de transcrição utilizadas, destacamos as seguintes:

1. Vocalismo

— «v» e «j» com valor vocálico: «u» e «i»: «jrmão»>«irmão».

— Actualização do «e» no final das formas de plural de nomes e de verbos: «taes»>«tais»;

— Nas nasalações expressas por til, em interior de forma, manteve-se o til quando sobre vogal seguida de outra de timbre diferente: «ua»>«ũa»; «nenhua»>«nenhũa»;

— Actualização dos ditongos nasais expressos por til em final de sílaba (pret. perf. ind.), por «m»/«n», ou por finais plurais.

2. Consonantismo

— Regularização do h/s/z/c/ç, do «g» oclusivo antes de «e» e «i» («ningem»>«ninguem») e do «r» em início e meio de forma («honrra»>«honra»).

— Eliminação dos grupos de consoantes e diagramas (ch, ph, th, qu) sem uso actual.

3. Abreviaturas

— Desenvolvemos as abreviaturas sem contudo as indicarmos em itálico.

— O sinal de «&» que representa geralmente conjunção copulativa minúscula passou a transcrever-se por «e».

4. Erros e lacunas

— Aos erros evidentes, quer mecânicos quer de sentido, foi aposta a palavra (*sic*).

— As lacunas de palavras, quando reconstituídas, foram apresentadas entre parêntesis curvos.

5. Topónimos e antropónimos

— Nos textos que se seguem é abundante a quantidade de referências toponímicas, acrescentando a multiplicidade de formas diferentes para uma mesma palavra, muitas vezes por se tratar de diferentes redactores. Paralelamente, os diferentes sistemas de transliteração e os vários topónimos de origem tibetana, levaram-nos a estabelecer o seguinte:

a) Respeito pela grafia original, salvo em casos em que a ocorrência toponímica seja sobejamente conhecida, dispensando qualquer nota de rodapé.

b) A cada topónimo, sempre que necessário, é aposta entre parêntesis rectos a forma ortográfica portuguesa actualmente em uso, bem como a referência na grafia erudita Tucci-Toscano. Embora pouco frequente, este sistema permite conservar a grafia utilizada na redacção, revelando-se útil para fins linguísticos.

c) Para não sobrecarregar os vários escritos, cada forma é apenas anotada uma vez independentemente do texto. No índice remissivo constam as formas originais entre aspas, seguidas pela correspondência portuguesa actual e ou tibetana. Ex: «Uçangue»,

«Utsang», «Uzangue», *dBus gtsair*; «Caximir», *Caxemira*. Este sistema é também utilizado para palavras de origem tibetana. Ex: «lamas» [*bLama*].

— Relativamente aos antropónimos portugueses, estabeleceu-se actualizar a grafia. Ex: «Manoel Marquez»/ «Manuel Marques», sem contudo o indicarmos em nota.

6. Formas das palavras: Oscilações e arcaísmos

— Certas oscilações gráficas como «ũa»/uma e «pera»/«para» foram mantidas.

— Da mesma forma optou-se por manter certas formas arcaicas como: «fermosa», «rezão», «dereito», «cousa», «assi», etc.

7. Outros

— Separação das proclíticas («aque»/ «a que») e enclíticas ligadas ao verbo nas conjunções pronominais, neste caso com introdução de hífen («levamse» ou «levamsse»> «levam-se»).

— Regularização do uso de maiúsculas e minúsculas.

— Uso moderado de acentuação, sobretudo em casos em que a sua ausência possa, manifestamente, afectar a boa compreensão.

— Uso igualmente moderado de pontuação, sobretudo para tornar a leitura mais agradável.

III — Notas de rodapé

Os textos apresentados na edição original francesa foram anotados pelo autor para referenciar pessoas, lugares, palavras não portuguesas e esclarecimentos de vária ordem. Tratando-se, agora, de uma *transcrição*, foi necessário acrescentar várias notas de rodapé para palavras entrelinhadas e riscadas, indicação da grafia original, etc., que são assinaladas entre parêntesis rectos.



MISSÃO
A TSAPARANG

(Reino de Gu-ge, Tibete Ocidental)

PRIMEIRA CARTA
DE ANTÓNIO DE ANDRADE

Novo descobrimento do gram Cataio ou reinos do Tibete, pelo Padre António de Andrade, da Companhia de Jesus, portuguez, no ano de 1624. Com todas as licenças necessárias. Em Lisboa, por Matheus Pinheiro. Ano de 1626.

Nesta darei conta a Vossa Reverencia da peregrinação que fizemos às terras do Tibete, deixando muitas particularidades, assi por escusar ser comprido, como porque nem para escrever esta, tenho tempo.

Aos trinta de Março de 1624 partimos de Agrá [Agrã], o padre Manuel Marques e eu, pera acompanhar a el-Rei¹, o qual eu tinha deixado quando passou por Agrá, por rezão de ãa grande doença em que caí. Chegamos à cidade do Deli, da qual actualmente partiam muitos gentios a um famoso pagode, em romaria, que dista de Agrá mes e meio de caminho; e como tinhamos muitas informações tiradas por varias vias com grande diligencia, com as quais nos certificamos serem aqueles reinos de cristãos, além da fama, que de vinte anos a // [2r.] esta parte, tinha chegada aos padres na mesma conformidade². Vendo-me em companhia de gente, que me podia servir de guia em grande parte do caminho e que, perdida esta ocasião, tarde se oferecia outra, me resolvi a ir tomar noticia daquelas nações, principalmente sendo em tempo que el-Rei ia pera o reino de Caximir [Caxemira], na qual jornada bastava acompanhá-lo um padre, como de efeito o acompanhou, e eu já de volta, intentava vir tomá-lo a Laor [Lahore], quando saisse do Caximir, e pelo que tomada resolução ultima, e ordenadas algũas cousas tocante a esta missão, e deixando por superior dela ao padre Francisco Corsi³, e não duvidando

¹ Jahāngīr, filho e sucessor de Akbar; reinou de 1605 a 1627.

² Cf. G. Toscano, *Alla scoperta* [...], pp. 38-40.

³ Francesco Corsi, jesuíta italiano (1573-1635).

ser esta a vontade de Vossa Reverencia, pois a empresa mostrava ser de grande gloria de Deus, e por outra parte, não ficava faltando nada nesta estância, nos pusemos a caminho pera o Tibete, na maneira seguinte.

Com todo o segredo possível nos partimos da cidade do Deli ùa madrugada, indo vestidos como os mogores⁴ por baixo das lobs, e logo em saindo das portas pera fora, como era escuro as despimos e aparecemos com toucas e cabaias, sem disto terem noticia os proprios cristãos e moços nossos, que até ali nos tinham acompanhado [a]⁵ caminho de Laor. Deixado o caminho real, começamos a atravessar as terras del-rei, por caminhos mais breves que nos foi possível, até que, passados quinze dias, chegamos ao cabo das terras do Hindustão⁶, e ficamos ao pé das serras, que são do Raja de Sirinagar⁷ [Śrīnāgar]. Grandes dificuldades tivemos destas saídas das terras del-Rei mogor e entrando nas terras de Sirinagar; desta banda nos tinham por mogores fugidos, e que por nenhum modo nos deixariam passar, antes presos nos mandariam a el-rei, por terem ordem sua pera isso, e confirmavam-se, vendo que nem eramos gentios⁸, nem mercadores, pois não levavamos fato. Por outra parte os // [2v.] de Sirinagar haviam que eramos mogores mandados pera espiar a terra, pelo muito que se temem deste Rei; e passados alguns dias, vendonos nestas talas, quando parece se fechavam de todo os caminhos pera nós nos deu o Céu franca passagem, ensinando-nos a pôr só confiança Naquele por cuja gloria faziamos esta jornada.

Com muita diligencia, e maior alegria, começamos a subir as serras⁹. São elas as mais fragosas e altas, que parece pode haver no mundo, e bem longe estou de poder declarar a Vossa Reverencia a dificuldade com que por elas subimos. Basta saber depois de andar dois dias desde pela manhã até noite, não acabavamos de passar ùa, cortando pelos mais altos picos, e neles por caminho tão estreito que por muitas vezes não é mais largo, que quanto cabe um só pé, andando bons pedaços assi, pé ante pé, pegados com as mãos, pera não

⁴ Disfarce mais muçulmano que hindu, dado que os Mogol reinam no Hindustão em nome do islão.

⁵ [Conforme consta no original].

⁶ [No original «Indostam»].

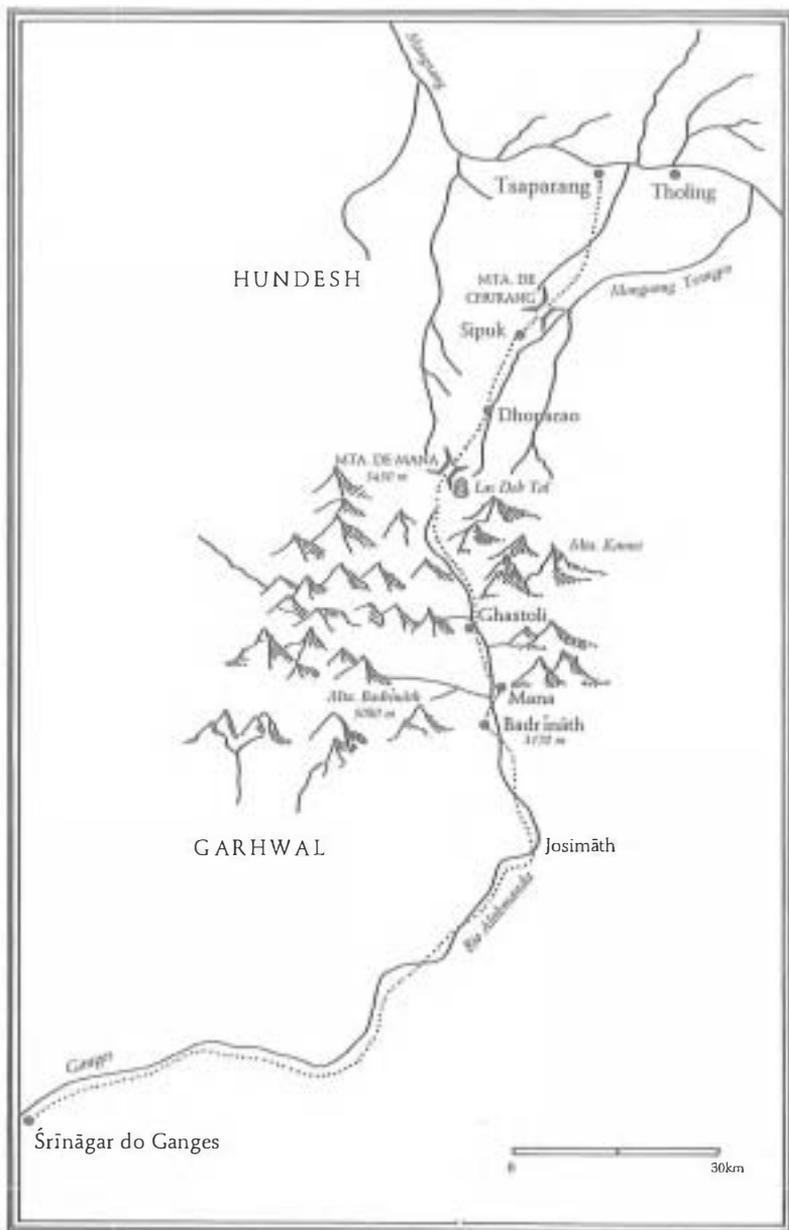
⁷ Trata-se de Śrīnāgar no Alto Ganges e não de Śrīnāgar em Caxemira. O rajá em questão é Duralam Shah, no poder até 1626. Cf. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 20.

⁸ Ou seja, hindus.

⁹ Os Himalaias.



*A Índia e o itinerário do Pe. Antônio de Andrade
 (pormenor do mapa de Kircher reproduzido nas pp. 18-19).*



O itinerário tibetano do Pe. António de Andrade.

resvalar, pois o mesmo é errar o pôr o pé bem direito, que fazermos em pedaços pelos ares. São pela maior parte aquelas serras tão talhadas a pique, como se por arte estivessem a plumo, correndo-lhe lá no profundo como em um abismo o rio Ganges, que por ser mui caudaloso e se despenhar com notavel estrondo por grande penedia entre serras tão juntas acrescenta com seu eco o pavor que a estreiteza do caminho causa a quem vai passando. Tem as descidas mais dificultosas e perigosas, pois carece homem em muitas partes de remedio de se poder pegar com as mãos como nas subidas, e assi é necessario descer em muitas partes, como quem desce escada de mão, dando as costas ao caminho que vai fazendo.

Duas considerações nos facilitavam muito estas difficuldades das serras, a primeira, ver que assi as passavam com muita alegria muitos gentios que iam em romaria ao seu pagode, e nós por gloria de Jesus Cristo Nosso Deus não faziamos mais que eles. Outra que entre estes idólatras havia muitos de crescida // [3r.] idade, já com os pés na cova, e muito inferiores a nós nas forças e na idade, que nos serviam de boa confusão, e também de nos animar neste caminho. Costumam estes gentios ir assi muitos juntos, uns após outros, por o caminho não dar lugar a ir dois par a par, e vão dando grandes vivas e *euges*¹⁰ a seu pagode de continuo com estas palavras «ye Badrynate ye ye», alevantando qualquer a primeira palavra e respondendo todos. Com bem mágoa nossa ouviamos nós estas vozes do Inferno, e já que não podiamos tomar outra vingança do maldito pagode, nos apostavamos a lhe lançar com a mesma frequencia outras tantas maldições e pedir à corte do Céu, em nosso nome, desse outros tantos louvores e glorias ao Senhor Jesus. Logo na primeira jornada, a cada tiro de flecha achavamos varios pagodes de obra sumptuosa, pela maior parte, todos com alampadas acesas, mas todos de varias figuras, e todos abominaveis, e ridiculos. Por guardas e servidores têm muitos jogues, que logo nas figuras mostram serem ministros do diabo. Entre outros vimos um já mui velho, com as unhas e cabelo tão crescido, e a catadura tão disforme que parecia o proprio diabo; e ele sem falar palavra, como ùa estatua, recebia os louvores e reverencias dos gentios, que debruçados por terra lhe beijavam os pés. Desejei a este o que dois meses antes tinha este Rei mandado fazer a outro mais disforme, e foi que indo ele à caça em Agmir, ao longo de um grande tanque, onde concorriam naqueles dias grande numero

¹⁰ Termo grego que evoca as bacanaís.

de gentios pera suas superstições, viu um jogue tão horrendo na figura, que tinha os cabelos da cabeça compridos de quatro covados, e as unhas mais de palmo, e ele tão sem pejo, que com nada se cobria; era grande o concurso de gentios que lhe iam a beijar os pés, e tudo el-Rei foi notando, ficando o jogue imovel sem lhe fazer // [3v.] nem ùa minima reverencia. Voltando o Rei da caça, o mandou chamar; deu o jogue por resposta que não iria senão a ombros de homens em o andor real. Ouvindo el-Rei esta resposta, o mandou trazer a rasto pelos cabelos e, tendo-o diante de si, lhe disse que ou ele era diabo, ou retrato vivo do mesmo, pois não se podia imaginar cousa mais enorme; e logo lhe mandou cortar os cabelos e unhas e dar outro castigo devido à sua descompostura e após isso um grande numero de açoites, e que o levassem pelos bazares, pera que os rapazes com suas zombarias vingassem, ou recompensassem os louvores e reverencias que lhe faziam os gentios. Outro tanto se devia ao jogue de que acima falei.

Mas tornando às serras são elas pela maior parte cheias de muito arvoredo, do meio pera baixo, como grandes pinheiros¹¹ de varias castas, e de estranha grandeza, uns como os nossos; e outros mais frescos, que não dão fruto, mas de muito melhor madeira, tão altos, sem tortura algũa, que passam por duas e tres alturas da torre do Bom Jesus de Goa¹²; não é encarecimento, senão realidade muito certa. Em muitas partes achamos grande numero de pessegueiros e pereiras carregadas de muita fruta verde, e muitas arvores de canela, ciprestes, limoeiros, rosais grandissimos, com rosas sem numero, muitas amaras de silva, ùas pretas, como as nossas, outras vermelhas como medronhos, mas todas muito boas. Ùa serra vi toda de arvores de S. Tomé¹³, sem folha, mas tão carregadas de flores, ùas brancas e outras como as da Índia, e elas tocando-se ùas às outras com os ramos, de sorte que parecia toda a serra um monte de flores, ou ùa só flor; e foi a mais fermosa vista neste genero que em toda a minha vida tive; há grande numero de outras arvores, como castanheiros, sem fruta, mas quebram com ramalhetes de fermosissimas flores, de maneira que cada cacho é // [4r.] um fermoso e grande ramalhete da figura de um acipreste, tão talhado que não deixa a natureza lugar a

¹¹ Qualquer conífera embora de uma espécie de pinheiros por certo não existente em Portugal. Poderá tratar-se do «pinheiro-chorão-do-Himalaia» (*Pinus Wallichiana*, A. B. Jacks).

¹² Torre com 24 metros de altura.

¹³ Árvore de S. Tomé: *Bauhinia variegata*, Lin.

se lhe acrescentar cousa algũa pera sua perfeição. As flores como as nossas são muitos lírios, rosas, e açucenas, e outras em grande numero, tão peregrinas como fermosas, e, em muitas partes vi grandes tractos de terra cuja erva era só manjerona, tão fina como a nossa, mas a folha mais miuda. Porém o que faz as serras mais aprazíveis, e menos dificultosas aos caminhantes, são as muitas fontes que delas correm, ũas despenhando-se dos mais altos picos, outras brotando de vivas pedras ao longo do caminho, de água tão cristalina e fresca, que não há mais que desejar.

Assi chegamos à cidade de Sirinagar, aonde reside o Raja, e não tem outra, porém, um grandissimo numero de aldeias como vilas pequenas. É a gente desta terra nos costumes mui diferente da gente hindustana, não degolam os carneiros e cabras que comem, mas afo-gam-nos e dizem que ficando o sangue espalhado¹⁴ faz a carne mais gostosa; e assi sem esfolar as reses, com a pele chamuscada e a carne mal assada correndo-lhe o sangue, a comem. De ordinario andam descalços e com os pés gretados e cheios de golpes, e tão calejados, que correm sem molestia algũa por cima de pedras mui agudas e espinheiros, sem se ferirem.

Nesta cidade nos fizeram grandes exames de quem nós eramos, de nossa pretensão; não podiamos dizer que [eramos]¹⁵ mercadores, que fora acertado, pois não levavamos fato. Respondi, que eu era portugues, e que ia ao Tibete em busca de um irmão meu, que havia anos lá estava, segundo as novas que me chegaram, entendendo ser o Rei e, revolvendo-nos o fato de vestir que levavamos quando viram as lobas pretas, perguntaram a rezão; ao que respondi, que levava-mos pera as vestir, se acaso aquele meu irmão fosse morto, em sinal de // [4v.] dó, por ser aquela a cor que se usava nas nossas terras; então ficaram mais persuadidos que teria lá algum irmão, como dizia¹⁶. Depois de cinco dias nos deixaram passar por particular merce de Deus; e nós com toda a brevidade possivel, fomos caminhando obra de quinze dias por serras menos fragosas que as passadas; e pas-sadas elas, chegamos a outras cheias de neve, nas quais a sombra e a frescura de fontes nos era já menos necessaria por haver já grande frio. Passamos o rio Ganges muitas vezes, não por pontes de corda

¹⁴ [Aparentemente a ideia é opostal].

¹⁵ [Conforme consta no original].

¹⁶ Como Hergé em *Tintim no Tibete*, Andrade utiliza aqui o «arquétipo» ou a «parábola» da «busca do irmão perdido».

bem dificultosas, como no caminho que tínhamos deixado atrás, mas por cima da neve que o cobria por grandes tratos, indo ele fazendo por baixo seu curso com grande estrondo. Não pude entender como era possível cair tanta neve que abobadasse tão caudaloso rio sem serem bastantes suas águas a levá-la e derretê-la. Parece-me que das serras ao pé das quais ele corre, não podendo sustentar a *machina* e grande peso da neve, cai sobre este rio como a montes, ficando com o peso e queda mais composta e densa, cobrindo assi por cima em muitas partes como um tiro de espingarda, em outras mais, e em outras menos; deixando em lugares ùas concavidades e aberturas medonhas, que não causam pequeno pavor aos que passam por cima, não sabendo a que hora e ponto cairão aquelas abobadas, como caem muitas vezes, servindo a muitos de sepultura.

Assi fomos passando alguns dias, até que a cabo de mes e meio chegamos ao pagode Badrid [*Badrīnāthi*]¹⁷, que está nos confins das terras do Sirinagar. A este há grande concurso de gente, ainda das partes mais remotas, como de Ceilão e Bisnaga [*Vijayanāgar*], e outras que a ele vêm em romaria. Quando de Goa voltamos, vieram em nossa companhia dois moços chingalas de Ceilão, cumprida já sua romaria a este pagode. Queixaram-se que não acharam esmolas pera se sustentar, e que padeciam muita falta // [5r.]. Compadeci-me deles e mandei-lhe[s] dar uns *bazarucos*, que faziam um *larim*¹⁸ de Goa. Porém sabendo eles que não eramos gentios, não aceitaram esmola, dizendo que só de brâmenes, ou de baneanos a recebiam¹⁹.

Está este pagode Badrid situado ao pé de ùa serra de que nascem varias fontes de muito boa água; entre outras brota ùa de água tão quente, que a não pode suportar a mão por breve espaço, a qual se reparte por tres partes, ficando a cada ùa como um boi de água; e assi entra em varios tanques, nos quais temperada com outra fria se lavam osromeiros, havendo que com ela purificavam suas almas, e ficam sem pecado algum; e não há pera eles na vida bem-aventurança maior, que se chegar a se lavarem nesta água purificadora de suas almas. Está este pagode com os pés em o proprio lugar donde a fonte brota, que aqui o puseram os seus brâmenes, fingindo a esta outras mil patranhas. Entre elas dizem que o fogo vendo-se cheio de peca-

¹⁷ Badrīnāth fica a 3700 m de altitude. Cf. C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, p. 51.

¹⁸ *Bazarucos*: pequena moeda indiana de cobre ou estanho, utilizada em Goa. *Larim*: moeda de prata de origem persa, utilizada no Oriente.

¹⁹ *Baniian*: *vāniya*, casta de mercadores. Cf. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 91.

dos, pelos muitos males que fazia no mundo, abrasando casas e fazendas, consumindo campos e arvoredos, pesaroso de tão graves culpas se fora pedir remedio delas ao pagode Badrid, o qual lhe disse que ficasse naquele lugar com ele, que assi ficaria purgado de todos aqueles pecados. Teve o fogo por grande merce esta que lhe fazia o pagode, e assi se ficou a seus pés; e por isso saía aquela fonte de água tão quente como viamos. Fiz-lhe instancia, que se o fogo estava aos pés do pagode, como dizia, tão manso e quieto, «como fazia ainda pelo mundo os mesmos males que primeiro, abrasando quanto encontrava?» Responderam, que o fogo que andava agora pelo mundo era ãa só parte das quinze que tem o fogo e que, ficando as catorze quietas aos pés do Badrid, aquecendo aquela fonte, a decima quinta fazia os males que lhe apontavam. Dizem mais que o pagode tudo quanto tocava // [5v.] primeiro, tornava em ouro, ou fossem paus, ou pedras, ou qualquer outra materia; mas que um ferreiro por cobiça, levou certa quantidade de ferro, e lançando-o no fogo que aos pés do Badrid estava por assi o abrandar, e fazer maior pera ficar com mais ouro, tocando-o no pagode com esta cobiça e com o ferro ainda quente, se ressentira tanto dele, que nunca mais quisera converter as cousas em ouro, como de primeiro. Destas patranhas contam muitas. As ofertas que no seu tesouro entram são sem conto, e assi dizem que é grandissimo o tesouro que tem de ouro, prata, aljôfar, e pedraria. Tirados tres meses do ano todos os mais está este pagode coberto e engravado na muita neve que cai sobre ele, e as aldeias à roda são neste tempo inabitaveis, passando-se seus moradores pera outras, que estão mais abaixo, tres ou quatro jornadas, onde a neve faz menos impressão.

As gentes destas terras, posto que pertencem ao Raja de Siringar, são porém de outra casta; a linguagem é diferente, comem carne crua, e assi como vão esfolando o carneiro, o vão comendo, principalmente toda a gordura que tem, e os nervos dos pés é pera eles o melhor bocado; as tripas depois de mal enxaguadas na água, as fazem em bocadinhos, e assi as vão logo comendo. Algũa, porém, cozem, mas não lhe esperam mais que a primeira fervura, dizendo que a carne muito cozida perde o sabor e substancia. Comem a neve como entre nós o pão, ou doce. Vendo eu um menino de dois pera tres anos com um pedaço nas mãos comendo dele, me pareceu que lhe faria muito mal; mandei-lhe dar ãas passas, que actualmente nos mandara dar o Raja do pagode, e que lhe tirassem das mãos o torrão da neve; tomou ele as passas, e começando a comer as botou fora logo, chorando pela sua neve. E assi, meninos grandes // [6r.] e pequenos, co-

mem a carne crua, e arroz, assi como vem de Lira [*Lary*]²⁰, e outras sementes desta sorte, e com isto ficam muito fortes e são, bem fora das colicas da India. Aqui lavram e semeiam as mulheres e os homens fiam; estas trazem por joias nas orelhas ùas folhas como olas de palmeira, enroladas de maneira que representam dois fusos que, saindo das orelhas assi direitos, lhe correm pelo rosto um palmo e meio de comprido.

Na ultima destas povoações chamada Maná²¹, estivemos alguns dias esperando que quebrassem as neves de um famoso deserto, que corre daqui até às terras do Tibete, que se pode passar em dois meses do ano somente, não dando elas lugar nos outros dez a comercio algum. Desta aldeia ultima vão subindo logo algũas grandes serras que nos dois meses que por elas há passagem, se atravessam em vinte dias; não tem povoação algũa, porque nem lugar há em que a possa haver, nem arvore, nem erva, nem outra cousa mais que penedias de neve, chovendo de continuo sobre elas. Porém nos dois meses do ano em que há passagem, fica a terra descoberta na fralda dos montes por algũas partes e, onde não fica, estão as neves tão compactas, que é facil passar por cima. Não se acha porém lenha nem cousa em que acender fogo; e assi a matalotagem que usam os passageiros é farinha de cevada assada, a qual, quando querem comer, deitam em água e fazem um polme²² que bebem, sem mais tornar ao fogo, porque o não há; e desta maneira passam, e se sustentam naquele deserto. E morrem, porém, muitos, e dizem eles que há certos vapores peçonhentos que a terra descoberta de si lança, de modo que, estando um homem sem lhe doer pé, nem mão, lhe dão uns desmaios que em menos de um quarto de hora // [6v.] acabam; e eu creio que nasce isto da grande frialdade e falta de comer, e assi se lhe apaga o calor natural e falecem de repente²³.

Tanto que as neves dão qualquer lugar, logo o Raja do pagode de Badrid manda pedir licença ao Rei do Tibete, com certo tributo que lhe paga, pera de cá irem as cafilas às suas terras. Alguns dias estivemos esperando com determinação de passar na primeira cafila.

²⁰ Correção de *Lira* para *Lary* (Gujarat). Cf. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 93-94.

²¹ Colo de Mana, actualmente desabitado. Cf. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 28.

²² «*Tsampa*» [*r Tsam pa*], papa de cevada moída e tostada, alimento vulgar no Tibete. Cf. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 28.

²³ Descrição do mal das montanhas.

Porém, neste meio tempo tivemos muitos avisos e sinais manifestos, que o Raja de Sirinagar nos mandava represar, e que não passássemos adiante. Certificados disto, foi grande a aflicção que passamos, vendo que depois de tantos trabalhos passados, e caminhos tão compridos, se cortava assi a nossa pretensão, e se acabavam as esperanças de entrar naquela terra, que pera nós era de mais valia que a de Promissão. Depois de varios discursos nesta materia, e, posto o negocio nas mãos de Deus, pois era seu, me resolvi de intentar o caminho do deserto ocultamente, em que fosse fora de tempo, não duvidando do particular favor e protecção do Céu.

Depois de tomadas todas as informações do caminho e do tempo que na passagem se podia gastar, deixei o irmão²⁴ nesta aldeia, por me parecer que não passaria mal algum, e me pus a caminho ãa madrugada sem ser visto, levando comigo dois moços cristãos, e um serrano daqueles por guia. Ele e qualquer de nós levava um cambolim²⁵ pera se cobrir, e um alforje com algũa cousa pera comer. Caminhamos dois dias com a maior pressa que nos foi possível, posto que com trabalho, por rezão das neves que neste lugar começavam a se passar com dificuldade; se não quando a outro dia pela manhã chegaram a nós outros tres serranos, mandados pelo governador da terra, com grandes ameaças e medo aos que nos guiavam, se fossem mais por diante; dizendo-lhe que sua mulher e filhos ficavam em estreita prisão, e seu fato // [7r.] confiscado e, se logo não voltasse, haviam de morrer todos. E a mim com varias ameaças e medos, procuraram amedrontar, dizendo que meu companheiro que estava na aldeia, passaria muito mal, se eu logo não voltasse, e o fatinho que tínhamos, seria tomado por perdido, e sobretudo que havia de morrer infalivelmente, se ia por diante, por não ser ainda tempo de passar aquele deserto, com outras muitas cousas e espantos desta qualidade. O serrano que nos guiava voltou logo; e eu como tinha todas as informações do caminho, me fui por diante com os dois moços, por se não atreverem tres que tinham vindo a mais que a nos moverem com palavras. Invocado o nome de Jesus e ajuda do Senhor, continuamos por diante. Porém o trabalho que passamos foi muito excessivo, porque nos acontecia muitas vezes ficar encravados dentro na neve, ora até os ombros, ora até os peitos, de ordinario até o joelho,

²⁴ Trata-se de Manuel Marques que não é padre jesuíta, como se afirma no início do relato, mas irmão coadjutor.

²⁵ *Kambliin*: casaco-manta (palavra Konkani). Cf. G. Toscano, *op. cit.*, p. 96.

cansando a sair acima, mais do que se pode crer, e suando suores frios, vendo-nos não poucas vezes em risco de vida. Muitas vezes nos era necessario ir por cima da neve com o corpo, como quem vai nadando, porque desta maneira não se encrava tanto nela. Assi fomos continuando, dormindo as noites sobre a mesma neve, sem ter mais abrigo que deitar um dos tres cambolins que levavamos por cima dela, e cobrindo-nos todos tres com os outros dois. E não era este o maior trabalho, porque mais sentiamos a neve, que começava a cair, das quatro horas da tarde por diante, quase toda a noite, tão miuda e tão espessa, que nos não deixava ver, estando juntos, acompanhada com um vento teso e sobremaneira frio, cobriamo-nos por cima dos cambolins, e o remedio era sacudi-la por muitas vezes, pera não ficarmos enterrados debaixo dela. Nos pés, mãos e rosto, não tinhamos sentimento, porque com o demasiado rigor do frio, ficavamos totalmente sem // [7v.] sentido. Aconteceu-me pegando em não sei quê, cair-me um bom pedaço do dedo, sem eu dar fé disso, nem sentir ferida, se não fora o muito sangue que dela corria. Os pés foram apodrecendo de maneira, que de mui inchados, no-los quei-mavam depois com brasas vivas, e ferros abrasados, e com mui pouco sentimento nosso. A isto se acrescentaram dois grandes males, o primeiro, que cada um de nós tinha um mortal fastio, com que ficavamos como que impossibilitados pera comer. Não me lembra que em doença tivesse outro igual a este, mas a necessidade precisa fazia que sobre todas as repugnancias comesse algũa cousa, e com muita força e com algũas invenções, procurava com os moços o mesmo, mais do que nunca fiz a doentes graves.

A outra cousa que nos foi de pena, era não achar água pera beber, a qual ainda no meio de tais frios nos era bem necessaria, por rezão da secura que causava o muito trabalho. Não era esta falta por faltarem fontes, mas por todas correrem ocultamente por baixo da neve, e pela mesma maneira o rio Ganges, vindo quase todo este caminho por baixo dela. Comiamos pedaços da mesma neve, e às vezes quando o sol começava de aquestar, derretiamos uma pouca em um prato de latão. Nesta forma fomos caminhando até o alto de todas as serras, onde nasce o rio Ganges de um grande tanque, e do mesmo nasce tambem outro que rega as terras do Tibete²⁶.

²⁶ Andrade descobre assim uma das nascentes do Ganges, bem como a de um afluente esporádico do Sutlej; Cf. C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, pp. 60-61 e J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 31.

Já neste tempo tínhamos a vista dos olhos quase toda perdida, mas eu a perdi mais tarde que os moços, pela muita diligencia que fiz em resguardar os olhos, mas não foi bastante pera não ficar quase cego por mais de vinte e cinco dias, sem poder rezar o officio divino, nem ainda conhecer uma só letra do breviário. //

[8r.] Tanto que chegamos ao alto das serras, se seguiam logo ùas grandes campinas das terras do Tibete; mas como já viamos muito mal, nem divisavamos mais que tudo branco, sem se poder discernir por que parte podíamos passar adiante; e assi perdemos todas as esperanças de o poder fazer, faltando-nos os sinais, pelos quais o faziamos até ali; e já neste lugar não estávamos da cidade real²⁷ mais que cinco leguas de caminho e termos como por impossivel podermos já passar avante, pois não aparecia mais que campinas de neve e por outra parte ir-nos faltando o mantimento e os tres moços que era necessario calçá-los, e descalçá-los, cobri-los e descobri-los, e ainda meter-lhe o comer na boca. Tratei com eles o que devíamos fazer, e assentamos naquela noite que a outro dia pela manhã voltassem eles pera a aldeia, onde tinha ficado o irmão, e poderiam lá chegar, andando bem, em seis dias; e eu me ficaria entretanto só ao pé daquela altissima serra em um lugar que, por ser muito humido se derretia nele a neve, e tinha algum abrigo do vento ao longo de ùa grande pedra, com abundância de água do tanque, que acima disse, ficando-me bastante provimento do necessario, pera oito ou nove dias em que o irmão da aldeia me poderia mandar outro, ou ser Deus servido, que apparecesse algum que me guiasse no que restava de caminho até o Tibete.

Chegada a minhã me despedi dos moços, encomendando-lhes quanto pude a diligencia no caminhar, que como havia de ser sempre pera baixo, e por caminho que já sabiam, poderiam mui bem ir com mais presteza, como lhes importava, porque incorria a sua vida e a minha. A resposta foi porém se a chorar como meninos, e que eles // [8v.] sem mim não podiam dar quatro passos, e que por nenhũa via se atreviam sem mim, como na precedente noite me tinham prometido. Nunca com eles pude acabar outra cousa; e assi parece foi Deus servido, porque sem duvida eles morreriam no caminho se fossem sós, como logo experimentei. Nesta forma fui forçado a voltar, quase

²⁷ A capital do Gu-ge, Tsaparang [*rTsa braii*], visitada por S. Hedin, Mackworth Young e G. Tucci no início do século XX, descrita por J. Aschoff; H. Weyer e J. Aschoff, *Tsaparang, Tibets grosses Geheimnis*, Friburgo, 1987; J. Aschoff, *Tsaparang-Königsstadt in Westtibet*, Munique, 1989.

do cabo da jornada, com os mesmos sobressaltos de ser lá represado, com que tinha chegado ali, dos quais me parecia estar já seguro, com ser o caminho à volta muito facil, pois era de continua descida.

Foi, contudo, grande o trabalho que tive em fazer andar os moços, porque já os pés iam tais que se não podiam ter sobre eles; e assi caminhamos de volta tres dias e meio, quando sobre a tarde ouvi ùas vozes como de homem que bradava naquele deserto, mas não vimos quase nada, nem podiamos saber o que seria. Fomos porém endireitando pera aquela parte onde soavam os brados, donde nos veio encontrar um serrano com novas do irmão, o qual lhe deixaram mandar os de Maná, antes o solicitaram muito pera isso, achando-se mui alcançados do que tinham feito, temendo-se que, se nos acontecesse algũa desgraça, como como (*sic*) já imaginavam, lhe tomara o Rei do Tibete estreita conta quando o soubesse. De grande consolação nos foi este homem, do qual soubemos novas certas do irmão. E como os temores de sermos represados estavam já apagados, buscando os da aldeia cousas que dar ao Raja pera nos não impedir, que foi nova de grande alegria. Por este homem nos mandou o irmão um pouco de refresco de grande estima; e foi ùa pouca de farinha de cevada assada, e um pouco de mel, e juntamente pera nos cobrir roupa, e pera nos amparar do frio. Serviu-nos este homem de guia por outros tres dias, no cabo dos quais chegamos a um lugar, em que a neve era pouca e havia covas de pedras debaixo das quais nos podiamos // [9r.] recolher. Distava este lugar da aldeia tres jornadas. Aqui descansamos alguns dias até o irmão chegar, e com ele uma cafila que se antecipou por nosso respeito. Quando chegou o irmão, não o pude conhecer, senão depois de o ter nos braços.

Julgue Vossa Reverencia que consolação haveria entre nós, ainda algūs dias depois do descanso. É, porém, certo, que nunca me vi com tanto alento e forças como neste tão trabalhoso caminho, e mal poderia quem me conheceu, julgar que em mim as haveria pera tantos trabalhos. Depois do irmão chegar nos detivemos por alguns dias naquele lugar, enquanto quebravam mais as neves, em que se passou quase um mes, e houve lugar a tornarmos a fazer de novo o proprio caminho, mas já com mais facilidade e sem trabalho que tivesse semelhança com o primeiro. Só me faltava a mim a vista, e não é muito pois até os mesmos serranos, que desta segunda vez foram connosco, com serem costumados, e nascidos entre as mesmas neves, padeceram grandes dores nos olhos por alguns dias, sem lhe valer antolhos de certas redes que fazem pera defender a vista dos raios do sol que, ferindo a neve, cegava os olhos com a continuação de poucos dias.

Já neste tempo se tinha mandado recado ao Rei do Tibete; e assi teve de nós noticia, mandando ao caminho dois homens, pera nos acompanharem e servirem, ordenando aos da cafila, que tivessem de nós grande cuidado, e nos levassem como cousa muita sua; e a mim me mandou escrever que fosse muito alegre pera suas terras, porque quanto delas me servisse, me daria. Tudo isto sucedeu, pelo que se escreveu de nós ao mesmo Rei, que eramos gente muito estranha e nunca vista por aquelas terras. Tres dias antes de chegarmos, nos mandou tres cavalos, dois pera nós, e outro pera algum dos moços, sendo necessario. Quando já // [9r.] chegamos à cidade, saía a gente pelas ruas, e as mulheres às janelas a nos ver, como cousa mui rara e estranha. O Rei²⁸ por então não apareceu. Estava porém a Rainha a uma varanda do paço, donde nos quis ver. Fizemos-lhe a devida reverencia, e assi nos recolhemos pera ũas casas que nos tinham aparelhadas. Imaginava el-Rei, e assi lho tinham escrito, que nós deviamos trazer algũas perolas e joias de grande preço, posto que não eramos mercadores, pois não podia haver outro fundamento de viagem tão trabalhosa, que empreendêramos. Certificado, porém, já por via de outros quem éramos, e que não éramos mercadores, nem traziamos peças ricas como cuidava, ficou com menor alvoroço de nossa vinda, e sem nos querer falar dois ou tres dias, mandando perguntar o pera que tinhamos vindo. Respondi que eu não viera a suas terras pera comprar e vender, porque não era mercador; assi mais que não tinha vindo pera delas levar cousa algũa, nem dele queria algũas das merces que me tinha mandado oferecer. Só lhe pedia que desse audiencia por espaço de ũa hora, e que então lhe descobriria a causa de minha vinda, e não de outra maneira, mas que estivesse certo, que lhe seria de gosto. Havida a licença, nos recebeu com benevolencia, estando somente com ele um seu cunhado.

Servia de lingua um mouro caxemir²⁹, pelo qual lhe dei conta da pretenção com que viera à sua corte e os muitos trabalhos que a esta conta tinha passado, e saber pera me certificar das novas que me tinham chegado de ser cristão, e seguir com seus povos a verdadeira lei e que, se

²⁸ O último rei do Gu-ge, *Thi Tashii Dagpa* [*Kliri bKra šis grags pa lde*], frequentemente chamado «nosso Chodapô» nos textos jesuítas: «Chodapô» [*c'os bdag po*], «rei protector da Lei ou Dharma». Cf. G. Toscano, *Alla scoperta* [...], p. 166 e p. 370.

²⁹ [No original «queiximir»]. Conversa em persa, única língua asiática falada por Andrade e língua internacional na Índia e na rota da seda, naquela época. Alguns frescos de Tsaparang representam comerciantes muçulmanos de turbante. Cf. J. Aschoff, *Tsaparang* [...], p. 34 e p. 151.

CARTE DU GRAND THIBET, Pour Servir à l'Histoire Univer



era servido, ali me tinha pera declarar e mostrar os erros da sua³⁰, e que desejos de sua salvação somente me faziam desterrar de minha patria, deixar irmãos e amigos, e passar tantos trabalhos; que se aproveitasse da ocasião que Deus lhe metia nas mãos, lembrando-lhe, que por tantos // [10r.] anos atras a não tinha dado a seus antepassados, que se não fizesse indigno das merces que o Céu lhe oferecia, etc.

O mouro como ouviu esta pratica, entendendo nossa pretenção, procurou quanto pôde desfazer nela, segundo se conjecturava do seu falar, de modo que, com eu não entender aquela lingua, me parecia a mim claramente, que usava ele de engano, e fui forçado a o ameaçar algúas vezes que o faria castigar severamente, não sendo fiel em referir a el-Rei, o que se mandava dizer, assi que logo havia de tomar outro lingua gentio, e de novo praticar a el-Rei, o que lhe não queria dizer.

Bastou, porém, o que ele disse a el-Rei, pera el-Rei se deixar entrar, e lhe irmos parecendo melhor que na primeira entrada. A Rainha, que tudo estava ouvindo na outra casa, detras de ùa guarda porta mandou dizer a el-Rei que nos queria ver, e nos falou de pé. Mas, tornados ao Rei, quis ela estar presente, e disse entre outras cousas, que sentia grande pesar de eu não saber sua lingua, porque muito lhe agradara o que tinha ouvido de nossa lei. É esta Rainha tida por mulher prudentissima, e assi o pareceu em seu trato, e nas perguntas e respostas da pratica. Mandaram, por então ser já tarde, que nos recolhessem, mas que folgariam de falar connosco devagar naquelas materias da lei e salvação. Ao dia seguinte fui chamado bem cedo, porque já aquele pequeno grão da mostarda evangelica ia lançando raizes, e causando grandes efeitos nos corações del-Rei e da Rainha. Neste dia, como nos demais, servia um gentio de lingua. Pratiquei devagar de nossa Santa Lei, declarando-lhe alguns misterios principais, com tanto gosto do bom Rei e da Rainha, que daí por diante não podiam estar sem nós outros, não se fartando de ouvir as novas do Céu, e mais sendo tão certo, que o menos do que se lhe dizia podia ser entendido, pois era necessario falar por tres linguas diferentes, // [10v.] entendendo cada qual delas muito pouco da materia que se tratava. Ordenou el-Rei que pera nós não houvesse porta fechada em sua casa, e que a todo tempo entrassemos e saíssemos, como em efeito se fez, ainda nos tempos que se não deixava entrar no paço.

³⁰ Quando da sua chegada ao Tibete, Andrade julga tratar-se de uma montanha-refúgio de cristãos orientais monofisitas ou nestorianos, logo heterodoxos, como a Abissínia, a Arménia, etc.

Quase todos os dias tinhamos presentes do Rei e da Rainha, daquelas cousas que havia na terra, a saber, carneiros, arroz, farinha, manteiga, jagra, passas e vinho de uvas em grande abundancia, de maneira que não só bastava pera os da casa, mas davamos continuas esmolos, abrangendo a muitas caridades. As passas são de duas castas, ùas pretas muito miudas, mas muito boas e doces, outras muito grandes e brancas, mas muito secas e azedas; todas vêm dez ou doze dias de caminho doutras cidades do mesmo Rei, como tambem o vinho de uvas. Passavam-se já muitos dias, e passava-se o tempo em que era necessario voltarmos antes de se fecharem as serras. Pedi licença ao Rei, dilatando-a de dia em dia, não acabava de a dar, até que claramente me disse, que não me deixaria vir de suas terras sem primeiro lhe dar palavra firmada com juramento de logo voltar no seguinte ano pera ficar com ele devagar, já que por então não era possível, conforme as rezões que lhe apontava. Eu, quando o vi tão desejoso de nossa ficada, lhe respondi que lhe daria a palavra que me pedia de voltar logo, sendo contente o meu lama-maior³¹, cujo subdito eu era, como sem falta seria, mas com as condições, que eu lhe daria por escrito, como dei. Foi a primeira, que me havia de dar plenario poder, pera em suas terras poder pregar a Santa Fé sem ninguem me ir à mão. A segunda, que me daria lugar, e sitio pera fazer igreja e casa de oração. Terceira, que me não havia de ocupar em cousas proprias de mercadores, se porventura pretendesse algũas de nossas terras, pois era contra o que professavamos. Quarta, que sendo caso que pelo tempo em // [11r.] diante, fossem alguns mercadores portugueses a suas terras, nós não assistiriamos em compras e vendas de suas peças, nem a semelhantes materias, como se nunca houvesse tais mercadores. Quinta, que não daria credito a cousa algũa que lhe dissessem os mouros caxemires contra nós, pois eram mui contrarios à nossa Santa Lei. A isto acudiu logo a Rainha, que os mouros era má gente, qual era a lei que professavam, e de todo encontrada com a sua, por a qual rezão nem das portas da cidade pera dentro os deixavam viver, como na verdade não deixam e só vêm à cidade a seus tratos. Ouvidas as condições pelo bom Rei e a Rainha, fez logo passar um papel selado com suas armas reais na forma seguinte.

«Nós, el-Rei do reino do Potente [*Bhoṭānta*]³², recebendo grande alegria com a vinda do padre Antonio “Frangim”³³ às nossas terras,

³¹ [No original «lamba mayor»; doravante transcrevemos «lamba» por «lama»].

³² *Potente* = *Bhoṭānta* = Tibete.

³³ Transcrição portuguesa do persa *Farangī* = *Franco*, europeu, portanto português.

pera nos ensinar a Santa Lei, ao qual tomamos por nosso mestre lama-maior, e lhe damos toda a autoridade pera livremente poder pregar e ensinar aos nossos povos a Lei Santa, nem consentiremos que alguém lhe dê por isso molestia, e lhe mandaremos dar sitio e toda a ajuda que quiser, pera fazer casa de oração, e somos contentes que sendo caso que venham a nossas terras mercadores «frangues», o dito padre e seus companheiros não intervenham em cousa algũa na materia de compras e vendas, pois são contra o que professam. Assi, mais não daremos credito a cousa que contra os ditos padres quiserem intentar os mouros, porque bem entendemos que, como não têm lei, assi encontram aos que seguem a verdadeira e pedimos em tudo encarecidamente ao padre grande nos envie logo o dito padre Antonio pera remedio de nossos povos. Dada em Chaparangue [Tsaparang, *rTsa brañi*,] firmada com nossas armas, etc.»

Passou mais outro papel em persa³⁴ por via dos mouros, firmado com suas armas, em que manda a todos os // [11v.] caxemires de Agrá, ou Laor, que têm comercio em suas terras, que sendo chamados por mim, ou por qualquer padre, façam tudo o que lhe mandarem, e por sua via levem nosso fato ao Tibete, como se fosse do proprio Rei.

Tudo isto ordenou pera na viagem não termos molestias com direitos e outras vexações semelhantes. No primeiro dia que falamos com el-Rei, e viu o fato que levavamos, como costumava fazer sempre, que logo parecia de pobres, entre outras coisinhas, achou ãa fermosa imagem de Nossa Senhora, em lamina, com o menino Jesus dormindo, cousa muito perfeita. Ficou pasmado de a ver e a Rainha ainda mais, sem embargo de muitas pinturas muito boas e, quando lhe declarei o que representavam, se lhe dobrou o gosto, em que por grande espaço esteve vendo a santa imagem. Achou mais algũas cruces de Salsete, algũas nominas, e veronicas, e uns cilicios e disciplinas. Perguntou miudamente por cada ãa das cousas, e pera que serviam; o que se lhe declarou quanto foi possivel. Calou-se por então, mas passados algũs dias, quando já estava, e se nos mostrava tão afeiçoado a nossas cousas, como fica dito, me pediu com muita instancia algũas coisinhas pera si, e pera a Rainha, principes, e seus sobrinhos. Não lhas dei logo por lhe acrescentar os desejos e reverencia àquelas cousas. Por muitas vezes mas tornou a pedir, havendo que com elas lhe faria Deus muitas merces, e que lhe ficariam como boas armas contra uns e outros inimigos.

³⁴[No original «Parseo»].

Dois dias antes de me dar licença, lhes levei sete, pera sete pessoas nomeadas, e lhas ofereci todas juntas em um papel, mas ele não nas quis receber assi, dizendo que desse eu a cada um a sua, como fiz, dando a primeira a el-Rei, que a recebeu desbarretado, e com sumula reverencia, pondo-a sobre os olhos e à cabeça, e logo a lançou ao pescoço presa por ùa cadeia de ouro. O mesmo fez a Rainha, que se seguiu, principe, cunhado, e sobrinhos, a cujas pessoas lancei // [12r.] as santas cruces, que lhe ficaram parecendo mui bem. O cunhado, que naquela tarde se partia por general de ùa bem arriscada guerra me disse que ia com a sagrada cruz cheio de confiança, e segurissimo de Nosso Senhor por meio dela os livrar dos perigos da guerra, como livrou, dando-lhe vitoria com muita facilidade e honra sua. Era muito pera ver a grande devoção de todos, e a reverencia com que tratavam as santas reliquias. Dei mais a cada um ùa nomina que lhe lancei ao pescoço, e ao outro dia apareceram todos com as nominas em bolsas de seda pera mais resguardo.

O dia ultimo me deteve o Rei consigo por mais tempo; e eu por despedida lhe ofereci aquela lamina em que estava a imagem da Sacratissima Virgem, e o menino Jesus, de que acima fiz menção, dizendo-lhe que por nenhũa via havia de largar de mim aquela sagrada imagem, mas por estar certo que ele lhe teria todo o respeito e acatamento, lha deixava como um riquissimo tesouro, e como ùa fortaleza inexpugnavel a quem poderia e devia recorrer no meio de todos os perigos e trabalhos da alma e corpo, e estivesse certo de remedio e socorro. Ele estimou a imagem quanto se não pode crer, e posto de joelhos lha pus sobre a cabeça e da Rainha e, porque estava presente muita gente, me pediu lha mostrasse, o que fiz com grande alegria e consolação de todos que, desbarretados e os joelhos em terra, e com as mãos levantadas adoraram a sagrada imagem, com estranha devoção e reverencia e, querendo-lha deixar, logo me pediu a tornasse a levar pera nossa casa, enquanto mandava aparelhar lugar decente pera a recolher, como se fez. Indo eu já com ela nos braços, encontrei em outra sala debaixo ao vedor da Fazenda, acompanhado de muita gente, o qual me pediu, lhe mostrasse a imagem, de que já tinha noticia. Porém um dos que o acompanhavam [disse]³⁵ em lingua persa de que eu sabia algũas palavras, que a desejava ver por curiosidade de cousa tão boa e perfeita. //

[12v.] Ouvida esta palavra, tornei a recolher e cobrir a imagem que já lhe ia mostrando, dizendo que aquelas cousas tão divinas e

³⁵ [Conforme consta no original].

santas não se viam por curiosidade, se não pera lhe fazer a devida reverencia e adoração. O vedor da Fazenda repreendeu asperamente a palavra de que o outro tinha usado, pedindo-me que a mostrasse, porque ele, não por curiosidade, mas pera a adorar de todo o coração a desejava ver. Viu-a com todos os presentes, com tanta devoção e reverencia, que não podia homem reter as lagrimas de consolação, vendo o divino Jesus nos braços de sua mãe santissima, assi adorado e reconhecido por quem é, de gente tão remota e apartada, e nunca vista. Não baptizei logo o Rei e a Rainha, por não ter tempo bastante pera os catequizar, e não os deixar arriscados a retroceder.

Do que mais succedeu até sairmos da cidade

Bem se deixava ver o sentimento em que ficavam o Rei e a Rainha e toda sua corte quando nos partimos, dizendo à despedida que voltassemos com toda a brevidade possivel, porque connosco lhe levavamos o coração. Mandou gente que nos acompanhasse, não só por suas terras, mas até passarmos o deserto; e secretamente tinha dado ordem, pera que das aldeias vizinhas nos fossem cada dia dando carneiros, arroz e manteiga. Passados tres dias de caminho, mandou tres homens à posta, com seis cestinhos de pessegos pequenos, mas muito bons, em que viriam mais de dois mil, mandando-nos dizer que aquela fruta lhe viera doutra cidade, doze ou quinze dias de caminho, que no-la mandava em sinal de amor e que lhe mandassemos novas de como iam. Agradecemos-lhe quanto pudemos a lembrança, que sem duvida era sinal de afeição que mostrava // [13r.].

Assi fomos caminhando até entrar nas serras do deserto, donde despedimos a gente, que nos acompanhava, posto que com repugnancia sua por algum medo que tinham do Rei em nos deixar tão cedo sem sua ordem.

Grandes foram os trabalhos que sobrevieram a el-Rei, pouco depois de sairmos de sua terra, e foi o caso, que além de tres rajas seus vassallos unidos entre si, se levantaram contra ele com grande poder, tendo o dito Rei avocada sua soldadesca pera esta empresa que distava muitos dias de caminho. Succedeu que o Raja de Sirinagar moveu tambem de repente guerra contra o mesmo, parece que confederado com os outros tres; e foi com tanto segredo, que se não soube nada no Tibete, senão depois de seus exercitos estarem bem à porta, porque, não se temendo o Rei do Tibete deste Raja, foi deixando a soldadesca das terras a ele vizinhas contra os tres levanta-

dos, e o de Sirinagar em todo o segredo, tomou tres caminhos, que das suas terras vão dar nas do Tibete, não deixando passar quem pudesse levar novas. Por um destes caminhos mandou um exercito de cinquenta e dois mil homens³⁶, com quinze mil espingardas, e vinte peças de artilharia miuda. Por outro caminho foi outro exercito de dezasseis mil homens, e por o terceiro, outra soldadesca em menor numero. Aquele corpo maior do exercito chegou primeiro a certa fortaleza do Tibete, em que só havia trinta soldados, os quais na primeira noite se resolveram a dar no exercito inimigo e mataram perto de trezentos homens, chegando à tenda do capitão a quem buscavam e lhe tomaram ùa insignia real. Porém, como o numero era tão pequeno, recolhidos outra vez à fortaleza, a foram despejando do que poderam, ao cabo de alguns dias a largaram. Ficou o exercito inimigo sobremaneira atemorizado e na verdade os do Tibete é gente mui valerosa, e mui exercitada nas // [13v.] armas, e os de Sirinagar são serranos, que não sabem mais que de lavouras. Sucedeu mais, que nestes dias choveu muita neve, com a qual morreram muitos do exercito. As espias do exercito, que iam por outro caminho, foram tomadas com algũa gente, os quais fingindo ùa carta do pagode Badrid, disseram que iam tratar pazes e assi evitaram o castigo que lhe haviam de dar. Estes nos disseram, quando depois voltaram pera a sua aldeia, que a primeira cousa por que o Rei do Tibete lhe perguntara foram novas nossas, como e donde ficavamos, se nos tinham deixado passar e, dizendo-lhe as espias que ficavamos bem na sua aldeia, mostrou disso particular prazer. O outro exercito chegou por outra parte e não fez mais, atemorizado de muita gente de cavalo, que sobre ele se ia ajuntando, de maneira que o geral de Sirinagar cometeu pazes, vendo-se já em aperto, porque se lhe tinham tomados os caminhos nas serras por onde lhe havia de vir mantimento, de sorte que com dificuldade poderia voltar atras, e ir por diante não lhe era menos dificultoso pela muita gente que ia recrescendo cada hora e pelo grande medo que no seu exercito havia dos tibetenses. Estavamos nós neste tempo em Maná bem afligidos, temendo algũa grande ruina àquele bom Rei, que de tão grossos exercitos estava rodeado, e fizemos as orações, e votos que nos pareceu. Foi Deus servido que as pazes se efectuassem em breve tempo com o de Sirinagar, e os outros tres fossem vencidos e sujeitos, e por agora neste estado fica o Rei do Tibete. //

³⁶Poderá tratar-se de um exagero, como já referido na Introdução, p. 25.

[14r.] *Da qualidade da terra do Tibete e da sua gente*

As terras do Tibete são muito grandes, segundo a informação que delas tivemos, e parece que mais pelo ser tão frescas e abundantes, pois nelas há muito mantimento de trigo e arroz, etc. De frutas, como uvas, pessegos, e outras, como atrás fica dito, e assi no-lo certificaram muitas pessoas praticas naquelas terras. Porém, a cidade real a que chegamos, que tambem é a primeira desta banda, é a mais esteril que tenho visto, porque nela somente se dá algum trigo nas partes que se podem regar com o rio. Tem muito gado de carneiros, cabras, cavalos, e nada mais, de sorte que nem ùa só arvore se achará em muitas leguas, nem erva nos campos, mais que donde chega algũa água das fontes ou do rio, e isto por rezão das neves continuas, ou por falta de chuva, que naquelas partes é mui pouca. Porém, em tres meses do ano que as neves faltam, no campo cresce logo a erva, e concorre o gado, que nos demais tempos anda em outras terras. Não há açúcar, nem *jagra*³⁷, nem fruta algũa, nem hortaliça, nem legumes, nem galinhas, e assi do mais; vem-lhe porém muito mantimento de fora, assi carne, trigo, arroz, manteiga, não lhe falta³⁸. Costumam e dizem os mouros caxemires, que o Inferno está debaixo daquela terra, pela grande esterilidade que nela há.

A gente pela maior parte é bem afeiçoada, valerosa, dada a guerras, em que de continuo anda exercitada, e sobretudo, muito pia e inclinada às cousas de Nosso Senhor; rezam certas orações, principalmente nas madrugadas; trazem todos // [14v.] infalivelmente, assi homens, como mulheres, como meninos, grandes relicarios de prata, ouro, e cobre e, o que dentro anda por reliquia são certos papeis escritos com palavras santas dos seus livros³⁹, que lhe dão os seus lamas, a quem têm grande respeito. Trazem estas reliquias, não ao pescoço, mas a tiracolo. Vestem-se de panos finos de lã, trazem barretes como os dos nossos soldados, cabaias de diferente feitio destas do Hindustão, todos usam de botas mui bem feitas e de muito bom couro.

Os lamas são os seus sacerdotes, muitos e em grande numero. Uns vivem em comunidade como os nossos religiosos, outros em suas casas particulares, como clerigos entre nós. Todos, porém, pro-

³⁷ *Jagra*: palavra indo-portuguesa que designa o açúcar de palma.

³⁸ Graças ao comércio.

³⁹ Fórmulas sânscritas extraídas dos livros santos do budismo Mahāyāna. Cf. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 113.

fessam pobreza e vivem de esmolos. É gente de muito bom viver, não se casam⁴⁰, ocupam-se a maior parte do dia em rezar, e pelo menos o fazem pelas menhãs, por espaço de duas horas, e à tarde outro tanto. Cantam a nosso modo suavemente, como cantochão entre nós. O pai que tem dois filhos faz um desta profissão dos lamas. O proprio Rei tem um irmão também lama, com não ter outro. Parece gente muito mansa e, até nos seculares se ouvirá raramente ùa palavra mal soante. Têm casas de oração como as nossas igrejas, mas muito limpas, pintadas pelos tectos e paredes; e com serem em suas pessoas e vestidos pouco limpos, geralmente no que toca às igrejas, as têm sobremaneira limpas; as imagens são de ouro, e ùa que vimos em Chaparangué estava assentada com as mãos levantadas; representava ùa mulher, que eles dizem ser a Mãe de Deus⁴¹; e assi reconhecem o misterio da Encarnação, dizendo que o Filho de Deus se fez homem; têm mais o misterio da Santissima Trindade, mui distinto, e dizem que Deus é Trino e Uno. Usam de confissão, mas em certos casos somente com o seu lama-maior⁴². Têm vasos de // [15r.] água benta muito limpos, da qual levam os particulares pera sua casa. Usam certos lavatorios que parece representam o sagrado baptismo. Têm a lei dos mouros por abominavel, e zombam muito da do gentio.

Quando iamoss passando o deserto, chegamos a certo lugar, em que estava um pagode ao qual costumavam os gentios sacrificar sempre que passam alguns carneiros⁴³ e fazem muitas cerimoniaes, como fizeram quando agora passamos; fingem sempre entre outras muitas cousas, que sempre nestes actos entra o diabo em algum deles, que lhe faz fazer cousas muito extraordinarias. E esta vez entrou em um que, tomando ùa espada nas mãos como doido, dava muitos golpes em si, arremetia a quem achava. Depois se foi carregar de pedras bem de vezes, dizendo que o diabo lhe fazia obrar semelhantes cousas; dava grandes gritos escumando pela boca. Estiveram presentes a este acto os dois homens que el-Rei do Tibete

⁴⁰ Inexacto, uma vez que existem certos lamas que são casados. Mas desde o início do século XV, o Gu-ge pertence aos Gelugpa («Mitras amarelas»). Cf. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 33.

⁴¹ Muito provavelmente a Tārā branca que se pode ver no Templo Vermelho. Cf. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 152, reproduzida na capa deste livro.

⁴² Sânc. *pratimoksa*, tib. *gSo sbyo'i ba*, confissão exclusivamente monástica?

⁴³ Esses pagãos pacificadores seriam os adeptos da religião Bön. Cf. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*.

nos tinha mandado e fizeram grandes zombarias das cerimoniaes dos gentios, dizendo por muitas vezes, que nelas mostravam qual era a sua lei.

Porém, os mesmos tibetenses têm algũas cousas que parecem bem fora de proposito e muito semelhantes às dos outros gentios, como a seguinte. Todos os meses se ajuntam os lamas no primeiro dia, e depois de estarem a maior parte do dia cantando a seus instrumentos, ordenam ãa procissão em que levam muitas bandeiras, tambores, trombetas; e eles assi ordenados, cantando ao som de seus instrumentos, saem pela cidade fora, indo no meio desta procissão tres figuras horrendas dos diabos. O fim desta procissão, segundo dizem, é ir lançar fora o diabo e sombras más, como quem faz exorcismos, pera que não façam aquele mes mal algum à cidade, pera este efeito levam estas figuras. Depois de feitas algũas cerimoniaes, tornam pera suas casas mui contentes e seguros, que naquele mes não // [15v.] sucederá cousa de mal algum⁴⁴. Da mesma seita que segue a gente deste reino e da mesma linguagem são outros muitos reinos que se seguem ao diante, que confinam com a China. Estando nós presentes vieram a esta cidade passante de duzentos homens mercadores com varias cousas da mesma China, que eles dizem compravam lá em suas terras aos chinas, e as trazem a vender cá e vêm estas cafilas todos os anos. As fazendas mais ordinarias são algũas sedas grossas, muitas porcelanas, e chá de que há grande uso no Tibete e por isso é carissimo, e outras semelhantes. Pelo que sendo esta a qualidade da gente e terras do Tibete, e tão estendidos os reinos, bem se deixa ver quão grande porta nos abriu o Senhor pera a promulgação do seu sagrado Evangelho. E como Vossa Reverencia e os mais padres amantissimos dessa India têm tanto nos olhos e coração o bem das missões⁴⁵ como vemos naquelas que ainda prometem de si menos fruto, como o Massalagem, S. Lourenço⁴⁶, os rios de Guama, e outras muitas no Sul, onde os padres não são bem recebidos, antes lançados de fora, com tudo isto instam ãa e outra vez por tornar, passando mil dificuldades, por ganhar algũas almas pera o Céu, claro fica o muito que Vossa Reverencia meterá de cabedal pera esta outra missão, que tanto de

⁴⁴Cerimónia expiatória de «destruição do inimigo», de origem pré-búdica. Cf. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 118-119.

⁴⁵Diversas missões dependentes da província de Goa.

⁴⁶Madagáscar.

si promete; tomar pé, não duvido que o tome, por meio das orações e sacrificios de Vossa Reverencia, nos quais e em sua benção muito me encomendo, etc.

Agrá, 8 de Novembro de 624.

António de Andrade

LAUS DEO

LICENÇAS

Pode-se imprimir. Lisboa, 22 de Setembro de 626 — O Bispo Inquisidor Geral.

Pode-se imprimir, a 26 de Setembro de 626 — Eugenio Cabreira.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Oficio e Ordinario, e não correrá sem ser taxado. Em Lisboa, a 28 de Setembro de 626 — D. de Melo — Mesquita.

Está conforme com seu original, a 9 de Outubro de 626 — O Bispo Inquisidor Geral.

Taxam esta relação em um vintem, a 19 de Outubro de 626 — Mesquita — Cabral.



SEGUNDA CARTA
DE ANTÓNIO DE ANDRADE

Annua do Tibete⁴⁷ do ano de 1626.
1.^a Via //

[fl. 3] Muito Reverendo em Cristo Padre
Pax Christi

Nesta pretendo dar a Vossa Paternidade ùa breve relação desta missão do Tibete em que temos entrado cinco da Companhia⁴⁸; e porque até agora nada tenho escrito sobre varias cousas que dela se podem apontar, dividirei brevemente a materia desta em breves capitulos, pera maior clareza.

Da entrada que fizemos nestas terras

Mais de vinte e cinco anos correram depois que tivemos as primeiras novas destas vastissimas nações por via dos mouros caxemires, que às mais vizinhas do Hindustão, pouco antes tinham vindo com suas mercancias e afirmavam que o «Grão Thibet» era todo de cristãos pela semelhança que havia entre os nossos, e seus templos. Por este nome de «Thibet Grande» nomeiam os persas estas terras, (a que os hindustões chamam Potente) pera distinção de outro «Thibet Pequeno», que corre alem do reino de Caximir, que é todo já de mouros⁴⁹, os quais sendo há poucos anos gentios receberam a infame seita. Ouvidas estas novas, que foram de grande alegria, pretenderam os padres que residiam na corte del-Rei mogol tomar inteira

⁴⁷ [No original «Thibat»].

⁴⁸ Alano dos Anjos (de seu verdadeiro nome: Alain de la Beauchère), Francisco Godinho, João de Oliveira, Manuel Marques, António de Andrade.

⁴⁹ O Pequeno Tibete ou Baltistão é muçulmano desde 1400.

noticia do que na verdade passava e pera isso partiu um padre⁵⁰ do mesmo Caximir em descobrimento destas nações. Foram, porém, tantas as dificuldades que se ofereceram na passagem que não foi possível ir muito adiante, particularmente por razão das grandes neves que de continuo cursam nestes caminhos, e assim foi forçado voltar pera o Hindustão.

Depois de alguns anos residindo eu na corte del-Rei mogol, tive varias informações desta jornada, assim por via dos mouros caxmires, como de pessoas graves que dela tinham noticia, e achei que todas conformavam entre si, pelas quais parecia ser a gente toda cristã, e ter recebida a verdadeira fé nos tempos antigos. Mas por muito // [fl. 3v.] que se desejava tomar perfeita e certa noticia do que havia não se achava modo pera passar, particularmente pelas grandes dificuldades que representavam os mouros nesta viagem. Sucedeu pois, que no principio de Abril de 624, partindo-me de Agrá com o irmão Manuel Marques com intento de assistir a el-Rei mogol, que ia caminhando pera Lahore, oito dias depois de estarmos a caminho encontrámos um grande numero de gentios que iam em romaria a um famoso pagode por nome Badrid, que está 40 dias de caminho alem do Hindustão, ao pé de um grande deserto que corre entre ele e o Grão Tibete. Vista a ocasião que sem se esperar nos oferecia o Céu, pera em companhia destes gentios poderemos passar até o dito pagode, nos resolvemos a fazer esta jornada em sua companhia, a qual, depois de encomendada a Nosso Senhor, como podemos nos pusemos a caminho.

Foram varias e grandes as dificuldades que tivemos no caminho porque, sem embargo de irmos em trajo do Hindustão, como nos viam de cores diferentes, nos impediam a passagem os regulos que senhoreavam as serras que correm entre o Hindustão e Tibete. O menor destes impedimentos era o caminho aspero e fragroso sobre quanto se pode encarecer, cheio de grandes riscos nos continuos precipicios que nele há. Porém, com mui particular favor do Céu, se facilitaram todos quantos impedimentos o diabo inventou pera impedir esta jornada e entre todos não foi pera mim o menor adoecer-me o irmão⁵¹ antes de termos chegado a meio caminho, tão gravemente que me persuadi o queria o Céu levar pera si no meio daquelas ser-

⁵⁰ Alusão às pesquisas efectuadas por Jerónimo Xavier em 1597. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 44-52.

⁵¹ Manuel Marques.

ras em todo o desamparo que podia ser. Porém, foi ele servido que de repente sarasse no dia que se esperava ser o ultimo de sua vida. Animados com esta merce de Deus e com a experiencia que já tinhamos da facilidade com que aplainava as dificuldades que se entrepunham no tempo em que pareciam ser maiores, fizemos o mais do caminho até o pagode Badrid, onde depois de chegados recresceram mais e mais as dificuldades na passagem até que, // [fl. 4] aplainadas elas, como podiamos desejar, e chegando já perto do Tibete, avisamos ao primeiro Rei de nossa chegada.

Festejou-a ele muito e nos mandou receber quatro dias antes ao caminho com mostras de amor, imaginando que eramos mercadores e que trariam muitas perolas e cousas ricas, como lhe tinham dito os caxemires que estavam na sua primeira cidade, informados de outro que de Badrid, onde estava, passou o deserto em nossa companhia. Porém, tanto que chegamos a este Chaparangue, que é a sua primeira cidade, e em que ele reside mais de ordinario por estar na boca de dois caminhos por onde podem ser entradas suas terras de dois rajas gentios muito poderosos, e sabendo dos seus que, nem eramos mercadores, nem tinhamos o que ele imaginava, nos mandou fazer varias perguntas sobre nossa vinda a suas terras, tendo-nos por alguns dias fechados, como em tronco, donde não podiamos sair. Por vezes respondi a estes recados que eu tinha certas cousas graves que lhe dizer, de que ele sem duvida receberia muito gosto. Porém, que as não diria a outra pessoa, senão a ele, que lhe pedia me fizesse merce de dar audiencia só por espaço de ùa hora, pois só esta queria dele. Passados seis ou sete dias mandou dizer que nos ouviria. Foi o lingua certo mouro que, ou por medo que de nossa ficada nesta terra se lhe diminuiriam seus proveitos, imaginando que fariamos mercancias como eles, ou por zelo de sua seita, se houve de maneira que muito pouco referia ao Rei do que lhe diziamos, mas logo o entendi e lhe fiz grandes medos se não referia fielmente o que se lhe encomendava. Enfim, foi necessario tomar logo por lingua a um gentio que muito nos serviu no tempo que cá ficamos.

Neste primeiro dia fomos mui pouco aceites por causa do mouro interprete, porém logo adiante se foi o Rei mostrando mais favoravel e lhe pareciam muito bem as cousas de nossa Santa Fé, de maneira que em breves dias não se fartava // [fl. 4v.] já de falar connosco e de fazer varias perguntas acerca delas. Como o vi assim entrado, lhe disse, que nós haviamos de voltar pera o Hindustão, mas que depressa voltariamos a suas terras se nos dava licença de pregar nelas a verdadeira lei de Deus. Bem sentiu o Rei havermo-lo de deixar e

nós o sentimos muito mais. Porém, duas razões nos forçavam a voltar ao Hindustão: a primeira termos vindo sem ordem dos superiores de Goa, por se não poder esperar por ela; a segunda por nos faltar o necessario pera dizer missa que nos foi tomado nas terras de Xiranagar⁵² [Śrīnagār], por onde passamos. Demos, contudo, palavra ao Rei de voltar o ano seguinte, tanto que as neves dessem lugar, mas com varias condições. Primeira, que teriamos liberdade de pregar a lei de Deus sem alguém nos ir à mão, que nos daria sitio pera igreja; que não daria credito a mouros se de nós lhe dissessem algũas cousas falsas, como costumam; que nos não occuparia em fazer vir e comprar cousas das nossas terras, etc., porque nem eramos, nem sabiamos ser mercadores. Todos estes partidos aceitou muito de boa vontade e mandou que se firmassem com suas armas, como se fez.

Despedidos dele, partimos pera o Hindustão depois de estarmos nesta cidade vinte e cinco dias, e chegamos à de Agrá a cabo de sete meses que nesta jornada gastamos e, informados os superiores da India do que passava, e de como não eram estas terras de cristãos, mas que parece o tinham sido algum (*sic*) hora, assentaram que eu em companhia de outro padre⁵³ voltasse no ano seguinte pera o Tibete e que, tomando mais plena informação do que a terra podia dar de si, os avisasse pera proverem de operarios como fosse mais conveniente e gloria do Senhor.

Assim se fez e partimos dois padres de Agrá em principio de Junho de 625. E posto que tivemos algũas dificuldades, não foram contudo como as primeiras. A melhor parte do fatinho que traziamos nos foi tomado, sem embargo // [fl. 5] de trazermos tambem carta del-Rei mogol pera os regulos das serras nos darem por elas passagem pera o Tibete, a cujas terras chegamos no mes de Agosto do mesmo ano de 625.

Tanto que teve novas de nós este bom Rei, foi grande a alegria que recebeu e nos mandou buscar alguns dias ao caminho. Chegamos a este Chaparangué, mas daí a tres dias se partiu ele pera certa guerra em que andou mes e meio; tanto que dela voltou, tratou logo mui de proposito de saber as cousas de nossa Santa Fé, mas como ainda não sabiamos nada da lingua tibetense, foi necessario esperar até ter dela o cabedal necessario pera o catequizar. E neste estado o deixaremos até seu tempo, tratando primeiro de outras cousas.

⁵² [«S» emendado por «X»].

⁵³ Gonçalves de Sousa, que não ficou.

Da qualidade das terras do Tibete, e diversidade de reinos que nele há

O Tibete ou Potente, que de ambos estes modos se nomeia como já disse, compreende o reino de Coquê [*Gu-ge*], que é este em que de presente estamos, o de Ladaca [*Ladakh, La dvags*], o de Mariul [*Mar yul*], o de Rudoc, o de Utsang [*dBus gtsaï*], e outros dois, que lhe ficam pera o Oriente, e todos estes com o grande reino do Sopô [*Sop po*]⁵⁴, que confina por ùa parte com a China e por outra com Moscóvia, fazem a Grão Tartaria. É este imperio do Sopô grandissimo e, segundo dizem, tem mais de cem regulos tributarios. O que chamam Cataio não é reino particular, mas ùa cidade grande, por nome Katai, cabeça de certa provincia mui perto da China, de que dizem ser senhor este monarca dos Sopôs. Em todos estes reinos corre esta mesma seita tibetense sem diferença algũa de momento e com pouca na linguagem nos mais deles. É gente pela maior parte de boa natureza, pia e inclinada às cousas da salvação. Têm grande aversão e odio à seita maometana; não se têm por gentios e, na verdade, são mui diferentes de todos aos de que tivemos noticia até agora. //

[fl. 5v.] Mas descendo ao particular deste Reino em que já estamos e que é a porta unica pera todos os demais, há nele muitos ecclesiasticos a que chamam lamas [*bLama*], os quais se dividem em dez ou doze sortes, mas todos professam a mesma crença, posto que em varios ritos têm diferença entre si. Todos estes lamas vivem sem casar e, na verdade, a fama de sua vida é mui boa. Uns deles vivem em comunidade com superior em seus mosteiros, outros em suas casas particulares. Todos porém, de esmolos que pedem e, por mais que alguns são ricos, não deixam, porém, de as pedir e receber as que lhe[s] dão. Sua profissão é rezar grandes lendas e ler pelo seu livro⁵⁵, à qual lição têm pera si ser tão boa como a oração e este nome lhe dão e que por ela perdoa Deus muitos pecados. O trajo é de panos de lã; nesta forma trazem ùa como⁵⁶ roupeta nossa, mas sem mangas, e assim os braços andam nus; pela cinta cingem outro pano que chega aos pés; a capa é de duas ou tres varas⁵⁷ de comprido e pouco mais de ùa de largo. Todo este trajo é vermelho só a capa ou de vermelho, ou de amarelo. Têm duas sortes de barretes, um a modo de

⁵⁴ Nome tibetano dos mongóis.

⁵⁵ Andrade não evoca aqui a grande colecção canónica do Kanjur [*bKa'ag'jur*], mas o sutra da Sabedoria transcendental [*rDo rje gc'od pa*]. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 49.

⁵⁶ «como» entrelinhado.

⁵⁷ A vara corresponde a cerca de 110cm, variando, todavia, de localidade para localidade.

capelo de frade que só lhe cobre a cabeça e pescoço, e não o peito, outro de que usam os lamas-maiores somente; este é da forma de ùa mitra mas fechado da parte superior.

Varios costumes dos lamas

Têm estes lamas varios costumes, dos quais apontarei brevemente alguns neste lugar. Em certo dia do ano jejuam e chamam ao tal jejum «nhunâ» [*sMyui gnas*], que quer dizer «jejum de grande aperto», porque nele não comem mais que ùa só vez, nem bebem o seu chá, que pera eles é de grande mortificação. Neste dia não falam palavra que formem com a lingua, mas por acenos se declaram. Quando adoecem os animais, como cavalos, vacas, e carneiros, etc., ùa casta destes lamas rezam sobre os ditos animais certas orações pela manhã e à tarde, mas com os dentes fechados e na mesma forma falam com a gente sem os abrir enquanto dura a doença nos animais. Têm alguns outros dias de jejum e que chamam «nhenâ» [*bsÑen gnas*], que quer dizer «jejum ordinario», neste almoçam // [fl. 6] duas vezes pela manhã, comem ao meio-dia carne e tudo o mais que têm. Daí por diante comem doce, passas, leite, etc., e tudo em quanta quantidade querem e acham que jejuam⁵⁸ por não comerem carne mais que ùa só vez, e bebem muitas o seu chá como nos outros dias, e dão por rezão, que o beber do chá muitas vezes é cousa mui agradável a Deus porque com ele se lhe fazem as linguas mais expeditas e prontas pera rezar.

Quando rezam costumam a tanger com trombetas de metal, mas entre elas usam cada dia de outras feitas de braços e pernas de homens mortos. Usam tambem muito de contas feitas de caveiras e, perguntando-lhe[s] eu a rezão deste costume, respondeu o lama irmão del-Rei que usavam das ditas trombetas quando faziam oração a Deus, pera que, ouvindo-as a outra gente, viesse em conhecimento do que muito cedo havia de vir a ser e, que, pela mesma rezão, rezavam por contas de ossos de mortos e bebiam por caveiras como por copos, posto que não tão de ordinario, pera que não fosse menos frequente a lembrança da morte que costuma concertar e ordenar a vida, do que era o rezar pelas contas que lha representavam de continuo trazendo-as entre mãos; e o beber pelas caveiras lhe[s] servia de gostarem menos das cousas da vida, antes lhe ficavam assim servindo

⁵⁸ [«jejuam» entrelinhado].

mais de triaga espiritual pera as almas contra os vícios e paixões da carne que de sustentação corporal pera os corpos⁵⁹.

Não costuma a gente secular frequentar as suas igrejas que quase sempre estão fechadas, somente concorre a elas em dois dias do ano em que estão abertas e, então, as correm tres vezes em roda e no cabo entram a fazer reverencia às imagens⁶⁰. Os lamas as frequentam mais, porque no tempo dos frios por espaço de quatro ou cinco meses estão de continuo nestes templos rezando ora em uns ora em outros por muitas horas, e neles comem e dormem. Fazem grandes reverencias neste tempo de sua oração, ajoelhando-se (digo, debruçando-se) muito amiude. O canto é bem entoado, mas não alevantam muito as vozes. No cabo concluem // [fl. 6v.] estas suas juntas com disputas solenes em que há presidentes e defendentes e trata-se sobre as cousas de seu livro. Elas acabadas se recolhem a suas particulares estancias, mas primeiro fazem varias danças pela terra vestidos com quimões da China, com coroas na cabeça, toalhas nas mãos ou campainhas que tocam todos a compasso. O dançar é muito composto e modesto; não entram, porém, nestas danças senão alguns lamas moços com outros que aprendem pera o ser. Ūa vez disse eu ao lama irmão del-Rei que estranhava entrarem lamas em danças ainda que mancebos, e que os nossos⁶¹ eram tão graves que por nenhum caso da vida se veriam neles acção menos composta e indigna de seu estado. Respondeu que os seus lamas mancebos naquele acto eram figura dos anjos, que por isso levavam coroas nas cabeças e traço diferente, e que assim como nós os representavamos cantando e dançando (porque nesta forma os tinha visto em certo painel do nascimento de Cristo Senhor Nosso), assim entravam estes seus lamas em figura de anjos⁶².

Pintam aos anjos, a que chamão «lâs» [*lha*], de varias maneiras: uns muito fermosos como mancebos, outros em figuras horrendas pelejando contra os demonios, e dizem que os representam nesta forma, não porque a tenham, mas pera exprimir os varios efeitos que têm con-

⁵⁹ Objectos ou ornamentos rituais feitos de ossos humanos [*nis rgyan*] e taças feitas de caveiras [*gt'od p'orj*]. Ver G. Toscano, *op. cit.*, p. 196; J. Aschoff, *op. cit.*, pp. 50-51.

⁶⁰ Os templos estão abertos aos fiéis nos dias 1 e 15 de cada mês e apenas em mais dois dias por ano. J. Aschoff, *op. cit.*, p. 51.

⁶¹ Os jesuítas.

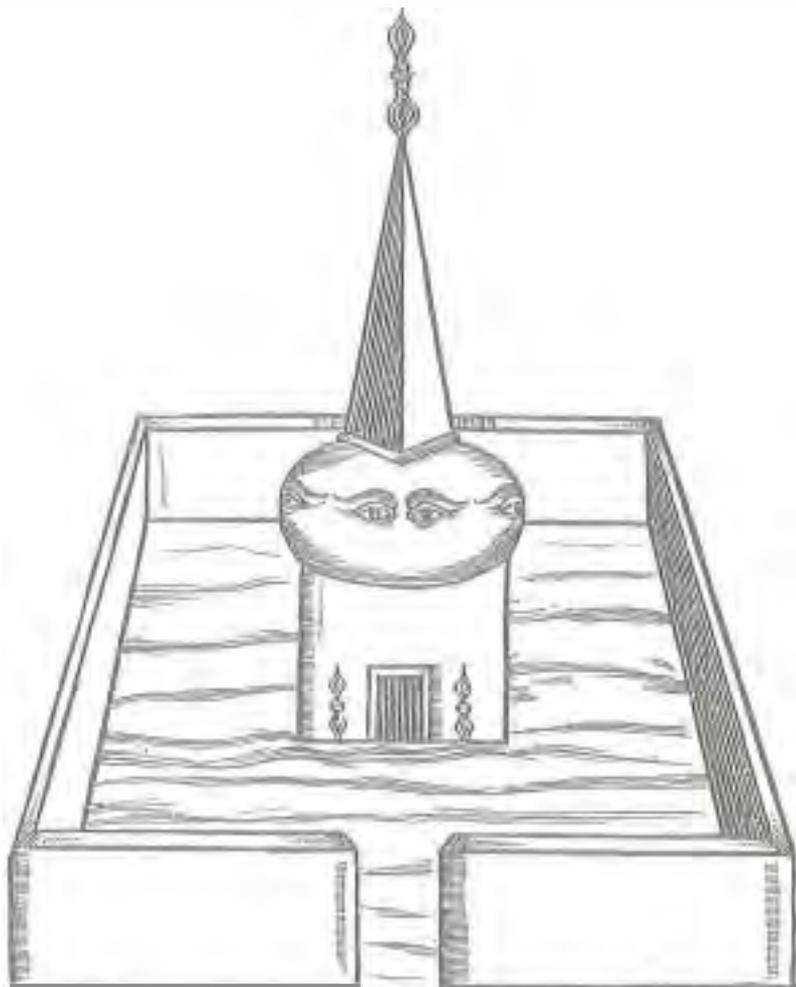
⁶² Estas danças sagradas encenam mais os bodhisattvas do que os espíritos chamados *lhas*, elementos não búdicos retirados quer do bramanismo quer da religião original do Tibete: G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 197-198.



Em cima: Chana Dorje (P'yag na rDo rje), Vajrapâni, divindade poderosa para aterrorizar os demônios, qualificada por Andrade como anjo com aspectos horríveis.

- Em baixo: 1. Lama com tamboril, num «concerto procissão».*
2. Tratar-se-á de uma monja budista cuja existência nunca é referida nestes textos?

tra os espiritos malignos. Crêem, que são sem numero, e que todos se reduzem a nove ordens, todos espiritos, sem corpo, uns maiores, outros menores. Entre outras pinturas destes *lâs* vi por vezes ùa, nesta forma: tinha a figura de mancebo com peito de armas, espada na mão direita com que ameaçava ao diabo que tinha debaixo dos pés e dizem deste *lâ* que é o principal de todos e grande medianeiro entre Deus e



Templo lamaico com duas vajra, uma de cada lado da porta, que Andrade não hesitou em qualificar de «igreja» (pp. 99, 109), reservando o nome «pagode» para os santuários hindus ou bön po (xamanistas), ao contrário de Cacela e Cabral (pp. 238, 244). (Giorgi, Alphabetum, 1762)

os homens. A quem não parecerá ser este *lâ* o arcanjo São Miguel, posto que o não pintem com asas e balança na mão⁶³? E as nove ordens, ou castas deles, os nove coros que temos na Escritura?

Pouco tempo há que fui com el-Rei a ua cidade que // [fl. 7] dista deste Chaparangue meio dia de caminho pera visitar a Rainha sua mãe a primeira vez, a qual tinha vindo a esta terra em romaria. Há nesta cidade muitos templos e perto de quinhentos lamas⁶⁴, porém naqueles dias concorreram de outras partes e estavam juntos dois mil. Quando chegamos perto os achamos já todos esperando a el-Rei, postos em ordem como costumam os nossos religiosos em procissões, ocupavam assim em pé um grande tracto e os principais com certas insignias nas mãos cantando a seu modo. Logo el-Rei se apeou e sobre um pano de seda que lhe estenderam diante fez tres reverencias a toda aquela comunidade de lamas com a cabeça e mãos no chão. Acabada ela fizeram todos ao Rei seis reverencias na mesma forma. Este respeito têm os reis aos seus lamas quando estão em forma de comunidade, não o tendo nenhum aos particulares, salvo ao lama grande, cabeça de todos que ora é seu irmão.

No principio de cada mês fazem os lamas certa procissão em que vão fora da cidade, levam nela varias bandeiras negras e algũas figuras de diabos. Dos lamas uns levam toalhas nas mãos, outros certos modos de atambores a cujo som cantam suas prosas. Leva mais cada um deles um pano pelo rosto que, amarrado detras da cabeça, lhe fica cobrindo a boca, a fim que por ela lhe não entrem as sombras más que então vão lançar fora da terra, pera que nela não sucedam males nem desconcertos no tal mes; e depois que estão fora fazem grandes esconjurações contra os espiritos malignos e se tornam a recolher.

Da mesma maneira no principio de cada mes põem varias bandeiras em certa casa que está no alto deste monte dedicada ao *lâ* padroeiro, cercam-na toda de espadas, escudos, peitos, murriões, etc., e no alto dela tangem trombetas, bradando pelo *lâ*, repetindo por muitas vezes estas palavras «Sango, sango» [*Sains rgyas*]⁶⁵. Perfumam a casa de continuo e no cabo de tudo deitam do alto dela pera baixo certa oferta de pão amassado com manteiga, que tinham oferecida ao *lâ* em sinal de execração; os pobres a recolhem e fazem esta cerimonia, // [fl. 7v.] pera que o *lâ* lhes dê vitoria contra os inimigos. Tambem no principio de cada mes vão certos lamas incensando todas

⁶³ Talvez Mânjuśri à entrada do Templo Vermelho. J. Aschoff, *op. cit.*, p. 52.

⁶⁴ Tholing [*mT'o gliñ*], centro de estudos. J. Aschoff, *op. cit.*, p. 52.

⁶⁵ Nome tibetano do Buda.

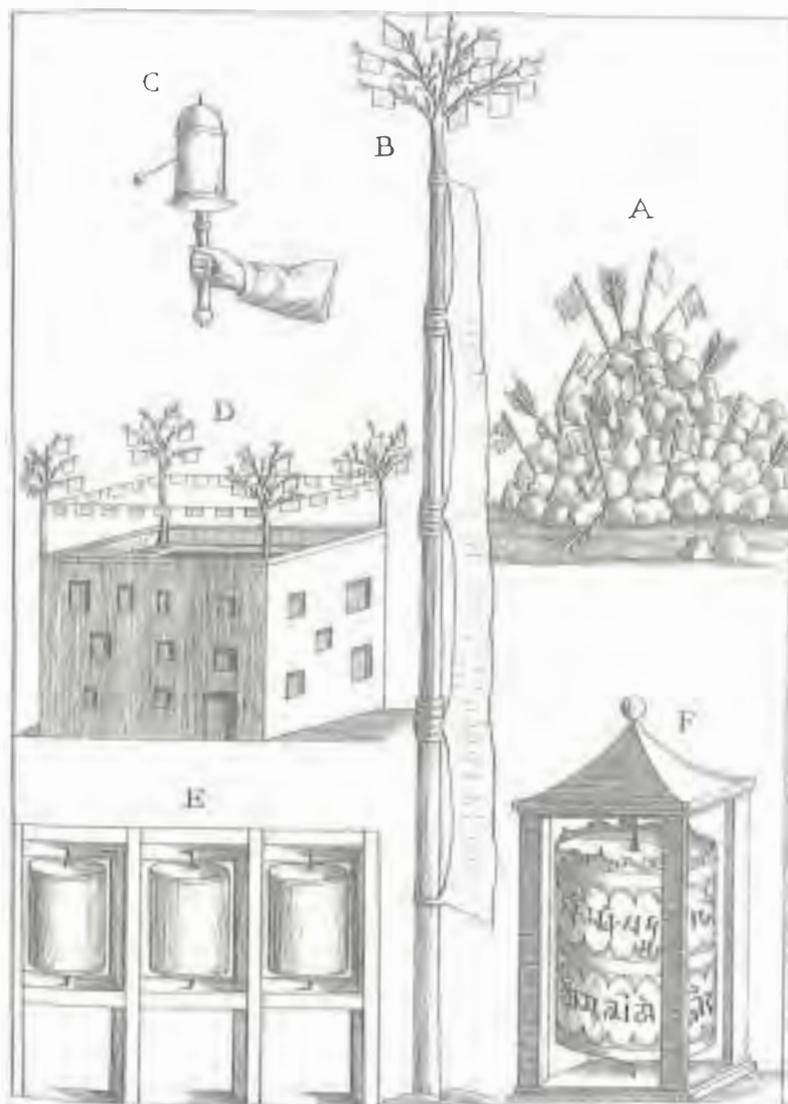


Da esquerda para a direita: 1. Padmasambhava (O rgyan), fundador do lamaísmo no século VIII, com um dorjé ou vajra, como no fim da p. 247. 2. A inscrição latina evoca o «defensor da religião» (mC'od skyoñ) ou dharmapala, uma espécie de oráculo; as bandeiras pequenas, a espada e o escudo fazem lembrar a cerimónia em honra dos lhas referida por Andrade. 3. Nag rampa, graduado em magia negra, contra quem Andrade se manifesta (p. 117).

as casas do Rei, invocando muitas vezes ao lâ pera que nelas não entre mal nenhum. Doutra cerimonia usam algũas vezes entre ano, e é que certos lamas benzem água sobre que rezam por grande espaço o seu livro e lhe deitam dentro coral, ouro e grãos de arroz, e depois disto feito a vão lançando pelas casas como nós água benta e, dizem que os diabos não podem empecer a quem nas ditas casas viver. Sucedeu que, adoecendo eu em uas em que primeiro estava por serem mui expostas ao frio, me quis este bom Rei levar⁶⁶ pera as suas dando-me nelas boa parte. Não consenti neste oferecimento por mais instancias que me fez e deixo as causas, porque facilmente se deixam ver. Disse-me então que junto das suas, pera as quais eu não queria ir, estavam as de seu pai muito boas e abrigadas do frio; porém, que não ousava a mas oferecer, porque se tinha por certo andarem os diabos nelas, de maneira havia já anos estavam sem gente e só estavam ocupadas com fato; a isto lhe respondi que, se delas me fazia merce, me passaria logo pera lá e que dos diabos não havia que ter medo, pois onde estava a Santa Cruz⁶⁷, não tinham eles lugar e fugiam dela

⁶⁶ [«levar» entrelinhado].

⁶⁷ [«Não havia que ter medo, pois onde estava a Santa Cruz» encontra-se riscado e depois reescrito].



*Casa tibetana, com bandeiras em honra dos lhas protectores (D) (p. 112).
 «Árvore da vida» decorada de igual modo (B) e, sobretudo, monte de pedras ou cairn
 (lha tho), com flechas e bandeiras para prestar homenagem aos lhas (p. 113).
 Em contrapartida, nestes textos nunca são evocados os muito célebres moíños
 de orações (C,E,F). (Giorgi, Alphabetum, 1762)*

muito longe. Ainda receava de mas dar temendo-me algũa desgraça, mas depois de o assegurar deste ponto as mandou despejar, e vendo que viviamos nelas com muita quietação e segurança sem sombra algũa das molestias antigas, disse a muitos dos seus lamas o seguinte: «Vós andais lançando da vossa água santa pelas casas, pregoando dela grandes virtudes, mas nunca lhe achamos algũa pera deitar fora e impedir que os diabos não entrassem em tais casas», falando daquelas em que estavamos; «e o padre tanto que entrou nelas, não houve mais diabos, ou sombras mais. O certo é que a vossa água benta tem pouca diferença da que corre lá por aquele rio».

Quando tive novas dos padres que este ano vieram pera cá, os fui receber alguns dias ao caminho. Antes de os encontrar chegamos a certa serra no alto da qual estava um monte de pedras com flechas e bandeirinhas em cima, como costumam em muitas partes. Disseram os que me acompanhavam que era necessario oferecer algũa // [fl. 8] quantidade de ouro ou outra cousa ao *lâ* daquela serra, pera que nos desse bom dia porque estava mui carregado pera chover. Respondi-lhes que chover ou não chover dependia de Deus somente, e assim que eu não ofereceria nada ao *lâ*, mas que estava confiado que o Senhor nos daria bom tempo. «Embora, padre», dizem eles, «mas vós vereis quanta neve e água hoje chove sobre nós»; passamos a serra sem chuva e sem neve, antes com muito bom tempo, atribuindo eles tudo ao «santo livro» que eu levava, que por este nome chamam ao breviario.

Cada ano em certo dia trazem os lavradores algũas vacas pretas⁶⁸, carneiros, e cavalos da mesma cor e juntos muitos lamas lhe[s] fazem muitas cerimoniaes, rezando sobre os tais animais e incensando-os muitas vezes e, perguntando eu a rezão, me disseram que os diabos gostavam muito de viver naqueles animais tão negros, e pera não entrarem neles lhes faziam as tais cerimoniaes com que ficavam sem poder algum de lhes fazer mal.

Há entre esses⁶⁹ lamas muitos que são tidos em grande respeito, particularmente se têm ido a Utsang. A todos estes quando passam pelas ruas concorre a gente secular desbarretada e com as cabeças baixas, sobre as quais lhe põem os lamas as mãos, e crêem todos que com isso ganham perdões. Certo dia perguntei a alguns deles, diante do Rei e Rainha, que virtude tinham as suas mãos postas sobre as cabeças da gente e quem lha comunicara, pois, sendo hoje seculares

⁶⁸ Iaques.

⁶⁹ [«esses» entrelinhado].



Grande lama abençoando.

e vestindo o habito de lamas, logo ao outro dia punham as mãos sobre as cabeças do povo. Não sabiam responder e o Rei os apertava que dessem rezão de quem lhe santificara as mãos e da virtude que de novo nelas tinham pera dar perdões.

Tambem costumam curar os doentes assoprando muitas vezes e muito rijo sobre a parte enferma e rezam algũas orações. Entre outras vi ùa vez a um dando estes assopros e, porque o Rei o viu tambem, fiz que o chamassem e lhe perguntei de que serviam os assopros, pois não eram mezinha, nem tinham em si força pera dar saude: «As palavras», digo, «que vós rezais, se forem santas e de Deus, // [fl. 8v.] poderão ser de efeito pera Deus comunicar saude ao enfermo, mas dos assopros que rezão me dais?» Não soube ele que responder mais que ser costume dos lamas curarem nesta forma aos enfermos. Acudiu então o Rei zombando, e dizendo: «Assopram pera curarem (dizem os nossos lamas) porque como com a boca rezam muito fica ela santificada pera estas obras.»

Todas as vezes que hão-de cometer algũa cousa difficultosa ou que desejam saber⁷⁰ o que passa em lugares distantes, consultam a

⁷⁰ [Segue-se a palavra «algũa» que se encontra riscada].

estes lamas, e é isto tão ordinario e recebido, que até este Rei, com dar muito pouco credito a seus ditos, e a nós grande no que lhe dizemos, e estar informado da pouca força que tem a concorrência dos planetas e respondência das letras e figuras que aplicam pera saberem o que há-de vir, que não depende de causas naturais, contudo neste particular raramente os deixa de consultar.

Sucedeu ãa vez que, desejando ele saber o que tinha sucedido ao seu exercito que tinha mandado a certa empresa, mandou chamar a um lama que aqui tem grande credito de letrado e bom homem e, na verdade, parece tal. Fez ele suas figuras e tirou delas que tal dia vencera o exercito del-Rei; ao contrario e vinha já por caminho com muitas presas. Eu, que vi a segurança com que o lama falava, fiz ãa pratica a el-Rei mostrando-lhe a falsidade do que se lhe dizia, e como o dito lama não podia saber o que passava pelas figuras e letras de que usava, salvo por feitiçaria e consulta do diabo, e isso ainda em cousas que estavam já extra causas. Respondeu o lama que ele não usava nem sabia de feitiçarias nem consultava o diabo (o que tudo é mui abominado nesta terra), mas que só se governava pelo que dizia o seu livro, e que, se o que então dizia não era verdade, o não era tambem o livro por onde o lia. Sucedeu, pois, que em breves dias chegou nova certa do que passava no arraial, e foi que nunca se tinha encontrado com o inimigo, antes se andava desviando por ser mui inferior no poder. Ficou com esta nova o Rei mui triste, dizendo mil males dos seus lamas, que não sabiam mais que enganar o povo com estes ditos pera se autorizarem e receberem dele esmolos. //

[fl. 9] Os juramentos de que usam pera saberem da verdade é sobre imagens que dizem serem de Deus, feitas de barro e pó de ossos de mortos⁷¹, e dizem que o fazem pera que os que juram se lembrem que hão-de morrer e dar conta a Deus sobre cuja imagem juram se o não fizerem com toda a verdade. Deste modo de juramento têm grande medo e contam varios casos e desastres que aos quebrantadores dele têm sucedido. Quando lhe morrem os parentes mais chegados usam de certo dó que é virarem os vestidos com o de dentro pera fora; não usam de barretes, destraçam os cabelos e os trazem assim soltos e descompostos por espaço de um ano. Os corpos dos defuntos no que toca à sepultura pertence aos lamas, os quais segundo a estrela em que morreram lhe dão a sepultura que acham

⁷¹ Medalhões com imagens de divindades ou fórmulas sagradas. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 207.

ser mais conveniente, e esta é em tres maneiras: a uns enterram como nós e, se são gente grave, usam de piramides altas e fermosas nos lugares das sepulturas com remates dourados que parecem muito bem⁷². Outros queimam e das cinzas misturadas com barro fazem as imagens em que juram, como já disse; outros levam os lamas a certa parte alguns dias de caminho e os lançam a um genero de passaros brancos do tamanho de grous e estes são os mais ditosos. Este é o modo de que usam em sepultar os que morrem se viveram bem e sem escandalo; porém, se a vida foi ruim, e como não convinha, despedaçam o corpo do defunto e o botam aos cães, com que atemorizam o povo grandemente.

Quando adoecem costumam os fisicos, que pela maior parte são lamas, acabando de visitar o enfermo, fazer certo modo de comer de farinha e manteiga em mui pequena quantidade, o qual oferecem ao diabo pera que não faça mal ao doente, nem lhe impida a saude. Têm pera si que há certo genero de diabos que andam divididos pelas seras mais vizinhas às cidades e que estes fazem adoecer a gente, pelo que lhes oferecem o que já disse pera os contentar. //

[fl. 9v.] Ûa vez estando este Rei mal disposto, usou um lama seu fisico desta cerimonia. Perguntei-lhe então por que fazia aquela oferta ao diabo, sendo tão grande pecado. Respondeu que pera o contentar e não vir mal ao doente; pois, digo, «o diabo pode fazer mal, ou bem, sem ordem de Deus e contra sua vontade?» Respondeu que não; «pois logo que monta contentá-lo ou não com a tal oferta, pois de qualquer maneira fica impossibilitado pera vos empecer ou fazer bem? Além disto, se ele tem tanta força e é tão senhor que pode fazer os bens ou males que dizeis, como se satisfaz com tão pouca cousa como é o comer de um gato ou rato? Mais, se o diabo é espirito como pode comer o que lhe ofereceis? Vistes algũa hora, de quantas lhe destes de comer, que algũa o recebesse? Não é certo que assim está e estará a tal iguaria sem ele a vir buscar, pois pera que vos deixais levar de ùa ignorancia e cegueira tão crassa?» El-Rei instava a que me respondesse o fisico ao que lhe eu perguntava mas, como não tivesse rezão que dar, respondeu que este era o costume dos seus lamas, mas que eu tinha razão. «Sim, tem», diz El-Rei, «e é mais claro que a luz do sol o que o padre diz, pelo que nunca mais useis em minha casa da tal oferta ao diabo; lá por fora, se o fizerdes, dareis conta a Deus se o fizerdes». Por rezão deste medo que têm do

⁷² Monumento essencial do budismo, *stūpa*, ou *chōrten* [mC'od nen].



Representação de tibetanos esquartejando cadáveres cujos pedaços são levados por pássaros brancos, de acordo com a descrição de Andrade (p. 118), segundo uma edição de 1484 do Livre de Jean de Mandeville.

diabo, põem aos meninos quando nascem varios nomes baixos desta maneira: se a um pai lhe morre o primeiro ou segundo filho, dizem os lamas que o diabo lhos mata, e assim aos filhos que se seguem põem nomes baixos como de cães, ratos, ferreiros (que cá é gente baixa), de ventos frios, etc. E dão esta rezão: que o diabo vendo nos tais meninos nomes tão baixos, faz pouco caso deles como de cousa que pouco importa e assim os não mata, e é este medo tão universal que por ele tem muita gente os nomes que acima disse. Ūa vez fiz a

pergunta seguinte a um lama principal, estando // [fl. 10] presentes outros muitos: «Quando o diabo mata os meninos como vós dizeis, que pretende nisso? Fazer mal ao menino por ser quem é, ou fazer mal ao nome que tem?» Respondeu que fazer mal ao menino, pois logo o nome alto ou baixo pouco importa pera o intento do diabo; nem os nomes fazem altos ou baixos a quem os tem; «alem disto, porventura aqueles a que pondes nomes baixos, nenhuns morrem em meninos; todos vivem?» Respondeu que uns morriam, outros viviam; pois logo, digo, de que servem os nomes baixos se tanto morrem assim como assim? A doutrina que sobre isto lhes dei lhes pareceu muito bem e acrescentou um dos presentes: «Padre, nós não fazemos discurso nestas e em outras cousas semelhantes que, se o fizermos, sem falta cairiamos em muitas ignorancias que temos.»

Fazem grande caso e estimam muito, antes o têm por sinal evidente da salvação se, quando morrem os seus lamas, ficam os corpos assentados sem cair, sobre o que se deve advertir que as camas ordinarias dos lamas é um modo de colchão que tem de grossura dois ou tres dedos de comprimento e [de] largo só tres palmos. E assim o seu dormir é estarem assentados nestas caminhas sem nunca se estenderem, donde, quando morrem na mesma forma estão assentados, pelo que, se os corpos ficam direitos sem cairem pera ùa nem outra banda, é grande sinal da bondade e grande virtude do defunto e em muitos acontece ficarem assim direitos; e tenho por certo succeder isto pela rezão seguinte: em seis ou sete meses são os frios grandes nesta terra, não tanto por rezão da altura em que está, que é só de trinta e um pera trinta e dois graus pera o Norte, quanto pelas muitas e altas seras de que por todas as partes está rodeada, em que a neve dura todo o ano sem nunca se acabar, de maneira que ainda pera dizer missa temos trabalho pera conservar o vinho que se não congele e costumamos aquecê-lo antes de fazer o cálice. Pela mesma rezão do frio grande, costuma esta gente matar os carneiros e vacas em principio de Novembro pera os 7 meses seguintes em que o gado por não ter pasto emagrece notavelmente, e esta carne assim morta, sem lhe deitar sal algum nem pôr ao fumo nem fazer outra cousa, se conserva todos os sete meses e todo o ano sem sombra de corrupção algũa, congelando-se toda por // [fl. 10v.] dentro nos nervos e veias, convertendo-se a humidade que nela há em caramelo, com que fica muito tesa. E esta mesma parece ser a causa de alguns dos seus lamas ficarem assentados sem cairem pera nenhũa parte, ficando os corpos entesados com frio e sem se corromperem, de que eles fazem tanto caso e tiram tantas conjecturas de sua virtude e santidade.

Algũas disputas com os lamas

Não se pode encarecer a Vossa Paternidade o grande amor e respeito que nos têm estes bons reis e as praticas que de continuo há sobre nós em grande credito da fé e nosso e em grande menoscabo dos seus lamas. Tanta afeição mostrou sempre à lei de Nosso Senhor e tão pouca a sua seita, que já o tinham todos mais⁷³ por cristão, que por professor dela. Não há neste reino pessoa a quem el-Rei e Rainha tenham igual respeito como a nós, tirando ao lama seu irmão. Menos há de dois meses que, vindo el-Rei de fora e em sua companhia, porque o fui receber ao caminho quando foi à noite, posto que havia outras tendas de campo, quis que eu ficasse dentro da sua propria, pera que mandou deitar pelo meio ùa divisão com que ele ficou com a metade, e eu com a outra, o que não pude deixar de aceitar por mais que o recusei, e contudo, estando em sua companhia o principe de Ladaca, que é outro reino e outras pessoas das mais graves deste, nem por pensamento lhe passou fazer-lhe esta honra. Porém, maior foi a que se seguiu logo ao outro dia. Vinhamos já perto desta cidade, donde o saiu a receber a mais da gente, saiu tambem pera o mesmo o principe seu filho, e a Rainha velha, mulher de seu avô. É costume nestes encontros assentar-se el-Rei, ficando toda a mais gente em pé, como se fez neste. Assentou-se ele em ùa alcatifa e mandou assentar o principe e logo a mim à sua mão direita, o que não fiz, dizendo-lhe: «A Rainha está em pé, não parece conveniente que eu me assente.» Respondeu «Assentai-vos, que vós sois padre e pai nosso, e ela não»; e como ainda eu repugnasse, a mandou sentar a ela, e então eu me assentei tambem; destes casos poderá (*sic*) apontar muitos e não acabaria nunca se o quisesse fazer dos mimos que cada dia me faz e a Rainha também. //

[fl. 11] Quando vem a nossa casa, o que faz muitas vezes, não indo a nenhũa outra, o primeiro caminho é a igreja a fazer oração, no principio da qual se debruça tres vezes adorando as sagradas imagens e não se farta de perguntar pelas cousas de nossa Santa Fé. O mal é que lhas não posso ainda declarar como convem, porém muitas vezes me tem dito que em sendo catequizado bastantemente se há-de fazer cristão. Vendo pois estes lamas, que são os seus eclesiasticos e podem tudo com a gente secular, como já escrevi, que ele e a Rainha davam tanto por nossas cousas e que lhe faltava muito pouco pera deixarem sua seita e tomarem nossa Santa Lei, feitos em

⁷³ [«mais» entrelinhado].

corpo, trataram com os lamas maiores, tio e irmão do mesmo Rei, este ponto, com intento de atalhar estes bons desejos, temendo que, em se fazendo ele cristão, ficariam eles perdidos e sem o remedio que agora têm vivendo de cantar e tanger nos seus templos, e propuseram aos dois maiores os inconvenientes que disto podiam succeder e o menos credito que a eles ambos redundava, se com a chegada de um estrangeiro a esta terra dentro em cinco ou seis meses deixasse el-Rei a lei de seus avós e tomasse a nossa. Tratando, pois, o tio e irmão com ele este ponto, pretenderam meter-lhe grandes medos e, entre outros, que sem duvida punha seu estado em evidente perigo, pois estando actualmente como estava em guerra com tres regulos, dava de novo ocasião a se levantarem estes lamas, que como são muitos e podem com o povo quanto querem, seria facil haver desconcertos grandes, e a este tom lhe disseram tantas cousas que seria mui largo referi-las. Porém, vendo que el-Rei nem com tudo isto se dobrava, antes lhes respondeu zombando deles, que em se fazendo cristão não havia que ter medos, nem receios, pois ficava então tendo a Deus de sua parte. Usaram de outra invenção mais diabolica, e foi persuadirem-lhe que se ocupasse alguns dias em ler seus livros, dos quais poderia vir em conhecimento do que devia fazer, acerca de mudar ou não sua seita, porque não convem, dizem, «que em materia de tanto porte vos hajais senhor com tanta facilidade. Ponderai devagar o que fazeis, pois alem de assim o pedir toda boa razão, pede-o sobretudo a obrigação que temos // [fl 11v.] a Deus e a nossas consciencias, e não queirais parecer arremessado e que vos tenham os homens por menos considerado do que sois, nem a nós que somos vosso sangue nos estará bem deixar-vos precipitar em materias que ambos entendemos e em que os deveis dar inteiro credito. Não é de vossa profissão saber o que em ponto de religião e salvação temos obrigação de seguir, da nossa sim, e a nós pertence declarar-vos a verdade do que nisto passa e já deveis estar bem inteirado que zelamos só vosso bem».

Tanto lhe souberam dizer que o persuadiram a deixar sua casa e se ir pera a do lama seu irmão, e lá o tiveram mais de dois meses, estando de continuo com ele alem do dito irmão, outros dos seus mais letrados, buscando-lhe e dando-lhe a ler lugares varios de seus livros que mais faziam pera seu intento. Em todo este tempo só duas vezes veio a sua casa, mas de maneira que nem dormiu nela, voltando logo pera a do irmão. Bem entendi a traça do demonio por meio destes seus instrumentos, os lamas, e o perigo em que o bom Rei estava de ser enganado. E pera que o diabo não saisse com seu

intento, ofereci ao Céu todas as missas pera que o Senhor tivesse por bem de aceitar o preço delas em troco do remedio deste arriscado Rei, e não senti pouca confiança no sangue de Jesus Cristo e nos rogos de alguns inocentes⁷⁴ que aqui tenho, ajuntamos jejuns e algũas outras devoções. Neste tempo tratei de visitar o mesmo Rei e mui de proposito armei questões com os seus lamas diante dele, pera que, vendo sua ignorancia, lhe ficassem servindo de laço a eles mesmos, e de meio pera o Rei se livrar melhor do que lhe armavam.

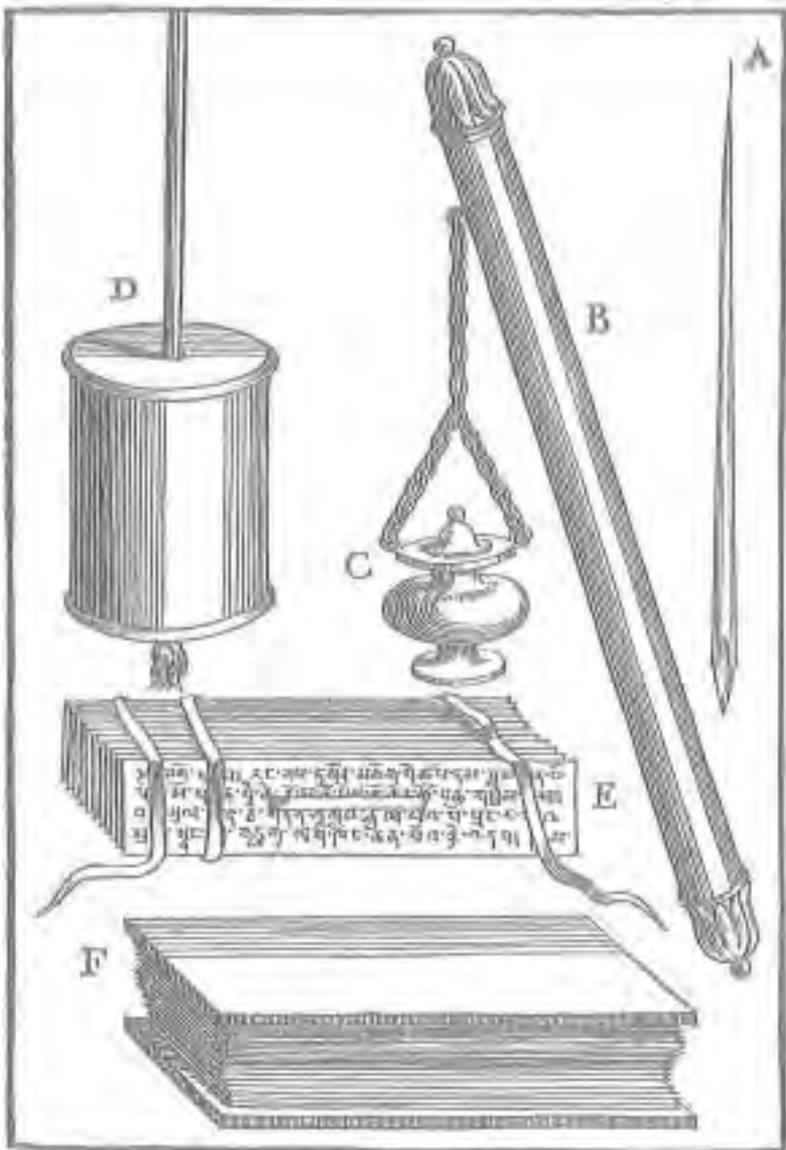
Em todas estas disputas⁷⁵ ficaram sempre corridos e envergonhados e, quando mais não sabiam, davam em zombar, mas tudo isto lhe arguia diante do mesmo Rei. Por muitas vezes tendo entrado em disputas, fingiram e trataram varias cousas pera o divertir; outras usavam na pratica de palavras que eu não pudesse entender, e como de feito as não entendia, ajuntavam que era necessario primeiro saber a lingua tibetense e então ficariam eles e eu satisfeitos. Seria mui largo referir a Vossa Paternidade o sucedido nestas praticas; só direi algũa cousa do que passamos em tres delas.

Foi a primeira sobre este ponto: que cousa era Deus. Dizem eles que Deus é trino e uno. Porém, no modo de explicar ajuntam cousas // [fl. 12] ridiculas. Chamam a Deus, «Lamâ conjoe» [*bLa ma dKon mc'og*], que é como a primeira pessoa; a segunda, «Chô conjoe» [*C'os dKon mc'og*], que quer dizer «Livro grande»; a 3.^a, «Sanguyâ conjoe» [*Saïns rgyas dKon mc'og*], que quer dizer «ver e amar na gloria»⁷⁶. Perguntei se esta 2.^a pessoa, que chamam Chô Conjoe, Livro grande de Deus, era o livro por onde liam e que traziam entre mãos; responderam que sim. Pois, digo, «este livro que aqui tendes e está embrulhado neste pano é Deus? Como pode ser se ele não tem vida e é como uma pedra ou pau, e se o botardes na água ou fogo se desfará brevemente, sendo Deus vivo, eterno e imutavel? Mais, a este fez o escrivão que o escreveu e não consta de outra cousa que de papel e tinta, sendo Deus o que tem de si o ser e o dá a todas as cousas, nem este que me pode fazer de mal ou de bem, pois não tem sentido nem poder. Botado no caixão, aí está e estará sem bulir consigo enquanto vós não bulirdes, sendo Deus vivo, eterno, que a tudo está presente, tudo entende e governa, e tudo sucede por ordem e governo seu».

⁷⁴ Tratar-se-á dos criados (indianos?) dos jesuítas?

⁷⁵ No sentido medieval e clássico de debate teológico contraditório.

⁷⁶ Ver Introdução, *pp. 61-64.



Objectos tradicionais tibetanos: pena (A), incensório (B e C, ver p. 228), moinho de orações (D) e sobreindo livro (E), com o seu estojo de madeira (F), a propósito do qual Andrade teve uma grande discussão teológica com os lamas (pp. 122-123 e 138-139). (Giorgi, *Alphabetum*, 1762)

ALPHABETUM TIBETANUM

MISSIONUM APOSTOLICARUM
COMMODO EDITUM.

PRÆMISSA EST DISQUISITIO

*QUA DE VARIO LITTERARUM AC REGIONIS NOMINE, GENTIS ORIGINE
MORIBUS, SUPERSTITIONE, AC MANICHAËISMO FUSE DISSERITUR.*

BEAUSOBRII CALUMNIÆ IN SANCTUM AUGUSTINUM,
ALIOSQUE ECCLESIAE PATRES REFUTANTUR.

STUDIO ET LABORE

FR. AUGUSTINI ANTONII GEORGII
EREMITÆ AUGUSTINIANI.



ROMÆ MDCCLXII.

Typis SACRÆ CONGREGATIONIS DE PROPAGANDA FIDE.

SUPERIORUM FACULTATE.

Página de rosto da segunda edição (1762) do Alphabetum tibetanum, de Antonio Giorgi, um agostinho italiano especialista em tibetologia no final do séc. XVIII. Como Andrade e os seus companheiros, ele procurava ainda vestígios de cristianismo oriental ou de heresias cristológicas no budismo dos lamas. Uma das suas fontes é o jesuíta Ippolito Desideri.

Ficaram olhando uns pera os outros sem saberem que responder e não estranhe Vossa Paternidade estas rezões e outras de varias materias que adiante apontarei, porque pera esta gente as palpaveis e ordinarias são as melhores pera os persuadir e convencer, que outras teologicas e especulativas, nem as entendem, nem lhe armam seus termos⁷⁷, porque sabem muito pouco. Vendo-os assim suspensos lhes declarei que cousa era Deus trino e uno, pelo melhor modo que me foi possível, pois ainda não achei nesta lingua varias palavras necessarias como pessoa, natureza, procissão⁷⁸, fé, graça, etc., e lhe disse que o seu Chô Conjoe era o Filho de Deus, que era livro, eterno, nascido do entendimento do eterno Padre e que esta palavra e livro era vivo, e não morto e sem sentido, como a eles faziam; que as palavras que estavam no livro escritas eram diferentes desta outra e que a esta chamavamos «Filho de Deus» e tambem «livro», como eles, em que o mesmo Deus se tinha escrito e debuxado a si mesmo⁷⁹. E descendo mais ao particular lhe[s] declarei como esta palavra eterna, o Filho de Deus, se fizera homem, morrera por nós, subira aos Céus, etc. Eles dizem o mesmo, mas com muitos erros de mistura. Quanto à terceira pessoa, a que chamam Sanguiã Conjoe, isto é, «ver e amar na gloria», lhe[s] declarei como era o divino espirito que procedia de ambas as primeiras pessoas amando infinitamente entre si, iguais em tudo, poder, // [fl. 12v.] saber e eternidade, etc.

Porém, tudo muito somenos do que devia ser por me faltar o cabedal necessario pera semelhantes materias, que requerem perfeito saber na lingua. Bastou, porém, o que ouviram pera ficarem admirados e lhe parecerem estas cousas muito bem. No modo da morte do Filho de Deus têm algũas cousas diferentes, dizem que morreu dando o sangue, que à força de pregos metidos pelo corpo saia dele⁸⁰. Porém, da Santa Cruz pouco ou nada sabem; é verdade que no seu livro está e a pintam tambem com um triangulo no meio e certas letras misteriosas de que eles não sabem dar rezão⁸¹.

⁷⁷ [«seus termos» entrelinhado].

⁷⁸ No sentido de «procissão» das Pessoas divinas na Trindade: H. Bartmann, *Précis de théologie dogmatique*, 1, Mulhouse, 1941, pp. 222-225.

⁷⁹ Eco provável de Colossenses 1, 15: «Ele é a imagem do Deus invisível, o primogénito de todas as criaturas.»

⁸⁰ Durante uma das suas existências, o Buda teria adquirido imensos méritos ao deixar-se perfurar por mil pregos, esvaindo-se em sangue: G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 218.

⁸¹ O objecto ritual chamado «duplo dorjé» [rDo rje] (sânscrito *vajra*) tem a forma de uma cruz e tem inscritas sílabas sagradas sânscritas de sentido impenetrável. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 218. Ver ilustrações p. 33.

Nesta cidade residem tres ou quatro homens que são ourives deste Rei, porém naturais de outras terras de que são senhores outros dois reis cada um deles maior que este, segundo dizem, e que professam esta mesma seita. Estes ourives, fazendo-me aqui ùa cruz, afirmaram que havia muitas nas suas terras, que distam destas dois meses de caminho, e acrescentaram que as faziam muito grandes, ùas de madeira, outras de varios metais, as quais tinham dentro das suas igrejas e que em cinco dias do ano as arvoraram nos caminhos, às quais concorria toda a gente e lhe[s] faziam grandes adorações, ofereciam flores e acendiam muitas lampadas e que se chamava a dita cruz em sua lingua «iandar» [*yantra*]. Eu pera mais me certificar do que diziam os fiz chamar diante deste Rei, e Rainha, em cuja presença lhe[s] fiz a sobredita pergunta, dizendo-lhe[s] que tendo respeito aos reis em cuja presença estavam, dissessem na verdade o que havia nesta materia. Todos eles ratificaram com muitas asseverações o que tinham dito.

A segunda pratica que tive com os lamas foi sobre a transmigração das almas. Dizem que dos homens uns são muito bons e sem pecado, estes morrendo se vão direitos ao Céu; outros, muito maus e cheios de vicios e pecados, se vão ao Inferno. Porém, que há outros entre estas duas sortes que fazem pecados mas que tambem fazem boas obras, e que estes morrendo tornam suas almas a entrar em corpos de outros animais. Perguntei-lhe[s] se entravam em todos os animais, elefantes, bois, leões, tigres e se tambem em moscas, formigas e outros desta qualidade. Responderam que sim, que em toda a sorte de vivente, segundo a qualidade das culpas que tinham feito: os muito pecadores em animais piores, como tigres, cobras, ratos; os // [fl. 13] melhores nos animais de mais estima, como em corpos de homens etc., e juntamente segundo os estados que antes tiveram, *v. g.*, os reis tornavam a ser reis, os lamas lamas, os pobres pobres, os ricos ricos, como as contas enfiadas no cordão circular^{B2}, que se vão sucedendo ùas às outras *in infinitum*, sendo sempre as mesmas. Isto ouvido, perguntei pera que tornavam a nascer nesta forma e, juntamente, se destes, tornando a morrer, iam alguns ao Céu. Responderam que os muito maus, ainda que do Inferno tornavam à vida, era depois de muitas centenas de anos lá penarem, porém que os outros tornavam muitas vezes, pera que fazendo mais pecados se fossem ao Inferno a penar. Perguntei no terceiro lugar se todos nós tinhamos já nascido outras vezes e parecia que sim, pois Deus, segundo diziam,

^{B2} [«circular» entrelinhado].

não criava de novo, mas aquela criação que no principio fez, se ia renovando ou revezando de uns em outros, como tinham dito. Deram por resposta que assim era.

«Ora vede agora», digo, «quão evidentemente estais enganados: primeiramente, se Deus tornasse a introduzir as almas em outros corpos a fim de fazerem mais pecado e se irem ao Inferno, ele se poderia chamar causa primeira e autor dos tais pecados e em Deus nem sombra deles pode haver; e que culpa têm nos pecados aqueles que, a fim só de os fazerem Deus fez de tal qualidade? Mais, se os que tornam à vida são pera fazerem mais pecados e se irem ao Inferno outra vez e nenhuns ao Céu logo dos que agora vivem nenhuns podem ir ao Céu pois, conforme ao que tendes dito, todos temos nascido já outras vezes e agora vivemos pera fazermos mais pecados e na morte irmos ao Inferno, ou tornarmos a vida a nascermos em outros corpos. Porém, eu ouço-vos cada hora dizer que esperais de ir ao Céu e que os lamas em morrendo quase todos vão ao Céu e assim aconselhais aos seculares que morrem que façam grandes esmolas aos lamas, porque fazendo-as se salvem, e a esta conta lhe dizeis que as façam grandes, ainda que fiquem seus filhos sem nada, à conta de segurarem a salvação. Logo, ou lhe[s] não falais verdade e os enganais, ou podem eles ir ao Céu se fizerem o que convem». Responderam que alguns iam ao Céu, mas poucos, e que os que tinham ido ao Inferno // [fl. 13v.] já não tinham esperança de tornar lá. Digo mais, «se quando morremos entram nossas almas nos animais pera fazerem mais pecados, logo há neles perfeito conhecimento pera discernirem que fazem mal ou bem quando obram, pois não pode haver pecado aonde não há conhecimento do mal que se põem (*sic*) por obra». Respondeu um que havia pouco tinha chegado de Usang [*dBus gtsaii*], (que como já escrevi, é cabeça e como universidade onde se vão graduar e aprender; e os que dela vêm depois de alguns anos são os estimados e tidos por sabios), disse este, que os animais todos entendiam e que por isso pecavam como o tigre quando matava o carneiro, o gato ao rato, o mosquito ou mosca quando mordiam, etc.; e que bem se via ser isto assim pois, trazendo o comer ao cavalo, logo acudia, mostrando a erva verde ao carneiro, vinha correndo e por outra parte fugia o passaro por temor de lhe fazerem mal e outros animais dos desconhecidos, por entenderem o mal que lhe podia vir deles, e que isto não podia ser sem entenderem e assim quem tinha entendimento pera estas operações não lhe faltaria pera poder pecar ou não. Quando vi este discurso tão fora do que devia ser, me pareceu fazer-lhe outro que dissesse com semelhantes entendimentos.

«Pois, digo, se isso é entender nos animais, e eles têm capacidade pera poder pecar, por que não lançam mão das pedras preciosas, do ouro, da prata, das peças mais ricas e preciosas, antes deixando tudo isto, arremetem a erva que têm diante, ainda quando a fome os não aperta? Por que fazem operações diante dos homens que se as fizera qualquer deles fora tido por mais que doido, por que se não pejaram delas? E porque lhas não estranhamos, sem falta, porque vemos serem brutos como são e incapazes de entenderem o que convem e pede o juízo. Mais, como podem ter entendimento pera o que dizeis e que não tenham memória pera se lembrar do que fizeram outras vezes quando andaram cá na vida? Se el-Rei, que aqui está presente, já veio outras vezes ao mundo, por que se não lembra em que animal apareceu, e de algũa das cousas que então fez, ou ele ou outros, e de algum sucesso daquele tempo, dos com que viveu, dos filhos ou pais que então teve? E devia de se lembrar, pois a memória é potencia da alma, que sempre em toda a parte a acompanha⁸³. Além disto, tanto que aqui morre um em Chaparangue, onde vai buscar o corpo em que há-de entrar, como o acha logo prestes e // [fl. 14] aparelhado. E se isto se faz por virtude e força de Deus, por que não direis antes que quando se forma o homem cria Deus sua alma de novo, pois lhe é tão facil como torna-la a meter em outro corpo⁸⁴? Como pode caber em nenhum entendimento que Deus misericordiosíssimo, que pera dar remedio a nossos pecados fez seu Filho homem, e que morresse por nós todos à força de tantos tormentos, ande por outra parte metendo as almas dos que morrem em varios corpos pera os lançar no Inferno carregados de mais pecados e obrigados a maiores tormentos?»

Neste ponto foi um largo discurso, mas o que por remate de tudo se colheu foi responderem a el-Rei, que os apertava com estas e outras rezões, que eu tinha rezão, mas que o seu livro dizia que as almas tornavam cá outra vez e que o livro não podia ser errado. «Está bem», digo, «se o vosso livro isso diz, sendo tanto contra o entendimento, logo deveis de crer que não é de Deus, porque o livro de Deus não contem nem ensina cousas contra a rezão e, se este vosso algũa hora foi livro de Deus, agora vai fora de caminho. Sem duvida muitas cousas destas se vos pegaram dos gentios vizinhos, porque eles dizem que

⁸³ Linguagem da *Summa Teológica*: 1 q. 77, 8 ou q. 79, 6.

⁸⁴ O 5.º Concílio de Constantinopla (553) lançou um anátema definitivo sobre a crença na metempsicose. *Dictionnaire de théologie catholique*, 1929, x, pp. 1474-1475.

há esta transmigração das almas pera varios corpos como vós, e que matar animais é pecado e tudo se vos pegou deles, porém com esta diferença, que eles, assim como têm por pecado matarem animais, assim crêem que comerem a carne o é também; mas vós discrepais, porque, tendo o primeiro por pecado, comeis a carne sem escrupulo, achando que o pecado fica só com o criado que matou o tal animal pera vo-lo dar a comer, como se não fosse igual pecado o do senhor quando o manda fazer, que o do criado pondo-o por obra. Ûa cousa sinto daqui muito e é que, vós os lamas, sois ocasião de se fazerem imensos pecados porque não o sendo matar animais, fazeis crer que o é, e por conseguinte, que pequem os que tal fazem pois, sem embargo de cuidarem que é pecado matar animais, o não deixam de fazer pera comerem⁸⁵. Deus Nosso Senhor todas estas cousas criou pera o homem e lhe deu poder pera usar delas, assim como criou ao mesmo homem pera o Céu⁸⁶. E como podeis crer que carreguem tantos pecados sobre el-Rei, que está presente, quantas são as vacas e carneiros que se matam em sua casa em que // [fl. 14v.] ele consente? Isto é converter em peçonha mortal as merces de Deus, mas não há que espantar, pois também dizeis que ir o Rei à guerra ou mandando sua gente pera se defender de quem lhe entrar as terras é pecado e que-reis que se deixe estar com as mãos amarradas ou que lhas venham amarrar sem ele as bolir⁸⁷.

Festejou ele este modo de falar e disse aos que estavam presentes que bruto se devia chamar quem tal dissesse e que o padre em tudo o que tinha dito tinha muita rezão. Foram varias as praticas desta materia e de outras semelhantes e el-Rei tornou a sua casa tão afeiçoado a nossas cousas como primeiro, zombando e menoscabando em publico os costumes e ritos de seus lamas; principalmente referia algũas cousas que eu tinha dito acerca deles, como estas que contarei.

Perguntei ao Rei ùa vez que faziam os seus lamas pera alcançar o Céu; respondeu-me, «Vós não o vedes? Rezam e dizem que jejuam, mas o seu jejum é pera engordarem». «Está bem, senhor», repliquei eu, «é bem que pondereis a forma de sua reza e das obras que fazem e por elas podereis entender qual seja o seu livro que tal ensina. Vós não vedes, que quando rezam, parecem cegos, contando grandes lendas, divertindo-se pera varias cousas sem consideração algũa que

⁸⁵ A intenção de pecar constitui o pecado: *Suma Teológica*, 2-2, q. 40, a. 1.

⁸⁶ Ver «Princípio e fundamento» dos *Exercícios espirituais* de Inácio de Loyola (§ 23).

⁸⁷ Em determinados contextos, a guerra é legítima: *Suma Teológica*, 2-2, q. 40, a. 1.

falam com Deus e cometendo mil descortesias. Pois o seu jejum não que é só de nome e zombaria, almoçando duas vezes muito bem pela manhã e comendo ao meio-dia carne e outras cousas até não poder mais, e à tarde fruta, nozes, passas, doce, e outras cousas, bebem leite, *daim*⁸⁸, etc., e no cabo acham ser jejum, que quer isto dizer? Jejum pera que se coma? Claro está que pera um homem ter fome, fraqueza, e assim satisfazer pelos pecados feitos, como pera se armar contra outros enfraquecendo a carne que é fonte deles. Fazem grande fundamento em trazerem ao ombro um certo pano com varias listras por ser vestido do Filho de Deus⁸⁹, como eles dizem e de trazerem à ilharga um frasquinho de água pera enxaguarem a boca quando comem ou bebem chá e descalçarem as botas pera o mesmo e cuidam que com isto vão ao Céu muito direitos sem tratarem do arrependimento dos pecados e de fazerem boas obras. Não vedes, senhor, o engano em que vivem!» «Sim, vejo», respondeu ele, «antes vos digo que usam de mil traças e modos pera viverem à larga como // [fl. 15] vivem, sustentando-se do trabalho da outra gente».

Esta pratica repetiu ele por vezes em publico e outra historia que em sua presença passou, e é a seguinte: perguntei a um seu lama que remedio tinha um homem pera se pôr bem com Deus depois de pecar. Respondeu que dizer estas palavras: «Óm máni patmeónri» [*Oṃṃ Maṇi Pad Me Hūṃ Rī*]⁹⁰ e que, com as dizer, por mais pecados que um homem fizesse ia ao Céu. «Se assim é», digo⁹¹, «tomai essa faca que tendes, e atravessai com ela a fuão, furtai aqueles aljofres que tem el-Rei e outras cousas semelhantes e no cabo dizeis: «Óm máni patmeónri», e logo vos salvareis. Vós não vedes quão fora de caminho vai esse vosso dito e quão enganada está vossa confiança nessas palavras? Sem boas obras ninguem vai ao Céu, diga as palavras que disser». Ficou o lama corrido e o Rei com os circunstantes zombando dele e de suas rezas e dizendo mil louvores do que o padre ensinava. Porém, por me não malquistar com estes lamas, sem embargo de lhe[s] falar com muita liberdade, pedi ao Rei que tivesse por bem de me não nomear quando referisse semelhantes cousas que lhe

⁸⁸ *Dalim*: leite coalhado (palavra Konkani).

⁸⁹ Peça de tecido do «hábito dos deuses» [*Ilha gos*]. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 225.

⁹⁰ Sânscrito: «Salve, Jóia da flor de lótus», «saudação dirigida à doutrina do Buda, que é a Jóia que se encontra no mundo». G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 226-227. Esta fórmula habita todos os instantes da existência tibetana. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 71.

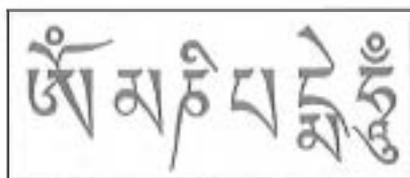
⁹¹ [«digo» entrelinhado].



1. Tsemapé (Ts'e dpag med), *Amitāyus*, divindade da vida infinita, cujo nome foi sem dúvida confundido aqui com o mantra OM MANI PAD ME HŪM, objecto de atenção particular da parte de Andrade.
2. Chenresi (sPyan ras gzigs), *Avalokiteśvara*, *bodhisattva* da misericórdia, a que *Cacela* se refere (p. 235).

eu dizia. Perguntei mais a este lama que queria dizer este: «Om mani patmeonri». Nem ele soube, nem outros a quem fiz esta mesma⁹² pergunta, e só dizem que são palavras de Deus e, sem duvida, ou não têm sentido algum, ou totalmente o não sabem. Porém, não há pessoa que de continuo as não repita e é a reza mais ordinaria de suas contas. Pareceu-me então conveniente dar-lhe o sentido que elas não têm, porque é moralmente impossivel deixarem de as dizer pelo muito habito e costume. Estando, pois, ùa vez em casa do lama irmão do Rei, perguntei a outro pela significação e, não sabendo ele, fui perguntando a varios o mesmo sem haver nehùm que respondesse. «Pois como assim rezais como papagaios sem saberdes o que dizeis? Ora, já que não sabeis, eu vo-lo direi: “Om mani patmeonri”, quer dizer: “Conjô sumbo ga dipâ ta e Rô” [*dKon mc’og gsum pa iia sDig pa dag dbyen ro*] (Senhor, perdoai-me meus pecados) e, quando as disserdes seja sempre neste sentido, e com esta consideração». Acudiu o irmão

⁹² [«mesma» entrelinhado].



*A fórmula OM MANI PAD ME HŪM RI
gravada num rochedo do Tibete, e a sua transcrição.*

del-Rei: «Assim é como o padre diz; estas palavras querem dizer: perdoai-me, // [fl. 15v.] Senhor, meus pecados». Daí por diante a todos fui dizendo o que significavam e assim lhe ficara a peçonha delas em medicina do Céu e hoje em dia as dizem muitos e juntamente lhe[s] digo outras que tenham as mesmas sílabas, por serem a elas muito inclinados, e muitos as rezam hoje, como estas: «Verbum caro factum est; Jesus Santa Maria», etc⁹³.

⁹³Roberto de' Nobili que, aliás sem sucesso, pediu a Roma que autorizasse a utilização litúrgica do sânscrito, não procurou cristianizar os antigos *mantras* e proibiu o seu uso aos neófitos. Andrade terá sido mais audacioso? Não, pois nem ele nem os tibetanos conheciam o sânscrito, língua de *Om ma ni...* A. Rocaries, *Robert de' Nobili*, Toulouse, 1967, p. 62; P. Bachmans, *Roberto de' Nobili*, Roma, 1972, p. 141.

Vendo os dois lamas, tio e irmão, que a traça que tinham tomado pera divertir ao Rei de nossas cousas levando-o pera sua casa⁹⁴ e dando-lhe a ler seus livros não sucedera, pois o viam tão afeiçoado a nós como primeiro. Inventou o irmão outra diabolica, posto que não sou certo que o fizesse por este intento, mas tive pera o cuidar circunstancias mui prováveis. Por vezes me ouviu dizer este lama que os cristãos não podiam ter mais que ùa só mulher, nem podiam repudiar a que primeiro tinham e tomar outra, ainda que fossem reis e, como este não tem filhos desta mulher, fez o lama muito por lhe persuadir que tomasse outra. Foi isto de grande perturbação pera muitos. Pera mim, no primeiro lugar, porque esta Rainha é boníssima cousa e muito afeiçoada às cousas da salvação e às nossas, como logo direi. Pera a mesma Rainha que, logo soube deste conselho e persuasão do lama, que ficou perturbadíssima e com ela um seu irmão, pessoa mui principal e sobretudo pera o mesmo Rei, que notavelmente se deixou entrar deste mau conselho e logo se viu no exterior, porque foi mostrando pouca afeição, assim a ela como à mãe e irmão, e chegou a dizer à mesma Rainha o que determinava fazer. Porém, a mim nada me falou nesta materia. Um dia me contou tudo a mesma Rainha e de como estava em grande perturbação; porém, que tambem estava resoluta a lhe não ficar em casa tomando ele outra mulher e que pera lhe sair das mãos lhe não faltaria modo e força. Logo os criados de parte a parte se perturbaram tambem, porque não pode isto ser tão oculto que se não conhecesse no de fora. Durou isto alguns meses e depois de encomendar // [fl. 16] a Deus este negocio como pude me resolvi em falar nele ao mesmo Rei. Veio um dia a nossa casa e depois de fazer oração e reverencia às sagradas imagens, dentro na igreja nos assentamos ambos sós e lhe fiz ùa breve pratica que em substancia é a seguinte:

«Vejo-vos, senhor, um pouco triste há tempo e diferente do que primeiro; o mesmo acho na Rainha vossa mulher. Não deixo de entender a causa, posto que ma não tendes dito. Bem sabeis que vos tenho grandissimo amor e a todas vossas cousas e que, ainda que sou como vosso cativo e servo no amor, porém, e no bem que vos desejo sou pai e vós por vezes me tendes dito que nessa conta me tendes e, por consequente, que os bens que vos vierem os estimarei mais que proprios e os males me cortarão o coração e a vida. Ponderai que ainda sois mancebo e, posto que Deus vos tem dado tão

⁹⁴ [«sua casa» havia sido escrito no plural].

bom entendimento, contudo não tendes ainda chegado aos anos em que a experiencia modera os descontos desta idade que se deixa muitas vezes levar mais do que apetece, que do que dita a rezão. Peço-vos quanto posso que em negocio de tanto peso vos não arremesseis. Ponderai no primeiro lugar a ofensa que a Deus fareis tomando outra mulher, o castigo que vos dará, pois tão injustamente e sem rezão deixais a que Ele vos tem dado de tanto ser e, se dela não haveis filhos, como estes dependem de Deus, nem doutra vo-los dará tambem. Além disto estais em guerras por tantas partes, como não vedes que alevantais outras de novo muito mais arriscadas, e outros males que podem e moralmente devem suceder tendo efeito esta vossa pretensão, o que Deus nunca permita.»

«Tudo o que me dizeis», respondeu o Rei, «entendo ser assim, e tenho bem conhecido quanto me amais e zelais o que convem a minhas cousas. Meu irmão é o que me tem aconselhado e persuadido com suma eficacia que tome outra mulher e, posto que entendo lhe nasce isto de ter rancor e opposição com a Rainha, // [fl. 16v.] contudo confesso-vos que me tem entrado muito e se vo-lo não disse foi por entender que de feito me havíeis de aconselhar muito ao reves do que eu desejava.» «Pois, senhor, vós não vedes que conselho nascido de talraiz não pode ter bom sucesso e que vosso irmão é de menos idade e experiencia que vós? Não duvido eu que vos terá muito amor e a vossas cousas como irmão que é, mas neste conselho que vos dá tende por certo que vai mui errado e fora do que vos devia aconselhar.»

«Pois mais vos direi», ajuntou ele, «não tenho muita confiança em meu irmão e duvido muito do coração que tem pera comigo; antes tenho certas conjecturas que me não tem o amor devido e que tem suas pretensões.» «Está bem, senhor, e pois que bom conselho esperais de pessoa dessa qualidade? Como vos deixais levar do que vedes que nasce de pouco ou nenhum amor, antes de respeitos particulares, interessados, e porventura a vós mesmo bem contrarios? Como não temeis algũa grande queda e ruina? Por conclusão vos torno a pedir quanto posso que desistais desta pretensão e que torneis a tratar a Rainha com as mesmas mostras de amor e confiança que primeiro, e não deis orelhas a maus conselhos que hão-de servir de grandes males e nenhuns bens.»

Por conclusão desta pratica me prometeu que nada faria sem mo dizer primeiro. Tambem pedi ao mesmo Rei por vezes que trouxesse pera casa ao filho principe que tinham levado pera a do irmão com titulo de aprender lá a ler melhor e, quanto entendo, não foi senão pera o divertir de aprender algũas cousas nossas, como já fazia. Por vezes

me respondeu o Rei que logo o mandaria vir, mas nunca acabou e, porque lhe eu fazia muita instancia, me disse que não vinha pera sua casa o menino príncipe porque lhe tinha dito seu irmão que, se o tirava da sua, se havia de ir pera outra terra muito longe e prouvera a Deus que se fosse e desprezasse a este bom Rei e nos deixasse liberdade pera ensinar a este menino que, na verdade, é príncipe em tudo e muito nosso afeiçoado, e já de catorze anos. Ele mesmo me disse que estava muito triste em casa do lama seu tio, mas que não podia vir sem licença de seu pai e que esta lhe negava ele, por o tio lama não querer.

O outro lama tio del-Rei, quando as cousas andavam mais revoltas morreu bem depressa, e já deste jebuseu⁹⁵ estamos livres nem falta modo a Deus Nosso Senhor pera nos livrar tambem do irmão, que confio no mesmo Senhor será dando-lhe conhecimento // [fl. 17] da sua divina lei e não o castigando como ele merece. Alguns dias depois que tive com el-Rei a pratica sobredita, me disse a Rainha que as cousas se iam pondo muito bem e tornando ao estado primeiro e que muito me agradecia o que nisso tinha feito. É esta Rainha natural doutro reino desta mesma seita, muito prudente e que o ano passado foi causa de tornarmos a esta terra, muito pia e afeiçoada às cousas de Deus. Por mais de dez vezes a vi chorar muitas lagrimas em varias praticas de Deus que se ofereceram, queixando-se ela sempre do pouco que entendia das cousas do Céu e do caminho da salvação. Há meses me mandou chamar e me pediu mui encarecidamente a ensinasse, porque desejos de se salvar não lhe faltavam, mas que não sabia o modo. Veja Vossa Paternidade se aceitaria eu de boa vontade tão justa petição. Assim o faço a todos, *opportune et importune*⁹⁶, e tenho achado que estas praticas de Deus rendem muito; por ùa de que aqui apontarei algũa cousa se poderá coligir.

Os dias passados, vindo este Rei a nossa casa, como faz muitas vezes, se deteve até noite bem fechada. À ida o fui acompanhando; entrou ele em certa casa em que a Rainha estava ao fogo por ser no tempo dos frios e, posto que eu queria voltar logo, mandou-me ela assentar. Não sei com que ocasião meti a pratica do Inferno, dos tormentos que lá se passavam, do caminho por onde pera lá se ia, que era o pecado, dos remedios pera não ir lá, pois quem lá ia ùa vez não tinha mais remedio pera sair fora. Todos ficaram grandemente compungidos, o Rei pondo os olhos no chão ficou triste como a noite, a

⁹⁵ *Deuteronomio*, 7:1-2.

⁹⁶ *Timóteo*, 4:2: «Oportuna e importunamente.»

Rainha chorando, os criados que seriam mais de vinte, uns dizendo que bem-aventurada era a terra a que Deus nos trouxera pera a ensinarmos, outros oferecendo-se e prometendo de ajudar na fabrica da nossa igreja, ainda acarretando às costas a pedra e materiais necesarios, pera que lhes perdoasse seus pecados. Eu, que os vi assim entrados e compunctos me alevantei e, por muito que me pediram que esperasse mais, não dei por isso e me fui sem dar resposta nem falar ùa só palavra, pera assim os deixar ainda mais suspensos. Daqui pode Vossa Paternidade coligir a bondade da gente e a disposição que têm // [fl. 17v.] pera receber todo o bem. Prouvera a Nosso Senhor que houvera em nós já o cabedal necessario da lingua tibetense pera a catequizar como convem, como creio mui depressa receberão nossa Santa Lei e digo que é esta gente mui aparelhada pera depressa a receber porque, sem embargo disto ser obra somente de Deus e guardada pera aquela hora e tempo que Ele só sabe e tem determinado, contudo a mesma gente está bradando por ela por ser muito pia, inclinada a rezar, a trazer reliquias e cousas santas, a bem obrar. Há meses que vivo nesta terra, nunca até hoje soube de ùa só briga nem desavença, nem que pessoa algũa esteja em odio com outra. Os homens de continuo andam com as contas nas mãos, não se ouvirá de sua boca ùa palavra menos decente; folgam muito de ouvir praticas do Céu e da salvação; vivem com muita chaneza. As mulheres de continuo trabalham fiando ou tecendo seus panos de lã e noutras ocupações, como de cultivar a terra, que elas são as que o fazem. Esta Rainha de continuo a verão ou rezar ou fiar; os homens pouco trabalham, porque no Verão de continuo andam em guerras e, quando não, todos os dias se ocupam em tirar com arco e frecha à barreira, e são mui destros neste exercicio.

Um só mal achará alguem nesta missão, e é ser a gente menos que noutros Reinos, como no Hindustão, onde não tem conto. Porém, bem ponderado tudo é cousa clara que as terras de menos trato e, por consequente de menos gente, são as mais acomodadas pera a conversão, de menos enganos e embaraços e de costumes menos depravados. Bem nos tem a experiencia mostrado a certeza disto, quanto mais que neste reino não falta gente e é porta pera outros muitos em que ela é sem numero e da mesma seita com pouca diversidade na linguagem, de maneira que parece está homem ouvindo da boca de Jesus Cristo: «respicite quia alba sunt iam ad messem»⁹⁷.

⁹⁷ *João*, 4:35: «Olhai para a seara que já está loura.»

Desta piedade e inclinação às cousas de Deus nascem serem continuas as petições que fazem por cruces e nominas, que lhe parecem muito bem ao pescoço. A mãe del-Rei que reside noutra terra distante desta dois dias de caminho, ainda antes // [fl. 18] de falar comigo, me mandou pedir algũa cousa santa destas e eu lhe mandei ùa cruz e ùa nomina, com que muito se alegrou. O mesmo Rei trás ao pescoço alem de ùa cruz de ouro, contas nossas tambem com a Santa Cruz, um relicario de ouro e nele duas nossas reliquias, do qual lhe tirei e queimei as suas, posto que quando estes meses passados estive em casa de seu irmão lhe tornou a dar das suas e de feito as trás a tiracolo, mas ao pescoço só as nossas, que acima disse e espero que um dia destes lhe queimarei as suas. A Rainha trás tambem ao pescoço a Santa Cruz e tres relicarios, um com o Santo Evangelho de S. João, os outros com varias reliquias e, posto que trazia outros a tiracolo com suas reliquias, me disse um dia destes que as queimasse e metesse neles das nossas, que só eram reliquias verdadeiras. O principe trás a Santa Cruz e contas nossas ao pescoço e varias reliquias santas; porém, ainda trás dos seus relicarios a tiracolo porque, como estive até agora em casa do lama seu tio, não tive tempo pera lhas tomar; antes sucedeu que ùa vez lhe vi a Santa Cruz a tiracolo entre uns relicarios das suas reliquias. Mostreime mui sentido e lhe pedi que ma desse, pois a não trazia como convinha. Ele com muita pressa a pôs ao pescoço, dizendo que o dia dantes lhe quebrara o cordão e por isso a pusera naquele lugar. Os sobrinhos da Rainha que são tres, e duas sobrinhas com outras pessoas nobres e outra gente do povo trazem ao pescoço só a Santa Cruz e contas nossas.

Desta mesma piedade e boa inclinação nasce tambem a reverencia que fazem às nossas imagens de que temos varias nesta igreja, que está muito bem concertada. Tem concorrido a ela toda a gente principal e muita da outra. Todos debruçados por terra tres vezes a seu modo adoram as santas imagens e pedem que lhes ponha sobre as cabeças o santo livro⁹⁸, e com isto temos muita ocasião de lhes declarar os misterios da fé. Não há ainda muitos dias que, estando el-Rei nesta igreja e com ele muita gente, tratando-lhe de Cristo crucificado por rezão // [fl. 18v.] da imagem que aqui temos e como era filho de Deus e o que eles sem saberem chamavam «livro grande de Deus» e a segunda pessoa da Santissima Trindade; disse o Rei: «Vede

⁹⁸Andrade cristianiza aqui um rito tibetano. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 236.

como isto que ensina o padre é conforme à rezão, que o nosso livro a quem também chamamos Deus é livro vivo e a segunda pessoa, e não o livro por onde lêem os nossos lamas, que o não é, nem pode ser.» Estavam entre a mais gente muitos lamas e todos eles disseram que sem dúvida assim era como o padre dizia. Quando se lhe pratica que Deus é um e trino, Padre, Filho, Espírito Santo, e que o Filho se fez homem e morreu na Santa Cruz pelos pecados do mundo e outros misterios desta sorte, todos o aprovam e lhes parecem muito bem. Todos geralmente dizem que nunca viram nem ouviram cousas tão boas e imagens tão devotas; alguns naturais de Utsang, onde os templos são muitos, dizem que têm muitas imagens como as nossas e o aparato deles como o desta igreja, quererá o Céu que todos se consagrem muito cedo em honra do verdadeiro Deus.

Neste ano sucedeu que este Rei mandasse pedir ao de Utsang ùa filha pera casar com este príncipe, o que nunca até agora tem sucedido, e diz ele que⁹⁹ com esta liga ficam os caminhos mui seguros, e eu tenho pera mim que foi traça do Céu pera os facilitar aos ministros do Evangelho e pera lhe dar naquele reino franca entrada, que espero no Senhor será este ano que vem, em que os padres que agora nos chegaram¹⁰⁰ terão bem aprendido a lingua que agora estudam com grande fervor e consolação minha.

Todos os dias cantamos na igreja a santa doutrina¹⁰¹ e se dizem as ladainhas em voz alta. A velha mãe da Rainha as vinha ouvir muitas vezes antes de nos mudarmos pera estas casas novas, não à propria igreja, por ser já de muita idade e não poder, mas a ùa varanda que corre ao longo da igreja, e diz ela que se consolava muito com ouvir aquelas vozes do Céu, posto que as não entendia. Quando os nossos meninos fazem reverencia ao Rei, a seu irmão e a outras pessoas graves é tirando o barrete com as mãos juntas e inclinação da cabeça dizerem: «Louvado seja o Santissimo Sacramento», e outras pessoas à sua imitação fazem o mesmo.

Já o lama irmão del-Rei no tempo em que esta escrevo // [fl. 19] se mostra menos zeloso de sua seita, e mais bem affecto às cousas de nossa Santa Lei. Pouco tempo há que veio visitar a nossa igreja, trouxe pera ela sete vasos de latão pera neles se oferecer água a Deus que, como já escrevi, oferecem eles algũas vezes entre dia, cuidando

⁹⁹ [«e diz este Rei que» emendado para «e diz ele que»].

¹⁰⁰ Alano dos Anjos, Francisco Godinho e João de Oliveira.

¹⁰¹ Uma catequese cantada?

que nós fazíamos o mesmo. Eu lhe disse que não havia entre nós tal costume, mas que benziámos água que, lançada sobre os cristãos, causava neles varios efeitos santos, e o que oferecíamos a Deus era ùa cousa santissima e admiravel e pelo melhor modo que me foi possível lhe declarei o sacrossanto misterio da missa. Mostrou-se mui desejoso de me ver na forma em que fazíamos a tal oferta e as cousas que oferecíamos. Então me revesti e preparei todo o mais necessario; começou ele a estender a mão pera tocar o santo cálice, mas com mais pressa que eu lho impediu o Rei seu irmão, dizendo que não tocasse nele, porque só o padre o podia fazer, por lho eu já ter feito a ele outra vez. Com esta ocasião me disse o lama que o seu lama grande que reside em Utsang costumava oferecer a Deus pão e vinho de uvas, mas tudo em muito pouca quantidade, e depois ele comia e repartia com alguns lamas e os borrifava com aquele vinho oferecido a Deus¹⁰², mas que só ele podia fazer isto, e não outro, e ajuntou que tambem este lama tinha coroa na cabeça como eu, mas maior que a minha.

Perguntou varias cousas, entre outras, pera que batíamos nos peitos? Costumam estes tibetenses bater com pedras, e com as mãos nos peitos em ocasiões de grande tristeza, como nas mortes de parentes, perdas grandes, etc. Então lhe respondi que, assim como eles pera mostrarem a tristeza e magoa de coração batiam nos peitos, assim o fazíamos nós em sinal do pesar que tínhamos de haver ofendido a Deus e propositos de mais não pecar. Estava presente outro lama principal já de idade e, quadrandolhe esta resposta, disse: «Ah, Padre, que boa cousa é essa; nós batemos nos peitos por sentimento de cousas temporais e dos pecados que fazemos nenhum sinal damos de magoa e pesar, devendo ser muito ao contrario. Ùa cousa vos digo com ser lama, e é que todos sabemos muito pouco e fazemos muito menos // [fl. 19v.] pela salvação. Todo o tempo se nos passa em comer, beber e dormir.» Por ocasião do que viu el-Rei que se oferecia no santo sacrificio da missa, vindo dali a dias a esta casa, pediu que queria tornar a ver as hostias; mostrei-lhe ùa, e quebrando-a lha meti na mão, dizendo: «Agora, senhor, não é isto mais que pão, mas quando se oferece a Deus por força das palavras que ele mesmo ensinou, se converte em seu corpo.» «Ora já que agora não é mais que pão», respondeu ele, «dai-me licença pera comer dele», e tomou um pequenino, repartindo o mais com os criados que estavam presentes, como

¹⁰² Cerimónia dita [*Ts'e grub*]. G. Toscano, *Alla scoperta* [...], p. 238.

quem tomava ùa reliquia cousa muita santa. E porque lhe disse que a campainha que se tange ao levantar a Deus era pera efeito da gente estar naquele santo acto com tento e reverencia, indo-se pera casa, mandou ùa maior dizendo que a nossa era pequena e que folgaria se usasse da que ele oferecia na igreja pera que a pudesse ouvir e saber quando se celebrava o sacrossanto misterio, já que lhe não era ainda licito estar presente.

São isto ùas miudezas que não faltará quem estranhe escrevê-las eu, sendo tais. Porém, se ponderar que esta missão é novissima e ainda nada cultivada, terá estas miudezas por flores do Céu em terra tão seca e mato tão inculto como esta de que escrevo a Vossa Paternidade, e tambem não faltará quem pergunte pelo fruto destas a que chamam flores do Céu. Digo que após elas se seguirá o fruto, que ainda não é tempo. Esta missão *parvula est adhuc ubera non habet*¹⁰³, quanto¹⁰⁴ mais que estas flores são tambem fruta mui temporal e quem não terá por tal a franca liberdade que temos pera pregar a lei verdadeira e a tomarem quantos quiserem, apesar de todo Inferno, e não só licença e liberdade, mas junta com gosto universal de quase todos; o pregão que se dá do Santo Evangelho e ser o santo nome de Jesus já reconhecido e estimado, adoradas as sagradas imagens e reverenciados os sinais de nossa redenção, trazida a Santa Cruz com muita devoção e gosto e, se isto em tão poucos meses não é fruto, creia-se que não é por culpa da terra, mas por não ser cultivada por nos faltar o cabedal da lingua necessario.

Ao primeiro de Abril veio o Rei a nossa casa acompanhado de seu cunhado e outra gente e me disse: «Padre, é tempo de começar a santa igreja e casas pera os padres.» Fomos todos com oficiais ao sitio destinado, e logo se tomaram as medidas pera igreja e casas, que ficam no melhor lugar da // [fl. 20] cidade, junto das suas, abrigadas do frio e em paragem que logo pela manhã lhe dá o sol e o tem quase todo o dia. Mandou quebrar muitas casas e dar outras aos que nelas moravam e dizendo-lhe eu que, se algum dos ditos moradores tivesse sentimento de largar sua casa, eu o teria muito maior de lha tomar, e que por nenhũa via consentiria que o botassem fora. Respondeu, «a cada um deles mando dar casas muito melhores que estas e todos estão mui contentes e se algum o não estivesse seria já homem do Inferno, pois pera Deus não larga de boa vontade sua casa». E, pera que ficássemos

¹⁰³ *Cântico dos Cânticos*, 8:8: «É pequena. Por isso, ainda sem seios.»

¹⁰⁴ [«quando» emendado para «quanto»].

mais recolhidos, fez que o caminho da cidade se lançasse por outra parte, e assim se tomou um pedaço do sitio da Rainha velha, mulher de seu avô. Mandeí dizer à dita Rainha, que eu tinha muito sentimento de el-Rei mandar lançar o caminho por aquele seu sitio, mas que soubesse de certo que por muitas vezes lhe tinha pedido de merce que o não fizesse, porém que não fora ouvido. Respondeu ela que não tinha disso sentimento, senão muito gosto por ficar assim tão junto da igreja, pera a qual se fosse necessaria toda a sua casa ela se sairia e ficaria na rua. O mesmo Rei mandou quebrar duas das suas casas pera ficar o terreiro da igreja maior e, dizendo-lhe eu que não era necessario porque tinha campo de sobejo, respondeu que naquele terreiro se havia de fazer um jardim de flores pera a igreja e assim convinha que fosse mais capaz. As casas ficaram muito bastantes e acomodadas pera esta terra e as melhores que nela há, tirando as do mesmo Rei.

Ao primeiro de Abril, como já disse, se pôs a mão na obra no que toca a derrubar casas e preparar o sitio pera a igreja e logo ao outro dia lhe chegaram duas novas, ambas de grande estima. A primeira que um exercito seu tinha desbaratado a dois regulos mui poderosos que contra ele andavam em campo. A segunda que o de Xiranagar Grande [Śrīnāgar] seu inimigo era morto e com ele dois capitães principais. Um deles nos fez o ano passado quando viemos grande força e vexação; ao Rei, parece, deram peçonha, porque morreu em tres dias, nascendo-lhe pelo corpo muitos inchaços; no ponto que ele acabou, deram neste que nos vexou e o fizeram em pedaços, e o mesmo a dois irmãos seus com mulher e filhos. Foi o tal filho de um oleiro e veio por via da mãe que deu o leite // [fl. 20v.] ao Rei morto, a crescer tanto que governava todo o reino tirando com vexação de muitos. Era este grande inimigo do nosso Rei, o qual me trouxe a nova e, entrando só comigo na igreja, deu graças a Nosso Senhor, ponderando melhor do que lho eu podia fazer, como no ponto em que começara a preparar o lugar pera a igreja lhe chegaram novas de duas merces que lhe Deus tinha feito, as melhores e maiores que das temporais podia desejar.

Quando lançamos a primeira pedra na igreja foi pela maneira seguinte: estava no dia precedente que foi aos onze de Abril, arvorada já a Santa Cruz no sitio da igreja, a qual era de pau conforme ordena o ritual, mas toda forrada de damasco, e arvorou-se com tanger de trombetas e atabales e presente muita gente. Ao outro dia que foi o de Pascoa, saímos da casa del-Rei, levando ele só a primeira pedra, no meio da qual estava ãa fermosa cruz dourada toda de pedras varias que, com ser de pouco preço, parecia que o tinha grande. Todo

o mais campo da pedra ia coberto de muitas flores de prata. Chegamos ao lugar e sitio em que estava alevantado um altar e nele se depositou a pedra pera se benzer. Ela benta com todo o aparato e autoridade que nos foi possível, a pusemos em seu lugar, deitando ele primeiro debaixo dela boa quantidade de ouro. Vestiram-se vinte pobres que foi de edificação pera a gente; pusemos o titulo e dedicamos esta igreja à Virgem da Esperança¹⁰⁵ pelas grandes que temos em Nosso Senhor que, por intercessão desta Rainha trará muito depressa toda esta gente à sua Santa Fé. A madeira pera ela se começou a negociar noutra terra longe desta pela não haver aqui. Porém, quis Deus que tomasse ele outra traça melhor e foi resolver-se a derrubar as casas de seu pai e avô, que eram grandes e fermosas, e a madeira muito boa. Assim como o imaginou, o pôs por obra, sentindo alguns quebrar casas tão boas por respeito da nossa igreja, particularmente certos lamas, ainda que poucos, que verem o fervor com que el-Rei se aplica a estas cousas lhe[s] serve de boa cruz. E porque ainda não tinhamos arvorado nehũa cruz, pareceu ao mesmo Rei que pusessemos a primeira no mais alto deste monte. É ele notavelmente alevantado, nem a cidade chega mais que até o meio; de todas as quatro partes se estende a vista muito longe. E quem vem de fora // [fl. 21] a primeira cousa que vê é a Santa Cruz arvorada naquele alto que parece está conquistando de lá todo este Reino; é de pau mas toda coberta de latão. A segunda cruz poremos logo sobre a igreja, que tambem está em um alto, donde é vista de mui longe.

No tempo que esta escrevo, se vai pintando a igreja, a qual no que toca à demais fabrica está acabada, a qual não me pareceu que fosse muito grande, assim pera se acabar mais depressa, como porque ao diante, convertendo-se esta gente, não faltam templos grandes que se podem consagrar em nossas igrejas¹⁰⁶. Na capela desta se pintam 8 paineis da vida de Nossa Senhora, não falando do retábulo, que tem cinco, afora o santo crucifixo e a imagem de Nossa Senhora e do Menino Jesus, ambas de vulto. No corpo da igreja pintaremos varios paineis da vida de Cristo Senhor Nosso, e assim espero que acabada saia muito fermosa. Em toda esta fabrica da igreja, casas e pintura não gastamos cousa algũa, porque nunca este bom Rei o quis consentir. Ele mandava pagar aos officiais e fez vir a madeira das ca-

¹⁰⁵ Os restos desta igreja foram procurados em vão. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 81.

¹⁰⁶ Única alusão aos monumentos de Tsaparang que Andrade se abstém, prudentemente, de descrever.

sas de muito longe. Pera esta igreja mandaram os lamas de certo templo que está fora da cidade ùa boa quantidade de tijolo, que muito estimei, por concorrerem eles pera tão santa obra e mostrarem nisso boa vontade; eles mesmos o fizeram e o acarretaram às costas, não consentindo que os obreiros destas obras o fizessem. A Rainha velha de que atrás falei, mandou outra boa quantidade de tijolo e outras pessoas da terra fizeram o mesmo; outros vinham trabalhar na igreja acarretando água, terra, e o mais necessario por sua devoção, sem ninguém lhes falar palavra, e não houve homem principal que não mandasse seus filhos e filhas a trabalhar na igreja; e, depois de vinte ou trinta dias, e outros de dois meses, se iam a suas ocupações, e este tempo bastava pera mostrarem sua devoção e não sei eu que mais podiam fazer cristãos mui antigos e pios do que fazem estes ainda gentios. Imagino que é isto sinal de virem a ser muito bons cristãos. Varias pessoas desta terra mais principais mandaram por vezes seus banquetes a estes trabalhadores, que passavam de cento e cinquenta.

Pusemos a primeira pedra em dia de Pascoa, // [fl. 21v.] como fica dito, por ser dia tão sinalado e logo a primeira oitava veio el-Rei estar em nossa casa e nela jantou, como tem feito outras vezes. Mandou dar um banquete a todos os que haviam de trabalhar, que durou por muitas horas, e enquanto as obras duraram, todos os dias mandou dar de comer duas e tres vezes a todos os que nelas trabalhavam e, de quando em quando lhe mandava fazer banquetes extraordinarios. E, porque um pedaço de monte que nos ficava vizinho e por ser muito alto se caisse nos poderia fazer algum ainda que pouco prejuizo, o mandou cortar e pera isso mandou vir das minas quinze gastadores e, pera que acabassem esta obra mais depressa, mandou depositar boa quantidade de ouro, de alambre e de coral pera estes trabalhadores. Muitos dias continuou em vir assistir a obra por sua muita bondade e esta chaneza e muita facilidade que tem no tratar anda junta com grande respeito que todos lhe têm e daqui nasce não haver ladrões por via nehũa nem outros malfeitores. Haverá cinco ou seis meses que, intercedendo eu por um que estava no tronco por ladrão, natural das terras de Xiranagar, por meu respeito o mandou soltar. Fiz eu a este preso indo ao tronco a melhor exortação que pude, pera que não tornasse a continuar seu mau costume; e posto que foram grandes as promessas que fez de se emendar, passados dois ou tres meses tornou ele a continuar em suas ladroices. Prenderam-no de novo, o qual no tronco com outros dois tambem doutra nação tiveram modo pera fugir ùa noite mas pera não serem sentidos, primeiro mataram a outro seu companheiro do mesmo tronco; ao

outro dia foi gente de cavalo a lhes tomar os caminhos e logo os prenderam. A dois fizeram em pedaços, ao ladrão trouxeram à cidade e logo lhe cortaram o pé direito e tiraram um olho e daí a dois dias porque não morreu, lhe cortaram o outro pé e tiraram também o outro olho e havia ordem que, se não morresse, lhe cortassem também as mãos.

Estas são as justiças desta terra, freio mui grande de pecados e não há nelas dilações mas, em se averiguando a verdade se executam. Não faltou quem diante do Rei dissesse que terem soltado a este por meu respeito fora causa do // [fl. 22] homicídio e novos furtos que fez. Porém, foi bem repreendido, dizendo el-Rei: «O padre fez officio de pai que os nossos lamas não fazem, mas o ladrão não se soube aproveitar.» Muitos me tomam por terceiro e o sou seu de boa vontade no que me parece licito e serve isto de os atrair e benevolear. Até a Rainha velha me tomou tres ou quatro vezes por terceiro em cousas que lhe importavam e daqui se pode coligir o credito em que estamos com esta gente. Quando veio a Quaresma me persuadia el-Rei e a Rainha com muita eficacia que não jejuasse, porque sem falta havia logo de adoecer gravemente como já me tinha sucedido outras vezes e, depois que viram que eu não deixaria o jejum, procuraram que pelo menos bebesse o seu chá algũas vezes entre dia, como eles fazem. Porém, nem este chá nem as consoadas ordinarias quis tomar por me parecer que os seus lamas em o sabendo haviam de dizer que jejuavamos como eles. Pasmam todos do nosso modo de jejuar e de ser tão comprido e haver em cada mes tantos dias em que não comiamos carne. Tinha eu dito ao Rei que não temia adoecer com o jejum, antes esperava em Nosso Senhor de me achar com mais forças e saude que no outro tempo e, assim foi que com adoecer duas vezes pesadamente no outro tempo e ter outras indisposições, no da Quaresma estive muito bom, por merce de Deus, nem me lembra que passasse algũa com tanta facilidade como esta. E, posto que nesta terra não haja peixe, nem ovos, nem ervas verdes, porque tudo está congelado, onde quer que há humidade algũa, nem outros legumes de grãos, lentilhas, etc., contudo usam nela secar os bredos quando a terra os dá, que é em tres ou quatro meses do ano, e nabos e guardam isto seco pera o tempo dos frios; as ervas cozidas parecem tão frescas como se naquele dia as colhessem da horta e os nabos pisados e também cozidos são muito bons. De tudo isto me proveram bem a casa, com que se ficou suprindo muito bem a falta de peixe e de legumes que nela não há. Um dia sucedeu que, estando eu em casa deste lama principal, se tratasse do nosso jejum, do seu

rigor e de não comer nele carne. Por fim da pratica disse o dito lama que não comer carne no jejum era cousa muito boa, // [fl. 22v.] e que assim se usava em Utsang; e quanto a comerem-na aqui, era por abuso introduzido de muitos anos, mas que alguns destes seus lamas, quando jejuavam, ou totalmente a não comiam, ou era em muito pouca quantidade e por não haver na terra outra cousa, e na verdade sempre nesta terra será o jejum pesado por esta causa.

Isto é o que me pareceu por ora escrever brevemente a Vossa Paternidade pera lhe dar ãa breve noticia desta nova missão que esperamos no Senhor seja mui rendosa e copiosa, e será o mesmo Senhor servido que muito depressa mandemos a Vossa Paternidade as novas da conversão deste Rei e de muitos dos seus, segundo a proxima disposição que vemos. E com isto nos santos sacrificios e benção de Vossa Paternidade.

Em 15 de Agosto de 1626.

De Vossa Paternidade filho indigno,

António de Andrade



TERCEIRA CARTA DE ANTÓNIO DE ANDRADE

Muito Reverendo em Cristo Padre Nosso¹⁰⁷
Pax Christi

O ano passado se deu Vossa Reverencia ãa breve noticia desta missão tibetense. Nesta se apontarão com maior brevidade algũas das cousas que depois têm sucedido.

Tres da Companhia residimos este ano de 1627 nesta casa e cidade de Chaparangue, que é o mais ordinario assento deste Rei, ocupados no estudo da lingua, pois sem ela é mui pouco o fruto que se pode fazer nas almas.

Logo no principio do seu ano que começa em Dezembro, e se chama *Lossar*, se deu principio às festas que costumam fazer por oito dias. Passados os dois primeiros, saiu el-Rei, e principe ao campo com muita gente de cavalo e em lugar deputado costumam pôr um pequeno espelho por alvo, e correndo a mais levar, apontam nele com seus arcos, que são grandes e vibram com muita força, e quem primeiro quebra o tal espelho tem seu premio e, se na primeira, ou segunda carreira se quebra com o tiro o espelho, tomam-no a pronostico de bom ano, e se todavia se tarda muito em quebrar, têm para si que o tal ano será calamitoso¹⁰⁸.

Saiu este dia o principe vestido à portuguesa, e como é muito bem posto luzia-lhe o traje singularmente. Todos folgavam de o ver em tal libré e nós que por ordem del-Rei o acompanhavamos muito mais. Só o tio irmão del-Rei, que é o lama grande, com os demais desta profissão sentiram e falaram muito contra a nova mudança do

¹⁰⁷ Na margem esquerda: «627 2/IX Andrade»; na margem direita «Goa 73».

¹⁰⁸ Andrade apercebe-se do papel das superstições na vida dos tibetanos desde a sua primeira viagem a Tsaparang: ver primeiro relato, p. 99.

trajo. Chegou às orelhas del-Rei esta pratica dos lamas, mas por então dissimulou guardando-lhe pera diante a satisfação e penitencia desta culpa, como logo direi.

Em todos estes oito dias sai o Rei, principe e Rainha de festa a certo lugar bem capaz, do qual ùa parte está bem toldada e ornada de panos varios e doçais de seda, com assentos alevantados pera as pessoas reais. A toda a outra gente, que é a mais nobre da terra, e chegará a numero de sete e oitocentas pessoas, se dão estrados com tapetes em que se assentarão por ordem segundo suas preeminencias. Gastam nestes lugares que assi chamam aos tais ajuntamentos duas horas da tarde até perto da meia noite, onde se fazem muitos bailes e se tãgem varios instrumentos de charamelas, trombetas, violas, atabales, etc. O dançar das mulheres, que são tambem as mais nobres da terra, é sobremodo composto, dão-se todas as mãos e com os olhos no chão e passo grave juntas cinquenta, e sessenta pelo menos apartadas um pouco do lugar em que estão os homens, dançam e cantam acompanhando à Rainha que faz o mesmo. O canto é como quem chora mortos, nem tem suavidade algũa, sentindo-a os naturais muito grande nele. Com os homens sai tambem a dançar o Rei e principe com suas espadas nuas nas mãos fazendo varias mudanças de não pouca graça.

Em todas estas horas bebem por muitas vezes o seu chá e vinho que, com ser muito, não lhe perturba as cabeças por fraco. Está o tal vinho em muitos vasos e guardam em o tirar deles varias cerimonias, entre outras o oferecem a Deus nesta forma: tomam um dos que servem ùa seta embandeirada, mas sem ferro, e a vai metendo em cada vaso destes tres vezes, e tirando-a logo sacode pera dar o ar as gotas que nela vêm, como oferecendo tudo a Deus. Estão tambem os vasos coroados de manteiga erva em figura // [fl. 62v.] triangular. O sentido e misterio que tem em ser a figura triangular é por ser Deus trino, e pelo mesmo respeito molham a seta tres vezes, e por ser tambem um só e a seta ùa não mais e está embandeirada e sem ferro, simbolo de paz e amizade, que com ele desejam ter.

Após isto tomam os servintes estes vasos nas mãos, e os oferecem às pessoas reais; o Rei primeiro, e logo o principe e Rainha estendem a mão como quem toca neles, e com isto ficam honrados e já aptos pera se repartirem pelos circunstantes. O comer é de arroz e carne em varias iguarias doces, passas, etc. No cabo de comerem se vêm oferecer aos reis varios carneiros mortos e outras coisas, que não aponto pelas não haver lá nessas terras. Isto feito se dá tambem a cada um dos circunstantes muita carne de carneiros e vacas do mato, e outras que levam pera casa.

Pediú-nos el-Rei que assistissemos com ele nestes dias, e por mais que repugnamos não foi possível deixar de ir. Saíamos porém deste ajuntamento pera rezar, cantar as ladainhas, como costumamos, e outros exercicios de espirito. Deu-se-nos o melhor lugar depois das pessoas reais, mui avantajado ao dos seus mais nobres e capitães, e ordenou que sempre benzessemos a mesa e o chá antes de se beber, o que fazíamos com a maior devoção e reverencia que podíamos com edificação da gente. Costumam eles a rezar todos juntos em voz clara, e meia entoada, grandes lendas antes de comer e do beber do chá, mas não é com demasiada devoção.

Ao terceiro dia destas juntas nos levou el-Rei em companhia da Rainha e príncipe e outras pessoas principais a ũa casa grande¹⁰⁹ em que estavam pintadas varias figuras de Deus e dos seus lamas antigos tidos por santos. Havia entre estas pinturas, que todas são antigas, e ũa que parecia a Santa Cruz, mas a haste direita não tão comprida como as nossas. Nascia ela de ũas flores que acercavam em roda, no meio em que se juntam os dois braços estava um triangulo a modo de coração, no qual em haste direita se viam muitas letras que eles dizem ser antiquissimas e de grande misterio¹¹⁰. Neste lugar achamos rezando e cantando em seus instrumentos certos eclesiasticos, os quais repartiram logo pelos circunstantes uns bolinhos com varias figuras, que diziam ser de Deus, e juntamente davam certos pelourinhos de massa, que a certo ponto meteram todos na boca e levaram pera baixo, dizendo em voz alta algũas palavras, como que diz entre nós «bons anos nos dê Deus».

Depois dos principes os ofereceram a nós tambem os tais bolinhos e pelouros; não os quisemos aceitar dizendo a el-Rei que ainda que fosse com grande sentimento seu e nos houvesse de custar mil vezes a vida, não havíamos de fazer a tal cerimonia por não ser conforme ao nosso santo e só verdadeiro livro¹¹¹ e aqui se lhe praticou o pouco ser da tal cerimonia, e como se deixavam enganar tão facilmente, a Rainha e príncipe bem zombavam destas ceremonias e el-Rei não somente não sentiu o não aceitarmos os bolos, que antes o estimou muito e disse sobre isso muitos louvores, acrescentando que os seus não tinham ânimo pera resistir, nem fazer pelo seu livro cousa algũa de estima.

¹⁰⁹ Andrade não quis dizer que tinha entrado num templo lamaico?

¹¹⁰ Este magnífico *mandala* florido não foi localizado em nenhum dos monumentos ainda existentes em Tsaparang. J. Aschoff, *Tsaparang [...]*, p. 16.

¹¹¹ A fantasmagoria eucarística é evidente. Andrade especifica perante os seus superiores que recusou energicamente qualquer «*communicatio in sacris*».

Neste comenos chegou ùa nova de grande gosto a el-Rei, e foi que o seu exercito tinha alcançado grande vitoria de outro contrario e trazia grande despojo, como trouxe só pera el-Rei dous mil e quinhentos cavalos, vacas, carneiros sem numero, que são as riquezas destas terras, e muitos cativos, e foi o Senhor servido dar este prospero sucesso em tempo que os seus lamas deitaram fama, que o exercito del-Rei era desbaratado, pelo contrario atribuindo tudo ao peccado que cometia em se mostrar tão afeiçoado às nossas cousas.

Seguiu-se logo a festa do Santo Natal em que concorreram algũas circumstancias de consolação nossa. Primeiramente jejuaram a véspera estes reis sem comerem carne nem beberem o seu chá em honra do divino Menino. Entraram ao principio na igreja com o irmão // [fl. 63] da Rainha e outra gente e assistiram às matinas que logo começaram e duraram até perto da meia noite, com tanto silencio e devoção que nem eu a sei, nem posso declarar a Vossa Paternidade. Basta dizer que nos foram materia de mui grande consolação com as lagrimas que choravam de devoção. Estavamos quatro padres (dos quais com bem magoa destes reis voltou um pera o Hindustão) revestidos em sobrepelizes e com estolas e cantamos as matinas entresachando os salmos com varias canções devotas, pelo saberem fazer dois deles.

Não quis el-Rei que lhe trouxessem o seu chá que costumam beber muitas vezes, nem fogo pera se aquectarem sendo o frio grandissimo nesta terra e, dizendo-lhe um padre que pelo menos permitisse o fogo pera o principe, respondeu que já que o filho de Deus sendo muito mais pequenino nascia no mesmo frio, o sofresse seu filho, pois era tão diferente.

À meia noite se descobriu o presepio, se Vossa Paternidade vira (*sic*) as muitas lagrimas e devoção de todos os presentes, a reverencia com que adoravam ao Santo Menino prostrados por terra muitas vezes e com as cabeças no chão, tivera materia de muita consolação e alegria, como a tivemos nós tambem; não se podiam apartar do santo lugar. Ao dia seguinte tornou el-Rei a visitar o presepio e foi fazendo mais reflexão sobre os passos¹¹² dele: de um em particular se não podia apartar a Rainha, que é muito pia, e todo o tempo que nisto durou lhe duraram tambem as lagrimas nos olhos.

Algũas horas se gastaram nesta visita. Ela acabada quizeram jantar connosco, como fizeram em nossa casa, achando-se o Rei, prin-

¹¹² «Passos»: trata-se de um presépio muito desenvolvido, articulado em várias «estações» diferentes, como os caminhos da cruz.

cipe e Rainha e outras pessoas principais e, primeiro que tudo ofereceram na igreja varias cousas de preço. Logo ao dia seguinte veio a Rainha velha, que por vezes correu os passos do presepio com muita devoção, lagrimas e palavras pias com que grandemente nos edificou. Com ela vieram algũas pessoas das graves da terra e alguns lamas dos principais, que todos fizeram suas reverencias e não consentimos que nenhum destes lamas nem outra gente entre na igreja sem que faça primeiro varias adorações com a cabeça no chão, levantando-se e debruçando-se por muitas vezes¹¹³. Já neste tempo¹¹⁴ se mostrava el-Rei mui pouco afeiçoado aos seus lamas, ou pera dizer melhor, mui averso a todos eles, dando principio às muitas mortificações que lhe fez ao diante, como esta que aqui direi.

Saiu el-Rei a ùa cidade não muito distante desta¹¹⁵ pera visitar a sua mãe, que ali tinha vindo. É costume nestas idas e vindas del-Rei sair toda a gente ao encontrar com seus *sanguates*¹¹⁶ nas mãos. Saem tambem os lamas em comunidade dos mosterios em que vivem com varias bandeiras e outras insignias, e quando estão nessas juntas se apeia el-Rei e faz tres reverencias à dita comunidade e manda a toda ela seu sanguate como oferta, e eles fazem o mesmo a el-Rei. Quando houve de entrar fizeram os lamas as costumadas reverencias, mas el-Rei nenhum caso fez deles, nem se apeou virando a cabeça pera outra parte, e dizendo-lhe um padre¹¹⁷: «Senhor, que novidade é esta agora? O ano passado fizestes tantas reverencias a dois mil lamas que aqui estavam juntos primeiro que eles vo-la fizessem a vós e agora nem olhais pera a que vos fazem?» Respondeu «deixai os padres, que todos são uns tais e quais, pondo-lhe algũas tachas bem pesadas. O ano passado estavam entre aqueles que vistes alguns bons homens, ainda que poucos, e por isso lhe fiz a reverencia que dizeis, e assi foi costume sempre de meus avós, estimando muito aos lamas por serem pessoas dedicadas a Deus, mas estes nada merecem por serem o que são». Voltou pera esta cidade passados alguns dias, e de um grande mosteiro que fora, mas perto dela está, o saíram a receber

¹¹³ A cristianização de um rito tibetano tradicional de prostração é evidente.

¹¹⁴ Estava-se em Dezembro de 1626. Andrade só se tinha instalado em Tsaparang no fim de Agosto de 1625, por isso é muito provável que a hostilidade de Thi Tashi Dagma face aos lamas seja a causa e não o efeito da instalação dos jesuítas.

¹¹⁵ Tholing [*mT'o glii*].

¹¹⁶ *Sanguate*, *zanguate* ou *saguete*, do persa *sawghat*, «prenda». Poderia tratar-se apenas de écharpes simbólicas de boas vindas.

¹¹⁷ Os jesuítas ficam visivelmente surpreendidos com os planos secretos do rei do Gu-ge contra os lamas.

com as ditas bandeiras e insignias todos os conventuais em numero de cento e tanto. Fez el-Rei o mesmo que aos passados, que pera uns e outros foi grande cruz, mas inferior à que se segue. //

[fl. 63v.] Poucos meses depois do que agora referi tratou um padre com muita eficacia com el-Rei pera que se baptizasse logo e, quando pera isso o tempo não desse ainda lugar, que fizesse baptizar ao principe e Rainha com toda sua gente. Respondeu el-Rei o seguinte: «estai padre certissimo que a vossa lei somente tenho no coração e que a tomarei muito cedo, porém se dê tambem certo que primeiro são necessarias varias cousas com que se atalhe a graves inconvenientes que poderão sobrevir baptizando-me eu, ou meu filho com a pressa que dizeis. Não vistes como há poucos meses, que meu irmão com os lamas se amotinaram só por verem a meu filho vestido à portuguesa, persuadindo-se que era isto já principio de se fazer cristão, pois se com tão pequena ocasião se inquietaram em tal forma, que farão vendo-me de todo fora de sua seita e filho já da Santa Lei? Pelo que esperai, que eu irei dispondo as cousas de maneira que sem arreceios nem temores possamos fazer o que desejamos».

Correram alguns meses em que el-Rei benevolou a gente principal e um dia de repente quebrou com seu irmão de maneira que lhe tirou algũas cidades e rendas que lhe tinha dado quando tomou o habito de lama, que vai em catorze anos a fim de o enfraquecer no poder que tinha, dando por rezão desta repentina quebra ter ele dito seu irmão feito cento e vinte lamas só em um dia e que continuando nesta forma lhe diminuia seu exercito em grande parte. Pretendeu o lama dar-lhe toda a satisfação, mas el-Rei nenhũa quis aceitar. Mandou-o residir em certa fortaleza sua distante duas leguas desta cidade, escrevendo-lhe que se lhe parecesse bem formasse campo dos lamas e dos mais seus aliados, que ele os iria receber como mereciam. E neste comenos houve tantos dares e tomares que se não pode escrever sem muito vagar. Chegou o pobre do lama a termo que indo os padres visitar-lhe, disse por vezes que mais desejava acabar logo a vida, que viver, e que se achava desalentado com esta nova mudança del-Rei seu irmão, pedindo a um dos padres fosse terceiro entre ambos pera se comporem e virem na amizade que primeiro tinham. Porém como esta prejudicava ao que pretendiamos¹¹⁸, ainda que no exterior mostrava ser terceiro, lá em particular persuadia a

¹¹⁸ Embora não tivessem nenhuma responsabilidade nos planos anti-lamaicos de Thi Tashi Dagma, é evidente que os jesuítas não fizeram nada para os contrariar.

el-Rei continuasse o que tinha começado. Varios foram os meios que este lama intentou a fim de se reconciliar com seu irmão, mas todos lhe saíram baldados, mostrando-se el-Rei mais firme que ùa rocha, o qual após isto começou a entender com os demais lamas.

São eles de duas castas, uns se chamam «guelões» [*dGe sloi*], outros «sumbás» [*bTsum pa*]¹¹⁹; os primeiros pois com que entendeu foram os sumbás, mandando por suas terras dezasseis capitães que logo os fizessem despir os habitos e tomar o secular com grandes poderes pera nisto fazerem o que fosse conveniente. Se bem o mandou el-Rei, melhor se executou, porque de cinco ou seis mil que eram estes sumbás, segundo dizem, se tem por certo que não há hoje cinquenta, por já todos terem voltado ao estado secular. A muitos tem já casado, a outros ocupado em varios officios, e a todos amedrontado, de maneira que não há quem fale pelo menos em publico. Isto feito entenderam com os lamas guelões, que são os principais, e entre os demais como professos e graduados. Deputou sete homens dos principais e mais praticos, que juntos fossem devassando e inquirindo das vidas destes lamas, pera que todos os que fossem achados com qualquer fama de mau trato, ou de beberem vinho, fossem constringidos a deixar o estado de lamas. Fizeram os deputados seu exame e acharam a muitos culpados, de maneira que mosteiros houve de cento e demais em que os compreendidos na devassa passavam de setenta e oitenta. Em muitos se executou a prematica, noutros se vai executando com grandes lastimas, não só dos mesmos lamas mas dos parentes. E o que mais é que têm cessado os cantos e rezas nos conventos por faltarem os conventuais. Outros se têm mostrado tão sem medo, que dizem estar prestes pera antes perder a vida, que deixar o estado de lamas que professam. A muitos destes mandou el-Rei viver em certas serras desabitaveis em covas que nelas há, donde saem a pedir suas esmolas pera se sustentarem. Porém como este termo é tão aspero, esperamos que muito cedo tomem outra resolução melhor e deixem a tal pertinacia. Outros são tratados ainda com mostras de benevolencia antiga pera os fazer crer que as causas de que está feito e faz com os demais são as que acima disse. //

[fl. 64] Vendo o lama grande o estrago que se fazia no seu rebanho, teve por do Céu um meio que de novo se lhe ofereceu pera vir em graça e amizade del-Rei seu irmão, e foi tomá-lo um raja por ter-

¹¹⁹ Mitras amarelas [*dGe sloi*], empregado erradamente em vez de [*dGe lugs pa*], mitras vermelhas. G. Toscano, *Alla scoperta* [...], pp. 334-342.

ceiro pera com este Rei a fim de fazerem pazes entre si por andarem há anos em continuas guerras, e como este Rei desejava as tais pazes pera desunir a este raja doutro mui poderoso com quem tambem há anos está confederado contra este nosso Rei¹²⁰, houve o dito lama que a tal nova lhe vinha do Céu, e que a respeito dela sem duvida sairia com a amizade que mais pretendia com seu irmão, que o proprio raja, que o tomava por medianeiro, e assi mandou certos lamas com esta nova a el-Rei pedindo-se eficazmente se vissem ambos, pois tanto importava pera a paz e bem deste Reino. Respondeu el-Rei que tratarem o tal negocio lhe parecia bem e aceitava o haverem-se de ver ambos sobre este ponto, porém que havia de ser com condição, que primeiro ele lama e a Rainha, mãe de ambos (que já neste tempo tinha vindo doutra terra pera os compôr) haviam de jurar de lhe não falarem ũa só palavra sobre os lamas que acima disse e que feito o tal juramento então tratariam das pazes que pedia o raja, e que doutra maneira nem a ele seu irmão, nem a Rainha sua mãe queria ver. Pasmaram de ver esta resolução e com muita magoa de lhe não suceder o que pretendiam por este meio, houveram de aceitar a condição e assi juraram ambos de não falarem palavra sobre a revolta e aperto em que andavam os seus lamas. Viram-se, enfim, os tres, mãe e filhos mas sem se falar palavra algũa, e foram estas vistas breves e tão sem gosto, que se a magoa em que primeiro estavam era grande, não ficou menor depois deste encontro.

Neste comenos foi Deus servido que adoecesse a Rainha, o que foi tambem de grande gosto pera os lamas por tomaram daqui ocasião de dizer, como disseram e apregoaram, que a doença viera à Rainha pelo pecado del-Rei seu marido em os perseguir a eles e estimar tanto a nós, mas Deus foi servido que a doença, nem fosse de momento, nem durasse muito. Era pera ouvir zombar ao Rei deste dito dos seus lamas acrescentando que bem pouco medo tinha de suas deprecações e agourarem-no tão mal, que chegavam a dizer que ao dito Rei sucederiam cedo muitas desgraças, antes esperava muitas merces de Deus por fazer com os lamas o que julgava por de grande serviço seu e porque a Rainha rezava as nossas contas muito em publico e das suas rezas não tratava, lhe disse que dissimulasse algum tanto enquanto ele ia extinguindo aos lamas, e que isto feito ela se baptizaria no primeiro lugar e depois ele com seu filho, ajuntando

¹²⁰ «*Este nosso Rey*»: Thi Tashi Dagpa é o rei dos jesuítas, uma espécie de Constantino ideal.

que como conluisse com os ditos lamas havia de tratar aos padres em mui diferente forma do que agora fazia, sendo bem verdade que nos trata com mui grande amor e respeito. Deste, e do conceito que têm de nossas cousas direi um pouco no paragrafo seguinte.

Não se pode encarecer a Vossa Paternidade o grande respeito que têm estes bons reis às cousas de nossa Santa Fé, e daqui nasce darem dele tantas mostras no exterior. Primeiramente quando vêm à nossa igreja são muitas as reverencias que faz às sagradas imagens e isto à vista de toda a gente, e por nenhum caso se quer cobrir dentro dela, não o fazendo assi nos seus templos. Ao pescoço traz de continuo a Santa Cruz, as nossas contas e um relicario de cristãos cheio de santas reliquias, o mesmo faz a Rainha, principe, etc. Toda a outra sorte de gente faz continuas petições pera lhe darem a Santa Cruz que tomam e trazem com grande reverencia. Um destes a quem se tinha dado se viu há poucos meses em grande perigo de vida, porque sendo mandado por el-Rei a negocios bem longe, foi tanta a neve que, diz ele, se viu sem esperança de vida. Recorreu à Santa Cruz que trazia ao pescoço, e com isto se viu numa segurança tão grande, como se de feito se vira fora do perigo em que havia dias estava posto, e assi foi que saiu dele como desejava e, vendo-lhe outros a Santa Cruz lha compravam por grande preço. Sentiu muito falarem-lhe nesta venda, havendo que na Santa Cruz tinha quanto podia desejar. Tambem havia certa mulher que padecia de noite grande molestia em sonhos espantosos e medonhos; pretendeu a Santa Cruz e não sem fruto porque os sonhos continuos e molestos se lhe trocaram daí por diante noutros apraziveis e de gosto. Outro tido por bem rico, mas sem filhos se valeu da Santa Cruz pera que Deus lhe desse herdeiro de seus bens, nem foi em vão sua esperança, tendo Deus por bem dar-lhe um filho, prometendo ele primeiro de o fazer cristão. //

[fl. 64v.] Mas tornando a el-Rei vemos que de quantas cousas até agora se lhe praticaram da Santa Fé tem feito mui bom conceito sem lhe estranhar nem parecer mal algũa delas. A esta conta pratica destas materias tambem, que já parece um pregador bem versado neste officio, e faz pasmar aos seus com o que diz, e não menos se mostra zeloso e afeiçoado quando fala de nossas cousas em particular, como dos nossos jejuns, orações, vida, etc. Por muitas vezes tem dito: «Ah, quem me dera aqui cem padres pera logo aprenderem a lingua e se dividirem por meu Reino a pregar e doutrinar a gente, eu lhe daria o necessario e faria igrejas e casas em toda a parte», e é muito notavel o gosto e alegria que mostra quando vê que refutamos e con-

fundimos aos seus lamas. A esta conta sentiu na alma a volta de um padre pera o Hindustão e, quando depois de muitas importunações houve de lhe dar licença, foi com muito grandes mostras de sentimento.

Tudo isto, e muito mais que pudera apontar temos em estima, particularmente havendo tantas cousas que lha (*sic*) podiam menos-cabar, como a inimizade de sua mãe e irmão, o malquistar-se com todos os lamas e com seus aliados por sangue e amizade, os riscos de rebeliões entre seus vassallos, o pejo do que dirão os reis vizinhos e o seu lama grande em Utsang, do qual afirma o mesmo Rei que em sabendo ser ele já feito cristão se há de vir como leão a esta terra. Quando os meses passados alevantamos a segunda cruz sobre esta igreja que ele mandou fazer e dourar, disse que sendo necessario ele mesmo iria fazer o fogo pera se fundirem os metais, e que a primeira prata que saísse de ùa nova mina que se ia descobrindo havia de ser pera ùa fermoza cruz da mesma prata. Assistiu a um dos baptismos que fizemos nesta igreja com grande consolação sua, respeito e reverencia das sagradas cerimoniaes, pelo qual nunca se divertiu a outra cousa, assistindo sempre desbarretado e em pé.

Deste respeito às cousas de Deus nasce o que nos tem a nós e o amor que nos mostra em todas as ocasiões. Primeiramente são continuas as caridades que de sua casa recebemos e, seja Vossa Paternidade bem certo que não há pais mais amorosos pera os filhos, do que experimentamos a estes bons reis pera connosco. Quando alguns officiaes de toda a corte hão-de vir trabalhar à nossa casa, têm na sua todo o necessario de comer e a paga que se costuma dar, e não há diferença algũa quando trabalham em nossa casa ou na sua. Da mesma maneira quer que o serviço que o povo faz ao paço por costume antiquissimo se faça à nossa casa tambem e, porque a gente sabe destas ordens no mesmo foro, trata as nossas que (*sic*) as do Rei. É costume darem certas pessoas a lenha necessaria pera as nossas cozinhas e, no tempo dos frios, as mesmas no-la dão a nós em tanta abundancia, que podemos bem repartir com os pobres, o que nesta terra é de estimar, assi por serem nela os frios muito grandes, como por não haver lenha, senão trazida com grande trabalho e destas cousas havia muitas que apontar, e por esta mesma rezão de nada pagamos direitos, pagando-os toda a demais gente. Pouco tempo há nos deu terras suas que se semeiam de trigo e, porque lhe parecia não serem mui bastantes, ao menos tantas como desejava, determinou comprar outras vizinhas a varias pessoas pera no-las dar a nós e todas vão com obrigação do povo as

lavar, semear e benfeitorizar, como é costume fazer às terras reais, sem nos entrarmos a mais que recolher o trigo, e esta doação se faz por provisão sua na dita forma pera que depois de sua morte não possa haver contradição.

Os meses passados adoeceu um padre gravemente de um prioriz de maneira que de sua vida já não havia esperança. Tanto que el-Rei o soube foi muito grande o sentimento que teve, e a Rainha se veio a nossa casa com grandes mostras de sentimento, o que fez por tres ou quatro vezes no discurso da doença, que foi breve, chorando sem admitir consolação e usando de palavras que enterneciam aos circunstantes, dizendo que se lhe morrera sua mãe e seus irmãos que tem ainda vivos, não o sentiria no grau que sentia a morte do padre que era seu Pai. Um dia que parecia ser o ultimo, disse ela aos padres que fizessem algũa devoção e dessem ãa reliquia santa ao padre pera que Deus por meio dela fosse servido dar-lhe a vida, já que os remedios humanos não eram de proveito, alegando que o mesmo lhe tinha sucedido a ela numa doença com a reliquia que o padre lhe tinha dado. Tomaram os padres ãa reliquia da Virgem Nossa Senhora e depois de afectuosas petições que fizeram ao Céu com muitas lagrimas que derramaram deram a beber a santa reliquia ao padre pondo nela só a ultima confiança, pois tudo o mais faltava do humano. Quis Deus glorificar o santissimo nome da Virgem, porque em tomando a santa reliquia sem tardança de meia salutação angelica cessou de repente a continua e aguda dor que padecia, e logo arrebentou a postema interior botando pela boca grande copia de sangue apostemado, o que durou por alguns dias sem dor nenhũa mas só com um arreceio de parte que tinha ido lesa. Foi a cousa tão notavel que todos os circunstantes o tiveram por milagre. Com esta mercê recebida foi igual a consolação e alegria que estes bons reis tiveram aos pezares e magoas passadas. Em todo este tempo de perigo assistiu por ordem del-Rei o lama fisico-mor todas as noites no cubiculo do padre e varios criados, tendo por ordem pera se acharem presentes de continuo e, muito em particular, ao tempo de comer, pera o forçarem a isso e lhe levarem novas cada hora. //

[fl. 65] Anda este amor acompanhado com grande respeito. Nos ajuntamentos publicos temos sempre o primeiro lugar depois das pessoas reais. No trato ordinario é mui grande junto com muita chaneza e familiaridade de que parece não haver diferença dele a nós, de que pasmam os da terra e os forasteiros, e daqui nasceu a grande fama que de nós há por todos estes reinos. Do de Ladaca sabemos que nos deseja muito; do de Utsang que é um rei mui grande e se intitula «Rei dos

Reis», fomos chamados este ano¹²¹ com um formão mui honroso, sem o pretendermos, nem pedirmos, e é de tal maneira, que a todos os que aqui o viram fez admirar. Pela mesma rezão de estima que este Rei faz de nós, nos deu o de Xirinigar tambem o seu pera passarmos com toda a segurança por suas terras e não pagarmos direitos alguns em seis ou sete portos, como pagam todos, assi naturais, como estrangeiros, pondo graves penas que não foram menos que da vida e perda de todos os bens a quem intentasse levar-nos algum direito ou fizesse qualquer força, e o que mais é que no mesmo formão diz tambem que não pagaremos cousa algũa nas terras do seu famoso pagode Badrid, a quem todos aqueles gentios têm tal respeito que, não só são elas couto segurissimo em qualquer genero de crimes, mas indispensaveis os direitos a quem por elas passa. Tudo isto fez por lhe irem grandes novas de nós e lhe dizer o seu embaixador que cá mandou a este nosso Rei, que dele a nós não havia diferença no trato, donde tambem nasceu fazer grandes gasalhados e honras a um nosso que pera este Tibete¹²² vinha, e não houve parte em que lhe pedisse direito algum pela noticia que já tinham do formão. De maneira que as maiores dificuldades que tinhamos na vinda pera cá, que são por suas terras, estão hoje de todo aplainadas pela divina bondade.

Este respeito que acima digo poderá Vossa Paternidade coligir do que agora direi. Não só os mercadores estrangeiros, mas os naturais acodem logo aos padres em seus trabalhos, valendo-se deles pelo muito que podem com el-Rei, nem se sabe até agora quem negasse cousa algũa das muitas que foram intercessores e o que mais é que a propria mãe del-Rei, sendo dele mui respeitada, tem tomado aos padres por terceiros pera com ele, seu filho, por mais de quinze ou vinte vezes, e o mesmo digo do lama grande seu irmão, persuadidos que mais autoridade tem pera com el-Rei e mais acabam com ele os padres, que a propria mãe e irmão. Estimamos este conceito de toda a gente no qual se não enganam pelo muito que serve pera o bem das almas de todos.

Não faltará quem diga que se assi correm as cousas, como não são muitos e muitos já feitos cristãos? Digo que mui poucos são os que até agora se baptizaram, mas muitos os que estão proximos a o fazer e deve de notar quem em tal pensamento tiver entrado que

¹²¹ Foi estabelecida em Utsang uma estação missionária: G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 259-270, 320-327. Ver p. 231.

¹²² Alain de la Beauchère (Alano dos Anjos).

esta missão é mui nova, pois não há mais que um ano que dois padres a ela têm chegado, sendo necessario pelo menos dois ou tres de continuo estudo pera aprender só o precisamente necessario da lingua, ou linguas, que duas são: ãa a ordinaria, outra a do seu livro, que diferem entre si, como o latim e português, e nesta do livro se tem de ordinario as disputas por usarem nelas dos termos dele. Outro padre tem chegado há dois anos, mas de primeiro se gastou a maior parte em doenças e sem interprete algum, e com tudo não deixou Deus de fazer a estes operarios muitas merces neste estudo da lingua, primeiro que já a sabem muito arrezoadamente e dentro em cinco, ou seis dias aprendeu um deles a ler o seu livro¹²³, forma que grandemente se espantavam, afirmando el-Rei e outros por muitas vezes, que os seus não chegavam a tanto entre anos com mui grande aplicação que punham¹²⁴, e que aprender em tão breve tempo não podia ser sem grande merce de Deus.

Sobretudo pretendemos que no primeiro lugar entrem as pessoas reais, porque após elas irão logo todos sem demora. Por ora nos damos por mui contentes e satisfeitos do estado e crédito em que nossa Santa Lei está posta nestas terras, e do respeito que todos lhe têm, e não menos da franca liberdade que nos é dada pera pregar em toda a parte a fé de Cristo Jesus // [fl. 65v.] tendo grandissimas esperanças dela florescer e se fundar nestas terras muito mais em breve do que têm feito nas outras missões orientais, das quais não sabemos dalgũa que em tão breve chegasse a altura que esta tem de presente, quanto mais que o fruto da semente evangelica não é de Paulo nem de homens, mas do Altissimo Deus, que terá por bem tomar estes pobres e fracos operarios por instrumentos de muita gloria sua.

Acabo esta com fazer saber a Vossa Paternidade que a nossa igreja está de todo acabada, e tão graciosa e aprazivel, posto que pequena, que não há mais que desejar. A capela é pintada com oito paineis grandes da vida da Virgem, e nos baixos tem varios santos como o nosso santo Padre metido na alagoa, São Francisco Xavier tomando a disciplina pelo pecador que converteu, e outros. O corpo da igreja tem somente dezasseis paineis grandes da vida de Cristo Senhor Nosso; nos lados da capela do arco pera fora estão os quadro Doutores da Igreja Latina em seus nichos. À entrada da porta pela parte

¹²³ O *Prajñāpāramitāsūtrā* na sua versão tibetana.

¹²⁴ A admiração de Thi Tashi Dagpa por este jesuita é politicamente interessada: trata-se de desacreditar os lamas, o seu saber, o seu poder.

interior fica sobre ela a criação do primeiro homem e aos lados os quatro novísimos. O tecto esta mui gracioso e toda a igreja tal que pasmam quantos a vêem. Sirva-se dela Deus Nosso Senhor pera muita gloria sua e de sua santissima mãe, a quem está dedicada com titulo da Virgem da Esperança. E com isto na benção e santos sacrificios de Vossa Paternidade, etc.

Do Tibete aos 2 de Setembro de 1627.

De Vossa Paternidade filho indigno¹²⁵.

Antônio de Andrade

¹²⁵ [Na margem inferior direita «Relaçam da Missam do Tibet, 2 de Setembro 1627».]

CARTA DE FRANCISCO DE AZEVEDO¹²⁶

[fl. 79v.] De Agrã pera o Tibete

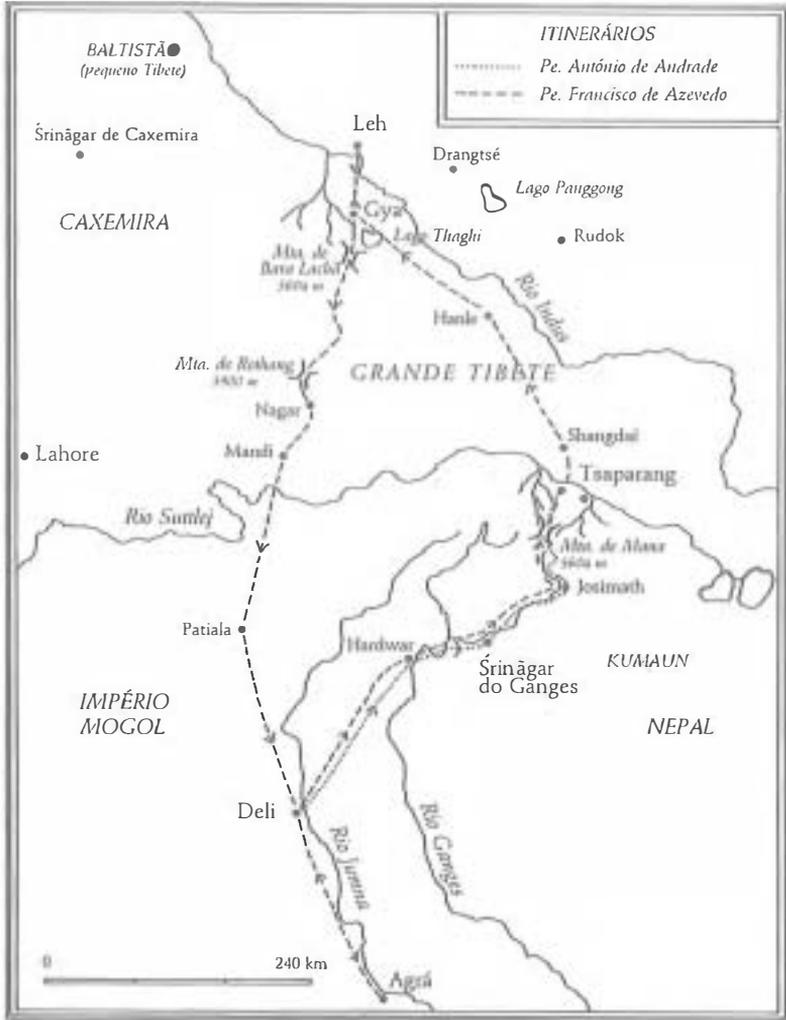
Ûa sexta feira 27 de Junho me passou o padre Mateus de Paiva da outra banda do rio de Agrã¹²⁷ aonde estava a carreta que me havia de levar com algũas cousas de saguate pera o novo raja de Chaparanguê. Não na pudemos arrumar em modo que se pudesse aquele dia fazer jornada, pelo que nos fomos recolher da calma à quinta da Rainha Nurmal [*Nūr Malīl*] que fica de longo do rio.

É este mui largo e fermoso, de boa água pera a passagem de gente inumeravel e animais, tem grande numero de barcas e barçaças, algũas tão capazes que levam 600 e mais pessoas, outras que têm em si casas de madeira repartidas pera homens e mulheres, muito bem lavradas em que se vão recrear grandes pessoas. Nasce das serras do Tibete, e vai pagar tributo ao mar de Bengala pelas fozes do Ganges. Vão e vêm de lá muitas e grandes embarcações carregadas de mantimentos e roupas; vêm em 60 e vão em 15 dias. É tão abundante de peixe vario e muito bom, que sempre se acha no bazar fresco, e tão barato que, pelo mesmo preço, o dão aqui pera duas porções que em Goa por todo mar, pera ùa.

Cingiu por ùa parte a cidade de Agrã assento e corte destes monarcas que em suas ribeiras veio fundar el-Rei Acabar [*Akbar*]. Junto delas edificou seus paços dentro [de] ùa fortaleza tão capaz que cabem nela mais de dez mil casas. É verdade que só as del-Rei têm al-

¹²⁶ Francisco de Azevedo escreveu uma carta ao Provincial relatando a sua viagem de Goa para Agrã e desta para o Tibete. O texto intitula-se «Pera o Padre Antonio Freire Procurador das Provincias da India da Companhia de Jesus em Portugal», lendo-se na sua margem esquerda «Viaggio Tibet de Goa. Azevedo». Transcrevemos aqui a segunda parte desse texto que, como dito na nota do coordenador da edição portuguesa, é uma cópia do original assinada por Francisco de Azevedo.

¹²⁷ Rio de Agrã: *Djemma, Jamma* ou *Yamma*.



O percurso do padre Francisco de Azevedo.

gum jeito, cingida[s] de muros muito altos e bem feitos de pedra vermelha, casta de jaspe, fermosos à vista, mas de pouca resistencia a qualquer boa espera. As munições e guarnição são seis mil mulheres del-Rei tão arrançadas que só o ouro e joias poderá ser tesouro grande de qualquer rei. Estende-se a cidade à vista do rio bebendo nele por quase duas leguas, engrossando pera o sertão proporcionadamente. Nisto que é povo e gentes é Lisboa muito inferior. Mafamede com as largas licenças que lhe deu é causa de tanto numero de habitadores que só tratam de propagar o genero humano. Porém falta-lhe o primor da Rainha das cidades — Lisboa —, a magestade de seus edificios, [a] magnificencia e grandiosidade de seus templos, a fermosura de suas ruas, a ordem, o primor, a policia, etc. Todas as casas quase são terreas. No meio dela se vê sito o collegio de Nossa Senhora do Nascimento de nossa Companhia de Jesus com sua não muito grande mas linda igreja, tão fermosa e bem ornada que como a tal a vêm visitar grandes senhores e nababos¹²⁸, como tambem quando vivia el-Rei Jangir [*Jahāngīr*], // [fl. 80] aonde publicamente correm nossos cristãos com suas obrigações a sino tangido mui desabafadamente ouvindo suas missas, assistindo aos divinos officios como se em nossas terras estiveram, apesar de Mafoma, com grande gloria e reputação de nossa santissima fé catolica¹²⁹. É collegio de seis e mais religiosos aonde residem ordinariamente dois ou tres alem de muitas vezes que se ajuntam de varias partes em que em missões estão espalhados.

Serão em numero os cristãos que frequentam esta igreja quase quatrocentos em que entram muitos armenios que nesta cidade assistem, alem de outros que vão e vêm da Pérsia mercanciar e de alguns europeus, italianos, franceses, etc., criados del-Rei e portugueses. Os mais deles são naturais novamente convertidos a nossa Santa Fé. Não tenha Vossa Reverencia o numero por pequeno nesta corte, em que Mafamede é o que manda tudo. No Reino de Gozopor [*Kāmpur*]¹³⁰ vinte jornadas pera as partes de Bengala assistem de presente o padre José de Castro Milanes grande santo e o padre Francisco Morando, bolo-

¹²⁸ Título de príncipe ou governador de província na Índia muçulmana (do hindustânico *navab*). Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919-1921. Doravante citaremos esta obra por Dalgado, seguida da indicação do vocábulo s.v.

¹²⁹ Liberalismo religioso herdado do reino de Akbar (1542-1605), incompreensível no Ocidente cristão ou muçulmano, em Portugal ou em Marrocos.

¹³⁰ Leitura duvidosa desta palavra.

nhes, em companhia de Dom Gonçalo Mirijá [*Mirzā Dū-l-Qarnayīn*] que governa aquelas províncias da mão del-Rei¹³¹, aonde tem bom numero de cristãos à sua conta¹³². Em Sambar [*Sambhal*] que é parte do Reino de Asmir [*Ajmer*] pera o ponente temos alguns outros cristãos a que se acode do collegio de Agrá todos os anos com um padre que na quaresma e noutros tempos do ano os vai visitar e consolar. O mesmo se faz com outros que vivem no Reino de Lahor, aonde temos a ùa fermosa igreja que os reis passados Acabar e Sargir [*Sattrajit*] de boa memoria edificaram [a] nossa Companhia de Jesus, etc¹³³.

Tem ao longo da ribeira boas casas de principes, de nababos (*sic*), alguns serralhos¹³⁴ de mulheres dos reis passados em que ficam fechadas com tão boa comedia como vigias sem sairem, verem, nem serem vistas a vida toda, que pera casta de gente tão apetitosa de aparecer, tão barata de se comunicar é na vida o mesmo Inferno. Os capados são os porteiros e o seu Mafoma que as deve de consolar com frequentes revelações.

Fazem seus edificios ainda que terreos, ou pouco levantados, mui acomodados ao viver humano, porque como a terra é descomedia nas calmas e disconforme nos frios, pera acudir a ambos os excessos, ou extremos ou extremos (*sic*), como meio necessario edificam de feição que no maior rigor das calmas têm casas mui frescas e regaladas e no maior dos frios, quentes e abrigadas como logo veremos.

Pela outra banda vêm beber à borda deste rio fermosas quintas tambem com soberbos edificios e de grandes despesas. Só tocarei a Vossa Reverencia nesta da Rainha Nural que nos agasalhou aquele dia muito bem. Fê-la ela com muita curiosidade pera trazer e ter nela a el-Rei Jangir mais frequentemente. É maior que o Terreiro do Paço em quadro bem murada, repartida em varios quadros iguais, o pavimento das divisões de marmore muito liso no lugar em que se vêm unir os quadros fermosos tanques cobertos de mimoso arvoredo. Por meio do pavimento dos terriplenos por um vão de 8 palmos direito vai água regando seu compasso, grandes fileiras de ciprestes, pessegueiros, lorangeiras, etc., e pelo pé destas, por bela ordem, cravos, lirios, jasmims, com toda a mais variedade de flores.

¹³¹ Exemplo de arménio iranizado, passado ao catolicismo sob a influência dos jesuítas.

¹³² Os arquivos jesuítas insistem na generosidade de Mirijá.

¹³³ [Todo este parágrafo foi escrito na margem esquerda].

¹³⁴ Palácio dos príncipes muçulmanos.

Dos quadros uns são [de] parreiras, outros de laranjas pequenas muito boas, como e melhores que as de Salcete de Goa tão estimadas, outros de macieiras e outras frutas de cá, outros de fermosos rosais. É ali muito pera ver a fermosura dos tanques, as invenções dos canos de água com que se refrescam no rigor daquelas calmas que nos fizeram recolher então mais cedo do que desejavamos a ùas casas que caem sobre o rio de abobada, obra real, no meio de cada qual se vê um tanque de água do rio muito fresca. Estas são as que fabricam pera fugir da calma, então tão frias que é sumo regalo estar nelas. Assi vive esta cega gente buscando enquanto pode as maiores delicias do corpo, como se nem suas almas nem Deus lhe[s] mereceram algũa lembrança.

No andar da quinta se vêem uns paços pera el-Rei, pequenos mas bem feitos, dourados, curiosamente pintados. Entre varias imagens se vê ali a de Nosso Salvador, da Senhora da Madanela e outras de capitães famosos no mundo, mas não a de Mafoma, que lhe não tinha el-Rei devoção algũa¹³⁵. Entre esses paços abreviados e outros que lhe[s] respondem pera mulheres, do mesmo tamanho e bondade, se metia um fermoso e grande patio, em que se via um tanque de alabastro, cousa fermosa em roda do qual fazem os fidalgos *achouqui*¹³⁶, quando el-Rei está presente. A um canto dele se vê ùa charola grande de pedra, mui bem lavrada e dourada, donde el-Rei aparece um dia de semana aos seus grandes que lhe vêm fazer do rio e embarcações a tascelima [*taslīma*]¹³⁷.

Ao sabado de madrugada, em aparecendo a aurora, oferecendo a Verdadeira tão comprida, trabalhosa e arriscada peregrinação, parti só acompanhado de alguns frecheiros por arreceio dos ladrões que não faltam neste caminho. É a terra daquela banda plana, nada inferior em bondade e fertilidade a toda a que tenho visto e muito barata, mas não nos faltaram Invernos pera este Verão.

Passados dois dias fui entrando pelas terras do raja que tirou ao Rei Jangir das unhas do leão. Tinham ferido el-Rei de ùa pilourada, arremete a quem o feriu e, quando todos fogem, este fidalgo // [fl. 80v.] gentio¹³⁸ põe as costas em el-Rei e o peito no leão abraçando-

¹³⁵ Cheio de antipatia pela ortodoxia sunita, Akbar tinha promulgado um credo sincretista, o *din-i-ilahi* ou «religião divina», em 1582: A. Schimmel, *Islam in the Indian Subcontinent*, pp. 80-83 e 99, Leiden, 1980.

¹³⁶ Escritório flutuante da alfândega, a própria alfândega ou tributo fiscal: Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, p. 123. Palavra hindi: *coki*.

¹³⁷ Palavra árabe pouco habitual em português: raiz / SLM/ como em *salām*, a salvação.

¹³⁸ Impropriamente «pagão», já que o nome indica o muçulmano e não o hindu.



O Grande Mogol (Kircher, China Illustrata, 1667).

-se com ele. Com os dentes se andaram por espaço de tempo ferindo os dois leões, até que, chegando-se um *lascarim*¹³⁹ perto, o leão subitamente largando a este fidalgo, arremeteu ao lascarim e, fazendo-o em pedaços, ambos caíram mortos cada um pera a sua parte. Ficou também este fidalgo ferido de morte. Chega el-Rei, leva-o nos braços, deitam nas suas andas, manda levar a sua tenda com grandes promessas aos cirurgiões se o dessem vivo. Enfim viveu, e el-Rei o fez capitão de cinco mil cavalos que são de renda em cada ano mais de trezentos mil cruzados. Saladi [*Salāḥ ad-dīn*] se chama este esforçado fidalgo.

Por muito perto do meu caminho há nesta terra ũa mina, ou salina de salitre que os rebeldes a seu rei compram ali cinco mãos por um rupia e lhe sai purificado em duas e meia¹⁴⁰, que fazem cinco mãos das de Goa. Cá no publico dizem eles que neste salitre de um fazem dez na sua terra e, quando estão borrachos, tempo em que se falam verdade, dizem que de um fazem 30.

Em Agrá vale ũa mão de salitre purificado de um rupia pera dois. Bem poderá o Estado ou a companhia mercantil ter nesta cidade de Agrá um feitor que lhe faça além de outros mil proveitos este, que é de grande importancia e com isso muita guerra aos inimigos. Eles o levam em tanto peso e numero com formão del-Rei a Surrate em cafila de camelos, e nós o poderíamos levar a Damão, ou dentro a Goa nos mesmos, com licença dos reis. Não sei quem nos cega, que nos vai à mão.

Passados outros dois dias, dei com muitas hortas de anil, que por extremo desejava de ver. Não se dá este em todo lugar, aqui neste pedaço de terra sim, naquele daqui a um tiro de mosquete. Não pode bem ser que mande a Vossa Reverencia a semente que tenho, pera que negá-la se a nossa terra o cria, porque esta é como essa temperada¹⁴¹.

Lavra-se a terra com a primeira chuva, e logo outras duas vezes nela. Assi lavrada tres vezes se lança a semente como qualquer outra; logo brota em ũas vergontas de até 4 palmos que todas rompem em gomos de folhinhas da cor e tamanho da losna¹⁴². Passados dois meses que já se mostram maduras, cortam-se rentes com a terra às varas, as raizes ficam. Aquelas, assi com as folhas se metem em um tanque alto cheio de água pondo-lhe em cima grandes pesos de pedra. Assi estão 24 horas, no fim das quais tiram fora todas as varas

¹³⁹ *Lascarim*: mais que «marinheiro», aqui significa «soldado» (árabe: *al-ʿaskarī*).

¹⁴⁰ Texto considerado duvidoso por C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, p. 284.

¹⁴¹ Trata-se de Goa ou de Portugal?

¹⁴² Absinto.

e folhas que nelas ficaram, logo abrem o tanque grande sobre um mais pequeno em que se recolhe toda aquela água com o sumo de sustancia das folhas. Logo nela entram 4 homens esforçados que por meio dia batem e revolvem aquela água até ficar muito negra e grossa. Passado o meio dia botam sobre ela quantidade de meia canada¹⁴³ de azeite de gergilim¹⁴⁴, com o qual todo o sumo e grossura das ervas vai fazendo pé o outro meio dia e a noite toda. Pela manhã vão tirando a[o] de leve toda aquela água até chegarem ao grosso e papas negras que no fundo estão, as quais são o anil e então as toam e as vão botando em um pano que está sobre um pequeno sumidouro aonde elas ficam sem água; e daí as põem ao sol aonde se secam só por tres dias, porque, se secam por mais, pesam menos. Quando é barato, vale ãa mão nas aldeias que são duas de Goa 25 e 28 rupias. Quando é caro, vale 30 e 35. Quando o vendem por um dia inteiro o põem em lugar humido, pera que pese mais. O que o falsifica tem pena de morte.

Afora a primeira brotam as raizes nos tres invernos seguintes e delas se colhe o mesmo fruto, sem no tempo do Verão lhe fazerem beneficio algum. Este é o anil, assi se faz, aquele cá seu preço, assi o levam estes estrangeiros com que fazem grandes proveitos, e fazem muito bem, pois não prestamos pelo menos pera fazer cá alguns pera que nossas naus não vão vazias, pois as destes mouros dependem tanto de nós pera os seus cartazes¹⁴⁵, não cuido que devem de nos negar [a] assistencia de um feitor nosso aqui se são bem aconselhados¹⁴⁶. //

[fl. 81] Ao quinto dia que foi da Visitação¹⁴⁷, ao romper da manhã, depois de me encomendar à divina, partimos. Tres leguas andadas demos nas ribeiras do afamado Ganges tão venerado de toda a gentilidade indiana como buscado de muitos e muitos centos de leguas pera se lavarem nele de suas culpas. Vem a este rio algũas vezes magote de 10 e de 20 mil devotos gentios receber a santificação de suas águas por mãos de muitos bramenes centenarios que cozidos em devoção se deixam ficar por aquelas praias, ou aldeias vizinhas, já limpos de toda a culpa como os pobretes cuidam, por não torna-

¹⁴³ A canada para azeite corresponde a 1,40 litros em Goa. Cf. *Subsidios para a Historia da India Portuguesa Publicados de Ordem da Classe de Sciencias Moraes [...]*, dir. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1868, p. 58.

¹⁴⁴ Sésamo (*Sesamum indicum*, Lin.).

¹⁴⁵ Uma espécie de passaporte comercial (em árabe *qirãas*, caderno ou folha de papel).

¹⁴⁶ Convência comercial luso-muçulmana.

¹⁴⁷ A 2 de Julho.

rem a ver mais mundo cantando alegres *nunc dimittis servum tuum quia viderunt oculi mei*¹⁴⁸, pera que quando houverem de entrar nos campos elisios¹⁴⁹ suas almas vão purificadas por águas tão santas. O que aqui as não tocou, não é tido por bom bramene, nem por religioso gentio. É o rio largo, fermoso, de excelente água sempre fresca e fria por ser nascido da neve, mas tem tal qualidade que se tirada logo se não bebe, logo aquece; na corrente tão manso por estes campos como pelos de Coimbra o nosso Mondego, passando estes da outra banda com tanto alvoroço a se meter sofregos nele como se entraram no paraíso, entram e saem mil vezes porque têm que *toties quoties* ganham indulgencia plenaria.

Passando o rio fui tirando a terreiro o que nos governava a carreta por ser bramene que presumia em suas patranhas até que mais singelo do que eu cuidava, se veio a esborroar na fabula seguinte, que de um dos primeiros homens ficaram cento e um filhos, que ocupada grande parte da terra fizeram muitos poços. Oprimida com isso a terra queixou-se a Deus e este lhe disse: «quando cavarem outros, deixaste cair sobre eles, com o que os pobres ficaram esmagados penando ali suas almas junto [a] esta Ganga¹⁵⁰ sem poder passar ao Céu. Um só filho que daqueles ficou pediu [a] Adão¹⁵¹ de merce que o serviu doze anos, que lhe desse a salvação pera seu pai e tio». Adão lhe disse: «leva esta Ganga que em lhe tocando os ossos com suas águas, suas almas limpas entrarão no Céu». O Gange que sabia que em lhe tocando com suas águas havia assi de acontecer, e juntamente sabia que em aquelas cento e ùa almas purificadas entrando no Céu se havia logo de acabar o mundo, por se não acabar tão depressa, se desviou do lugar em que estão as ossadas e as almas penando, mas o rio ficou com a virtude de santificar que Adão lhe deu e tambem os corpos, donde se segue terem pera si que se não salva o gentio a quem não tocou a água deste rio, mas que todo o tempo que lhe toca os ossos ou aqui ou aonde lhe levam algũas gotas, consegue a salvação. Perguntei-lhe como agora não falava o Ganges? E porque a terra estava muda? O pobre se embaraçou tão depressa que se fechou a banda na materia mais mudo que o Ganges e só lhe tirei por fim

¹⁴⁸ Palavras do velho Simeão em *Lucas* 2:29: «Agora deixai ir em paz o vosso servo porque os meus olhos já viram.»

¹⁴⁹ Duplo registo, digno de Camões: Bíblia / Mitologia.

¹⁵⁰ Duas formas: *o Ganges / a Ganga*: S. R. Dalgado, *Glossário luso-asiático*, 1919.

¹⁵¹ O Adão bíblico e corânico esgueira-se para o interior do primeiro homem indiano. Conversa em persa?

o que a cartilha manda fazer e dizer aos meninos que sua lei tinha Doutores que me saberiam responder.

Naquele mesmo dia cinco coices¹⁵² alem do rio vi a primeira vez ao longe as altas serras do caminho do Tibete com grande consolação minha, representando-se-me na memoria aquela divina donzela quando de pouco mais idade que 13 anos, tenra e delicada subindo com toda a pressa pelas montanhas de Ebron¹⁵³ por alumiar ãa alma, mostrando Ela o fervor e alvoroço que a levava mais correndo e voando que andando por tantas dificuldades e trabalhos¹⁵⁴.

São por estes campos inumeraveis as povoações, os animais sem conto, o vacuum, que é o mais, quase todo branco, os canaviais de açúcar muitos. Fomos fazer manzel¹⁵⁵ a Ambrué aonde se vê o quintal de bugios¹⁵⁶ afamado. Um mouro pera que ficasse ali sua memoria, nele criou dois pequenos, e quando morreu, [se] sepultou nele deixando com que se sustentassem os bugios, que já então eram muitos, e agora mais de cento que ali se criaram, vivem e vos vêm à mão comer o que lhe dais com muita festa e familiaridade, com que não pouco recreiam os passageiros e renovam a lembrança de quem os criou naquele lugar.

Na menhã seguinte partimos buscando a povoação de Ambrué em cujo caminho demos com grande copia de bichinhos do tamanho de ãa unha polegar como caranguejos todos de cor encarnada. A casca de cima era um veludo carmezim tão soberanamente obrado pelas mãos da natureza que se não fartavam os olhos e estavam os campos semeados deles, fermosos rubins entre // [fl. 81v.] esmeraldas. Criam-se estes com as primeiras águas do Inverno¹⁵⁷ que havia tres dias levavamos connosco. Lá pelo meio clia cheguei a um rio que por vir com o Inverno crescido e furioso o não pudemos passar a vau. Estando não pouco cuidadosos do remedio, vimos da outra banda 3 negros acherontes sem barca, sem (*sic*) remos¹⁵⁸, que logo contentes

¹⁵² Entre 1,65 e 3,33 léguas, segundo as correspondências efectuadas por F. Azevedo ao longo deste texto.

¹⁵³ Hebron, cidade e montanha da Terra Santa com o túmulo de Abraão. Actualmente é território disputado entre Israel e a Palestina.

¹⁵⁴ A alegria de Maria ao visitar a sua prima Ana (Lucas, 1:39).

¹⁵⁵ Paragem durante a jornada (Do árabe *manzil*). (António de Moraes; *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.ª ed. revista [...] ed. Confluência, s/d, 12 vols. Doravante citaremos esta obra por Moraes com indicações do vocábulo s. v.)

¹⁵⁶ Macacos.

¹⁵⁷ A monção.

¹⁵⁸ Deus do rio dos infernos, e personificação destes, *Eveida* 7:91.

do premio trouxeram uns calões sobre que no rio tecem ùa rede de bambus, assento pera ùa pessoa e nela nos foram passando pouco a pouco por ùa corda que tinha as pontas em terra, com não pequeno risco por amor da corrente tão furiosa que nos levou por um pedaço a carreta. São descontos do caminho. Pouco alem deste rio dos calões fomos repousar da molestia passada, não pequena, a outro dia na cidade de Ladinhar e desta parti pera os limites do Reino com as serras a ùa aldeia que fica dela 8 leguas. Foi neste dia a chuva tanta que me danou o que levava e, a outro dia que foi Domingo me fez parar e, não foi este o maior mal, como direi.

À segunda às 11, parti metendo-me por aquele mato aonde se dividem os Reinos do Mogor e os das serras que por isso é um perpetuo covil de ladrões em que roubam os de cá e os de lá a seu gosto, desculpando-se com o mato aonde querem que todos os gatos sejam pardos a toda hora. No meio dele fui dar com o rio dos Calões que passamos duas vezes aquele dia com a água pelos peitos que, com a pressa que levava, se não foi medo, se me enxugou muito depressa e, pera falar verdade, ela foi tal que em menos de 4 horas me pus a pé no fim da jornada que foi de 12 coices que são 8 leguas. Não faltam por este espesso mato elefantes, leões, tigres, badas, bufras, ussos (*sic*), pelo que é necessario passá-lo acompanhado e com cautela.

Estas serras estão, a respeito dos que nos metemos por elas com o rosto no Norte, de ponente a levante, pera o ponente se vão metendo por Laor, Casmir [*Caxemira*], Cabul, pera a Persia. Pera o levante vai a outra ponta buscar o mar de Bengala. Tanto que entrei por Cordoar ùa povoação de poucas palhotas ao pé de ùa pequena serra sobre que a povoação está, me pus de joelhos beijando-a e dei muitas graças a Nosso Senhor por me fazer digno de pôr a boca aonde com tantos trabalhos, tantos servos seus de sua Companhia de Jesus puseram seus pés com tanto zelo da conversão das almas¹⁵⁹.

Vê-me Vossa Reverencia já posto em salvo sobre a primeira serra? Pois saiba que de novo me deu Nosso Senhor hoje a vida, que tão arriscada a tive pouco antes de chegar. O não partir ao Domingo antes mo impedir a muita chuva, deu lugar aos daquela povoação donde parti, pera virem dar por alvitre aos desta serra que estivessem alerta porque um frangue¹⁶⁰ lhe havia de cair nas mãos e comigo

¹⁵⁹ Montículo onde se situa o lugar, ou todos os Himalaias?

¹⁶⁰ Ou fringue. Palavra de origem persa (*farange*, *fringe*), sendo a corrupção de «franco». Designava originariamente «europeu cristão», mas na Índia restringiu-se ao «português», e posteriormente ao «indo-português» e ao «cristão». (Dalgado, s.v.).

grande presa. (Há Vossa Reverencia de saber que o mesmo é dizer por cá frangue, que o homem cheio de pedraria e de riquezas.) A co-biça deste lanço pôs em cilada no mesmo dia e hora em que passamos naquele caminho e mato a um bom numero de cavaleiros ladrões. Mas Nosso Senhor que não desampara os seus, e sua Santa Mãe a quem o perigo de tal caminho me fez peitar com a pobreza de minhas devoções mil vezes nele repetidas, moveu a lhe fechar os olhos de maneira que, quando já tiveram vista de nós, iam subindo a serra pera entrar na povoação, quando bem alheios de sua danada tenção foram entrando connosco esbofados e bem magoados por perderem a ocasião. Já então estávamos seguros, posto que em sua casa, aonde o raja¹⁶¹ não consente furto em forma algũa. Se nos tomavam ainda no baixo, ali ficavamos, porque estes pera lhe ficaremos, digo, ficar o furto sem sobroço matam aos passageiros.

São tantas as serras neste sertão de Ásia que parece que nele depositou o Autor da natureza o maior numero e peso delas. Mais de cinco meses caminhei pera o Norte e no fim pera o levante sem neles verem meus olhos mais que serras tão altas e fragosas como na sua as pinta o padre Antônio de Andrade primeiro descobridor evangelico delas, as mais empinadas ao Céu, as mais alcantiladas ao baixo que viram os olhos humanos, e com serem estas, não deixam de ser fertilissimos campos, // [fl. 82] porque as mais delas se lavram e semeiam do pé até à cabeça, tudo pode a arte, a tudo se atreve o trabalho e industria dos homens, pois nenhũa serra que se vai a pique não só as nuvens, que muitas lhe ficam sempre por baixo, mas ao Céu, vai cavando terriplenos em redondo de ũa de 3 e de meia braça, aonde leva os bois, lança a semente e colhe copiosos frutos duas e tres vezes no ano em grande abundancia, com que enriquecem ao Reino muito mais do que se dentro de suas balizas todo fora plaino. São estas serras um perene tesouro de toda a casta de mantimentos, um pomar de todas as frutas, um fermoso jardim de ũa infinita variedade e de ũa varia infinidade de flores, tão prenhes de bonissimas águas que por partes sem numero se desentranham em caudelosas ribeiras e fontes frescas.

O natural da gente é brando, ela pouco polida, a ordinaria menos bem feita, não assi a gente limpa muito mais delgada nas feições, as crianças lindas. Há nela poucos ciumes porque o matrimonio dura enquanto se não enfadam, donde nasce que 4 irmãos comprem ao

¹⁶¹ Negação reintroduzida no texto.

pai a filha pera todos, que, concertados no numero dos dias a têm cada qual em casa prorata¹⁶², e quando lhe vem a vontade lhe dão com a licença a liberdade. O (*sic*) que é casada com um, se se enfada dele, oferece ao Rei cinco rupias e fica juntamente sua cativa e livre daquele marido; e, quando depois quer já outro, oferece ao Rei 15 e o vai tomar. O mesmo fazem ao bramene do pagode Badrid pera se descasar e casar; a que quer ser solteira, com ùa espada nua na mão dá 50 voltas à casa do pagode, com o que fica sua cativa e livre pera toda a má ventura. Enfim é a carne nestes ares (com serem excelentes) tudo o que pode ser de podre e as almas no que toca ao Céu, tão ignorantes como emperradas na cegueira de seus pagodes.

Dando as costas aos fermosos campos hindustanos ùa segunda-feira, comecei a subir a primeira serra, que da subida me levou até as duas da tarde sempre com os olhos aonde se põem os pés porquanto nisso nos vai a vida, assi por ser o caminho pelo recosto da serra estreitissimo, como porque se olhais pera cima pasmais, se pera baixo perdeis com muito perigo o lume dos olhos. O mato delas muito fresco, cheio de muita silva e de bem miudo mangericão; depois por outras, até que o fim do dia nos fez fazer manzel em ùa aldeia despovoada, ao dia seguinte em que fomos dar com o rio dos Calões no fundo de altissimas serras, mas tão atenuado e humilde que nos não deu molestia aquela vez.

É bem verdade que caminhando um bom pedaço por ele me deu ùa desatinada dor de ouvidos que me deu bem que sentir por 3 dias. Acudiu-me Nosso Senhor com o remedio naquele mato, quando eu menos o cuidava. Foi que, vendo-me gemer um serrano e sabendo a causa se compadeceu e me ofereceu um pé de pavão¹⁶³ de fumo seco que logo moeu e me lançou em ùas gotinhas de água no ouvido, com o que senti dentro grande frialdade e logo a dor quebrada.

Fomos outro dia entrando por grandes pinhais¹⁶⁴ que enrramam estas serras. São os pinheiros infinitos, muito altos e muito apraziveis, a figura é diferente nos de cá porque o mesmo representa aqui o pinheiro com seus ramos do que a pinha na figura. Se por lá os houvera nesta conformidade pode ser que os estimarão mais nas

¹⁶² Expressão latina que significa na proporção, na razão do que proporcionalmente deve tocar a cada um.

¹⁶³ Vegetal impossível de identificar. Não existem vestígios de tal remédio contra o mal das montanhas na farmacologia tibetana tradicional, segundo a opinião do professor Fernand Mayer, consultado a este respeito.

¹⁶⁴ Vide nota 13, p. 80.

quintas que [os ci]prestes por terem na figura mais graça. Estes lhes fazem grandes aberturas ao pé e no tronco, por onde recolhem grande quantidade de resina branca pera muitas cousas e de suas rachas ensopadas nela fazem candeias que alumiam como se de cera forão (*sic*).

Ao outro dia fomos ao rio dos Cabaços (chama-se assi porque neles se passa, assi como o outro, em calões) aonde um alcavalista nos fez algúas perrarias e nos não deu aviamento até não tomar de nós o que quis. Passeio já tão tarde que não pude deixar de fazer manzel no alpendre de um pagode sito na outra banda em um lugar sobranceiro ao mesmo rio.

É este pagode¹⁶⁵ chamado o «Deus da fortaleza», *deuvi cotta* e por isso¹⁶⁶ nestas serras de grande reputação, devoção e de muita romagem. A casa é humilde, triste e pequena, caiada com bosta que têm muita devoção por ser de vaca, dentro mal cheirosa, escura, medonha, enfim o diabo. A curiosidade me levou dentro; acheo (*sic*) a um canto sujo, no chão, como merece, de 4 palmos, // [fl. 82v.] negro nas cores, desbarbado mas bem afeiçoado, na mão esquerda um escudo. O terçado estava na cinta do bucho, do braço direito lhe saía ũa espada nua com morrião na cabeça. Logo um pouco pera dentro estava um tumulto quadrado coberto com dorsel de seda, à roda muitos buzios com que os bramenes tangem e alguns defumadouros.

Em saindo aparecem ao longe descendo um monte, um magote grande de serranos e serranos que, com grande traquinada de tambores, vinham na volta do pagode. Lá pararam em me vendo, e logo enviaram a um bramene a descobrir terra. Chegou, prostrou-se, e beijou muito devoto o lumiar da porta, logo me disse que toda sua aldeia em forma vinha fazer aquele pagode festival e solene sacrificio pera que lhe não fizesse mal.

«Se é vosso Deus, como vos faz mal?» Embaraçado me tornou que não fazia mal de coração, mas só se agastava e assombrava a quem lhe não fazia a vontade; mais que com algum bode sacrificado acabavam as merencorias passadas e se amigava logo. Não me quis deferir a mais perguntas. Então deu seu sinal aos que o esperavam, que logo arrancaram do posto com toda a fragalhota de timpanis, sistros, cimbalis e outros mil trupizupes¹⁶⁷ pera o pagode com muita

¹⁶⁵ Nos dois sentidos: deus asiático + o seu templo.

¹⁶⁶ [Entenda-se: e por isso são estas serras ...]

¹⁶⁷ Coisas sem importância.

soma de fugareus, homens e mulheres em fileiras, pelo meio 8 faços cabrões e ùa bufara que os bramenes traziam por cordas enramados. Todos se iam prostrando, e beijando o batente do negro pagode.

Má noite me deu aqui o Diabo com a horrenda matinada que estes faziam. O mal era que eu não tinha outro lugar, por ser já noite, o não podia buscar, e assi me foi necessario prestar paciencia. Logo os devotissimos serranos em procissão com ramos verdes e *omne genus muzicorum*¹⁶⁸ em procissão tres vezes lhe rodearam a casa. Depois ficando todos fora entrou o perro do bramene e fingiu que consultava o pagode em que gastou ùa hora, estando os de fora em silencio. Ela passada, com um buzio grande deu sinal como o pagode estava contente de se lhe fazer o sacrificio e que disse lhe fazia mercê. Ó, valha-me Deus, que alvoroço, que alaridos, que diabolica matinada!

Então ordenam e fazem de novo em reconhecimento do novo beneficio a quarta procissão levando demais nela muitos hissopes com que iam derramando não sei que água pelas paredes do pagode, e muitos turibulos com que as incensavam. Por fim dela em um momento cortaram as cabeças aos bodes à porta, e logo tingiram seus degraus com o sangue, o que feito se prostraram todos com o rosto no chão por bom espaço em silencio, até que, passado ele, o cão do bramene com o buzio fez sinal que estavam as amizades feitas. Então se levantam, entram e vão beijar os pés do pagode pela mercê e logo se saem os bramenes a cozinhar e comer os bodes, cuja carne é só pera eles. Isto passava de meia noite e o pobre de mim com a cabeça aberta sem pregar olho. Cuidava eu que com o passado punham fim a suas doudices e treguas a meu trabalho senão quando começam na mesma forma de procissões e matinadas, o sacrificio da bufara em nome dos servidores da aldeia que depois a comeram. E isto quase manhã que havia de ser? Como quer Vossa Reverencia que o Demonio me agasalhasse? Não é ele pessoa de quem se mais espere. Rompeu a manhã e com ela me pus ao caminho em companhia de toda aquela canalha por ùa empinada serra que da subida nos levou até o meio dia, dando-nos liberalmente aqui e ali de copias de águas de ùa fresca ribeira que de seus cumes despenhada a vinha banhando. Aqui dei com muitas arvores de canela no cheiro das folhas muito viva e aquelas muito queimativas.

¹⁶⁸ Todo o género de músicas.

Vingada aquela grande serra fomos descendo e subindo por mil outras todas encadeadas sem darmos em plano algum consideravel. Por meio nelas def[ic] com] alguns matos de grandes sobreiros¹⁶⁹ carregados de bolotas amargosas de que fazem azeite. Tambem se acham alguns doces. Assi fomos dar em um fundo vale sem povoação algũa, medonho com o grande numero de pinheiros, aonde nos foi necessario fazer manzel por ser tarde. Quando ali começavamos // [fl. 83] a descansar nos cansou muito apparecerem por entre o mato cinco soldados patantes¹⁷⁰, digo, patanes por casta e por isso conhecidos ordinariamente por ladrões. A verdade é que me não fizeram bom estômago que logo começaram a cortar ramos pera dormir e lenha pera cozinharem. A vizinhança não parecia muito sadia, por fim os sobressaltos com que a noite toda se passou Deus os sabe que sabe o muito que sua santissima Mãe e os santos lhe rogaram por nós. Quebrou-lhe[s] Deus o animo porque a quererem levavam o fatinho quando de barato nos quisesses perdoar as vidas. Todos tinham armas e entre nós só havia ùa espada pera o peão e outra pera mim que devia andar mui destro nela, e dous bichinhos nossos em lugar de armas, somente pernas pera que te quero¹⁷¹.

E pera que Vossa Reverencia não atribua tudo a medo saiba que assi nos preservou Deus Nosso Senhor de ùa boa em aqueles não terem noticia algũa da morte do Rei daquelas serras na guerra, como a tivemos a outro dia ao meio dia, por ser costume quando o Rei morre, lançarem-se todos à pilhagem enquanto não há outro a quem respeitem. Ainda o trabalho e sobroço foi maior a outro dia quando nos tomou no meio daqueles matos tal nova, restando-nos ainda pera chegar à cidade o que do dia nos restava. Fizeram os amaes¹⁷² comigo o possivel por eu não ir dormir nela, atemorizando-me que era então menos segura, as revoltas maiores, os furtos mais certos. Vi-me duvidoso, encomendei-me a Nosso Senhor da sua purissima Mãe pondo-lhe então diante a primeira vez sua sacratissima pureza de quem ela sabe que desejo ser devoto. Logo o conselho dos sobreditos me começou a parecer mal e, com a maior pressa que pude, comecei a descer ùa alta serra em que gastei o mais do dia, até à boca da noite chegar à cidade aonde tive alguns dias bem que descansar. Achei-a triste, mas mui quieta sem revolta, sem furtos.

¹⁶⁹ Sobreiros.

¹⁷⁰ Etnia do Afeganistão.

¹⁷¹ Frase incompleta ou alusiva.

¹⁷² Transportador: árabe *ʿamāl* por *ʿāmil*, trabalhador, sentidos menos precisos que o indo-português «o *amal*», «condutor de palanquim» (Dalgado, s.v.).

É esta cidade de Siranagar cabeça do Reino, isso quer dizer o nome, «Cidade Cabeça»; aprazível, sita num plaino desabafado ao longo das ribeiras do rio Ganges, que ali vai mui fundo e furioso, de ambas as partes acompanhado de altas serras. E estava ela então como orfão sem pai ou como viuva triste, as boticas fechadas sem se comprar nem vender. Logo se lançou bando¹⁷³ que ninguém trouxesse touca, que rapassem as cabeças e barbas, que se não matasse pera comer cousa viva, nem ainda ervas sob graves penas, o que assi se guardou à risca, de modo que, também eu, em que me pés estive por ela, só podiam comer arroz cozido com leite ou com manteiga. Como a terra é dos gentios tudo quanto querem lhe[s] metem na cabeça os bramenes, e durou isto até se levantar novo rei que foram 20 dias em que nem *mainatos*¹⁷⁴ podiam lavar roupa. Também se impediram os caminhos até o rei novo tomar posse que não passasse estrangeiro algum por amor dos ladrões.

Creia Vossa Reverencia se quiser que mais senti isto que comer arroz e leite somente como bramene, porque me forçou a lei a ficar ali quinze dias de remolho com grande pena minha. Vejo a Vossa Reverencia apetitoso de saber como morreu este Rei e pois em que me pés me dão tempo pera isso, quero satisfazê-lo. Trazia ele continua guerra com o Rei de Camau [*Kumaon*]¹⁷⁵, vizinho seu, serrano como ele, que ainda que com menos campos e forças lha mantinha com esforço e brio, fiado não só em serem os seus melhores soldados, que têm por primor não fugirem na guerra sob pena de quando assi vêm fugidos lhe saírem suas mulheres à porta descarregando-lhe[s] nas barbas com ùa panela de água e de lhe[s] dizerem fechando-lha, «ide que assi se faz às vacas que fogem da guerra, ide buscar outras ao mato», por aquela que diz que de fora dormirdes, com o que ficam tão descasados como afrontados, não só como digo, em serem os seus esforçados, mas também em ter por si a rezão, sem embargo da qual respondeu aos honrados partidos que lhe o outro fazia, que sem sua cabeça não voltaria atras e assi lhe foi soberbo entrando muitas povoações na serra. O de Camau lhe mandou fazer doação delas com tanto que consentisse na paz. Não

¹⁷³ Pregão público pelo qual se anuncia alguma ordem, decreto, ou simples informação.

¹⁷⁴ *Mainatos*: membro da casta dos lavadores, exclusivamente encarregados da lavagem da roupa (de *mannatan*).

¹⁷⁵ O rajá hindu de Garhwal estava em guerra com o muçulmano Mahipati Shah: C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, p. 95; G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 359.

está por isso, vai entrando, o outro se retira até que o teve num estreito em que não puderam os seus valer-lhe; ali de ùa frechada no olho e de ùa pelourada caiu sua muita soberba. O vencedor enviou o corpo à raja viuva // [fl. 83v.] e ao menino filho dizendo que seu pai fora o que quizera morrer, que em sinal disto lhe oferecia pazes enquanto ele fosse menino até que querendo pudesse vingar a morte de seu pai.

Foi o corpo trazido aquela sua cidade 2 dias depois que a ela cheguei e sobre um bem feito cadafalso da lenha cheirosa aguila brava¹⁷⁶, sandalo, etc., nas praias do Ganges foi queimado com não poucas lagrimas dos seus. No mesmo foram queimadas quase vivas 60 concubinas suas; digo, quase vivas, porque alem de serem queimadas muito contra seu gosto, por força e às pancadas as meteram no fogo¹⁷⁷. Passados 15 dias, antes de o menino que é de sete anos se coroar, me deu licença pera passar quando já o irmão Manuel Marques tinha vindo de Maná com muita consolação minha e grande alegria que recebi com as boas novas dos padres, posto que aguadas com o novo e trabalhoso estado da missão¹⁷⁸.

Toquei a Vossa Reverencia neste Rei mal logrado, porque alem de me tomar sua morte não só no caminho, mas em sua cidade, merece-nos ele algũa lembrança pelos muitos favores que nela fez ao padre António de Andrade e grande desejo que lhe mostrou de nossa assistencia naquela sua corte, oferecendo-se pera nos dar sitio ao longo do Ganges junto de si, casa feita, aldeias pera a sustentação e toda a liberdade (que é o que queremos) pera naquelas serras propargarmos a verdadeira lei.

Bem vi ali nas informações do irmão a mudança das cousas do Chaparangue com a má fortuna do chodopa Rei¹⁷⁹: Rei que foi nosso grande amigo agora já não Rei, mas cativo de outro fino idólatra, e que as prosperidades com que Nosso Senhor fundou aquela nova cristandade, sobre a extraordinaria benevolencia daquele Rei estavam algum tanto quebradas. Mas não foi isso parte pera deixar de continuar no caminho pera me ver e consolar com os padres como se me tinha ordenado.

¹⁷⁶ Águila brava é uma madeira da ilha de Ceilão, muito aromática e abundante, de onde se extrai uma espécie de incenso (de *agil*).

¹⁷⁷ Exemplo de satī, ou morte ritual das viúvas na pira funerária do marido.

¹⁷⁸ A missão de Tsaparang.

¹⁷⁹ Thi Tashi Dagpa, rei de Tsaparang.

Dia de nosso padre Santo Inacio¹⁸⁰ nos partimos confiados nele que nos alcançaria os favores necessarios pera o restante de viagem muito mais trabalhosa. Como o caminho é comprido sempre subindo, ou descendo e por pedragulho, foi forçado sentirem-no os pés de alguns de nós, renovando-se-lhe feridas velhas com novas chagas, de modo que nos foi necessario caminhar algũas jornadas descalços por aqueles não sofrerem sapatos (isto é, o Padre meu, contar um amigo a outro com confiança de amigo trabalhos padecidos pelo Céu, que agora alegram e então não entristeciam).

Está naquele caminho ãa serra entre mil outras afamada por sua altura que chamam a de Barochi que em algũas partes se sobe de gatinhas, mas muito fresca assi em arvoredos e verdura, como em belas fontes e levadas de água com que a cada passo nos refresca e alivia do excessivo cansaço da subida que nos gastou das cinco da manhã até à ãa. Ao cume dela cheguei tão cansado que não cuidei que chegasse e o mesmo foi chegar a ele que entrar com pequena descida por fermosos rosais de ãa e outra parte, com ãa caudelosa ribeira de longo do caminho, as serras de um e outro lado cheias de boninas, de flores e muitas outras ervas cheirosas, o que tudo nos foi acompanhando até bem perto de povoação. Na serra passada e nas que se vão seguindo é muito pera ver os cedros que as vestem, os aciprestes que as ornam quase sem numero, aonde vi cipreste tão grosso no tronco que tinha de nove pera 10 braças. Deles é a lenha que os seranos gastam tão cheirosa que quando arde, rescende e enche tudo de suavidade. Cedros não vi tão grossos, mas alguns de 4 e de 6 braças¹⁸¹ de grossura no tronco, tão altos como os mais altos pinheiros, com os quais têm muita semelhança na folha que não é mais grossa, mas mais curta com os mesmos bicos, muito maior na copa, muito mais espesso e escuro. Servem-se os montanhesees em suas casas das tabuas com as quais se cobre[m]. Não faltam por esta paragem muitas nogueiras e aveleiras, muitos pessegueiros devrasios e molares, entre eles vi um de tres braças de grossura no tronco; grande copia de castanheiros, mas são as castanhas ruins na carne, na casca muito negras; assi as comem aqueles. Estas são as arvores que o padre António de Andrade viu cheias de ramalhetes de flores vermelhas¹⁸² tão perfeitos (*sic*) pela mão da natureza como se as invejas // [fl. 84]

¹⁸⁰ A 31 de Julho.

¹⁸¹ Entre 8,8 e 13,2 metros, aproximadamente.

¹⁸² Descrição p. 80.

de arte nelas se quisera mostrar, ao que acrescento por cousa notavel que primeiro cria e aparece com o ramalhete de flores lindamente postas em seu lugar e depois sacudidas aquelas fica em seus pés aparecendo com o fruto ou com outro ramalhete de castanhas na ordem, no concerto e conformidade de suas flores.

Antes que chegássemos ao manzel este dia em Jussi [*Josimāthi*], aconteceu ao irmão meu companheiro [o] que direi. Iamos pela lombada de sua mui alcantilada serra a pique sobre o Ganges aonde em certo lugar a passagem era por cima de dois paus juntos encostados a ela com lama, os quais com a muita chuva da noite atras tinham caído no rio. Cometeu o irmão o caminho pegando-se de algũas raizes penduradas na rocha porque já outros se tinham arriscado. No meio lhe quebraram as raizes e assi foi caindo e com ele que o estava vendo o meu coração e a alma, tão sobressaltado que só tive acordo pera lhe chamar por santo Inacio. A rocha era tão limpa e direita como ùa parede e de 4 braças de alto até o rio, indo assi escorregando; no meio dela se lhe meteu nas mãos não sei como (*Deus scit*¹⁸³) ùa raiz bem delgada pela qual pegou ùa braça antes do rio, donde o tiramos por cordas que lhe foram botando até que se segurou e o pôs Deus Nosso Senhor em salvo a quem demos infinitas graças pela vida que de novo assi lhe deu. No como eu passei e com que risco, pelo mesmo lugar sabe Nosso Senhor. Dirá Vossa Reverencia porque passava com tanto risco? Se tiveramos outro remedio, diz Vossa Reverencia bem, mas nem outro remedio nem outro caminho havia, salvo tornar pera tras até em muitas semanas se concertar aquele.

Está a povoação de Jussi aonde chegamos, situada no recosto de ùa ingreme serra, a casaria é boa, nela a gente muita, tem no meio um pagode entre 4 torres de pedra de cantaria. Defronte de sua porta se ergue um pedestral de 15 palmos sobre o qual se vê um anjo de bronze muito lustroso notavelmente bem feito na figura e nas feições, de joelhos com o rosto pera o pagode, como quem o reverenciava com as mãos alevantadas¹⁸⁴. Em um de seus alpendres nos recolhemos aquela noite. À boca dela veio ùa procissão de homens e meninos com varias campainhas e defumadouros com que em mais breve tempo do que me eu já temia, rodearam e defumaram ao senhor pagode. Vi aqui dentro numa torrinha pequena que não tinha

¹⁸³ «Deus o sabe.»

¹⁸⁴ Descrição mais alargada em C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, p. 96.

mais vai que 4 palmos, fazendo penitencia a um venerando velho que assentado vivia e dormia sem poder al fazer, nem o lugar donde não saía lhe dava pera mais licença.

Pela manhã nos deu esta serra não menos trabalho em a descer do que outras mui empinadas em as subir. Ao pé dela passamos um de quinze rios com que o Ganges se faz poderoso e logo nos fomos metendo pelo baixo de duas serras mui altas e tão estreitas que quase se não vê o mesmo Ganges que as vai solapando tão escondido que escassamente o vê o sol no meio dia, com tanto estrondo que se não ouve ũa pessoa a outra senão à orelha. No espaço daquela manhã por entre estas serras assi continuadas se vêm os maiores perigos deste fatal caminho, cujas dificuldades só pode vencer ou o amor de Deus ou a insaciavel e temeraria cobiça dos homens, porque o caminho é pelo recosto destas desesperadas serras que às vezes escassamente nos dão lugar pera pôr o pé, tão escorregadiço que, se resvalais, o Ganges vos espera e vos recebe tão furioso que sem remedio num momento desapareceis nele. Não é este rio navegavel entre as serras assi pelo arrebatado curso com que vai, como por ir tropeçando em penedos disformes dos que descarna das serras, derruba e recolhe.

Nestas mesmas serras desta manhã por serem tão alcantiladas sobre o Ganges, vão lançando pera fazer caminho uns paus, como quem os botara unidos a algũa parede inclinados pera subir por eles, sobre os quais em partes vão algũas trapeiras, pelas quais sobe o caminho sendo temeridade e risco da vida manifesto a passagem por elas, mas só posto que o não há melhor, é necessario bebê-la, ou vertê-la, fazendo mil vezes actos de contrição com o santo nome de Jesus e Maria na boca e no coração. Creia // [fl. 84v.] Vossa Reverencia que não é possivel nem com isso significar-lhe a menor parte do perigo desta manhã, porque a cada passo quando menos o cuidais ou vos resvalais ou as traves se deixam cair no rio convosco.

Muito pode o desejo de ver a Deus com ũa alma, que se isso não fora, creia-me Padre meu que o que cá veio ũa vez, que ainda que lhe puseram diante pera voltar outras, a honra pontifical, pode ser que responderia: «Eis aqui antes o pescoço pera morrer ũa vida que mil.» Mas, como digo, o amor de Deus pode tudo, tudo facilita e a obediencia verdadeira tudo vence.

Depois que passamos as trapeiras demos com ũa cafila de carneiros que vinham do Tibete carregados de sal, aonde tinham levado arroz, como burrinhos de Castela a Setubal que trazem trigo e levam

sardinhas e sal. São estes carneiros grandes e fermosos, fortes pera a carga. Eles são o serviço destas serras, alguns têm cinco pontas, carneiro há de sete¹⁸⁵. A carne é muito boa, sua lã preciosa. À vista deles começamos a sentir o frio das nevasdas serras de Maná.

Antes de chegar a esta 2 coices¹⁸⁶, demos num vale entre serras, mas desabafado, sem arvore nem erva verde, todo queimado da neve de que aquelas serras nunca carecem. Nele, ao pé da serra da mão esquerda, se vê o afamado pagode Badrid. Bem lhe podemos por tudo chamar o vale do Inferno. Ao pé dele passa o Ganges. Todo aquele se resolve em tres casinhas de pouco momento, terreas, nem o demonio merece mais. Numa delas a melhor está sobre um altar o mesmo, em duas figuras, ùa de ouro outra de prata, digo de pedra. Ao pé dele vêm a romper tres grandes fontes entre duas de água fria, ùa tão quente que se não pode nela sofrer a mão metida espaço de duas palavras, de que o padre António de Andrade faz menção na sua¹⁸⁷. Deriva-se esta água em varios tanques em que se banham os peregrinos. Bem desejei de fazer outro tanto pera remedio de certas dores que nos joelhos tenho e trouxe dos rios de Cuama¹⁸⁸, mas aquele mimo só aos gentios o fazem. Alem das grandes riquezas que de toda esta Asia se oferecem a este Demonio, os reis vizinhos lhe têm dado grande numero de aldeias pera suas despesas como lá os reis catolicos a São Tiago em Compostela, porque em tudo o Demonio é bugio. Cada dia lhe dão tres vezes de comer, ao almoço 4 ceres¹⁸⁹ do melhor e mais fino e alvo arroz, com certos cocos em pedaços e boa copia de manteiga, com algum doce. Ao jantar quatro mãos de arroz cozido e mil outras moxinifadas; a merenda algũa cousa leve. O bramene lho põem diante, logo se sai e fecha a porta; passado certo espaço abrem e tiram o comer que o bramene reparte consigo e com seus servidores. Dizem que o seu Badrid não quer mais que o cheiro, que com ele se sustenta, e de ver comer os seus.

É todo o distrito destas terras do pagode coito e sagrado, em que os criminosos dos reinos vizinhos vivem seguros. A povoação em que vivem os servidores e devotas servidoras está à vista, mas bem

¹⁸⁵ Sentido hipotético.

¹⁸⁶ Entre 0,66 e 1,33 léguas.

¹⁸⁷ Descrição de Andrade, pp. 82-83.

¹⁸⁸ Guana: Cuama, denominação do Zambeze, em Moçambique.

¹⁸⁹ Peso e medida de capacidade para líquidos, utilizado na Índia, variando conforme as localidades entre 286 e 533 gramas. (Do sânscrito *sera*) (Dalgado, s.v.).

afastada. Dizem que não sofre o pagode vizinhança de homem e mulher por casto. É verdade que a não tem ali o seu bramene ordinariamente, mas algũas vezes vai saber de sua saude e cozinhar-lhe um bocado.

Neste mundo indiano se tem por bem-aventurado só aquele que veio a seu Badrid, e porque Vossa Reverencia veja quão bugio é de nossas cousas, assi como nós em Roma o ano santo cada 25 anos, tem este pagode cada doze jubileu plenario que foi o de 630, aonde por tão desesperados caminhos concorreram então mais de oitenta mil gentios com suas ofertas, e basta chegarem ao vale do Inferno donde lhe vejam as portas, pera tornarem santificados e contentes pera toda a vida. Um veio aquele ano tão cheio de devoção pelo Reino de Mogor e pelas serras, que veio sempre de joelhos até à porta do pagode. Vêm cegos, mancos, aleijados, mas tão aleijados tornam e mais cegos do que vieram. Ali lhe vão beijar as portas os maiores calaceiros desta Asia que são os jogues¹⁹⁰, que só o são pera viverem com maior liberdade. Andam por aquele frio quase nus e muitos sem mais roupa que a que a natureza lhe[s] deu pera aparecerem à primeira vez no mundo, e estes são havidos por maiores santos. Lançam-se a esta vida velhaca // [fl. 85] assi porque ninguém lhe[s] pede conta dela, como porque têm o comer certo. É verdade que o ano passado vindo de Bengala ùa tropa de 8 mil bargantes ou birbantes¹⁹¹ destes (que são agigantados, gordos e nedios¹⁹²) com suas armas fora de seu costume, não pareceu bem naquela conformidade ao Rei de Siranagar, e assi lhe mandou que, ou voltassem, ou pera ir ao pagode entregassem as armas. Não estão por isso, põem-se em som de guerra, toca o Rei caixa, marcha, dá neles, mortos muitos e muitos, e a cabeça do magote lançado vivo no Ganges faz voltar ao mais com menos alvoroço e maior pressa do que vieram.

E não foi este Rei só, tambem Jangir que tinha a esta sorte de vadios aborrecimento notavel matou a muitos em seu tempo e pera Cabul vendeu a 4 mil a troco de cães de caça, aonde lhe cortam os nervos de um pé, com o que sem esperança de fugirem, os fazem trabalhar às direitas. Com um Vice-Rei dos nossos sei eu que mandou ele tratar que lhe equiparia as galés todos os anos com certas condições bem racionais, mas nem com isso veio a efeito.

¹⁹⁰ [No original «jogos»].

¹⁹¹ Vadios.

¹⁹² Vistosos.

Ali lhe vem beijar o pé ao demonio Badrid, o qual bem cuidado que se pôs aqui não só pera os enganar, mas tambem pera se vingar destes desalmados com o excessivo¹⁹³ trabalho de tão maus caminhos. Nos seis meses em que por ser o sitio inabitavel por frio e neves que todo o cobrem e que se vão os moradores pera lugares mais habitaveis, lhe têm as portas fechadas, ouvem naquele tempo grandes tangeres e musicas. Mas quem as viu? Que naquele tempo não pode aparecer nem viver pessoa algũa ali. Assi e com estas mentiras o pai deles engana a estes pobretes por seus ministros.

É Maná ùa tristissima povoação. Vivem seus moradores assi de seus carneiros como de levarem arroz ao Tibete e trazerem no (*sic*) sal neles. Há nos matos desta povoação grande copia de bichos de almiscar que dão o mais limpo e precioso que se sabe. É o bicho como duas vezes ùa lebre da mesma cor e feitio, quase. Tem os cabelos mais grossos e compridos; da boca lhe saem dois dentes, como de porco montês, agudos e de volta pera cima. Pare a femea sempre casal inteiro. A carne, dizem os caçadores que a comem, que é mui cheirosa e preciosa. Come a femea ervas peçonhentas que mastigadas e mal cozidas no estomago, as vomita e dá ao macho, das quais ele só cria no umbigo um polmão pera fora em que está o almiscar, ao qual chamamos papo, o que tudo vi com curiosidade no mesmo bicho. Caça-se com cães que os vão mordendo e descendo enquanto os caçadores às pedradas os matam. Vivos se tomam alguns mas não vivem muito. Vende-se o almiscar no papo com seus cabelos que eles lhe deixam pera pesar mais, dizendo que são nele como os bigodes no homem, a peso de prata, e às vezes por mais¹⁹⁴.

Daqui me parti dia de S. Lourenço¹⁹⁵, tão ferido ainda dos pés que se achara quem me levava, sem duvida fizera o caminho nos alheios. Fui só por me ser necessario deixar ao irmão em Maná esperando os carneiros pera levarem o fatinho. Ao segundo dia dei ao passar do Ganges com sua ponte meia desfeita. Não era ela mais que 2 paus de meio palmo de grosso, unidos ambos com as pontas sobre um penedo, um cá outro lá e um deles tinha caido na corrente, pelo outro se não atreviam a passar os mesmos serranos. O vau sobre o medonho rio era de tres braças. Cheguei, fixei de bom modo o pau que estava, encomendando-me a Deus e a sua santissima Mãe. Foi ele ser-

¹⁹³ [Borrão de tinta. O escrivão escreveu a palavra na margem direita.]

¹⁹⁴ Já Marco Polo falava deste almiscareiro: *Le Million*, edição de L. F. Benedetto, Florença, 1928, p. 72; G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 365-366.

¹⁹⁵ A 10 de Agosto.



Almiscareiro.
(Kirkpatrick, Account of the kingdom of Nepal, 1811)

vido que passou o moço sem perigo e, fixa de sua parte a outra ponta, passei com o sobroço que se pode crer por tão estreito pau sobre tal rio. Dali a ùa legua dei com outro rio de traves pera o Ganges com a ponte, que era semelhante, toda levada. Ali me vi sem remedio e pouco pera cantar a que diz: «Vai o rio de monte a monte, como passarei sem ponte.» Mas como Deus acode nos maiores apertos, sucedeu que não era passada meia hora, quando da outra banda apareceram 2 moços nossos que vinham com alguns carneiros de Chaparangué demandando a ponte. Foram logo dando busca pelas ribeiras abaixo e quis Nosso Senhor que nas da sua parte acharam os paus com que restaurada a ponte pudemos todos continuar o caminho. //

[fl. 85v.] Naquele sitio, ainda que entre serras, desabafado, vi ao longe uns ramos vermelhos perto das praias do Ganges, que me pareceram de coral, vista de grande recreação e ao perto que de úas relvas nasciam infinitos ramalhetes de folhas vermelhas pequenas em úa vergonteia de palmo e meio, na figura cada um deles um cipreste, a terceira parte da vergonteia limpa. Têm consigo estes ciprestes de flores fabricados pela mão da natureza esta graça que no mesmo tempo e na mesma relva vedes que uns são de flores encarnadas, outros de flores muito vermelhas e outros de flores brancas quase, e achei que nascia tão aprazível variedade de serem úas primeiro que outras na nascença na qual aparecem vermelhas, passados alguns dias se vão tornando encarnadas e depois mais brancas que vermelhas, durando na varia vista de suas cores muitos dias. Pera qualquer jardim não foram por lá de pouca estima. Devem de ser as que o nosso poeta já celebrou com aqueles versos: «Escrevem varios autores que junto da clara fonte do Ganges os moradores vivem do cheiro das flores que nascem daquela fonte»¹⁹⁶.

Outra flor melhor vi tambem ao longo do Ganges, misteriosa. Não era maior que um tostão, na qual sobre úa pequena varinha se vê de folhas verdes fabricada úa salva e, sobre as cinco folhas que a fabricam sobre outro pé, assenta outra de cinco folhinhas de cor de sangue na figura como gotas, no meio da qual se vê um bem feito coração de cor de ouro cheio de cabelinhos muito finos de cor de sangue, os quais têm as cabecinhas como de prego que ficam acompanhando em roda ao coração. O cheiro é suave e pareceu-me como o dos cravos que lá chamam d'Arrochela. Já Vossa Reverencia vê que não deixara de ter além de sua graça seu misterio.

Por meio destas flores me fui achando na afamada serra do Candá [*Kamet?*], que tambem entre as floridas ervas se vê a venenosa serpente afamada, digo por cruel, porque além de que o ano todo está coberta de neve, é sempre nela o frio desumano, o qual apertou ali comigo e me renovou ou encarniçou algũas chaguinhas dos pés de maneira que me foi necessario por não acabar ali, rogar e peitar a um serrano dos que iam com carneiros que me levasse tres jornadas que só restavam, o que ele fez por seu interesse, metendo-me num cesto, a que chamam *carandi*¹⁹⁷ e levando-me nele às costas com não menos trabalho meu que seu.

¹⁹⁶ Camões: «E junto donde nasce o largo braço / Gangético, o rumor antigo conta / Que os vizinhos da terra moradores, / Do cheiro se mantem das finas flores» (7:19), *Os Lusíadas* de Luís de Camões, 3.ª ed. — org. por Emanuel Paulo Ramos, Porto, Porto Editora, s.d.

¹⁹⁷ Sânscrito *kāraṇḍa*: G. Toscano, *Alla scoperta* [...], p. 368.

Do meio desta serra descobri o tanque donde nasce o rio Ganges, e tambem o Indo conforme as informações que tomei e diligencias que por minha curiosidade fiz. O Ganges se faz na volta do Sul, o Indo na do Norte, ambos por bom espaço escondidos por baixo da terra mas com ruido notavel sentidos. Pequenos quando aparecem, mas logo com o cabedal de muitas ribeiras se fazem ricos e poderosos. O Ganges, como já disse, depois de desabafar nos campos hindustanos, se faz na volta do nascente e vai pelas fozes de Bengala pagar ao oceano seu tributo. O Indo por entre serras vai pera o Norte até ver a cidade de Chaparangue, à vista da qual, feito na volta do ponente, banhando a cidade de Lahor, se vai meter no mar pela foz de Sinde. De Lahor pera la é navegavel.

Fez-nos esta serra o gasalhado que costuma, chovendo aquele dia sobre nós muita saraiva e tanta neve que nos cobriu a todos, mas não nos enterrou pela bondade de Deus Nosso Senhor, como a muitos faz se se lhe atrevem *maxime* de Novembro até Abril e, quando os não enterra de todo, queima-lhe[s] mãos e pés, de modo que não faltam no caminho atras muitos assinalados deste posto. A mim só crestou e esfolou o rosto e me abriu os beiços como se foram (*sic*) figos. Finalmente cheguei ao Chaparangue, como fruta em cesto, aos 25 de Agosto, tão moido e magoado dos pés que me não pude servir deles por mais de 20 dias.

Naquela cidade e Reino achei que reinava outro farao que não conhecia, mas oprimia o povo de Deus com grande sentimento meu¹⁹⁸. É este Reino um dos que se contem // [fl. 86] debaixo do nome do Pot¹⁹⁹ e não o menor, antes um dos mais antigos e ricos. Mil anos havia que se conservava na posse de um rei e seus antecessores, a que chamam *Chodapó* [*C' os bdag po*], «o dono do livro»²⁰⁰, porque o seu rei foi o que lhe trouxe de além de Uzangue [*dBus gtsaii, Utsang*] ou da China o livro de sua lei pelo que era tão estimado dos reis vizinhos que todos se honravam de se aparentarem com ele; dos mais ricos, ou mais rico e buscado dos mercadores de varios reinos de Uzangue que lhe trazem as sedas e chas da China, porcelanas, etc., dos casmeris [*caxemires*], lahoris, industanos, etc., que lhe levam as roupas, o coral alambre, que são as joias que mais estimam, donde

¹⁹⁸ *Êxodo*, 1:3 — alusão ao Faraó para quem José e os hebreus eram desconhecidos.

¹⁹⁹ Denominação tibetana e norte-indiana, por oposição a «Tibete», denominação turco-árabe.

²⁰⁰ Sânscrito *dharma-raja*, «senhor da Lei» (búdica): G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 369-370.

trazem grande cópia da mais fina e preciosa lã que há no mundo que aqueles estrangeiros, por ser tal vão lá buscar por tais caminhos com tanto risco de suas vidas. Está esta cidade sobre ùa serra toda aberta em buracos, a que chamam pugus [*p' ugs*], em que vivem seus moradores mais abrigados do frio, além de outras casas que têm sofríveis. No cume dela se vê a fortaleza em que o Rei morava por sitio e arte inexpugnável.

É a gente destas regiões do Pot, que quer dizer «terra de neve», nas feições e olhos achinada, nos rostos tão ajavada, ou abocetada, que de maça a maça têm de andadura meia legua pouco mais ou menos! Homens, mulheres e meninos tão pouco airosos como malfeitos, e neles o sujo do rosto e de corpo entra com a vida e com ela saem, assi como nos vestidos que ùa só vez metem no corpo donde não saem senão em farrapos, podridão e mau cheiro. A indole é muito boa e branda. É gente em que há poucos ciumes, às vezes andam os fretes, e acontece que o marido o pede ao amigo sem pejo. Quando querem casar, o terceiro que concertou e os apalavrou tem licença pera a ter a primeira noite em sua casa e assi se pratica; a outro dia a entrega a seu marido. Enfadado qualquer dos casados ajunta aos parentes e diante deles tomam ambos um fio de lã pelas pontas e puxam e quebram levando cada um seu pedaço se vão quebrados, desatados e livres [pera] casar com quem querem. Ela leva as filhas, ele os filhos.

Vestem cabaias de pano de lã grosseiras, calções do mesmo, com suas botas eles e elas. Não trazem estas cousa algũa na cabeça, trazem os cabelos em trancinhas sobre as costas até abaixo bem emanteigados; por joias ùa cambada de alambres e corais ao pescoço sobre o peito, tão sujos uns como outros. Da testa pera o meio da cabeça um fio de pedras verdes toscas, a que chamam turquinas; algũas são preciosas. Comem carne crua ou mal assada, e farinha de cevada assada, ervas cozidas frescas em todo o ano porque no Verão as secam em casa à sombra e, quando as querem comer verdes e frescas, lançam-nas de molho em água por meio dia e ficam tão frescas como as colhidas de pouco. Se lá servir, a menuta não é má.

Têm por costume não se visitarem sem algum saguate²⁰¹, nem ainda se manda ùa carta sem ele; o contrario é desprimor. O visitado tambem vos há-de dar de comer e beber *toties quoties*. Se tendes com o Rei negocio da justiça, meteis-lhe na mão o saguate e a petição,

²⁰¹ Cf. nota 116 da p. 151.



Trajes tibetanos (ver p. 107)
(Giorgi, *Alphabetum*, 1762)

mas se, lida esta, não tendes justiça, torna-vo-lo. O que vos sobeja do comer que em sua casa vos põem diante levai-lo pera vossa casa sob pena de serdes havido por descortês.

Nem são mouros, antes lhe[s] têm aversão, nem gentios, nem cristãos. A lei que têm errada da nossa divina teve seu principio, mas como lhe foi dada escrita de mão e a foram por tantos seculos tresladando, foram dela tirando o que lhe[s] não pareceu a seu gosto e metendo infinitas patranhas. Têm que Deus é trino e uno a quem chamam «Conjá sumbô» [*C'os dKon gsum pa*], ao Pai chamam «Lamâ comjô» [*bLa ma dKon mc'og*], Deus Padre; ao filho «Choconjô» [*C'os dKon mc'og*], ao Espírito Santo «Giundu conjô» [*dGe dun dKon mc'og*]²⁰²; que o pai gera ao filho a sua palavra e que de ambos nasceu a terceira pessoa. A Nossa Senhora «Gelobó lunzé» [*Šes rab p'a rol tu p'yin pa*]²⁰³. Têm que a segunda pes-

²⁰² Enumeração das Três Jóias do Budismo, com uma ligeira melhoria relativamente à de Andrade, uma vez que *Giundu Conjo* [*dGe alun dKon mc'og*], em sânscrito *Saṃgha*, é mais exacto para traduzir «Comunidade» (búdica) que Sanguia Conjoe [*Sais rgyas dKon mc'og*]: G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 216-217 e 374.

²⁰³ Transcrição portuguesa muito duvidosa: ou seja, a Sabedoria Transcendental na sua representação feminina, em sânscrito *Prajñāpāramitā*.

soa encarnou nela e que querendo o eterno Pai mandar-lhe por embaixador a um anjo, // [fl. 86v.] houvera arrufos nos homens por haverem que lhe tocava e que Deus então, por evitar contendas, mandara a um elefante por embaixador. Assi o têm escrito no Livro, mas alguns entendidos, poucos, dizem que um anjo lhe trouxe a embaixada²⁰⁴, que a Virgem o concebeu e pariu ficando Virgem, mas que, pera o ficar, o concebeu pelo sovaco, que se lhe fez ali um inchaço que cresceu e durou 9 meses e que arrebetado ele, nasceu Deus homem. Contudo alguns mais previstos dizem que concebeu como a vidraça aos raios do sol que passam por ela sem quebrar. Dizem que nasceu não em estrebana que não convinha a Deus, mas em seu leite, e que morreu nele quando quis, mas não na cruz; que foi mui tentado de mulheres, mas que sempre resistia; que ressurgiu e que quando quis se foi pera o Céu.

Têm purgatorio pera faltas pequenas, que chamam «Choquiceiro»²⁰⁵, Inferno pera grandes pecadores, confissão de que não usam salvo algum muito devoto a um lama grande virtuoso. Têm que as almas são *ab aeterno* (eternas) e que quando nasce o corpo, Deus lha[s] aplica. Têm grande reverencia aos seus lamas, que são os seus sacerdotes e tanta fé em sua virtude que, quando algũa está de parto trabalhada, logo lhe vão pedir reliquias com a oferta nas mãos. Ele benze ùa pouca de manteiga e a põem sobre a que está de parto e sucede por vezes que logo lança a criança com a mesma manteiga sobre a cabeça, tanto coopera o demonio com os seus devotos, Deus sabe o porque lho permite. Deles tomam reliquias que trazem ao pescoço, mas quais cuida Vossa Reverencia que serão? Uns pilouros como de cabras em que vai confeitado o excremento do mesmo lama que têm por grande reliquia, e aconteceu que ferindo no rosto de um que levou [n]a guerra tal má ventura, a seta lhe quebrou nele, sem lhe fazer mal! E pera que Vossa Reverencia veja a barbaridade desta gente, o mesmo Rei de Ladac tem o seu lama-mor em tanta veneração que se lava todas as manhãs com a sua urina e logo bebe a que fica. Estão tão senhores destes cegos os lamas que quando morrem os pobres, se lhe não levam algũa cousa, fazem que fique o corpo no campo aos cães e ainda lhe[s]

²⁰⁴ [Palavra escrita na margem esquerda.]

²⁰⁵ Giuseppe Toscano não encontrou nenhum termo tibetano que pudesse ser reproduzido foneticamente pela palavra *choquiceiro*. Na minha opinião não se trata de uma palavra tibetana mas do termo hindi (já utilizado neste texto) *choqui [coki]*, que significa «alfândega» ou «tributo fiscal» (ver nota 136, p. 165), acrescido de um sufixo português muito comum.

fazem crer que a alma lhe[s] fica fora do Céu enquanto eles lhe não passam cartas pera o enterrarem, que lhe[s] vendem a peso de ouro.

Em todo o ano se não ajuntam na igreja senão quando lhe[s] dão alguma cousa pera rogarem por eles a Deus Nosso Senhor. Então levam o comer que lhe[s] dão à igreja, rezam e comem nela; muitos comem em cascos de caveiras de homens e nas igrejas tangem como com flautas, com canas de pernas e braços humanos, como lhe[s] vi fazer. Dizem que o fazem pera se lembrarem da morte e alembrarem aos outros. Estes são os costumes desta gente e os seus erros.

O Rei naturalmente é bem inclinado. Enquanto reinou foi verdadeiramente pai dos pobres²⁰⁶ e grande favorecedor da cristandade. Desejava muito fazer-se cristão e tinha-o prometido aos padres. Ia devagar porque se lhe não rebelassem. Entre as causas que eu acho porque Nosso Senhor lhe tirou o ceptro da mão, foi ùa fiar-se pouco de Deus neste ponto e o dilatar o santo baptismo tanto tempo depois que conheceu a verdade e bondade de nossa Santa Fé, tambem em castigo de viver publicamente casado com duas irmãs além do que o ajudou a malquistar-se com seus vassalos apenados demasiadamente, donde nasceu chamarem ao seu inimigo pera lhe entregarem o Reino. Além de tudo isto o malquistou fazer de muitos milhares de lamas deixados os habitos eclesiasticos soldadesca pera as guerras, golpe que o Demonio sentiu neles tanto que pelos mesmos lhe enviou a dizer que ele adoeceria em castigo de tal crime e que, quando escapasse das mãos da morte, que seu maior inimigo, o de Ladac, lhe tomaria o Reino sem golpe de espada e o levaria cativo com toda sua familia.

Assi foi que o pobre escapou de ùa mortal doença, mas não da traição com que seus vassalos o venderam a seu inimigo. Veio este, põe-lhe cerco, recolhe-se o pobre Rei à fortaleza, // [fl. 87] os moradores abrem as portas da cidade, entra o Rei de Ladac, cai logo ao nosso o coração aos pés, sendo assi que pudera conservar-se na fortaleza seguro por muitos anos²⁰⁷. Sem embargo do que ele é o que comete partido de paz, fazem-se as pazes que ficara no Reino pagando-lhe cada ano tributo, mas que será com condição, que desse a lhe fazer salamá²⁰⁸, no que se deixava bem ver o refolho e aleivossia do Rei de Ladac; fiasse dele o mal afortunado Rei, desce, faz-lhe tascelima²⁰⁹, quebra-lhe a fé, não está pelo conserto, rouba-lhe os te-

²⁰⁶ Leitura incerta: «pai de padres / pai de pobres».

²⁰⁷ [«Anos» entrelinhado].

²⁰⁸ Fórmula de saudação entre os muçulmanos (Do árabe *salām*, paz) (Dalgado, s. v.).

²⁰⁹ Ver nota 137 da p. 165.

souros e leva-o por cativo pera Ladac com toda sua familia, com o que o Demonio e seus ministros triunfaram dele e dos do sagrado evangelho com a profecia cumprida.

E como sobre a muita benevolencia deste pobre Rei, Nosso Senhor fundou ou principiou aquela nova cristandade, já Vossa Reverencia pode ver a grande quebra que ela terá, sendo tão tenra e o novo faraó tão fino idólatra, como inimigo dos padres. Ele lhe roubou a precioso da igreja, calices, castiçais e frontais, etc., grande numero de carneiros, cavalos e outras cousas que eram o meneio e sustentação da missão, sobre o que mandou dizer aos padres que lhe[s] perdoava a vida e que se quisessem ficar, ficassem, e que, ao diante o faria com eles como eles o servissem e lhe dessem. Ficaram os padres roubados deste pirata e oprimidos por não deixarem os novos cristãos, mui confiados na divina bondade que os remediaria muito cedo melhorando o estado das cousas como desejamos.

Entre estas montanhas tibetenses, no meio de tamanhas ignorancias tem Nosso Senhor plantado de novo sua santissima fé, por meio dos excessivos trabalhos do padre António de Andrade, que ora governa esta provincia de Goa²¹⁰ e de seus companheiros a que deu felizes principios com ùa nova igreja que o antigo Rei lhe edificou às suas custas em bom sitio, não muito grande mas muito capaz, toda pintada de oleo e repartida em paineis da vida do Senhor Jesus. Nesta se ajuntam os novos cristãos, que ficaram porque antes de tomada digo, nesta cidade real depois que foi tomada e roubada pelo novo Rei, digo, que ficaram porque antes de tomada haveria nela e nas povoações vizinhas quase quatrocentos²¹¹, além de que cada dia se pedia o santo baptismo por muitos e muitos a maior parte dos quais foram cativos pera Lee [*sLel, Leh*], cidade real do novo rei dali a duzentas leguas e pera outras de seu Reino. Os que ficaram, quando ali cheguei, me vieram buscar; nesta igreja me alegrei e consolei com eles. É verdade que nos não impedem os ministros reais a conversão das almas, mas com o estrondo de tamanha ruina e com a mudança do Rei tão amigo em Rei tão pouco afeiçoado às cousas do verdadeiro Deus, quebrou algum tanto aquele fervor primeiro assi em alguns dos novos cristãos como nos gentios, que com tanto calor o pediam²¹².

²¹⁰ Desde finais de 1629 ou início de 1630.

²¹¹ Número aumentado para agradar a Andrade?

²¹² [Todo este parágrafo se encontra na margem direita.]

Partiu-se o novo Rei pera Ladac deixando em Chaparangue presidio e levando consigo o Chodapô e a muitos cristãos cativos. Os que ficaram continuam com sua obrigação. Neste estado achei aquela missão em 26 de Agosto. Daí a poucos dias recebemos uia do padre João Cabral que por morte do padre Estevão Cacela e Manuel Dias rompeu a Uzangue com grandes trabalhos e perigos. Aqui perei o capitulo dela pera que Vossa Reverencia saiba o estado em que ficava em breve, a vida morte dos padres.

«O padre Estevão Cacela e eu passamos de Bengala pera esta missão. No caminho nos represou 7 meses o raja Maná Rupa. No fim deles, havida licença dele, o padre Cacela se partiu pera Uzangue e me mandou a Bengala buscar algũas cousas necessarias. Fui por via de palpo. Cheguei a Oguli [Ugulim, *Hu,gl*] quando chegavam as naus da Índia e nelas o padre Manuel Dias com a ordem do padre Alberto que passasse a missão se o padre Estevão Cacela mandasse chamar algum padre. E porque não pedia gente resisti eu à ida do padre Manuel Dias que o padre Reitor de Bengala mandou de poder absoluto. Com estes embaraços me detiveram no Ogoli de modo que perdi a monção de poder voltar pelo Nepal, e assi arremeti pelo Cocho [*Kuch Behar*] donde avisei ao padre Cacela me mandasse gente deste Rei pera poder passar, porque como o Reino de Cumbá junto ao de Cocho não tinha rei, não se passa sem guarda. Chegou o meu recado tão tarde que o padre Cacela era ido a Bengala, não podendo por causa das neves penetrar a esse Chaparangue, aonde primeiro arremeteu e, achando por Bengala, que estava no Cocho com o padre Manuel Dias, nos veio logo buscar tão doente que escassamente se podia ter nos pés e, em Setembro de 1629, se partiu com o padre Manuel Dias deixando-me com algum fato no Cocho, pera em Janeiro me mandar buscar. Foram tais os trabalhos que na viagem padeceram que por força deles morreu o padre Manuel Dias no Reino de Morongo²¹³ aos 3 de Novembro com ir muito são.

O padre Cacela chegou tal a este Uzangue que sete dias depois de chegar, antes de ver a el-Rei, o levou Nosso Senhor aos 6 de Março de 1630. Sentiu o Rei muito sua morte e logo me mandou chamar ao Cocho, o que não teve efeito por ser Inverno. Este ano de 1631 tornou a repetir com gente, com o que me resolvi a passar pelo não agravar e por não deixar o fato da igreja em suas mãos; mes e meio há que cheguei; estou aceito ao Rei. O padre provincial Gaspar Fernan-

²¹³ Leitura duvidosa: *Morang* em C. Wessels, *Early Jesuit Travellers [...]*, p. 159.

des não mostra // [fl. 87v.] gosto de continuar esta missão e desistirá sabendo da morte dos padres. Eu lhe tenho pedido me desse por subdito de Vossa Reverencia. O Rei não é mais afeiçoado que a sua lei, faz-me honra, a tenção Deus a sabe. Veja Vossa Reverencia se será bem fazer aqui residencia porque o Rei não há-de resistir, etc.»

Isto é o que o padre escreve. O Rei favorece muito e é muito necessario que ali se faça assento e se aprenda de raiz a lingua, porquanto ali têm os lamas deste Imperio sua universidade e letras; feitos aqueles capazes de seus erros e da verdade da nossa Santa Fé, todos os mais reinos se sujeitarão a ele facilmente e a rezão porque o padre António de Andrade desejou tanto de meter lá o pé, o que não fez por ser a missão da provincia de Cochim, e agora cuido que o fará por aquela lhe ter entregue a mesma missão de Uzangue por rezão das grandes dificuldades com que por via de Bengala se lhe pôde acudir e da maior facilidade com que de cá pelo Chaparangue pode ter recurso.

Vendo eu o estado da missão, tratei com os padres do remedio dela e assentámos que o seria em parte ver-me com o novo Rei com algum presente, suposto que era tão cobiçoso pera o benevolear na forma possivel, o que ainda que não tinha por ordem e o caminho era comprido e difficil, houve contudo que aquela seria a vontade de Nosso Senhor e da obediencia e que poderia com minha ida melhorar-se de algũa maneira aquela missão tratando e pedindo ao Rei que nos fizesse respeitar no Chaparangue como dantes, e de novo licença pera a sua sombra na sua cidade real de Lee, viveremos (*sic*) e pregar nossa Santa Lei porque, com o bom modo dos padres, ali poderia ser que o ganhassemos e dali podiamos favorecer com isso e acudir aos padres que estiverem por outras partes do Reino, pelo que logo me pus ao caminho, porquanto o Inverno dos frios que naquela[s] partes são tão desconformes, como veremos, estava já à porta.

O capitão me impediu o caminho que seu Rei se temia de bexigas (que então havia no Chaparangue) que não podia ir. Depois o peitei e me parti, mas na terceira jornada me achei impedido sob pena de morte por ordem do Rei que estava com outro em campo e se não fiava da gente de Chaparangue. Voltei bem magoado por serem já andados muitos de Setembro que é o fim do Verão. Quando foi aos 28 me mandou o Rei que fosse. O capitão, sem embargo do Inverno me fez logo partir, o que foi dia de S. Francisco²¹⁴, levando

²¹⁴ A 4 de Outubro.

comigo pera lingua o padre João de Oliveira em companhia dos mercadores de Uzangue que, por ordem do Rei, lhe levavam seus cavalos pera lhos comprar, ou tomar.

Pusemos 21 dias no caminho com as jornadas serem de sol a sol, sempre com o rosto no Norte, de modo que quando lá chegamos, o achamos quase sobre as cabeças, partindo de 33 graus. É o caminho quase todo deserto por entre serras nevadas todo, não se vê quase por toda esta terra folha verde porquanto a neve é tanta que não só não cria, mas escalda e queima a terra em forma que não vê nela arvore algũa. Há neste caminho muitas lebres, infinitos pombos bravos, muita cabra montês, muitas aguias, grandissimos corvos, muitos burros do mato que caçam e comem os serranos, muitas hiacas que são ùas bufaras como vacas cobertas de fermoso e comprido cabelo com que a natureza lhe[s] tempera o rigor do frio de que se fazem cordas boas e fortes, cujas peles servem de moles colchas, de cujos rabos, quando são brancos, se faz em muitas partes muita estima. São muito finos e compridos de braça e braça e meia alguns. Na India fazem as portuguesas deles, curados com água douro, fermosas cabeleiras de que se servem e nós nas festas. A carne é pera se comer muito boa.

Na primeira jornada chegamos à cidade de Sanze [*Žan dse*] que é pequena, toda aberta em criptas e cavernas em que moram, além de outras casas que fazem, com a fortaleza no cume. // [fl. 88] Pareceu-me ùa cidade de presepio, assi são as mais, poucos moradores, ao pé lhe passa um fermoso rio. O segundo manzel fomos fazer ao pé de outra, junto de ùa ribeira aonde achamos nabos verdes que não são pequeno regalo assi comidos. Por datiles secos²¹⁵ nos deram boa quantidade deles. O terceiro manzel fizemos junto de ùa povoação de pastores. Aquela noite nos choveu tanta neve que nos enterrou 3 palmos com grande frio que já nos ia fazendo bem má companhia. Os 7 dias seguintes caminhamos por grandes montanhas de neve todas desertas sem haver nelas nem povoação nem pessoa até que chegamos a Alner [*Han le*] em que vive o papa dos lamas²¹⁶. Vive este no cume de ùa serra aonde se vêm 6 ou 7 casinhas a modo de força. Pelos vales ao longo dela demos com 30 tendas de pastores, nas quais vivem com suas familias gente singela e bonachã, fartos, ricos e contentes, tinham por ali 18 ou 20 mil carneiros por terem ao longo dalgũas ribeiras boa

²¹⁵ Tâmaras.

²¹⁶ O chamado *sTag ts'an ras*: G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 174.



O 5.º dalai-lama Nag dbai blo bzai rgya mtsho (1617-1682),
causador da decadência do Ladakh, reino que absorvera o Gu-ge em 1630
para grande desagrado dos jesuítas, e criador do Potala em Lhassa.
(Kircher, China Illustrata, 1667)

relva pera pasto. Com algum leite nos acudiram a troco, não de dinheiro, que o não usam nem conhecem, mas de tres passas de uvas tamanhas como ameixas que do Hindustão levavamos, que eles estimaram tanto que de ùa comeram com muita festa tres pastores.

Logo seguimos o caminho por tres dias de deserto. No fim deles demos em um largo vale em que nasce e se vê ùa grande marinha de branco e fermoso sal que a natureza ali cria por suas mãos sem ajuda algũa da arte. Neste posto nos vimos mais mortos de frio que nunca, os moços com a força e dores postos em pranto e desanimados, sem fogo porque nem bosta se achou, que é a lenha destas partes pera nos abrigar de seu rigor. Ali me gretaram as mãos e se me lavaram em sangue com não pequena dor. O rosto se me crestou, os beiços abriram em feridas e o que mais senti foi abrirem-se-me os pés como figos com extraordinarias dores e isto quando eu, pera caminhar, e pera subidas desesperadas, tinha maior necessidade deles. O mesmo rigor

e crueldade sentiu o padre meu companheiro naquele posto sem embargo de a ter outras vezes experimentado por aqueles climas.

Cuidara Vossa Reverencia que já lhe disse muito deste frio. É tal que em saindo o cuspo da boca num instante se converte em caramelo em pedra. Os narizes sem sossego estilam e em aparecendo o estilado já é caramelo. É pera ver os cavalos ordinariamente com duas pontas compridas de cristal nas ventas pendurados. Passavam estes pelas ribeiras feitas caramelo e tão de pedra que, pera beber no caminho, nos valiamos dos pedaços dele que na boca se desfazia, e pera fazer ùas papas de farinha de cevada, que foi em tão largo caminho a nossa sustentação, era necessario derretê-lo caramelo primeiro ao fogo no caldeirão e o mesmo se fazia pera os cavalos beberem. Muitas ribeiras achavamos que por cima tinham o caramelo de dois palmos, aonde os cavalos pera se fartarem de água com o focinho e mãos davam tantos golpes até que por entre os pedaços chegavam a beber. Aqui aconteceu que, com a força do frio por mais que de noite lhe fugis debaixo de godorins e mantas se as tendes, amanheceis com a boca coberta de pedra e caramelo que é o bafo, o cuspo e as mais humidades que dela vos saem dormindo e isto aconteceu tambem noutras partes deste Reino.

Desta marinha continuamos o caminho tres dias por outros desertos até que chegamos à cidade de Guiar [*rGya, Gya*], de que é senhor um régulo a quem o de Ladac despojou daquele Reino de Mariul. É este regulo grande nosso amigo como bem mostrou, não só no gasalhado que fez ao padre António de Andrade, mas tambem a nós, tratando-nos como se fora um irmão nosso com tudo aquilo de mostras de amor que a terra sofre. Entre outros mimos que a regula sua mulher nos pôs diante, foi ùa duzia de maçãs como as grandes de Lisboa, bicais, excelentes. Eu como havia 37 anos que não tinha visto outras, alvorecei-me e agradecei-lhas, com o que ela cuidou que lhe pedia outras que logo trouxe com muita benevolencia do que nada me pesou; e como haviamos ali de voltar, despedidos dele nos partimos. Dali a dois dias chegamos a um posto já no Reino de Ladac // [fl. 88v.] aonde estão à vista 6 cidadinhas em serras ùa legua cada qual da outra, semelhantes às passadas no maior e mais comprido vale que vi por cá, entre serras, aonde há muitas varzeas de cevada. É esta cevada, não como a de nossa terra, mas no grão como trigo anafil²¹⁷, muito sustencial e gostosa.

²¹⁷ *trigo anafil* = castelhano *trigo faufarrón*, sendo *faufarrón* = *anafil* = trombeta (em árabe *an-nafir*, com o mesmo sentido).

Um dia depois chegamos à cidade real de Lee edificada em ùa ser-
rinha de cima até o pé. Será de 500 fogos, meia legua por baixo à vista
vai o rio Indo na volta de Lahor. Ao pé desta cidade vai ùa ribeira que
das serras nasce com que moem grande numero de azenhas. Ali há
algũas arvores, ainda que poucas e quase todo o ano sem folha.
Confina este Reino de Ladac pela parte do Sul com o de Chaparangué
ou Cogê [*Gu-ge*], pelo nascente com o Reino dos tres mouros [por] pro-
fissão, gente branca tão bem afeiçoada como esforçada, chama-se por
outro nome Archande [*Yarkand*], cuja cidade real é Cascar [*Kaşğar*],
donde em cafilas levam à China o barro de que se fazem as porcela-
nas. Por ali passou o irmão Bento de Góis da nossa Campanhia de
Jesus que Deus tem, não dista deste Reino de Ladac mais que 6 jor-
nadas. Pera o ponente confina com o Reino dos Baldis [*Baldistan*], gente
não tão branca mas mui bem feita e de grandes corpos. Indo à vista
da cidade me fizeram descavalgar e esperar, descavalgar por cortesia,
esperar por costume de não entrar nela pessoa estrangeira sem ordem
del-Rei. Entramos com ela, deram-nos casas, lenha, água e algũas medi-
das de cevada de ração que aceitamos por ser do paço. Ao dia seguinte
nos chamou o Rei mais apetitoso de nos aliviar do presente do que de
nos ver. Era ele duas peças de melique²¹⁸ boas, 6 armas de fogo peque-
nas e grandes, duas rodellas de China e outros dourados, um escrito-
rio de Diu e outras cousas curiosas. Entrei, pus-lho diante, mandou-o
recolher, fiz-lhe minhas reverencias, assentamo-nos!

Estava com a Rainha ao soalheiro. É homem alto de corpo, nas
cores baço, nas feições jau, na postura severo, com cabaia de pano
vermelho grosso, e pouco limpo, com ùa capa do mesmo, barrete ver-
melho bem safado, as gadelhas da cabeça até os ombros, em cada
orelha ùa turquina²¹⁹ e um grande coral, ao pescoço um colar de ossos
humanos de caveiras, e na mão outra pera memoria da morte, assen-
tado e encruzado sobre ùa colcha de veludo carmezim²²⁰ do tempo
de Matusalem, a casa bem ornada de teias de aranha, mais suja que
limpa. Junto a Sua Magestade estava a da Rainha sua senhora, ùa
perra jaua que o governa, de má natureza, balofa, e tão abotoada nos
olhos que escassamente se deixavam ver, vestida como o marido.

Em nos sentando, nos foram logo dando o chá que já tinham
dado aos reis. Esta é a sua primeira e maior cortesia. É o chá ùa erva

²¹⁸ Em árabe, *mālik*; «rei». *Belo tecido*: G. Toscano, *Alla scoperta* [...], p. 389.

²¹⁹ Espécie de turquesa ordinária.

²²⁰ Cor vermelha carregada.

que vem da China pelo Reino de Uzangue, mui conhecida e celebrada em Japão e China. A estas folhas cozem em água em ùa panela de pedra com algũa manteiga e pouco leite, cujo negro caldo é o que tomam quão quente é possível. Estas são suas delicias, de modo que o que dá mais numero destes negros caldos é o mais honrado e magnifico; só os ricos têm posses pera o dar. Mitiga esta erva assi bebida as dores de cabeça, é boa pera as de pedra, concerta o estomago, faz vontade de comer. Após ela nos puseram um pedaço de carneiro cru, um grande pelouro de maça de cevada que chamam zané [*za nas*]. Comeis o que quereis e o mais levam pera sua casa os vossos moços que se sentam ali e lhe fazem o mesmo que a vós.

Passados 4 dias lhe propus ao que vinha, respondeu-me que tomaria seu conselho sobre nossa assistencia na sua cidade. Passados 8, nos despachou por um privado seu, pelo qual nos mandou dar formão pera podermos viver e estar como no tempo do Rei passado, não só no Reino de Cogé, mas tambem em Ridocho [*Ru t' og*] e na sua cidade real. Esta resposta nos não quis dar pessoalmente por se não obrigar a favores, nem a muitas despesas, se pera ali viessemos, com o que nos mandou dar um cavalo // [fl. 89] que se parecia muito com o de Dom Quixote, 4 panos de lã e 2 rabos de hiacas e licença pera partir e pera pregaremos (*sic*) nossa Santa Lei como dantes.

Como era já inverno e ali não tinhamos aparelho pera celebrar, nem eu sabia da vontade dos superiores não me deliberei a deixar lá ao padre meu companheiro. Partimos com grandes frios e neves pera a cidade de Guiar aonde chegamos em 3 dias. O de antes ao longo de ùa ribeira por entre estreitas serras me sacudiu o cavalo da lombada de ùa serra sobre a ribeira de lugar tão alcantilado, que o padre que vinha de tras e me viu cair sobre a ribeira, me deu por acabado. Mas Nosso Senhor, por intercessão de sua Mãe de quem o padre e eu nos valemos, me fez empear no meio da rocha, aonde me achei assentado em ùa tão pequena quebra dela que não acabavamos de nos maravilhar de como podia eu ficar ali! O certo é que de novo nasci e me deu o Senhor a vida de graça. A este Rei tão nosso amigo fiz algum saguate em sinal de amor ainda que não como eu desejava. Vi-me aí duvidoso do caminho que tomaria e porque eram já 10 de novembro, os frios cruelissimos. Se voltava por Chaparangue achava-os muito maiores, agora que quando vim, e dali pera lá havia de cursar 18 jornadas alem do caminho do Chaparangue pera Maná por Siranagar que já havia de tomar em Dezembro com manifesto risco de vida. Se cometia o caminho de Lahor era caminho novo por grandes desertos e por muitos reinos diversos, ainda que, em 9 dias



O «Lui rta» ou «cavalo do vento» transportando na sela as três jóias búdicas.

fugiamos por ele ao Inverno. Por fim me resolvi a romper este novo caminho pera Lahor por me não arriscar a invernar no Chaparanguê sem necessidade e o haver de achar muito verde com as neves e frio do Inverno.

Este bom regulo me rogou muito que fizesse com o padre provincial lhe pusesse naquela sua cidade um padre ou dois pera sua consolação e que, nela e noutras que tem, ensinariamos nossa Santa

Lei, pera o que nos fazia casas e daria terras pera a sustentação. O despacho desta petição pende da vontade do padre provincial. Despedidos deste regulo e cheios de suas caridades com um homem que nos deu pera guia, nos partimos ùa segunda-feira 10 de Novembro.

Nove dias caminhamos por um deserto de montanhas e serranias sem nelas vermos pessoa algũa, atravessando ribeiras e rios encaramelados, fomos dar em paragens em que as serras se desentranhavam em fontes, cuja água em saindo, delas se coalhava e empederia logo. Serra vi da qual, em espaço de um tiro de mosquete de sua chapada contamos que rompiam cento e vinte e sete fontes, algũas um boi de água²²¹, sem em toda ela se ver ùa erva verde. Alguns nabos e maçãs doces que levavamos com o frio se encaramelaram, de maneira que, sem fogo não prestavam pera se comer. Alguns trabalhos extraordinarios tivemos neste deserto. Um deles foi subir e descer ùa empinada serra coberta de neve e em partes de caramelo, por espaço de um dia atolando na neve por cima dos joelhos, caindo muitas vezes e metendo nela as mãos com a dor, ainda que breve, qual só Deus sabe, descambando e escorregando pelo caramelo, em que se pára com suma dificuldade. Não foram poucas as quedas e cambadelas deste dia que meu companheiro e eu demos, e foi Nosso Senhor servido dar-nos nele bom sol e faltar o vento, porque a ventar então ali ficavamos mortos de frio, porquanto quando em semelhantes serras cursa o vento vem tão cruel e frio, que não há golpe de navalha com que se possa comparar!

No cume desta grande serra entre outras, faz a neve derretida um tanque em que se podem menear 200 navios, então cheio de água sem gota de água, todo feito ùa fermosa pedra de caramelo. O que nele notei por cousa maravilhosa foi ùa cerca em roda do mesmo caramelo de altura de um homem feita pelas mãos do frio e arte da natureza. Aquele muro, aquela só pedra de fermoso cristal de grossura de tres palmos, coroada de ùa renda de pontinhas, tão bem feita que eram muito[s] pera ver, e foi que, quando a água do tanque se foi congelando, // [fl. 89v.] foi abatendo aquela altura deixando a parede congelada naquela conformidade sobre que com as quebras da água a foi a natureza coreando com aquela artificiosa renda de pontas em que os raios do sol faziam fermosissimos cristais. Não cuide que lhe pinto, porque não digo nada a respeito do que naquela parede tinham os olhos que estimar.

²²¹ Faltarão palavras no manuscrito?

Dali a dois dias caminhando por ùa aberta de serras direita, nos deu o dia todo de rosto um vento tão fero que nunca cuidei nem tive a morte mais presente que então. O lugar era deserto e sem ùa abrigada em que dele nos pudesse esconder. Eu vinha num cavalo, tão entanguido que nem pés, nem mãos eram meus. Só da cinta pera cima vivia, mas com extremas dores, e como homem de pão pera via de me menear dali; cuidei que ficasse cego, porque o olho direito com o frio se destemperou de modo que me persuadi que se me acabasse de vazar, e assi de ambos estive por tempos bem atrabalhado. Enfim, o padre me tomou nos braços, me desceu, me confessou e consolou quando me pareceu que aí ficava, porque já não tinha alento pera viver muito. Enquanto me reconciliei com ele, o nosso guia que se compadeceu de mim feriu fogo, com que Nosso Senhor me deu de novo a vida de que já não fazia caso, tornei a reviver nos pés, nas mãos, rosto e olhos que tudo estava imovel, com o que pudemos dar fim aquela jornada no fundo de ùas serras dentro em ùa lapa ao longo de ùa ribeira encaramelada, aonde com o fogo nos regelamos e refizemos aquela noite e com algũas apas de farinha e farelo mais pretas que todo o mais preto pão que lá há, com ùas papas enxabres de cevada.

Chegamos ao nono dia a um posto em que já o frio era menos e o limite daquele deserto nos ficava vizinho, quando lá pelas 11 do dia o padre que vinha detras gritou «boa viagem» duas vezes. Parei perguntando a causa de seu alvoroço. Então me tornou: «Vossa Reverencia não vê arvores?» E me mostrou 4 grandes ciprestes ao longo de ùa ribeira e logo se foram seguindo pelo caminho matos e matos de rosais e fontes sem numero, fresquissimos, até que, pelas 4, chegamos à primeira povoação do Reino de Carjá [*Gar za*], donde ùa filha espiritual de um lama que não estava em casa nos recolheu nela e regalou com um prato de trigo assado que são os confeitos desta pobre gente e com algum leite²²².

Daqui nos partimos a manhã seguinte na volta do Reino de Culû [*Kulu*] a que este de Carjá é sujeito por entre serras, mas verdes, bem assombradas e muito povoadas de aldeotas, a gente mui bem figurada, mais limpa que a do Tibete ainda que a lei é a mesma, de boa natureza, vestem da mesma laia, as serranas andam coroadas de pedras turquinas toscas, vivem de suas lavouras e gado, é mui limpo de ladrões, salvo os senhores que o são tão finos que se o que levais lhe[s] contenta, ou de graça, ou pelo que querem se ficam com ele.

²²² Admissão implícita das boas relações entre os lamas e os jesuítas.

Nos limites deste Reino de Carjá tres dias antes de nos metermos pelo de Culú nos choveu tanta neve que a cada passo perdiamos o caminho porque vinhamos atolando em 2 e 3 palmos dela. Trazia eu então a barba de meio palmo de comprido que não era toda branca, mas a neve ma branqueou e sepultou de feição que *nec campus ubi Troia fuit*²²³. Esta é a causa porque os do Tibete arrancam toda pera que se lhe não encaramele a neve nela com o que se lhe faz ùa pedra.

Assi molhados, cheios de neve e bem cortados de frio, chegamos aquele dia ao pé da serra, que mais temiamos, descalços porque a muita neve do caminho nos destruiu os sapatos que levavamos. Achamos pera repousar ùa choupana de bois tão esfarrapada por cima, tão rota nas paredes que toda a noite que foi mui ventosa, o vento nos meteu por cima e por elas grande copia de neve sem termos com que nos pudessemos reparar e abrigar. Vê Vossa Reverencia todo o trabalho deste // [fl. 90] dia e noite? Não foi mais que vesperas do que nos esperava naquela serra conforme aquilo: Se cá chove e neva, que fará na serra? Não na acometemos ao dia seguinte, porque os serranos nos representaram o perigo de a neve estar muito fresca e que facilmente nos enterraria sem remedio, que nem eles se atreviam.

Ao terceiro dia às 6 da manhã a começamos a subir empinada quanto se pode imaginar toda coberta de neve, sem sinal de caminho que os serranos que levavam os cavalos nos iam mostrando. Levavamos uns sapatos de cordões de palha (nunca ninguem diga deste pão não comerei) de que eu zombava nos serranos, mas a verdade é que, com eles se escorrega menos pela neve, valem tres bazarrucos, duram dia e meio. Fomos achando a neve de 4 e de 6 palmos de alto, as bestas davam nela mil cambadelas, atoladas ordinariamente até a barriga. Eu ia remando com sumo trabalho, sem folego muitas vezes, tambem dava minhas quedas e não poucas, não tinha sobre que me sentar, senão a neve até os peitos, quantas vezes afocinhei, quantas meti os braços e mãos. Lá pelas onze cheguei ao meio tal que já não fazia conta de passar avante por não poder. Aqui venceram os desejos as forças de 52 anos. Só me dava pena ir o padre muito diante com quem me queria reconciliar e de quem me queria despedir. Nisto chegou um serrano que se lastimou de me ver quase enterrado na neve e sem força. Animou-me que já faltava pouco e meteu-me na mão o seu bordão, com o que fiz das tripas coração e

²²³ *Eneida* 3:12: «Nem sequer ficou o campo onde existiu Tróia.» (Virgílio)

subi outro pedaço até que tornei a cair. Então pedi a um moço que vinha perto que me fosse chamar o padre e que se algum dos serranos por interesse me quisesse porventura tirar dali, que fizesse nisso o possível.

O padre estava já no cume da serra (que como mais mancebo e que a tinha já cursado muitas vezes a estranhava menos, contudo este dia a sentiu mais que nunca e passou a mesma fortuna, além das muitas quedas, queimando-se-lhe as pontas dos dedos dos pés e das mãos de que nos ficou largo tempo que sentir) pera o qual me restava a terceira parte. Foi Deus servido que os serranos levados do interesse desceram a me buscar por preço de alguns rupias, mas como cuidará Vossa Reverencia que me salvaram? Cada um me levava às cavaleiras como menino quando o açoitam na escola, dez ou doze passos atolando comigo até os peitos e botando a alma, outro me levava os pés por detras por aliviar e ajudar o que me levava por não irem metidos na neve. Aqui, padre meu, me quis Nosso Senhor não acabar, que lhe não merecia eu ùa morte tão honrada, mas açoitar como menino. Permita sua divina bondade que a vida que ali de novo me deu seja pera melhor o servir.

Assim me puseram no pino da serra, e quis Nosso Senhor que fazia bom sol e nenhum vento com que pudemos melhor com o rigor do frio. Logo fomos descendo da serra o que restava do dia. Ainda nos ficou por acabar de descer o meio dia seguinte. No baixo dela eram os cedros infinitos e fermosissimos, na altura peregrinos, na copa grandes, na grossura de 3, 4 e de 6 braças. O ar era já outro, o lugar em que fizemos manzel muito fresco ao pé de ùa fermosa fonte em ùa lapa aonde a lenha sobejou, mas não se achou na nossa despena cousa que comessemos. Os serranos da nossa companhia nos foram bons com seus pedaços de apas.

Aquele dia me lembrara pera sempre, assi pelas mercês que Nosso Senhor nele me fez, como porque dele me ficaram as mãos estropiadas. Tinha-as em desmentidas de muitas // [fl. 90v.] quedas que dei pelas serras e, como os nervos delas estavam magoados, o mesmo foi mete-las na neve tantas vezes nesta bendita serra que ficar quase aleijado delas. Muitas vezes se me adormecem e esquecem com parte do braço de modo que as não sinto, mas aqueitando-as tornam. Qualquer frio nelas agora mas trata mal.

Daquela serra até à cidade de Magar Sara [*Nāgar*], cabeça do Reino de Culû, pusemos 3 dias por aldeias mui frescas que estão nas chapadas. São terras de muito mantimento e muito barato. Meia jornada antes de chegar à cidade real indo pelo cume de altissimas ser-

ras nos iam contando os amais, como em um tanque grande que num fundo mas desabafado vale ao pé delas faziam as águas do Inverno, estava o seu pagode em ùa moita que sobre a face dele se movia todas as vezes que lhe levavam ofertas, a moita as vinha receber à borda e se tornava logo pera o meio do tanque, senão que vindo-nos zombando com eles, do que cuidavamos ser patranha, vimos o que dizem e que no tanque se movia pela água pera qualquer parte sem nele se ver quem a movia, eu vi o mesmo e fiquei tão maravilhado como confuso. O tanque muito limpo e a moita era de ùa braça de grandura coberta de erva verde.

Está aquela cidade sita na chapada de um monte muito aprazível, assi por razão de muitas ribeiras que das serras a vem regando, como pela multidão e fermosura dos cedros que acompanham. É muito povoada, a casaria boa. Fazem estes ùa torre quadrada de pedra de cantaria e nela por todas as 4 faces varandas de fermosas tabuas de cedro, algũas de largura de 14 e 15 palmos, com as quais cobrem tambem os telhados. A gente muito bem afigurada, as crianças lindas no cabelo de ouro, algũas mulheres tão alvas como as da terra de Vossa Reverencia, mas não todas, vestem calções e cabaias de pano como os maridos, os cabelos soltos pera tras, um barrete redondo na cabeça, os homens com barretes de duas pontas ùa pera diante outra pera tras, mais puderão trazer seguramente. Todos assi serranos como serranas trazem nos barretes algũas rosas ou ervas cheirosas como mangerona.

Estava o Rei no campo; ali me agasalhou um parente seu, que com palavrinhas doces me roubou do que lhe contentou, muito contra minha vontade, como foi de um cavalo que me tomou quase de graça e muito sujamente, o que só foi por haver licença pera me ir. Pusemos 4 dias em chegar ao Reino de Mandi [*Mandī*]. No caminho atras e neste, nos deu não pequeno trabalho a falta de moeda, pera nos provermos quis Nosso Senhor que traziamos alguns *naruchis*²²⁴, que são certas raizes como araras secos ou mais pequenos, que vêm da parte de Uzangue ao Chaparangue, que servem de mezinha pera febres, tosse e feridas. É notavel o modo com que se acham. Cria-os a natureza debaixo da terra sem deles aparecer fora dela rasto algum. Os que sabem o posto vão àquele campo de noite e dele em algũas partes vem romper um raio de luz, logo naquele

²²⁴ Palavra tibetana que Toscano não conseguiu reconstituir: *Alla scoperta [...]*, p. 398.

lugar fazem sinal, a outro dia vão e cavando ali, os tiram. São estimados e os serranos que se aproveitam deles no-los tomavam em troca de mantimento.

No Reino de Mandi também de serranos nos não fizeram agravo algum. É o raja tributario ao Mogol. De lá de longe lhe metem um osso de tantos mil rupias na boca a este grão cão²²⁵ pera que o não venha engolir ao seu Reino. Deste Reino que é como os outros nos costumes, frescura, abundancia, etc. nos fizemos na volta do ponente buscando o de Lahor. Todos estes caminhos viemos a pé, assi porque as serras dão pouco lugar pera cavalos, como porque em estes dando nestas terras quentes, não prestam mais pera nada, donde // [fl. 91] me nasceram nos pés algũas mataduras que me davam mau trato e me forçaram a tomar um gemani que é ùa paviola levada por 4 homens em que o padre e eu iamos alternadamente muito a nosso gosto. Ao terceiro dia já nas terras do Mogol, nos deu busca um governador gentio e nos roubou do que lhe contentou.

Chama-se esta vila Melã que pera mim o foi em parte, em parte fel²²⁶. Estavam com o capitão gentio alguns mouros graves. Acertou de aparecer na busca entre o fato ùa imagem do Senhor crucificado. Um destes conhecendo-a me perguntou estando eu com ela na mão, quem era eu e quem era aquele? Então a tornei a beijar e pôr sobre a cabeça, dizendo que aquele era *Azarat Isã*, o Senhor Jesus Deus verdadeiro, e que eu era *Isai* [*isa' i*], cristão, jesuita, adorador e servidor daquele Senhor. Tudo monta aquela palavra²²⁷. Inchou-se o soberbo mouro e apanhou do alfange dizendo-me: «Se não estiveram aqui estes gentios, com esta vos houvera de cortar esse pescoço.» Tornei a pôr sobre a cabeça a imagem e a dizer: «eu sou Isai, vós fazei o que quiserdes». Os gentios o foram aquietando. Parte de minha desgraça foi não saber a lingua hindustana pera falar o que tão boa ocasião estava pedindo, então fora pera mim mel quando fora também afortunado que me caíra tão boa sorte, mas não é semelhante mel pera tamanho pecador.

Finalmente passadas as serras em que andei cinco meses sem ver outra cousa mais que estas nevadas, cheguei a Baioará [*Baimara*], reino pequeno do Mogol sujeito a Lahor só quatro dias longe dele, aonde não cheguei por não alongar o caminho por 8 dias mais, antes

²²⁵ Jogo de palavras infernal em português: cão = «cão» e cão = «khan».

²²⁶ Leitura duvidosa: *Melã* não é identificada. Além do jogo de palavras *Melã* / mel / fel.

²²⁷ Frase pronunciada em persa, onde *isa' i* significa «cristão».

o atalhei e rompi no Reino de Sinande, aonde dei no caminho real pera Agrá que el-Rei Jangir de boa memoria fez. Real lhe chamo porque verdadeiramente o é o mais real do mundo e bem diferente do que o imperador Vespasiano fez tras os montes de 17 leguas, grande parte dele por ùa serra, por onde o caminho vai como se fora por raso campo e bem diferente, digo, porque não é de 17 mas de 200 leguas por campo tão plano como a palma da mão, murado de grandes e fermosas arvores por ambas as partes, tão largo que cabem a par por ele 15 e 18 carretas. Em cada coice (3 coices fazem ùa legua) está ùa bem feita piramide pera sinal, em ùa pedra de jaspe vermelho em letras parseas à memoria de el-Rei Jangir que o fez. Estão as arvores por linha direita tão juntas que sempre podem os passageiros ir à sombra, pera o que escolheu el-Rei as melhores e muitas frutíferas, como amoreiras etc., pera os passageiros colherem delas mais que boa sombra. Contei-as de coice a coice por minha curiosidade e achei quinhentas de cada parte entre padrão e padrão, com o que Vossa Reverencia como bom aritmetico dará logo no numero delas. São todo o alivio aos caminhantes no tempo das excessivas calmas desta terra. Há neste caminho ordinario em cada coice um poço de boas águas com escadas até o lume da água, alem de muitas ribeiras que o atravessam.

Outra cousa tem não menos real este caminho, a cada 4 coices um recolhimento a que chamam *sarai*, feito pera repouso e segurança dos caminhantes, em quadro como ùa boa fortaleza de muro forte e bem feito de tijolos, de 4 braças de alto, em cada canto um fermoso baluarte, logo de canto a canto na mesma parede de muro se vão seguindo por cada lado 36 ou 40 casas de abobada com seus alpendres da mesma, muito bem feitas, cada qual agasalha duas e tres pessoas em seus catres.

Estando no sarai vos vêm logo rogar a *meteraiim*, a hospedeira (que há muitas, pera muitos) com a casa varrida e aguada, catres nela pera dormir, água quente pera os pés, fria pera beber, // [fl. 91v.] lenha, fogo, panelas, sal e ela pera vos cozinhar, pelo que tudo lhe dais quando vos ides 10 ou 12 reis, com o que vos ficais agasalhado, e ela contente. Pelo meio do sarai vai ùa rua de boticas em que tendes a carne, o peixe, o pão, o arroz, a verdura e tudo quanto vos é necessario em preço acomodado. Repousais nele à noite sem sobroço, porque no principio dela se fecham as portas²²⁸ e não se abrem ao romper da manhã sem pri-

²²⁸ [Palavra entrelinhada].

meiro se lançar um pregão, se alguém acha menos algũa cousa sua pera se buscar o ladrão dentro. Alguns destes sarais fez el-Rei Jangir, outros a Rainha Nurmal, outros outros nababos com grande magnificencia e despesas por fazerem grande seu nome, e é mui necessario havê-los porque são os ladrões muitos. Este caminho fez el-Rei, assi porque por ele ia muitas vezes a Lahor, como por aliviar com as comodidades dele ao infinito numero de passageiros que o frequentam perpetuamente.

Depois que parti de Sinande cheguei em 8 dias ao Reino do Deli aonde o Mogol se coroa e donde se intitula porque nele reinou muitos anos antes que descesse mais ao Hindustão e Decão. É a cidade real grande, os edificios ordinarios ruins, a fortaleza, paços reais nela, muitos sarais que têm magnificos, e muito pera se ver, como tambem grandiosas sepulturas. Daqui nos partimos pera a corte de Agrá passando pela cidade de Matura [*Mathurā*] que é a penultima jornada aonde um raja gentio, vassalo del-Rei, edificou ao seu pagode um templo custossissimo, soberbissimo, e tão grandioso que se pode por entre as maravilhas do mundo e com muita razão vir ver por tal. Creia-me Vossa Reverencia que não pode a pena nem as palavras chegar ao que os olhos vêem nela de architectura, labores, laçarias, relevos, grandiosidade em geral. Será no comprimento como o do Bom Jesus de Goa ou São Roque. Tem cinco mui altas cupulas ou abobadas que fazem o vão de dentro, enfiadas e encadeadas maravilhosamente, lavradas e cozidas em laçarias soberanamente; todo de jaspe vermelho. A primeira cai na entrada do templo, e é mais baixa, duas mais altas fazem o corpo dele, a quarta o cruzeiro, na ultima, da primeira à quinta, a capela maior e mais alta que todas. Dizer agora a perfeição das figuras, a arte dos debuxos, a galantaria dos labores, a graça dos ramos, a fermosura das laçarias, porque não há palmo de pedra nele que não esteja lavrada às mil maravilhas tudo de pedra mindissima por dentro e por fora sem haver em tamanha machina um palmo de madeira, não é possível não (*sic*)²²⁹ escrevê-lo a pena, nem pintá-lo a lingua. Sobre os cinco simborios se levantam pera o céu cinco piramides com a mesma perfeição obradas.

Em toda esta machina dizem que se despenderam 9 milhões de ouro, pera quê? Pera o diabo na figura de um cafre ser nele adorado desta cega gentilidade. Dizem eles que este é o filho de Deus que veio ao mundo 4 vezes e que ainda há-de tornar, a ultima deve de vir na burra manca dos judeus, e que ele é o que matou os gigantes do mundo na terra e no Inferno, donde quando já subia vitorioso lhe caiu

²²⁹ [Entenda-se «nem»].

das cavernas infernais ùa cobra venenosa pera o tragar, e que, matando-a ele, o bafo da cobra peçonhenta o defumara, donde lhe ficaram as cores negras como ele aí tem, por nome *Caná*, assentado em um altar ornamentado de brocado com os pés encruzados tangendo ùa flauta de ouro, assi como o fazem muitos cafrinhos. Aí me disseram que aquela flauta era o instrumento com que ele obrou grandes maravilhas no mundo assi como temos de fé que as fazia e fez o Senhor Jesus Nosso verdadeiro Deus só // [fl. 92] com sua divina palavra que eles querem significar com a gaita na boca deste negro cafurão, tão visitado aqui como festejado e adorado deste mundo Oriental. Ninguém aí entra senão descalço, naquele cruzeiro se estiram beijando mil vezes aquele chão com muitas lagrimas de devoção²³⁰.

Meia legua antes de entrar na cidade de Agrá, no caminho demos com [a] afamada sepultura de el-Rei Acabar em Scandará [*Sikandra, Iskandara*], grande machina e de grandissimas despesas, situada em um jardim em quadro que terá de largura cinco carreiras de cavalo com ùa porta em cada lado, de real architectura por dentro cosidas em relevos de ouro sobre varias cores, por fora de pedraria entalhada nas mesmas pedras, como se usa por Italia, obra de grande preço porque as pedras são finas, de varias cores e mui escolhidas. Fica o corpo de el-Rei mouro um pouco levantado do andar do chão dentro de um soberbo tumulo de prata lavrada com relevos e rica pedraria, suspenso em cadeias da mesma prata. Tem esta machina tres andares de varandas, ou crastas de pedra jaspe vermelha grandemente obradas, em que as colunas e charolas respondentes são em grande numero e toda se vai apiramidando proporcionadamente em grande altura mas sempre em quadro. No cume dela, no vão de dentro, que responde ao lugar em que ficam os ossos por baixo, se vê maravilhosamente encaixada ùa pedra de finissimo porfido de varias cores da grandura do tumulo que custou mais de 14 mil rupias. Enfim, a machina é soberana e de muitos milhões. Aqui o adoram como se fora grande santo, prostrados por terra beijando o pavimento, enquanto no Inferno o triste e desaventurado Rei paga com eternas penas gostos temporais e terrenas honras²³¹.

Por fim cheguei à cidade de Agrá aos 3 de Janeiro de 1632 depois de onze meses menos 12 dias que gastei nesta peregrinação e tra-

²³⁰ Cidade de Uttar Pradesh, célebre pela sua escola de escultura, Mathurá é também o local onde nasceu o deus Kṛṣṇa.

²³¹ Maldade em relação a Akbar, que era um grande amigo dos jesuítas.

balhos da qual só toco nesta a Vossa Reverencia muito por alto porque, nem a modestia religiosa permite outra cousa, nem a memoria pode chegar aonde eles. Porque relatar a Vossa Reverencia os riscos da vida a subir e descer por empinadas e desesperadas serras, o passar de furiosos rios, ora a vau com a água frigidissima pelos peitos, ora por pontes de cordas perigosissimas, as topadas, as quedas por estreitissimos caminhos de um só palmo às vezes de largo, pelo recosto das serras, o subir de gatinhas e descer escorregando de costas, o dormir por vezes não digo só no chão todo ano, mas despido algúas por ter o fatinho ensopado em água da chuva, sem ter farapo com que me abrigasse, nem erva, ou palha que com sua brandura me fosse boa. As calmas de 3 verões, os frios de 3 invernos que tomei em diversos climas e regiões, as fomes não tendo pera matá-las úas vezes mais que úas papas de cevada mal cozidas, e sem sal, por não haver pera as cozinhar mais lenha que o esterco de cavalos que muitas vezes faltava, outras um pedaço de apa preta mais de farelo que de farinha e outras em que até este mimo nos faltou. A sede de jornada inteira sem mais remedio que algum pilouro de chumbo na boca, ou pedaço de caramelo, cheio de infinitos piolhos de extraordinaria grandeza, os quais com os matarmos ao meio dia, quando a quentura do sol nos dava lugar, já à noite tinhamos tal novidade que muitas as não dormiamos inteiras com a crueldade desta praga. Os sobressaltos de ladrões em tão novos e perigosos caminhos, o andar em trajos de mouro com toucas e cabaías quase todo este ano com o alfange de úa parte na cinta²³² e da outra o coudre com o arco no ombro e pistolete ou espingarda, o que tudo era necessario, alem de outras muitas rezões por amor daqueles. As perarias dos alcavallistas; // [fl. 92v.] a sem razão dos servidores e animais que no mato nos deixavam muitas vezes sem guia desamparados, a desumanidade de nos não quererem algúas vezes dar água pera beber por lhe não contaminarmos seus vasos, nem emprestar úa panela pera cozer o nosso arroz, por nos terem por casta baixa, sendo-o eles de baixissimas, por haverem e dizerem que só nós o eramos por comer vaca. Enfim e tantos outros trabalhos e molestias que referi-los a Vossa Reverencia fora grandemente cansá-lo. Permita Nosso Senhor que os tomasse eu com algum proveito espiritual de minha alma e algum deles lhe fosse agradável.

²³² Disfarçados de muçulmanos: confissão ausente dos relatórios destinados a publicação.

CARTA DE FRANCISCO DE AZEVEDO (1631)

Isto é, padre meu amantissimo, o que se ofereceu escrever a Vossa Reverencia desta minha peregrinação, não porque com os descontos dela entenda que lhe meto pavor, antes o faço porque sei o animo de Vossa Reverencia, seu fervor e religião e que ouvidos lhe serviam de lenha com que se acenda mais o fogo de sua caridade em seu coração e o desejo que tem da salvação das almas, etc.

O Padre Francisco de Azevedo



MISSÃO
A UTSANGUE

(Reino de Utsangue, Tibete Central)

CARTA DE ESTÊVÃO CACELA

Relação que mandou o Padre Estevão Cacela da Companhia de Jesus ao Padre Alberto Laercio, provincial da Provincia do Malabar da India Oriental, da sua viagem pera o Cataio, até chegar ao Reino do Potente

Nas cartas do ano passado escrevi a Vossa Reverencia todos os sucessos da nossa jornada até chegarmos a Biar [*Kuch Behar*], cidade principal do Reino do Cocho [*Kuch*], mas por não saber até agora se aquelas chegaram a Vossa Reverencia, referirei nesta toda nossa peregrinação até este Reino de Cambirasi, que por esta parte é o primeiro deste Potente²³³, abreviando o que toca até Biar, por não me pôr a risco de causar a Vossa Reverencia com repeti-lo, dando mais copiosa relação do restante do caminho.

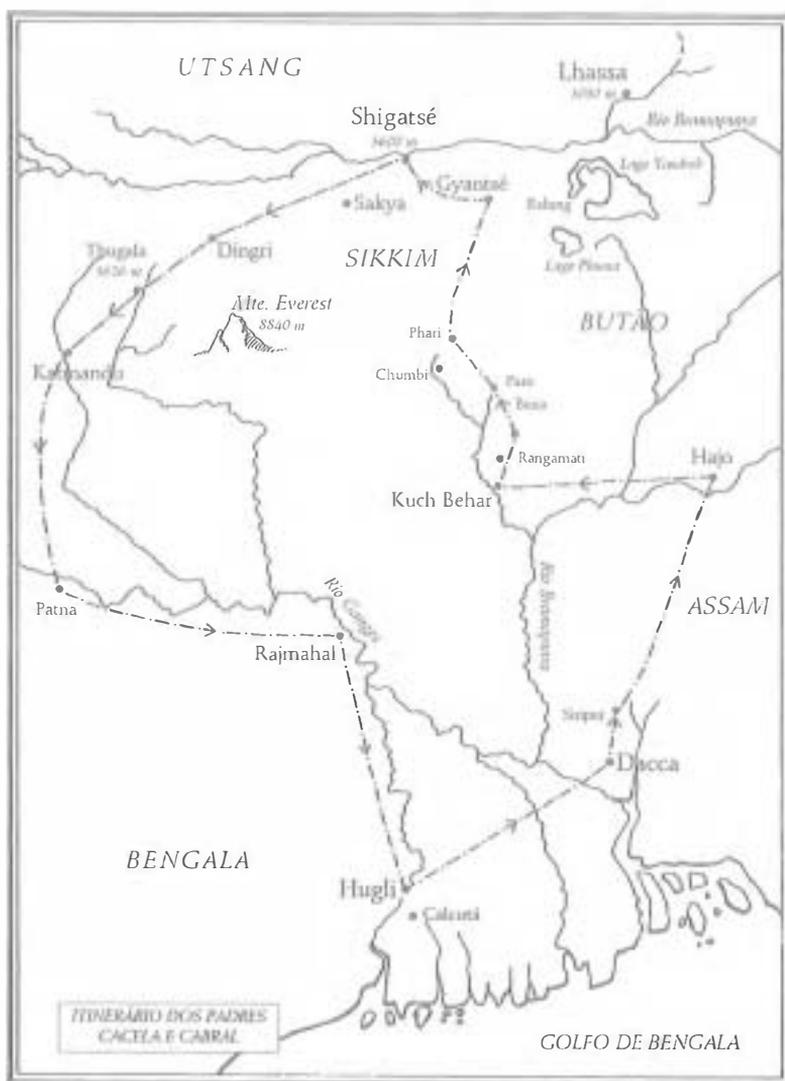
Saimos do Golim [*Hugh*] aos 2 de Agosto de 1626. Chegamos a Dacá aos 12 do mesmo mes. Daqui partimos em 5 de Setembro e aos 26 do mesmo passamos por Azó [*Hajo*] e chegamos a Pandó [*Pandou*] onde estivemos com o Raja Satargit alguns dias e, vindo a Azó nos partimos aos 8 de Outubro pera Biar, onde entramos aos 21 do mesmo. Aqui foi necessario esperar quatro meses pera poder passar as serras e, aos 2 de Fevereiro de 1627 nos fomos pera Runate [*Rangamati*], ultima terra do Cocho e, aos 21 do mesmo mes, entramos pelos Reinos do Potente e começando a subir as serras aos 23, depois de dezoito jornadas que por elas fizemos; aos 10 de Abril chegamos a ver-nos com Droma Raja [*Dharmaraja*], Rei e lama-maior deste Reino²³⁴, e tido pelo maior letrado e mais autorizado de todos os mais lamas maiores, que são seis em todos estes Reinos do Potente.

²³³ Denominação norte-indiana.

²³⁴ O Butão.

Partimos do Golim o padre João Cabral, o irmão Fonteboa e eu, já vestidos de soldados portugueses por ser assim necessario ao segredo com que nos convinha sair de Dacá pera não ser impedidos dos mouros que a governavam em ausencia do nababo que então estava em Rajamol [*Rajmahal*], e por rezão de conhecimento que o padre Simão de Figueiredo já tinha com eles e da benevolencia e respeito com que sempre trataram ao padre, veio connosco, posto que bem doente pera ajudarnos na saída daquela cidade, na qual logo que chegamos nos prenderam a embarcação e dois moços que nela estavam com todos os marinheiros. A causa foi, porque no mesmo tempo chegou outro barco de portugueses em que vinham alguns soldados que o ano dantes acompanharam o Mogol no sacco de Dacá. Foi um em desembarcando conhecido e preso, e com ele as embarcações que tinham chegado com a gente que neles estava, havendo que era gente do Mogor mandada a espiar a terra.

Passados doze dias soltaram os moços e a embarcação, a qual mandei logo a Siripur pera trazer o padre João Cabral que lá ficara com o irmão Bartolomeu Fonteboa, vindo eu só com o padre Simão de Figueiredo pera nossa chegada ser menos sentida. Ao irmão escrevi as dificuldades, que tomadas as informações da viagem nos representavam, dizendo não ser possivel irmos todos, e assim com grande magoa minha pelo deixar, lhe ordenei tornasse pera o Golim e que na primeira ocasião que houvesse, sendo possivel lhe mandaria ordem e modo com que viesse. O que parece ordenou Deus Nosso Senhor pera do collegio do Golim, e não nas incomodidades do caminho levar o irmão a gozar na gloria o premio dos bons desejos que tinha de fazer esta viagem, havendo-se por bem servido deles. O padre João Cabral não pôde vir logo de Siripur, por lhe impedir a vinda o mouro capitão mor da armada do Mogor, e prendendo-lhe a embarcação; e em oito dias mais que lá o detiveram sucedeu em Dacá o sucesso de Jorge de Sousa, que logo direi, com que os portugueses ficaram tão amedrontados que os que ali estiveram de fora, se foram com toda a pressa pera o Golim e os moradores da terra se deram por perdidos, procurando os que se foram persuadir ao padre fizesse o mesmo, e os que ficavam se consolavam muito com sua companhia, edificando-se uns e outros grandemente do espirito com que o padre // [fl. 2] por não arriscar sua missão não tratou sair-se do perigo, quando o faziam tantos, que tinham por temeridade ficar nele. Pode contudo o padre com ajuda e companhia dalguns portugueses sair de Siripur sem o saber o mouro — e chegou a Dacá quando já a tempestade era passada, mas mui pre-



sente ainda o medo que causara nos cristãos que nela vivem. Succedeu a cousa nesta forma.

Um portuguez bem velho que envelhecera em Dacá, pretendeu matar outro soldado, e não o fazendo seus moços com espingardadas que lhe tiraram, veio ele com outros muitos a buscá-lo sem o poder deter ninguem fazendo alguns muito por isso. Levavam a morte que poucos meses antes dera a outro cristão e o castigo de seus pecados.

Concorreram da parte contraria tambem muitos e, em chegando à vista uns dos outros, o velho que foi o primeiro que apareceu, foi o primeiro que logo caiu morto com a primeira espingardada que se tirou sem poder confessar-se, como tambem o não pôde fazer o que ela dantes matara, pera confirmação do que em Bengala se tem observado, que quem sem confissão mata, sem confissão o matam, do que trazem muitos exemplos. De ùa e outra parte tudo eram soldados cristãos e, como capitão de todas, acudiu Jorge de Sousa desarmado a aparta-los. Com esta voz de sua vinda fugiram os cristãos de ùa e outra parte e apareceu ùa companhia grande de resputos²³⁵, soldados gentios, feros e barbaros, cujo capitão era um parente mui chegado do seu raja. Deram todos sobre Jorge de Sousa, em cuja defensa com ùa espingardada derrubaram do cavalo o capitão dos resputos. Caído este se detiveram os mais e, deixando a Jorge de Sousa sem ferida, se foram todos a queimar-lhe e roubar-lhe as casas, como em efeito fizeram, que por serem casas grandes e estendidas ardendo com outras muitas que lhe ficavam junto com seu incendio, furia, grita, forças, roubos dos resputos, não acudindo a nada por muito tempo justiça algũa, se fez o dia mui medonho. Vendo-se ser tudo traça e ordem que cada um a seu modo imaginava, foram muitos os feridos, de doze mortos se soube; e muitas mais seriam se depois de algũas horas não acudira o *catual*, que é a justiça da cidade, que, posto que não trazia poder de gente pera castigar e prender tanta multidão de soldados, contudo a enfreou com sua presença.

Pera todos foi de grande espanto ver como em um tão evidente perigo saíra Jorge de Sousa, não só com vida, mas sem ferida algũa atribuindo a particular providencia de Deus Nosso Senhor, que parece lhe quis mostrar ser-lhe acerto algum serviço que naquele dia lhe fizera, como na verdade lhe tinha feito, havendo do governador de Dacá o formão com que havíamos de fazer nossa viagem pera o Cocho, o qual me mandou ùa hora antes da briga, querendo Deus Nosso Senhor que só me mandasse este e guardasse outro que pera nos juntamente tirara, do qual em efeito não tivemos necessidade e se perdeu no incendio das casas, pera que tivéssemos por partar merce sua a providencia, com que lhe tirou das mãos o que nos era precisamente necessario, nem se podera na mesma forma tirar outro se este se perdera, porque o estado em que ficou Jorge de Sousa não era pera pedir formão de mandar cortar madeira e fazer muitas em-

²³⁵ Rajputes, guerreiros do Rajastão.

barcações no Cocho, que era o teor do formão passado, e demandava gasto de muitas mil tangas, ficando ele depois deste successo, sem ãa. Além desta merce do Senhor experimentamos aqui outras mui especiais de sua divina mão. No meio da maior furia dos resputos, que não perdoavam a cristão algum que encontrassem, que não ferissem ou matassem, pondo fogo a todas as casas de soldados que estavam naquele bairro, morando nós e estando actualmente em ãas daquela paragem, onde dantes morava um soldado, que por nosso respeito, se saira delas, ali nos defendeu o Senhor sem nos chegar o fogo, nem saberem de nós os soldados gentios, estando nós ouvindo sua grita e as lastimas e prantos da gente nos incendios e roubos que padeciam. E pera o Senhor nos mostrar mais esta merce sua quis que, quando aqui chegamos, tendo-nos primeiro aparelhado outras casas em que morassemos sem nos havermos nem sabermos delas, nos aparelharam aquelas em que estivemos, não querendo morassemos nas outras, as quais foram as primeiras em que os resputos deram e pegaram fogo; onde com muita dificuldade escapou um mercador portugues, vestindo-se // [fl. 3] de cabaia e touca e pagando mui bem a um mouro vizinho que o livrou. As causas e principios deste successo são assaz sabidos, o que toca à culpa dos males que aqui se executaram, deixo por escusar até os que tão publicamente são culpados.

Com aquela traça de mandar cortar madeira e fazer embarcações ao Cocho viemos acompanhados da gente que Jorge de Sousa tambem pera esse efeito mandou, e nos serviu muito pera poder passar os *choquis*, que são como alfandegas onde se vê o fato, e se paga dele um tanto, e são sessenta e tantos nestes rios até Azó, indo sempre por gangas mui frescas e apraziveis de muito boa agua e com as muitas povoações que lhe ficam junto, abundantes de tudo.

É Azó a cidade principal e cabeça dos Reinos de Cocho, terra grande, mui populosa e rica, onde residia Liquinarane [*Bir Narayna*], Rei do Cocho, que ora é morto, e onde está o nababo do Mogor, a quem estas terras pagam tributo. Passamos à vista desta cidade e chegamos a Pandó, onde tem seu assento Satargit raja de Busna, gentio, capitão geral do Mogor contra os assanes. É Pandó terra não muito grande, mas mui frequentada, e de não se alargar muito pela terra dentro, mas estar estendida na praia deste fermoso Rio do Cocho, é a causa a guerra que tem de continuo com os assanes que confinam com Pandó, terra ultima do Reino por aquela parte. Recebeu-nos o Rei Satargit com grande benevolencia fazendo-nos muitas honras entre grande multidão de gente sua mui grave e capi-

tães mogores que o acompanham, e lhe são necessarios pera trezentas cocas que tem de guerra, entendendo de nós e das cartas que lhe trouxemos, que a causa de nossa vinda era passar ao Cataio, tomadas as informações se não achou ali quem tivesse noticia daquele Reino mais que um mouro, pessoa grave que nos disse ficar alem de ùa cidade que se chama Coscar [*Kasğar*], por onde se vai a ele, e que do Cocho não sabia [o] caminho pera lá, mas que passadas as serras do Potente o achariamos²³⁶. E tratando por onde entraríamos no Potente, quis o Rei Satargit que pera isto fossemos ver-nos com Liquinarane, Rei do Cocho a Azó, que, como Rei da terra sabia mais dela e tinha muito conhecimento daquela gente, que por varias portas desce a seus Reinos.

Não quis o raja que fossemos sós, ele em pessoa se abalou e foi só a apresentar-nos a Liquinarane, e dali nos aviar pera nossa viagem. Aparelharam-se algũas cocas²³⁷ mui fermosas em que viemos a Azó, e ao dia seguinte fomos com ele visitar o Rei. Não é de estimar pouco a benevolencia deste Rei de Busna, as honras com que nos tratou, e o cuidado que pôs no nosso negocio, porque não se há-de imaginar o estado destes reis, fausto e aparato conforme o que se vê em alguns da India. É isto mui diferente, tratam-se estes reis mui bem e têm estado real, que não consiste em multidão de gente nua, mas mui bem trajada e grave, assim de pé como de cavalo, em particular este Rei Satargit por seu saber e condição é em todo este Reino, com ser nele estranho, mui estimado como vimos em Azó, onde pelas ruas o aclamam como se fora rei proprio, ao que ajuda muito a liberalidade com que de suas rendas reparte com muitos, que posto não passem de duzentas mil tangas cada ano, contudo lhe luzem muito.

Pera falarmos ao Rei Liquinarane passamos tres grandes patios, que em roda tinham largas varandas cheias de gente, que em toda a parte pareceria mui luzida. De uns pera outros se passava por grandes portas e mui fortes que sempre estão fechadas com porteiros e muita gente de guarda. Nos dois ultimos era grande a multidão de soldadesca que servia de guarda do Rei e sempre ali assiste com muita ordem divididos em estancias conforme as armas de cada um,

²³⁶ A informação circulava apenas, portanto, entre a Índia e a China e a China e a Índia. Outros sabiam há muito tempo que o Cathayo era a China: H. Didier, «Une Chine où l'on n'arrive jamais», *Corps Écrit*, Paris, N.º 17, 1986, pp. 11-19.

²³⁷ Coça foi corrigido para coca, no sentido de barco, uma vez que se trata de uma viagem num rio.

sempre tão a ponto e também providos como se estiveram em campo de guerra. Seguiu-se logo um grande e fermoso jardim, no meio dele estava ãa casa de prazer bem ornada onde nos esperava o Rei. Recebeu-nos com muita benevolencia e, depois de varias praticas acerca do Reino de Portugal e de outras partes, tratando de nosso negocio, lhe pareceu fossemos a Biar onde governava seu filho Gabur-rasa, e que, dali por Runate, ultima terra sua, passaríamos ao Potente, oferecendo-nos cartas suas pera seu filho em tudo nos ajudar. Despedimo-nos dele e mandando-nos as cartas nos mandou com liberalidade // [fl. 4] prover de dinheiro pera o caminho; o que fez ainda mais liberalmente o Rei Satargit, além de nove peças de seda que nos mandou com grandes desculpas do estado em que estava incapaz de poder mostrar doutro modo o amor que nos tinha, e mandando um parente seu mui chegado que nos acompanhasse a quem pera isso deu ãa coca, dando-nos a nós outra, e mandando outro bramene de sua casa com carta sua pera o principe Gabur-rasa, se foi pera Pandó e nós nos partimos pera Biar.

Está a cidade de Biar situada junto a[o] Ganges²³⁸ fazendo por espaço de algũas leguas ãa aprazível vista e pelos campos em que está assentada se estende do modo que, assim ao largo, como ao comprido, tem distancia de leguas e, a não ser nos edificios humilde como as dos mais reinos de Bengala, fora muito pera ver. Tem muita gente e é de tudo mui provida, assi do que tem o Reino, como do que lhe vem de Patana [*Patna*], Rajamol e Gouru [*Gaur*] de cujos mercadores é frequentada. Os bazares são muitos onde se acha tudo o que estas terras de si dão, em particular é Biar sinalada nas frutas de espinho que tem com notavel vantagem às que tenho visto na India e principalmente nas laranjas de toda a sorte. Não estava ao presente o principe em Biar, porque poucos meses antes desgostando das inundações que o rio na cidade fazia, fez seu assento mais pela terra dentro junto a um esteiro mui fresco do mesmo rio, lugar que dantes se chamava Colambarim [*Kalabari*], e deram-se os mercadores de Biar tanta pressa em dar gosto ao principe e fundar a nova cidade, que já quando ali chegamos estava mui fermosa na ordem e grandeza das ruas com vantagem a Biar. Em Colambarim fomos bem recebidos e agasalhados por mandado do principe, e tratando com ele de nossa vinda, cujo intento soube pelas cartas dos reis, seu pai

²³⁸ Kuch Behar no rio Torsa, e não no Ganges. Mas Ganges ou Gangá significa também «rio indiano».

e Satargit, se ofereceu a nos favorecer em tudo, e logo com gente sua parti pera Runate, onde achei sete ou oito pessoas destes Reinos²³⁹, com cuja vista o gosto que recebi correspondia bem ao desejo que tinha de vê-los tão largo e dilatado. E tomando deles as informações que puderam dar-me, dizendo-me não ser possível passarmos naquele tempo as serras a respeito das muitas neves, ventos e chuvas de que diziam cousas notaveis, por mais que fiz e instei por todas as vias pera intentar logo a passagem, me não foi possível e assim fomos obrigados a esperar naquele Reino do Cocho mais quatro meses.

Com esta ocasião e necessidade de detença, tratei logo de escrever ao irmão Bartolomeu Fonteboa, pera que viesse buscar-nos e continuarmos todos nossa missão, pois a gente do Potente nos facilitava o restante do caminho. A este fim, e tambem pera dar relação a Vossa Reverencia de como estavamos já naquele Reino, mandamos ao Golim o lingua que traziamos, por ser homem experimentado em caminhos e que traria muito bem o irmão, mas posto que as cartas o acharam vivo, foi o Senhor servido de daí a poucos meses lhe premiar o fervor com que intentou esta missão, quando já a idade e compleição parece o podiam retrair dela. Tinha o irmão Fonteboa zelo e espirito fervoroso de se aproveitar a si nas virtudes, e a outros com seu trabalho. Mas quando ele tratava de causar e trabalhar pelo Senhor, quis ele dar-lhe o eterno descanso. Nós como haviamos de esperar quatro meses naquele Reino, ordenou o mesmo Senhor com paternal providencia os passassemos em tal exercicio, que nos ajudasse a tomar forças espirituais pera o que nos restava de viagem, e assim adoeci eu logo e, dai a tres dias, o padre João Cabral, ambos de cozois²⁴⁰ e juntamente um moço a quem a doença em começando deu mui gravemente, ficando-nos só outro que não sabia a lingua e era pera pouco, e que dai a poucos dias tambem caiu doente mortalmente. De mim não fiou o Senhor doença larga, em breve sarei e convalesci, ao padre João Cabral foi a doença sopeando tanto por mais que ele se animava, que o chegou a extrema fraqueza e o teve por muitos dias em grande perigo da vida. No mesmo tempo estavam os dois moços que só tinhamos tambem a morte, já sem fala e sem juizo esperando-lhe sua hora. Deste modo estavamos sós todos

²³⁹ Do Tibete.

²⁴⁰ Trata-se de sezões, febres intermitentes ou periódicas, geralmente de origem palustre (Morais, s.v.).

quatro em ùa casinha em os meses de Novembro e Dezembro que a força das doenças durou, recebendo de continuo mui particulares merces de Nosso Senhor, que bem mostravam ter-nos ele ali por sua conta // [fl. 5] e que ele era o que nos governava e regia, pois no meio daquele estado em que aos olhos humanos pareceria faltar tudo, nada nos faltou; sem medicos, sem mezinhas, sem serviço necessario, sem muitas comodidades, que as doenças precisamente requerem, como se todas houvesse e nada faltasse, deu o Senhor saude a todos.

Chegando-se já o tempo em que havíamos de continuar o caminho ficando o padre ainda doente me fui despedir do principe Gaburra e haver dele suas chapas²⁴¹ pera o capitão de Runate e gente do Potente, as quais logo mandou passar e dar-nos com eles em sinal de benevolencia um cavalo, mostrando compadecer-se de nos entregar aos de Potente, pelo grande medo que os cochos têm daquela gente, vendo a liberdade com que se hão em Runate sem temer a ninguem, mas facilitando-lhe tudo com o gosto que tínhamos na empresa, me despedi dele.

Esperámos todo Janeiro em Biar pera ali nos achar o irmão de cuja morte não sabíamos e o lingua que fora busca-lo, do qual tínhamos precisa necessidade, porque os dous moços ainda andavam doentes e um deles havia de ir pera o Golim. Porém vendo que não vinha aos 2 de Fevereiro, dia da Purificação de Nossa Senhora, nos partimos pera Runate, pera ali esperarmos mais alguns dias e tratar do necessario pera o caminho, e resolutos em o começar aos 20 de Fevereiro. Aos 19 do mesmo à tarde nos entrou pela porta o lingua que vinha de Golim e nos pareceu um anjo vindo do Céu, que pareceu o Senhor trazê-lo naquele dia ultimo de nossa estada no Cocho, pera que mais claramente experimentassemos ter ele de nossa jornada mui particular cuidado, ordenando o mesmo Senhor que este homem se adiantasse e deixasse na companhia em que vinha algũas cousas que nos trazia, porque se assim não fora já nos não acharia em Runate, nem era possivel seguir-nos. Com esta ocasião foi necessario esperar mais o dia seguinte e assi partimos e entramos nas terras destes reinos aos 21 de Fevereiro, que foi o primo domingo da quaresma, recebendo particular consolação com a jornada que a igreja naquele dia representa do Senhor pera o deserto²⁴², com cuja

²⁴¹ Chapas: uma espécie de passaporte.

²⁴² A tentação no deserto, *Matheus* 4:1-11.

companhia não duvidamos haver de vencer os encontros do inimigo que em semelhantes viagens são certos.

Aos 26 de Fevereiro depois de quatro jornadas destas serras chegámos à prima aldeia destes Reinos e, querendo passar adiante o não pudemos fazer logo, porque o homem com quem nós tínhamos concertado pera vir connosco, que é pessoa principal entre esta gente, se ficou em Runate pera seus negocios e nos deu gente sua com que viemos, dando-lhe ordem que nos detivessem nesta aldeia até ele vir, que seria dai a seis meses, nem nos dessem aviamento pera poder passar avante.

Assim o fizeram, de modo que, por mais diligencias que fizemos, não havia romper os impedimentos que nos puseram; até que passados já doze dias nesta aldeia me resolvi a acometer o caminho, eu com um moço cristão e dous gentios do Cocho, que sabiam algũa cousa desta lingua, deixando aqui o padre João Cabral²⁴³, pera chegando a outra aldeia lhe mandar gente com que pudesse continuar o caminho. Não se pode dizer facilmente a força que a gente de toda esta aldeia nos fez pera que não partisse dela, representando-nos se o fizesse como então o fazia sem guarda, roubos, cativeiros, mortes e outras cousas, com tanta eficacia que era espanto. Porém parecendo-nos ser tudo traça do inimigo pera nos impedir o caminho, não dando por nada me pus a ele, no qual encontrei algũas pessoas que vinham pera Runate; estas me puseram as mesmas dificuldades, acrescentando que tornasse pera a aldeia e eles deixando de ir adiante nos levariam ao Rei. Mas como já tinha visto que na aldeia donde saíra nada se fazia mais que o que queria a gente que nos detinha por aquele homem por cuja ordem vínhamos ser capitão dela, não voltei então, mas escrevi ao padre João Cabral fizesse tudo o possível por vir com ele. E continuando o caminho me vieram demandar dois soldados destes Reinos dizendo me que iam pera a mesma terra pera onde eu caminhava com os quais mostrando fiar-me deles, me concertei pera me acompanharem e guiarem.

Porém ao segundo dia se concertaram com os dois gentios pera roubar-nos, e deram logo tantos sinais deste conselho // [fl. 6] que não pode encobrir-se, e o menos era o roubo, mas dele provavelmente se seguiriam outros impedimentos pera a viagem, e como ao passar de ãa ribeira, deixando-me já um pouco atras tornassem aos moços essa pobreza nossa que levavam, repartindo-lhe de suas armas

²⁴³ Que se lhe juntou.

continuaram todos quatro o caminho com tanta pressa que mostravam dar-se-lhes pouco de já os entender. Eu vendo-me sem os moços que me serviam de lingua no meio de serras frequentadas de ladrões sem ter quem me guiasse avante, julguei por necessario voltar pera a aldeia e buscar outro remedio de poder continuar o caminho e, porque, nesta volta havia os mesmos riscos, a fizemos aquela noite seguinte o moço cristão e eu, caminhando toda ela, acompanhando-nos mui bem o frio e vento passado pela neve, que neste mes de Março aqui não falta, e assi pela escuridade da noite, como pelos caminhos destas subidas e descidas serem mui estreitos, e de serras mui alcantiladas era necessario andar boa parte da noite com pés e mãos juntamente pera o que me ajudava muito terem-me deixado os companheiros desembaraçado só com o meu breviario e bordão. Assi cheguei à aldeia ao dia seguinte onde achei o padre João Cabral concertando-se com os que primeiro encontrei e foi o Senhor servido mover a gente que nos detinha pera que nos não impedisse, antes nos ajudasse a negociar-nos pera ir adiante e assi continuamos o caminho todos aos 16 de Março.

Partidos desta aldeia a cabo de seis jornadas sempre por serras, chegamos a outra maior que se chama Rintam [*Rintau*], onde achamos a prima casa deste Rei com gente sua que nos agasalhou. No mesmo dia chegou ali um homem parente do que nos negociou a vinda em Runate e nos disse como vinha pera nos levar avante até Pargão [*Paragaou*], cidade principal deste Reino, e dali tambem passaríamos com ele até o Rei. Nós que grandemente desejavamos escusar detenças o recebemos e ouvimos com muito gosto e, ao outro dia, nos partimos com ele e chegamos a Pargão depois de quatro jornadas.

Começa esta cidade em um campo mui fermoso, largo e aprazível, entre serras que de ùa e outra parte o vão acompanhando; elas em si alegres à vista e mui acomodadas, as searas de trigo e arroz de que então estavam cobertas. Reparte-se o campo com duas grandes ribeiras que o fazem muito pera ver, principalmente com a frescura que tem de grandes sinceiros²⁴⁴, e muitas levadas de águas que das ribeiras saem. Com o campo começam os edificios das casas mui grandes, e altas, que comumente são de tres, quatro, cinco sobrados, de paredes mui grossas, com janelas e varandas que as fermoseiam. Não estão estes edificios em forma que façam ruas; ficam divididas uns dos outros em todo o campo e pelos pés das serras em

²⁴⁴Salgueiros.

forma que fazem ãa cidade, mas tão comprida que só o que andamos e vimos dela serão tres leguas, ficando-nos ainda o mais por ver, porque o campo vai continuando na forma que tenho referido, até dar em ãa serra que o parte pelo meio, com qual vêm as duas ribeiras de ãa e outra parte que regam o campo, e nesta serra faz a cidade dois grandes braços que pelos lados dela vão pelas ribeiras acima grande espaço. A gente parece inumeravel e lançada à conta, a menos que ali vivera hão-de ser mais de quinhentas mil almas, ao que ajuda muito o modo que comumente têm de morar naquelas casas, porque em cada ãa delas há muitos moradores divididos pelos sobrados e repartimentos que pera isso fazem.

Aos 25 de Março²⁴⁵ entramos nesta cidade, dia em que o Eterno Verbo vestido de nossa humanidade entrou neste mundo e de sua infinita bondade esperamos que a entrada em tal dia naquela terra seja pera todo aquele povo o reconhecer por seu Salvador. Não pudemos logo chegar a casa do companheiro que nos guiava e, quando ao dia seguinte entramos nela, achamos ter-nos aquela manhã roubado tudo quanto traziamos pera nossa sustentação. Meteu-nos em ãa casa sua tão escura, que ao meio dia nos não viamos, e mais parecia carcere que outra cousa. Logo lhe pedimos nos quisesse buscar o que nos faltava, pois pera nos trazer com segurança vinha por nosso guarda, mas ele mui seguro, e sobre si nos respondia, que descansaria, e depois faria a diligencia, mostrando em tudo o pouco que se lhe dava de nos ser tão infiel depois de nos fiarmos dele, e assi se enfadava notavelmente de lhe falarmos na // [fl. 7] materia, dizendo que aquele negocio não era de um dia, mas que havia de durar meses, e que, vindo de Runate o homem que lá nos negociara, ele faria o que lhe parecesse.

Vista a danada resolução deste homem, e outros sinais que dava de coração inficionado com ruins traças, de que o Senhor nos livrou e depois soubemos, nos resolvemos a sair de sua casa, pera o que havia grandes dificuldades, mas passados dois dias, vendo que ele faltava muito tempo em casa, nos saímos dela, ao que acudindo logo os parentes nos detiveram e lhe levaram recado do que passava. Era notavel a paixão com que este homem veio a nos impedir e querer outra vez a força meter em casa, valendo-se das armas e de tudo o que pôde contra nós, mas foi Deus Nosso Senhor servido que com a paciencia o vencemos, resistindo só com esta, a paixão e colera de

²⁴⁵ Festa da Anunciação.

que vinha arrebatado. E como neste tempo acudiu muita gente que viu a sem rezão que aquele homem nos fazia e se compadecia de nós, procurando aquietá-lo e recolhê-lo em casa, nos desembaraçamos dele, e recolhendo-nos aquela noite em casa de um bom velho que por amor de Deus Nosso Senhor nos fez gasalhado, ao outro dia um lama autorizado quem o padre João Cabral primo tinha falado, nos mandou cavalos e gente sua que nos levasse a sua casa que ficava muito longe desta paragem; mas chegando nós a ele, o achamos mudado a respeito de temer brigar com o homem que nos roubara se em casa nos recolhesse. Porém foi Nosso Senhor servido que se animasse a não reparar naquele inconveniente, posto que, depois de estarmos em sua casa por respeito do mesmo homem nos impedia ir avante, em tal forma que, querendo outro lama levar-nos, a gente deste com armas lhe defendeu o não fizesse.

Vendo-nos assim, e com outras muitas circunstancias de dificuldades e impedimentos que deixo de apontar em terra onde não há quem acuda a nada, sendo cada um destes homens em sua casa senhor absoluto sem haver fora dela quem lhe peça rezão do que fizerem, encontrámos o lama principal que aqui tem o Rei, o qual sabendo dos impedimentos que tínhamos pera chegar ao Rei, nos disse que por sua via iríamos por ser ele o que ali estava pera negocios do Rei e que logo nos passassemos pera sua casa.

Assi o fizemos com beneplacito do lama com quem estavamos agasalhados, antes ele mesmo nos levou e acompanhou até o Rei; mas nem aqui deixou o inimigo suas costumadas diligencias pera impedir-nos, do modo que, tratando com o lama principal de querermos passar avante, nos quis persuadir não fossemos mas esperassemos ali o Rei que dizia viria dali a um mes (o que era tão falso que são hoje passados seis sem ir lá). Vendo nós esta mudança nascida tambem do homem que nos roubara, nos despedimos do lama e começamos a caminhar sós determinados levar avante o caminho confiando em Nosso Senhor nos guiaria e guardaria, pois tendo feito as diligencias possiveis não viamos outro meio pera passarmos adiante. O lama vendo nossa resolução foi obrigado a nos pedir esperassemos mais algũas horas pera nos aviar e fazer suas chapas e irmos por sua via ao Rei, que se lá nos visse sem irmos como convinha, ou se no caminho nos sucedesse algũa cousa o castigaria gravemente. Com isto esperamos aquele dia, ele nos deu gente e cavalos pera o restante do caminho e, em companhia do primeiro lama, partimos de Pargão na 2.^a oitava de Pascoa a cinco de Abril.

A cabo de tres jornadas achamos em ùa aldeia um lama parente do Rei que de sua parte nos vinha buscar com gente e cavalos e nos acompanhou. Este escreveu logo ao Rei como iam chegando, o qual mandou outros lamas que em outra paragem nos esperassem com dois cavalos pera nós mui bem ornados e caminhando assi com toda esta companhia um bom espaço antes de chegarmos, mando[u] outra gente sua convidando-nos com o seu chá, de que ele e os seus usam muito e, continuando depois o caminho que era por serras bem altas indo já perto do lugar onde estava, mandou outros lamas mancebos em seus cavalos que nos festejassem com muitas carreiras que deram em ùa paragem onde a serra lho sofria, e logo descobrimos por entre as arvores grande multidão de gente que nos esperava e soaram as charamelas e trombetas, que com isto têm algũa // [fl. 8] semelhança os instrumentos de que usam em suas festas. Aqui estavam cem lamas todos de pouca idade de doze até vinte anos, que postos em ordem em duas fileiras nos vinham receber, no meio tres lamas pequenos com cheiro que levavam em seus turibulos²⁴⁶, que é honra unica do Rei.



1. Lama grva pa, antes de ser ordenado, com um turíbulo (p. 228).
2. Lama sGe sloi, («Guelão») ordenado, benzeindo ou impondo as mãos (p. 115).

²⁴⁶ Alfaia utilizada na Igreja para se queimar o incenso.

Assi nos levaram ao lugar que nos tinham aparelhado, que era ùa tenda mui bem feita forrada de seda da China com seu docel e lugar onde descansassemos. E mandando-nos dai a pouco o Rei recado que podiamos ir, o achamos em outra tenda bem ornada de seda, ele assentado em um lugar alto vestido de seda vermelha broslada de ouro. À mão direita e mui junto a ele estava em outro lugar correspondente ùa imagem de seu pai com ùa lampada acesa que ali sempre ardia. Aqui ficavam dois lugares altos pera nós, não tendo ali nenhum lama, por grave que fosse lugar senão nos esteiróis que pelo chão estavam. Recebeu-nos com demonstração de muita benevolencia, significando-a na alegria que mostrava de nos ver e saber de nós, donde vinhamos, donde eramos, de que reino e nação com as mais perguntas ordinarias nas primeiras vistas: Pudemos dizer-lhe que eramos portugueses, porque a estas serras como nunca vem gente estranha, nem se lembram de terem visto, ou ouvido ter por aqui passado semelhante gente, assi não chegou a eles o nome de franges que em todo o Oriente têm os portugueses.

Não foi pera nós pequena desconolação acharmo-nos aqui quase sem lingua, porque, trazendo nós quem sabia muito bem o hindustão, parsio e cocho, contudo só achamos aqui um lama de Chaparange, mui querido do Rei, que entendia algũa cousa, mas mui pouco do hindustão. Por este falavamos como podiamos com assaz trabalho e pena nossa e do Rei que desejava muito nos pudessemos declarar bem pera as largas praticas que cada dia connosco tinha, mas sabendo de nós como vinhamos aqui mandados pera lhe pregar a fé de Cristo Nosso Senhor por termos sabido que antigamente a tiveram e depois com a mudança dos tempos e falta de mestres foi esquecendo²⁴⁷, tendo ainda dela algũas cousas, mostrou estimar nossa vinda e disse que aprendessemos bem a lingua pera nós lhe podermos falar, e que não poderia deixar de aceitar o que lhe ensinassemos, pois deviam ser causas muito boas, pelas quais vinhamos de tão longe a buscá-lo, e assim mandou logo aquele lama de Chaparange continuasse cada dia em ensinar-nos e ele pera isso o desocupou muito.

É este Rei, que se chama Droma Raja [*Dharmaraja*], de idade de 33 anos, el-Rei e juntamente lama-maior deste Reino de Cambirasi, primeiro dos do Potente por esta parte, que é mui grande e povoado. Preza-se muito da mansidão que tem, pela qual é mui estimado, mas

²⁴⁷ Cacela junta-se a Andrade na tese de uma evangelização antiga do Tibete.

menos temido e actualmente tem em sua casa um lama parente seu que lhe fez um notavel agravo. Trata-o bem e disse-nos que o soltaria logo e que não tinha coração pera lhe dar outro castigo, posto que soubesse que em saindo da prisão se havia de alevantar contra ele, como costumava. É tambem mui celebrado pela abstinencia que faz, não comendo nunca arroz, nem carne, nem peixe, sustentando-se de leite e frutas, e tambem pelo recolhimento que guardou os tres anos passados antes de aqui chegarmos, metendo-se em ùa casinha que fez mui pequena no meio de ùa serra sobre grande penedia, não vendo, nem se deixando ver de pessoa algũa, e o comer lhe punham em duas cordas que da sua casinha desciam a outras que lhe ficavam abaixo, e ele o recolhia sem falar em todo este tempo com ninguem. Ocupava-se, como ele nos disse, em orar e, no tempo que lhe ficava fez algũas peças que tem e nos mostrou ùa delas por melhor que era, ùa imagem de vulto de Deus em sandalo branco, pequena, mas excellentemente feita e é esta arte a de que ele muito se preza, como tambem de pintor, que é bom, e nos mostrou algũas pinturas suas muito e, vendo um anjo S. Rafael que traziamos em um painel, quis fazer outro por ele e logo o começou e foi continuando muito bem, posto que por muitas occupaões o não tem ainda acabado.

Tem tambem este Rei // [fl. 9] grande nome de letrado e, como tal, o reverenciam todos os outros lamas maiores e os reis lhe mandam presentes, e é buscado de todas estas partes, tendo consigo lamas de reinos bem distantes. A causa de o acharmos alojado em tendas nesta serra, é porque custuma a gente das povoações chamá-lo cada ùa pera a sua e assim se vai pôr em algũa paragem donde possa ir a muitas, dando-lhe então largos presentes de cavalos, gado, arroz, panos e outras cousas, que [é] a sua principal renda e, os que por ficarem longe o não convidam, o vêm buscar tambem com suas ofertas. Por este respeito estava nesta serra com a escola dos seus lamas que sempre tras consigo, e tem mais de cento com notavel exercicio de aprender e fazer suas cerimonias.

Chamam-se estes guelões [*dGe sloi*]²⁴⁸ e são os principais lamas porque não casam e não comem mais que ùa vez antes do meio dia, depois do qual não podem comer arroz, nem carne, nem peixe, nem bebem vinho nunca, e nisto se distinguem de outros lamas, que não

²⁴⁸ Denominação imprópria? Dado tratar-se de lamas da velha escola, no Butão, cuja tradição deriva de *Padmasambhava*, mais propriamente a seita *aBrug pa*: G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 294.

são tão apertados. Estão todo o dia recolhidos na escola, na qual comem e dormem, saindo todos juntos duas vezes no dia; ùa pela manhã, outra à tarde e recolhendo-se logo todos em ordem uns após outros com muita composição e modestia, tambem ensinados e acostumados, e faz magoa grande vê-los por outra parte tão ocupados nos erros que lhe ensinam, que grande parte do dia gastam em suas rezas, e de noite se levantam todos a um sinal que lhe[s] dão e rezam como por espaço de meia hora e outra vez de madrugada, cantando a modo dos clerigos em coro.

Nestes (*sic*) serras e noutras, o acompanhamos dois meses até chegar a sua casa que está naquela serra onde teve seu recolhimento sem ter consigo mais que os seus lamas, nem o sitio é capaz de se povoar, porque pera se fazer ùa casa é necessario quebrar muita penedia e aplainar com muito trabalho algum espaço da serra, que é mui alcantilada, e é sitio que ele escolheu pera se defender de um rei que lá fica daqui a oito dias do caminho, e é o maior do Potente que se chama Demba Cemba [*sDe pa gTsaii pa*], e lhe fez guerra os anos passados por lhe não querer dar, como ele nos disse, um osso de seu pai defunto que o Rei lhe pedia, deixando a este respeito de habitar em ùa cidade sua, grande e boa, que se chama Ralum [*Raluii*] e fica daqui a cinco dias de caminho. Nestas suas casas nos acomodou muito bem em ùa parte delas, onde pudemos fazer e ornar bem ùa capela, pera a qual o convidamos, dia de nosso Santo Padre Inacio²⁴⁹, e foi o Senhor servido que, depois de dois roubos, nos achassemos ainda com todo o aparelho que trouxemos pera o altar e com todas as imagens, que posto que no primeiro me levassem ùa lamina da Virgem Senhora Nossa, contudo um lama que a achou na mão dos que nos roubaram, no-la trouxe aqui com mais ùa biblia que tambem lá tinham. Veio o Rei ver a capela com o seu mestre que é um lama muito velho a quem ele tem grande respeito e com os mais lamas, que ficaram todos mui satisfeitos do que viam, gastando algũas horas em ver e perguntar por tudo.

Em estes meses procuramos com toda a diligencia aprender a lingua e, posto que andavamos por tendas e caminhos e casas estranhas, que tudo nos tirava o tempo, contudo nos fez Deus Nosso Senhor nesta materia, como em todas as mais muitas merces. O maior trabalho de todas era a falta do mestre, porque com o que tinhamos nos entendiamos mui dificultosamente, e por não ser deste Reino, mas

²⁴⁹ A 31 de Julho.

de Chaparangué, não sabia a lingua desta parte de que ao presente tinhamos mais necessidade, porque, posto que estes reinos todos tenham a mesma lingua, há muita variedade na pronunçiação e nas terminações, e a corrupção dela em algũas partes a faz quase outra, particularmente neste Reino, que, por ficar neste canto sem trato, nem muito comercio dos outros reinos, está muito mudada. Porém os lamas todos e comumente a gente entende tambem a lingua dos mais e, assim com a que sabemos, ficamos aptos pera todas estas partes e tambem fazemos muita diligencia pera nos formar bem no deste mesmo Reino, em que o Senhor é servido façamos a prima estancia e assim ao presente graças a Deus Nosso Senhor nos // [fl. 10] entendemos muito bastantemente e praticamos as cousas de nossa Santa Fé, e compomos as orações e instruções necessarias nesta lingua e as fazemos escrever nos seus caracteres pera que mais facilmente aprendam. Ajuda-nos tambem muito sabermos já ler seus livros, posto que não os entendamos ainda bem por estarem compostos no melhor e mais polido da lingua.

Eram em todo este tempo mui frequentes as praticas que com o Rei tinhamos acerca das cousas de Nosso Senhor, que ele muito folgava de ouvir, mas entendendo tambem que entre nós e ele havia grande diferença acerca do que criamos em nossa Santa Fé, vimos claramente nele desgosto e frieza pera nossas cousas, e assim lhe dissemos depois de lhe agradecer muito o amor que nos tinha mostrado, que o houvesse por bem dar-nos licença e companhia pera passar adiante até as partes de Chaparangué, pois neste Reino não tinhamos que fazer.

Ficou o Rei mui alcançado com esta petição e, deferindo-nos a resposta pera alguns dias, fez nestes por via doutros lamas diligencias connosco pera que desistissemos de ir avante, mas persistindo nós no que lhe tinhamos pedido, nos deu ele mesmo resposta, dizendo que era descrédito seu deixarmo-lo e ir avante; que todos estes reinos sabiam como estavamos com ele, e que, o ter-nos aqui era grande honra sua, pelo [que], pera diante não haviamos de passar; particularmente tendo-lhe nós dito que estariamos aqui sempre, nem o deixariamos.

A isto lhe respondemos que o havermos de estar aqui era tendo ele muito gosto de se pregar em seu Reino a verdadeira lei de Cristo Nosso Senhor, e mais particularmente aceitando-a ele e fazendo-se cristão, e, como viamos nele pouco gosto desta materia, que é o que somente aqui buscavamos, não havia pera que fica (*sic*) aqui. A isto nos disse que era verdade mas que ele havia medo, que se agora tomasse nossa lei, de morrer logo, que seus antepassados tiveram a

lei que ele tinha e que nunca foram cristãos, mas que fossemos lendo os seus livros e praticariamos mais de raiz sobre a materia da lei, que por ora começassemos a fazer cristãos e pregar nossa Santa Fé, que era muito boa, e ele assim o entendia e que logo teriamos muitos cristãos, que era o que desejavamos, e que, pera começarmos nos dava, como logo deu, em sua presença, a um mancebo, lama de vinte anos muito familiar seu e primo como irmão de outro lama, que é todo o governo do Rei, e que logo nos daria mais dois e que a estes seguiriam muitos e nos faria casa e igreja em Pargão. Vendo a resolução do Rei lhe dissemos que lhe queriamos dar gosto, pois ele o tinha em ficarmos neste Reino com as esperanças que nos dava de nele se haver de estender a fé do Senhor e lhe agradecemos muito os lamas que nos dava e se queriam fazer cristãos, e a igreja que em Pargão queria fazer, que no que tocava a haver de morrer logo tornando a fé do Senhor, ele veria o contrario nos que se fizessem cristãos, porque sendo Cristo Nosso Senhor verdadeira vida das almas, não matava os corpos, antes com ele teria todos os bens do corpo e alma.

Do que neste Reino há acerca da religião direi a Vossa Reverencia o que colhemos das praticas com este Rei e com o velho mestre seu. Dizem primeiramente que nunca foram cristãos, nem acham em seus livros que seus antepassados em todo este Potente conhec[ess]em a Cristo Nosso Senhor e tivessem sua lei. Dizem que não são gentios, antes si ri[e]m e zombam das cousas da gentilidade, como de adorar animais e abominam o matar gado a pagodes e outras cerimonias dos gentios. Dos mouros dizem muito mal, e é nome que chamam a quem querem chamar homem mui mau. Dizem que adoram a um só Deus, e dele têm imagens bem feitas. Ûa nos mostrou o Rei mui composta, modesta e autorizada, de metal dourado, que tinha entre as mãos ùa vasilha pequena de água, e disse-nos que aquela água era significação de como Deus lavava as almas dos pecados²⁵⁰. Tambem nos mostrou outra pintura de Deus em pano, toda de um azul escuro e, estranhando-lhe nós a cor, nos disse que pintavam assim a Deus, não porque nele houvesse cor, mas porque sua morada era o Céu, por isso // [fl. 11] o pintavam com aquela cor de Céu, mostrando-nos tambem outro painel em que estavam pintados os Céus, e no meio deles ùa casa quadrada em que dizia morava Deus, posto que

²⁵⁰ *Ts'e dpag med*, aquele que possui a vida infinita, sânscrito *Amitâyus*: ver G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 299.



Pagode em Lhassa, com o bodhisattva multiface Avalokiteśvara, em tibetano Cheuresi [sPyan ras gzigs] evocado por Estêvão Cacela (p. 235) e cuja imagem Andrade parece nunca ter querido ver, apesar de esta ser reproduzida frequentemente. (Kircher, China Illustrata, 1667).

conforme seu ordinario falar, conheçam a Deus por imenso e que, como tal, está em toda a parte²⁵¹.

Dizem que em Deus há tres, que são um Deus, e que dois deles não têm corpo, e um tem corpo. Ao que tem corpo chamam *Togu* [sPrulsku], que quer dizer «Filho» e, no modo com que falam de seu nascimento, dão a entender quererem dizer que nasceu ficando a mãe virgem, e nos mostraram a imagem de ùa mulher que dizem ser a mãe de Deus.

Têm noticia da bem-aventurança aonde vão os bons, e do Inferno, onde são castigados os maus, no qual dizem haver grandes tormentos de fogo e frio²⁵². Bem se vê nestas cousas ter aqui

²⁵¹ A cor azul é própria das divindades irritadas. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 299. A sua morada é representada a flutuar acima das nuvens.

²⁵² Visão muito simplificada dos ensinamentos do budismo, acerca do destino humano, da beatitude final e da vacuidade universal, *śūnyata*, *saṃsāra*, *nirvana*, etc.

chegando dalgum modo a luz do Santo Evangelho, e outras cerimonia e benções de que usam mostram muita semelhança com as cousas da cristandade; mas têm tambem outras muitas desbaratadas. Dizem que há seiscentos anos não havia neste Potente gente nenhũa, que tudo era água, mas secando-se esta, ficou a terra com arvores e só com dois bugios, dos quais dizem descende toda a gente do Potente, e que estes bugios foram depois pera o Céu, e que logo no principio destes Reinos houve um Rei que tinha doze cabeças²⁵³. E rindo-nos nós a isto e dizendo-lhe que tudo era falsidade e zombaria, nos respondeu mui firme no que tinha dito, que assim o diziam seus livros. Tambem fingem uns tres paraísos donde os bons passam de um pera outro até ficarem espiritualizados de todo, e os que vão ao Céu dizem que entram no mesmo Deus e ficando deuses, e assim adoram os seus mestres e reis que têm por santos como o Deus depois que morrem; donde vem que este Rei, toda a sua arte e curiosidade, emprega em fazer imagens de seu pai e orná-las muito bem, e fazer-lhe festas, e esta tem em ũa casa que aqui fez de sua oração, na qual só está imagem de vulto em um sepulcro bom e fermoso de prata. Em ouvindo-nos dizer que só na lei de Cristo Senhor Nosso há salvação, nos afirmaram que muitos antepassados deste Rei subiram ao Céu em corpo e alma à vista de muita gente e que não era isto cousa muito antiga, mas de poucos anos a esta parte, e que o pai de Droma Raja era tão santo que onde punha o pe, em pedra se imprimiu algũas vezes a pegada, contando juntamente outras cousas de seus antepassados com que o demônio os tras cegos e enganados.

Acerca do Filho de Deus que dizem nasceu, afirmam ser o seu *Chescamoni* [*Śākyamuni*]²⁵⁴, que é um pagode mui famoso nestas partes, e fica daqui a doze dias de caminho, e dizem que nasceu há dois mil anos e que andou doze meses no ventre da mãe. Isto nos disse aquele lama principal, que é o que governa a casa do Rei, tendo-nos o Rei dito primo que Chescamoni não era Deus e que os lamas letrados não o adoravam, mas só a gente comum e que não sabia; e o Rei ouvindo agora isto ao lama o não contradisse, antes estavam ambos como embaraçados e confusos, não sabendo quem era este Deus

²⁵³ Chenresi, [*sPyan ras gzigs*], em sânscrito *Avalokiteśvara*, bodhisattva da misericórdia. G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, pp. 302-303. Trata-se pela primeira vez de uma estátua com várias cabeças, como na Índia. Andrade não tinha visto nem dito nada a seu respeito. Cf. ilustração p. 234.

²⁵⁴ Por fim o nome do Buda?

Filho que parece conheciam e não sabiam²⁵⁵ nada dele, de que nós lhe davamos mui diferentes novas²⁵⁶, nem até agora temos alcançado terem noticia algũa dos outros misterios da vida do Senhor, nem da Santa Cruz achamos aqui mais sinais que algũa semelhança no nome, porque o que nós chamamos cruz ele[s] chamam *cruca* [*rGya gram*], mas não conhecem este santo sinal por causa sagrada.

A este Rei e lama-maior estimam todos muito, e dão do que têm pera quando morrerem ele os mandar ao Céu, e a cerimonia é que, quando estão vizinhos à morte, já arrancando, é chamado o Rei e assiste a morte com suas rezas e, em espirando-lhe, puxa o Rei pelos cabelos da cabeça, e então lhe faz aquela que eles chamam grande obra de misericórdia de mandar-lhe a alma pera o Céu. E perguntando eu a um destes lamas em ua morte doutro que aqui morreu, se lhe puxava pelos cabelos antes de morrer se depois, se espantou muito da pergunta, dizendo que puxar-lhe antes de morrer seria gravissimo pecado. Depois de morto o homem, repartem o que lhe acham pela mais gente, porque vá bem a alma na outra vida, e os que estão ausentes em a morte dos parentes trazem ao Rei as principais cousas do defunto e o levam a fazer sobre ele suas deprecações²⁵⁷. Deste modo pouco mais ou menos é o culto do Deus que adoram todos estes Reinos do Potente como entendemos do mesmo Rei e dos lamas // [fl. 12] que aqui estão de todos estes Reinos.

Fizemos todas as diligencias de perguntas acerca do Reino do Cataio, e não temos dele noticia algũa por este nome, que é aqui totalmente não sabido. É porém aqui mui celebre um reino que dizem ser mui grande, e se chama Xembala [*Šam blha lai*, *Shambala*] e fica junto a outro que chamam Sopo²⁵⁸, daquele Reino de Xembala não sabe este Rei que lei tenham e no-lo tem perguntado por muitas vezes. Deste Reino cuidamos poder ser o Cataio, porque o de Sopo é o dos tartaros, como entendemos pela guerra, que este Rei nos diz tem aquele Reino de continuo com a China, acrescentando que o Rei da China tem mais gente. Porém que a do Sopo é mais esforçada, e assi comumente esta vence os chinas, o que tudo diz com o que é

²⁵⁵ [No original «sabrão» (*sic*)].

²⁵⁶ A distinção entre exoterismo e esoterismo, comum nas religiões da Ásia, é quase incompreensível no Ocidente: o credo católico é igual para todos, do maior teólogo ao último dos fiéis.

²⁵⁷ Cerimônia *fova* [*ap'ò ba*], uma das mais importantes do budismo tibetano: G. Toscano, *Alla scoperta* [...], p. 306.

²⁵⁸ A Mongólia.

tão sabido da guerra dos tartaros com as chinas, e como o Reino do Cataio seja mui grande e o unico que fica por esta banda junto aos tartaros, conforme as descrições dos mapas, parece podemos com algũa probabilidade cuidar ser o que aqui chamam Xembala. Nem faz contra isto não haver aqui noticia do outro nome, pois nem a China nem a Tartaria, nem o Tibete são conhecidos por estes nomes, dos quais não têm noticia; e à China chamam Guena [*rGya nag*], à Tartaria Sopo e ao Tibete Potente²⁵⁹. Do caminho pera o Reino de Xembala dizem muitas dificuldades. Confio porém em o Senhor, que pois até aqui nos trouxe com os olhos naquele Reino, nos leve onde o vejamos demais perto, de modo que o ano que vem possa mandar a Vossa Reverencia novas dele.

Não poderá ser irmos ambos o padre João Cabral e eu, vista a resolução deste homem com que não que passemos avante; e assim sendo Deus Nosso Senhor servido, ficará aqui o padre João Cabral nesta casa e igreja que o Rei nos faz, pregando o Santo Evangelho a esta gente com ajuda destes tres que o Rei nos deu, e vendo juntamente o fruto que neste Reino se poderá fazer em as almas, pera conforme a isto tratarmos do assento desta missão, e eu com ajuda do Senhor procurarei passar ao Reino de Xembala, que pode ser ou nele, ou em algum dos que neste meio ficam, nos tenha Deus Nosso Senhor aparelhado ocasiões de maiores serviços seus, avisando o ano que vem a Vossa Reverencia de tudo o de que pudermos ter noticia²⁶⁰.

Deu-nos este Rei os dois lamas mais, que nos prometeu, um deles é de doze anos, menino ingenuo e de habilidade, e outro de dezanove, que tem particular aplicação em aprender o que se lhe ensina. A todos tres imos catequizando e instruindo nas cousas de nossa Santa Fe. Tambem outro lama de 27 anos mui principal e de muitos parentes, que todos estes meses esteve aqui com o Rei ajudando-o nas obras de sua curiosidade de pintura, escultura e marcenaria em que sempre está ocupado pera ornato da imagem de seu pai, me tem prometido de se fazer cristão por muitas vezes, como acabar estas obras do Rei, que será daqui a mes e meio; deste me ajudo pera me escrever e pôr em boa linguagem as orações e doutrina cristã, e escrevendo um dia destes o capitulo da cartilha sobre a Santa Cruz ser sinal do cristão, e outras cousas acerca do nasci-

²⁵⁹ Denominação norte-indiana.

²⁶⁰ Objecto de uma literatura especial no Tibete, o Shambala é uma terra mítica ou um continente espiritual: G. Tucci, *Tibetan Painted Scrolls*, Roma, 1949, pp. 598 e 617; G. Toscano, *Alla scoperta [...]*, p. 308.

mento de Cristo Nosso Senhor, e da pureza da immaculada Virgem Senhora nossa, ficou muito satisfeito e me disse depois que o tinha no coração e lhe contentava muito.

Tambem outro homem, que de outra aldeia veio aqui, vendo a capela que tinhamos e ouvindo algũas cousas de Nosso Senhor, nos disse que queria ficar connosco, e que indo pera nossa casa estaria connosco pera Nosso Senhor lhe perdoar um pecado que o trazia mui desconsolado, e era que, por desastre com ùa flecha matara um homem. Este tornou outra vez e persiste nos mesmos propositos. Tambem outros, afeiçoados a nossas cousas nos têm prometido de nos trazer seus filhos pera os ensinarmos, e um destes está mais em particular agradecido pela merce que diz Nosso Senhor lhe fez de dar saude a um filho que nos trouxe doente, estando nós com o Rei nas tendas, ao qual pedindo algũa cousa santa pera remedio, deu o padre João Cabral ùa reliquia, a qual o homen atribui à saude do filho e outros pedem muitas vezes a água benta com que dizem se acham bem de seus achaques. E os lamas e a mais gente que vem aqui a ver-nos tambem com suas ofertas de leite e frutas, vendo as imagens e ornata da capelinha ficam // [fl. 13] pasmados e se prostram muitas vezes diante da imagem da Virgem Senhora Nossa e de Cristo Nosso Senhor, beijando com muita devoção o pé do altar.

Tudo isto é dentro desta casa do Rei, junto a esta casa do seu pagode que temos vizinha onde é continua a guerra que o demonio faz às almas com o cantar e rezar dos lamas da escola do Rei e o som de varios instrumentos com que sempre estão ocupados em seu culto, e com a presença do mesmo Rei que sabe de tudo quanto aqui passa, e a gente tudo o nosso compara com o seu, e lho antepõem do que bem se vê no Rei o pouco que gosta; e assim de aqui haver estes principios podemos conjecturar progressos melhorados no bem das almas, confiando em Deus Nosso Senhor que, saindo deste forte que aqui tem o demonio, nos dê muitas vitorias dele, desapossando das almas que aqui tem sujeito.

Porque fora deste não há outros pagodes, senão rarissimos e andando por estas serras as primeiras desasseis jornadas não encontramos nenhum, mais que no alto de ùa serra um alpendre de pedras, ùas sobre outras, bem mal feito com algũas pinturas do demonio e alguns idolos, e em Pargão, com ser a cidade que disse, não vimos mais que ùa casinha pequenina de um lama particular, que lhe servia de pagode, e assim fazendo-se igrejas a que a gente venha e concorra se pode esperar com o favor do Senhor fruto em o bem das almas, nas quais se vê bem a sede que lhe causa a propensão que tem ao

conhecimento de seu criador na vontade e gosto que mostram de ouvir as cousas do Senhor que lhe praticamos, e na piedade e reverencia que mostram a qualquer imagem que lhe dizemos ser de Deus, e as cousas de seu divino serviço, e, ajudara muito a este bem a liberdade que neste Reino há, que é assaz grande e estendido e mui povoado, tendo a este Rei ùa sujeição mui voluntaria sem obrigação de lhe haverem de deferir nem seguir sua doutrina, nem ele ter poder de gente pera constranger ninguem a nada; antes como sua principal renda está no que lhe dão voluntariamente, a ninguem quer ter descontente, e cada um é mui livre pera fazer o que quiser, como o mesmo Rei por muitas vezes nos disse, falando-nos ainda acerca dos seus lamas que são os mais sujeitos.

Este é o estado das cousas em que as (*sic*) presente estamos, pera cujo progresso pedimos a Vossa Reverencia as faça nessa provincia encomendar a Nosso Senhor mui de continuo, pois aos sacrificios e orações de toda ela atribuímos todo o bem, que o Senhor é servido obrar e as muitas merces que de sua divina mão recebemos, assim em cousas exteriores, como na consolação interior de nossas almas, pois pera estes caminhos parece tem o Senhor guardado mui diferente provimento do com que nos sustenta nos collegios e casas suas. E como se se esquecera de que tudo quanto por seu amor fazemos, é dívida em que lhe estamos e merce que dele recebemos, parece que vão comprando a maior preço de consolações de espirito qualquer passo que por seu amor se dá e costumando o Senhor com paternal affecto esconder-se algũas vezes aos seus pera que mais o agradem sofrendo a pena de o não sentirem tão presente. Aqui parece não trata mais que de ser ùa piedosa Mãe, occupada toda em recrear e se recrear com os filhos pondo tanta beleza nos objectos em que a vista dá por estas serranias, tanta facilidade nos caminhos destes rochedos, tanto gasalhado e amparo nos frios, chuvas e neves das noites que se dorme pelas lapas das penedias, tanta abundancia e fartura na falta do necessario, tanto alivio nos contrastes e dificuldades, tanta suavidade na companhia e trato de ânimos e vontades danadas que dá ao espirito ùa satisfação tão plena, que bem se experimenta ser a medida por onde o Senhor mede estas merces, como ele disse, cheia e bem cheia.

E posto que nesses collegios se sinta muito destes bens cujo sabor o Senhor dá a provar pera com ele atrair a esta conquista sua as almas de seus servos, contudo lá se cuida, e aqui se vê e experimenta, e nesta materia tem mui particular lugar o que se diz que ùa cousa é cuidá-lo e outra vê-lo; como tambem milita nesta o contrario do que nas cousas // [fl. 14] humanas, nas quais o que antes da experiencia se cuida,

com ela se acha falso. Porém quem lá sentir muito da consolação do espirito na consideração da pregação do Santo Evangelho, metido na obra experimenta-a com muita vantagem, falando sem confusão aos reis acerca da lei do Senhor, confundindo os letrados das seitas infernais, mostrando-lhe[s] a falsidade dos erros em que vivem, ajudando a muitos a sair da boca do Inferno em que já estão, acudindo pela honra do verdadeiro Deus, persuadindo as almas o conheçam e adorem fazendo guerra ao Inferno com lhe tirar vassallos dando ao Céu alegres vistas nos actos do entendimento, e vontade com que os infieis vão entrando em si e, finalmente, cooperando com o sangue preciosissimo de Jesus Cristo Redentor, Senhor e todo o bem nosso, que pera prova do amor que as almas dos seus lhe tem se quer servir deles no testemunho que devem dar aos infieis de como ele é seu Salvador.

Tudo isto faz um tesouro riquissimo de gostos da alma tais, que fica sendo nada o preço de grandes trabalhos quando os haja, e a abnegação de tudo o mais com que deve comprar-se. Pera mim peço eu a Vossa Reverencia muito em particular o favor de suas orações, pera não por impedimentos a estes bens, mas possa tambem com os servos fieis entrar no gozo do Senhor grangeando-lhe com o seu dinheiro ganhos e usuras de muitas almas, pois ele por na sua infinita bondade neste emprego quis ter seu ganho²⁶¹.

Tenho faltado até agora em dar a Vossa Reverencia nesta algũa novas particulares da terra em si e do clima dela. É ele mui sadio, e, depois que entramos nestas serras, sempre tivemos muito boa saude, e eu a não tive nunca na India tão boa, e é isto geral em todos, porque rarissimamente encontramos aqui algum doente, e são muitos os que sendo mui velhos têm saude e vigor. Alguns moços que trouxemos vindo assaz indispostos e sendo dantes doentes, aqui têm cobrado perfeita saude. Já temos destas serras passante de sete meses, em todos eles foi sempre o tempo mui temperado sem frio, nem calma de momento. Nestes quatro meses que se seguem de Novembro até Fevereiro há mais frio, mas há pera eles mui bons panos de lã de que todos andam vestidos.

É a terra mui abundante de trigo, arroz, carnes, que tudo vale mui barato, de frutas que são muitas e boas, pêras de muitas castas, algũa bem grandes, todas boas, pessegos muito bons, maçãs, nozes, mar-

²⁶¹ Estes últimos parágrafos, de eloquência barroca, evocam a força que levou estes portugueses até ao Tecto do Mundo: o mistério cristão recebido através da espiritualidade dos Exercícios de Inácio de Loiola.

melos, tudo em muita abundancia, e não faltam tambem os zambolões²⁶² da India. Há tambem ervilhas e nabos muito bons, afora outras cousas e frutas mais proprias da terra. Peixe não tem aqui, mas vem-lhe muito bom seco do Lago Salgado, donde tambem lhe vem o sal, que fica daqui perto, ou do Reino do Cocho, donde o trazem tambem. E algũas cousas que nesta terra não há, se acham em outros lugares que não distam muito daqui, como uvas que aqui não há, e se dão em ãa cidade chamada Compo [*Koĩ po*], que fica daqui a vinte dias do caminho, e dele se faz lá vinho. É esta terra provida das cousas da China, como de seda, ouro, porcelanas, que tudo vem àquela cidade de Compo, e dali desce pera estas partes, e tambem de Caximir por via de Chaparangue há comercio com as terras que ficam vizinhas a este Reino, e vêm muitos estrangeiros a Guance [*Gyantsé*], que é a corte de Demba Cemba [*sDe pa gTsañ pa*], Rei mais poderoso deste Potente, e fica daqui a oito dias de caminho e a Laça [*Lha sa*], que é a cidade onde está o pagode *Chescamoni*, mui frequentada de jogues e de mercadores de outras partes. Porém a estas serras em que estamos não vem pessoa estrangeira e só se lembram de algum jogue ter por aqui passado, mas mui raramente, nem do Cocho aqui vem ninguem mais que os cativos que de lá trazem os que deste Reino descem àquele; e um tio do Rei de Cocho, que há poucos anos por curiosidade e desejo de ver terras, entrou por estas serras e poucas jornadas o cativaram e puseram ao arado, do que tendo noticia o Rei do Cocho, mandou prender toda a gente destes Reinos que estava no seu e, tratando de fazer justiça deles, se lhe não entregassem o tio, se obrigaram a lho trazer, como trouxeram.

Fica esta terra pouco mais de um mes de caminho do Reino // [fl. 15] de Chaparangue e assim depois que aqui estamos tivemos algũas vezes novas dos padres que lá estão, não por sua via, que parece não sabem ainda de nossa chegada a estas serras, mas por via de lamas, que de lá vieram, e por outros que pera lá foram escrevemos já aos padres tres vezes e juntamente lhe[s] mandei cartas pera por via de Goa as mandarem a Vossa Reverencia.

É a gente destes Reinos branca, ainda que a pouca limpeza com que se tratam faz que o não pareçam tanto. Todos trazem o cabelo da cabeça crescido em forma que lhe cobre as orelhas e parte da testa, no rosto de ordinario não consente cabelo algum, e trazem ao peito ãas tanazes mui bem feitas, que só servem de arrancar todo o que aponta.

²⁶² Fruto do jamboeiro (*Eugenia Malaccensis*, Lin.) (Dalgado, s.v.).

Os braços trazem despidos, e do pescoço até os joelhos se cobrem com um pano destes de lã, trazendo mais outro pano grande por capa. Cingem-se com cintos de couro, com chapas de mui bom lavor, como também são mui bem feitos e lavrados os braceletes, que comumente trazem nos braços e os relicarios com que andam lançados a tiracolo. De ordinario andam descalços, mas também usam de botas de couro, ou meias destes seus panos, particularmente por caminhos, suas armas são arco e flecha terçados e adagas de ferro excelente, aos quais ornam com muita curiosidade e obra mui bem feita.

Os lamas não trazem armas, cortam o cabelo da cabeça; alguns, mas poucos, deixam crescer a barba. O Rei a tem grande, e alguns cabelos dela lhe chegam à cintura, os quais comumente tras envolto em algũa seda, e por festa os tira e aparecem, como fez no nosso recebimento. Os da cabeça tem tão compridos, que têm quase dous covados²⁶³. Deles parece se preza muito, e os tem por insignia de grandeza. Porém, disse-nos que tinha propositos de os cortar como tivesse filho que lhe sucedesse no Reino, e que, então se havia de recolher e deixar o mundo porque não queria que a morte o tomasse com eles, como morreu outro rei seu antepassado e foi materia de escandalo não cortar até aquele tempo os cabelos. Vestem-se todos os lamas de ũas meias cabaias que lhe cobrem bem o peito, deixando os braços descobertos, e, o mais corpo até os pés trazem bem coberto com outro pano grande, servindo-lhe outro de capa, a qual nunca largam, nem andam em corpo.

Queira Deus Nosso Senhor pôr em todos os olhos de sua divina misericórdia, e trazê-los a seu divino conhecimento, fazendo que se aproveitem da merce que lhe faz em lhe bater às portas com as novas de Santo Evangelho, pera o que peço a Vossa Reverencia outra vez a continuação das orações e sacrificios de toda essa provincia e na benção de Vossa Reverencia muito me encomendo.

Deste Reino de Cambirasi e casa deste Rei, em 4 de Outubro de 1627.

Filho em Cristo de Vossa Reverencia.

Estêvão Cacela

²⁶³ Antiga medida de comprimento que correspondia em média a 66 cm (Morais, s.v.).

CARTA DE JOÃO CABRAL

Relação da Missão do Reino de Uçangue, cabeça dos do Potente, escrita pelo Padre João Cabral da Companhia de Jesus

[fl. 1] Nas cartas de Outubro passado escrevemos a Vossa Reverencia o sucesso da nossa missão ate à chegada e estada com o Droma Raja [*Dharinaraja*] ou Lama Rupa [*bLa ma Rin po c'e*], que é o seu proprio nome. Nesta darei conta da mudança que fizemos pera o Reino de Uçangue [*dBus gtsai, Utsang*], chamado Deba Camba [*sDe pa Tsañ pa*]²⁶⁴, do qual já nas outras faziamos menção. Relaterei tudo em breve suma, porque vai por um patamar²⁶⁵.

Resolvemo-nos a fazer esta mudança porque achamos que todos os favores de Lama Rupa eram traças pera nos impedir nosso intento, movido do zelo de sua falsa seita. Efectuou-se por via de outro lama seu inimigo pera quem o padre²⁶⁶ se passou em ua ocasião que teve de ir ver um sitio pera as casas e igreja que nos prometia fazer. Era este lama de quem o padre se valeu, alçado com o Rei de Uçangue, e, por esta causa, sabendo de seu intento sem reparar em nada o ajudou, ou por melhor dizer, o aviou, dando-lhe gente de guarda, mantimentos, cavallo e todo o mais necessario pera poder chegar a Gigaci [*gŽis ka rtse, Shigatsē*], corte do Rei.

Chegou o padre em 20 jornadas e foi muito bem recebido do Rei e de toda sua gente. E logo despediu um homem seu com cartas de agradecimento ao lama que ajudou o padre e outras pera o lama Rupa em que lhe mandava me pusesse a mim e a todo o fato em casa do lama seu inimigo, pera dali me aviarem tambem à custa do

²⁶⁴ Título usado pelo rei, transferido para o seu reino: G. Toscano, *Alla scoperta* [...], p. 321

²⁶⁵ Impropropriamente, patamar, pequeno barco que transportava o correio, ou o próprio correio

²⁶⁶ Estêvão Cacula.

mesmo Rei. Assi se executou sem nenhũa replica, ficou porem o lama Rupa sobremaneira enfadado e se declarou por inimigo nosso, e, por mais que com rezões o procurei abrandar, tudo foi baldado.

Parti a 18 de Dezembro e cheguei a 20 de Janeiro, fazendo algũas detenções no caminho enquanto não cheguei às terras do Rei. Aos 21 pela manhã, sabendo o Rei da minha chegada nos mandou chamar mostrando de novo muita alegria de nossa vinha (*sic*) a seus Reinos. Ao dia seguinte lhe propusemos em forma a causa que nos movia a emprender esta jornada. Ouviu com muita atenção e gosto, e respondeu que fossemos com muita diligencia, formando-nos bem na lingua, porque gostaria falar muitas vezes naquelas materias, e isto foi confirmando sempre nas mais praticas, e o seu lama grande passou um formão em que diz que a nossa Santa Lei é a melhor de todas, e que é bem que todos a aprendam pera salvação de suas almas, do qual formão soube o Rei e o confirmou.

Mandou-nos logo dar ùas casas muito boas e em muito bom sitio e prover-nos de alfaias e moços pera o serviço, tudo com muita liberalidade. Pera a sustentação manda dar ùa ração quotidiana que se dá a toda a gente da fortaleza na despensa do Rei e afora esta outra de cada mes que é só dos capitães, o que é não só bastante pera o nosso comer ordinario, mas ainda pera fazer muitas esmolos e, porque o Rei não sabia do nosso costume, e do que nos era necessario, deputou um pajem pera avisar do que nos faltasse. Sobretudo nos fazia muitas honras mandando-nos chamar quase todos os dias e tomando-nos os meses trabalho de nos ensinar a lingua. Era esta nossa entrada tão franca muito falada entre os seus, porque este Rei não anda tão facilmente, nem ainda a gente principal. Nesta conjunção se acharam na corte dois lamas, criados de Lama Rupa e, ao que parece, mandados por ele afim de nos impedirem o assento naquela corte procuraram falar pessoalmente ao Rei e, não sendo admitidos, o fizeram por via dos officiais; e o que mais insistiram, foi em excitar todos os lamas desta cidade, que são sem numero contra nós, dizendo que eramos padres mandados só a destruir os seus pagodes, gente má, destruidora e blasfemadora de sua lei.

Foi Nosso Senhor servido que nesta conjunção não se achasse na corte algum dos lamas grandes que falam com o Rei, posto que bastou o vir-lhe às orelhas pera se mostrar menos alvoroçado da nossa vinda, não no tratamento que sempre foi o mesmo, mas na graça e afabilidade em que parece (se não foi nossa imaginação) diminuiu algũa cousa; e é pera dar graças [a]o Nosso Senhor não causar isto maior mudança, suposto o Rei nos não conhecer ainda e se temer

muito das feitiçarias do lamas. Nestes dias em que isto andava revoltado lhe davamos nossas rezões, as quais lhe quadravam muito, e respondia sempre com a boca cheia de riso, segundando-nos de tudo, queira o Senhor por sua infinita misericórdia conservá-lo, ainda que não será mais que neste favor, que dele neste principio temos, porque só este basta pera podermos esperar grande fruto. //

[fl. 2] Parti no mes de Janeiro da cidade de Uçangue e cheguei a este Golim em Abril por causa de algũas detenças do caminho. A causa da minha vinda foi principalmente vir descobrir este novo caminho do Reino de Nepal pera se poder por ele continuar a missão, suposto o do Cocho ser tão perigoso e arriscado. Vim tambem pera negociar algũas cousas pera esta missão, que entendo pode ser ùa das mais gloriosas da Companhia, e é porta pera toda a Tartaria, China e outros muitos reinos de gentios.

É este Rei mancebo de 22 anos muito bem entendido, branco²⁶⁷, bem afeiçoado e sobretudo muito pio e liberal pera com os pobres. A cidade real é esta de Gigaci, está situada ao pé de um monte, no cume do qual fica a fortaleza onde mora o Rei com todos seus officiais e guarda de soldados. O edificio dela e traça é como as de Portugal, e não lhe falta mais que a artilharia, as casas por dentro todas são douradas e pintadas, e o quarto dos aposentos do Rei é muito pera ver, principalmente algũas casas de brincos que têm de toda a sorte, porque como o Rei é rico de toda a parte lhe vem o melhor. Usa muito de armações em todos seus aposentos, as somenos são de damasco da China, outras tem que podem competir com todas as boas de Portugal. A gente que o serve se traja muito limpa, e pode apparecer em toda a parte, a gente popular é pouco mais ou menos do que temos escrito da gente do primeiro Reino, que agora soubemos se chamava o Reino de *Mori*²⁶⁸.

O Reino que se chama Uçangue é mui estendido e por qualquer parte que se tome, dizem que ao menos tem mes e meio de travessa, e tão povoado que, em 20 dias que caminhei da corte até os confins do Reino de Nepal (que é o novo caminho por onde vim), sempre vim vendo e passando por entre aldeias. O clima é frio. Em Janeiro e Fevereiro passei muitas ribeiras por cima do caramelo a cavalo, mas as neves não são demasiadas. Têm grandes campinas de trigo e não

²⁶⁷ O conceito de «raça amarela» era desconhecido naquela época: os portugueses ou os espanhóis dos séculos XVI-XVII reparavam apenas no facto de a epiderme ser mais clara ou mais escura.

²⁶⁸ O Butão.

vi terra mais parecida com Alentejo em Portugal. Pelo Norte confina com os Tartaros com os quais este Rei às vezes briga, e aqui vêm muitos, os quais dizem que a sua lei é a mesma²⁶⁹. Pera o oriente fica Cochinchina, da qual vêm muitas mercadorias, como também da China, que demora ao Nordeste²⁷⁰ e não se mete este Reino, e ela mais, que o Reino de Cam [*K'ams*], que é o donde vem o almiscar Xembala que, a meu ver não é o Cataio, mas aquela que nos mapas chamam «Gram Tartaria» fica mais desviada pera o Norte²⁷¹.

Neste Reino de Uçangue estão as cabeças de todas as castas de lamas, e por isso lhe chamam escola de sua lei. Os mosteiros (a que chamam *combas* [*dGon pa*]) não são ao nosso modo, mas cada lama grande tem sua cidade, na qual não moram mais que os seus lamas com ele. A comba dos lamas de Chaparangue está a ùa ilharga desta fortaleza, dois tiros de falcão e por esta causa temos cada dia novas dos padres, dos quais ficamos distantes como um mes de caminho, mas o Rei não faz nenhum caso destes lamas porque diz que é má casta. Tratam-se estes lamas grandes com aparato de rei, e entre eles o lama Rupa de quem tantas cousas se tem escrito é o quinto na dignidade, por onde Vossa Reverencia pode julgar o que serão os outros, mas têm um grande bem, que nenhum destes assiste de ordinario com o Rei.

A lei e seita destes Reinos, agora acabo de crer que são gentios, porque além deles se terem e confessarem por tais, achei que têm os mesmos pagodes do Reino de Nepal e alguns de Bengala e só na superstição de castas e comeres que não têm, são diversos. Do Cataio quanto mais imos sabendo da terra, menos sabemos dele. Só nos disse o lama do Rei que passou o formão que havia ùa terra chamada *Cata*, cuja lei não sabia de certo, mas que ouvira dizer era ùa lei antiga diversa desta destes Reinos e o caminho pera este Reino diz que é por Coscar, cidade muito nomeada e concorda isto com a informação do padre Jeronimo Xavier, onde fala nesta mesma cidade²⁷².

Isto é o que por ora posso dizer a Vossa Reverencia desta missão, do qual bem se deixa ver de quanto efeito pode ser, dando-nos Nosso Senhor pé neste Reino de Uçangue, porque não só em si é o que digo, mas ainda porta pera todos os mais reinos que se seguem.

²⁶⁹ Os Mongóis tinham adoptado o lamaísmo tibetano, já introduzido no século XIII, a partir do reino de Altan Khan (1543-1583).

²⁷⁰ Geografia aproximada.

²⁷¹ O Shambala mítico.

²⁷² Em Pequim, já há muito que os jesuítas sabiam que o Cataio era a China: H. Didier, «Une Chine où l'on n'arrive jamais», *Corps Écrit*, Paris, 1986, n.º 17, pp. 11-19.

O que resta é mandar-nos Vossa Reverencia encomendar muito a Nosso Senhor pera que as orações de tantos servos seus supram nossos defeitos e lancar-lhe ùa benção pera que // [fl. 3] arreigue e cresça.

O caminho pera estes Reinos não é pelo Cocho, mas pelo Nepal, o qual confina com as terras do Mogor. Em Patana e Rajamol é caminho segurissimo frequentado de muitos mercadores. Comigo mandou o Rei um capitão até o Nepal com carta e presente pera o Rei, pedindo-lhe que me ajudasse em tudo o que lhe pedisse, porque era pessoa a quem ele estimava muito. Assi o fez o Rei do Nepal e me aviou muito bem ate Patana, onde achei portugueses com os quais passei a este Golim, donde faço esta a Vossa Reverencia. Do Reino de Nepal escreverei a Vossa Reverencia mais largamente porque aí hei-de achar novas do padre Cacela e do que tem sucedido.

Nos santos sacrificios de Vossa Reverencia muito me encomendo. 17 de Junho de 1628.

João Cabral



CRONOLOGIA

(*Segundo Giuseppe Toscano, Alla scoperta del Tibet, pp. 455-460*)

- 1580: Nascimento de António de Andrade.
- 1582, 15 de Abril: Rodolfo Acquaviva, missionário jesuíta italiano na Índia do Norte, envia para a Europa as primeiras informações sobre uma nação desconhecida chamada *Bottau* (= *Bhoṭānta* = Tibete).
- 1590: Antoni Montserrat, companheiro de Acquaviva, termina um relatório onde figura uma descrição das crenças e dos costumes dos *Boṭhis* ou *Boṭhiantas* (= Tibetanos).
- 1596: Nascimento de Manuel Marques, que será irmão coadjutor.
- 1597, Maio-Novembro: o padre Jerónimo Javier, igualmente na Índia do Norte com Acquaviva e Montserrat, assim como Bento de Góis, irmão coadjutor, recolhem informações sobre o *Tebat* (= Tibete) durante uma viagem a Caxemira e resumem-nas nas suas cartas para Goa.
- 1598: Jerónimo Javier, envia informações sobre o *Tebat*.
- 1601, 6 de Janeiro: chegada de Andrade a Goa.
- 1603-1604: de partida para a rota da Seda à procura do Grande Cathayo ou Xatay, supostamente cristão a acreditar em testemunhos muçulmanos, Bento de Góis encontra em Yarkand (actualmente no Xinjiang chinês) um príncipe tibetano prisioneiro dos muçulmanos, Gombuna Miguel (= *mGon po rNam rgyal*); conclui desta conversa em persa que os Tibetanos são cristãos.
- ?: os jesuítas teriam tentado entrar no Tibete por Caxemira.
- 1624, 30 de Março: Andrade e Marques deixam Agrã; Abril: partem ambos de Delhi para o Tibete; 11 de Maio: deixam Śrīnāgar, no alto Ganges; 16 de Maio: carta da Andrade, a caminho de Badrīnāth; Junho-Julho: descoberta das fontes do Ganges e travessia do colo de Mana, nos Himalaias; início de Agosto: chegada de Andrade e de Marques a Tsaparang (= Chaparanguê = *rTsa brai*); início de Setembro: voltam a partir de Tsaparang; 8 de Novembro: Andrade envia de Agrã uma carta sobre o Tibete.

- 1625, 17 de Junho: António de Andrade e Gonçalo de Souza partem de Agrã para Tsaparang; 18 de Agosto: chegam a Tsaparang; início de Setembro: Souza volta a partir para a Índia; 10 de Setembro: carta de Andrade sobre a segunda viagem.
- 1626: edição em Lisboa da carta de Andrade de 8 de Novembro de 1624, sob o título de *Novo Descobrimento do Gran Cathayo ou Reinos de Tibet*; 15 de Março ou 30 de Abril: partida dos padres Estêvão Cacela e João Cabral para Utsang (Tibete Central); início de Abril: conduzidos por Manuel Marques, Alano dos Anjos (Alain de la Beauchère de seu verdadeiro nome), Francisco Godinho e João de Oliveira chegam a Tsaparang; 12 de Abril: primeira pedra da igreja de Tsaparang, dedicada a Nossa Senhora da Esperança; 10 de Julho: carta expedida por Cacela, de Hugli (Bengala); 2 de Agosto: Cacela e Cabral deixam Hugli em direcção ao Norte; 15 de Agosto: relato de Andrade, enviado de Tsaparang (segundo relato); 16 de Agosto: Godinho envia outro relatório, de Tsaparang; 21 de Outubro: chegada de Cacela e Cabral a Kuch Behar (confins de Bengala e do Butão); na mesma altura, Marques deixa Tsaparang e parte para a Índia.
- 1626 (Inverno) ou 1627 (Primavera): após ter recebido bem os jesuítas, o rei do Guge, Thi Tashi Dagpa (= *Klri bKra śis grags pa*) começa a perseguir os lamas.
- 1627, 2 de Fevereiro: Cacela e Cabral deixam Kuch Behar; 20 de Fevereiro: partem de Rangamati; 21 de Fevereiro: entram no Butão; 25 de Fevereiro: chegam a Paro; Primavera: abertura de uma estação missionária em Rudok; Maio: viagem de Godinho a Caxemira; 29 de Agosto: carta de Andrade, Oliveira e dos Anjos sobre a perseguição dos lamas pelo rei; 2 de Setembro: outra carta, só de Andrade; 4 de Outubro: relato de Cacela, enviado do reino de Cambirasi; Setembro: chegada de António Pereira a Tsaparang; 10 de Novembro: carta de dos Anjos; 16 de Novembro: dos Anjos parte do Tibete para Goa, para se encontrar com o provincial dos jesuítas.
- 1628, 20 de Janeiro: Cabral chega a Shigatsé (Utsang, Tibete Central), para voltar a partir, pouco tempo depois, para Bengala, através do Nepal; Abril: chegada de Cabral a Hugli; 17 de Junho: carta de Cabral expedida de Hugli; Outono: partida de João Cabral e Manuel Dias para Kuch Behar.
- 1629, Primavera: Cabral tenta ir a Tsaparang mas regressa a Bengala; Verão: chegada de António da Fonseca a Tsaparang; Setembro: partida de Cacela e Dias para Shigatsé; 3 de Novembro: morte de Dias no reino de Morongo.
- 1629, Inverno, ou 1630, Primavera: Andrade parte para Goa onde é eleito provincial dos jesuítas. Na mesma altura, o rei do Shigatsé pede o regresso de Cabral. Revolta dos lamas contra Thi Tashi Dagpa, em Tsaparang e no Guge. O rei do Ladakh vence e captura este último e apodera-se do seu reino. A maioria dos cristãos de Tsaparang é feita prisioneira e a estação missionária de Rudok é destruída.
- 1631: o rei do Shigatsé volta a convidar Cabral; 14 de Fevereiro: envio de Domenico Capece e Francisco Morando ao Tibete, na companhia de António Pereira; Fevereiro-Março: Francisco de Azevedo parte para Tsaparang como

- «visitador» (inspector); meados de Maio: chegada de Cabral a Shigatsé; fim de Junho: carta de Cabral (retomada no relatório de Azevedo); 28 de Junho: Capece, Morando e Pereira decidem permanecer em Agrã à espera de notícias de Tsaparang; 25 de Agosto: chegada de Azevedo a Tsaparang; 4 de Outubro: Azevedo e Oliveira partem para Leh, capital do Ladakh, para se encontrarem com o vencedor de Thi Tashi Dagpa; 25 de Outubro: chegada a Leh, primeira visita ao rei; 30 de Outubro: segunda visita ao rei; 7 de Novembro: Azevedo e Oliveira renunciam a voltar para Tsaparang e dirigem-se para a Índia, por Caxemira.
- 1632, 3 de janeiro: chegada de Azevedo e Oliveira a Agrã; o cargo de provincial de Andrade impede-o de regressar ao Tibete; partida de Cabral de Shigatsé para Hugli.
- 1633, 4 de Fevereiro: carta de Andrade para Roma sobre os acontecimentos do Gu-ge; os padres de Tsaparang estão em regime de residência vigiada; livre das suas funções de provincial, Andrade pede para regressar ao Tibete.
- 1634, Janeiro: quando está prestes a partir na companhia de outros seis jesuítas, Andrade é promovido a «visitador» (= inspector) para o Japão e a China; 19 de Março: Andrade morre envenenado em Goa.
- 1635, Primavera: Nuño Coresma parte à frente da equipa reunida por Andrade antes da sua morte; morte de dois membros desta equipa; à partida de Agrã, Coresma vê-se sozinho com Ambrósio Corrêa...; chegada de Coresma e de Corrêa a Tsaparang e envio ou regresso à Índia de alguns padres que aí tinham residido até então, entre os quais dos Anjos; 30 de Agosto: relatório de Coresma sobre a situação, co-assinado por Corrêa e Marques; carta para Roma; Setembro-Outubro: Coresma e Marques são privados da sua liberdade; Outubro-Novembro: Coresma e Marques partem de Tsaparang para a Índia; o novo provincial de Goa, Álvaro Távares, ordena aos padres que abandonem o Gu-ge; 11 de Dezembro: chegada de Coresma e Marques a Agrã; 14 de Dezembro: carta de Coresma a Távares, sobre o abandono forçado da missão.
- 1636, Junho: chegada de António Pereira, vindo de Goa; Julho: Pereira e dos Anjos partem para Śrīnāgar no Ganges, para regressarem ao Tibete, se as circunstâncias o permitissem; 17 de Setembro: Francisco de Castro propõe ao provincial a transferência dos recursos reunidos para a missão tibetana em Agrã para a do Grande Mogol; Agosto-Setembro: morte de dos Anjos em Śrīnāgar.
- 1637, Janeiro: Stanislaio Malpichi parte de Agrã para Śrīnāgar; Primavera: o governador do Gu-ge (por conta do rei de Ladakh) convida os padres a voltarem; Malpichi e Pereira não abandonaram Śrīnāgar.
- 1640: após a ordem, vinda de Roma, para tentarem reabrir a missão de Tsaparang, Tomé de Barros, Inácio da Cruz e Luís da Gama chegam a Śrīnāgar, conduzidos por Marques; Verão: Malpichi e Marques partem de Śrīnāgar para o Tibete. São feitos prisioneiros no colo de Mana e fogem. Marques é recapturado.



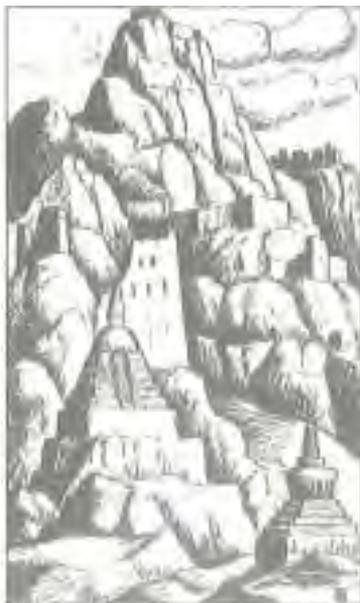
Representação alegórica da morte por envenenamento do padre Andrade, extraída de um martirólogo dos jesuítas (Matthias Tanner, Societas Jesu usque ad sanguinis & vitae profusionem..., Praga, 1675).

CRONOLOGIA

1641, 25 de Agosto: Barros, Cruz e Gama estão em Agra, de regresso de Śrīnāgar;
Agosto e Setembro: Marques envia cartas da sua prisão em Tsaparang.

1641 (fim), ou 1642 (início): os Tibetanos recusam-se a libertar Marques, que
morre em cativeiro em data desconhecida.

Depois desta data não haverá mais jesuítas portugueses no Tibete, o que não
significa que a Companhia de Jesus tenha renunciado a lá entrar. Sob as ordens
do Geral dos Jesuítas, a missão renascerá em 1709-1715, com Ippolito Desideri
(1684-1733).



*Tsaparang por volta de 1940
(croquis do lama Angarika Govinda).*

BIBLIOGRAFIA

I — TEXTOS ORIGINAIS

a) Fontes Manuscritas

Arquívum Romanorum Societatis Jesu

Goa, 73, fls. 2v.-22v. (primeiro relato de António de Andrade).

Goa, 73, fls. 24v.-46v. (segundo relato de António de Andrade).

Goa, 73, fls. 62v.-65v. (terceiro relato de António de Andrade).

Goa, 73, fls. 71-92v. (relato de Francisco de Azevedo – 2.ª parte).

b) Fontes Impressas

Novo descobrimento do Gran Cathayo ou reinos de Tibet pelo Padre António de Andrade, Lisboa, Mateus Pinheiro, 1626 (primeiro relato de António de Andrade).

WESSELS, C., *Early Jesuit Travellers in Central Asia*, La Haye, M. Nijhoff, 1924 (relatos de Francisco de Azevedo, Estêvão Cacela e João Cabral).

II — OBRAS FUNDAMENTAIS

ASCHOFF, J., *Tsaparang Königstadt in Westtibet*, Munique, M. C. Verlag, 1989. — Jürgen Aschoff descreve a cidade real visitada por Andrade, em textos interessantes e fotografias admiráveis. Apresenta também o primeiro e o segundo relatos, numa tradução alemã revista por Hugues Didier a partir dos originais portugueses, acrescentando-lhe uma breve história dos jesuítas em Tsaparang: «Die Jesuiten-Mission in Tsaparang, kommentiert und interpretiert nach den Dokumenten in den römische Archiven der Gesellschaft Jesu» (pp. 89-104).

TOSCANO, G., *Alla scoperta del Tibet*, Bolonha, Editrice Missionaria Italiana, 1977. Esta obra integra uma tradução italiana do primeiro e segundo relatos, mas não do terceiro, acompanhados de outros textos e de muitas notas bastante úteis. (1.ª ed.: *La prima missione cattolica nel Tibet*, Parma, 1951.)

WESSELS, C., *Early Jesuit Travellers in Central Asia*, Haia, M. Nijhoff, 1924.

Muitas notas deste livro remetem para estas três obras.

BIBLIOGRAFIA

III — OUTROS ESTUDOS E DOCUMENTOS

- ALEGAMBE, Ph., *Mortes illustres et gesta eorum de Societate Jesu*, Roma, Giovanni Nadas, 1957.
- BANERJEE, S. N., *The commentary of Father Moutserrate on his Journey to the Court of Akbar*, Oxford University Press, 1922.
- BARRETO, F., *Relatione delle missioni e christianità che appartengono alla Provincia di Malabar*, Roma, Francesco Cavalli, 1645.
- BARROS, J. de, *Da Ásia [...]*, Lisboa, 1613, ed. fac similada, Lisboa, 1992.
- BARTOLI, D., *Istoria della Compagnia di Gesù nella Asia*, 8 vols., Nápoles, Felice Mosca, 1856-1859.
- BERNARD, E., *Le Père Matteo Ricci*, 2 vols., Tientsin, Hautes Etudes, 1937.
- BERNIER, F., *Travels in the Mogul Empire*, Londres, Oxford University Press, 1914.
- BRAZÃO, E., *Em demanda do Cataio*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954.
- BRUCKNER, J., «Benoît de Goes», *Études* 1879, vol. 3, pp. 589-612 e 678-712.
- CAMPS, A., *Jerome Xavier and the Muslims of the Mogul Empire*, Becknenried Fribourg, Nouvelle Revue de Science Missionnaire / Schonbeck, 1957.
- CASTELO BRANCO, F., «A Fama de Santidade do Primeiro Missionário do Tibete», in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, Lisboa, 1960.
- CORDARA, J., *Historia Societatis Jesu*, tomo 1, Roma, Antonio dei Rubei, 1750.
- DEHERGNE, J., *Répertoire des Jésuites de Chine de 1552 à 1800*, Roma, Institutum Historicum Societatis Jesu, 1973.
- Descobrimento do Tibete pelo P. António de Andrade*, edição e notas de Francisco Maria Esteves Pereira, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1921.
- DESGODINS, C., *Le Tibet d'après la correspondance des missionnaires*, Paris, Librairie de l' Oeuvre Saint Paul, 1885.
- DESIDERI, I., *Difesa della Compagnia di Gesù in ordine alla missione del Tibet*, Roma, 1728.
- DIDIER, H., «Interférences islamo-chrétiennes dans les représentations du bouddhisme», *Islamochristiana*, Roma, 1990, n.º 16, pp. 115-133.

BIBLIOGRAFIA

- DIDIER, H., «Le découvreur du Tibet, António de Andrade», *Christus*, Paris, 1993, pp. 371-381.
- Documenta Indica*, ed. de Joseph Wicki, S. J., vol. I — (1540-1549), Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1948.
- FARIA E SOUSA, M., *Ásia portuguesa*, 3 vols., Lisboa, A. Craesbeck de Melo, 1666-1678.
- FELIX, O. C., «Jesuit mission in Lahore», *Journal of Panjab Historical Society*, n.º 5, Calcutá, 1916, pp. 55-99.
- FILIPPI, F. de, *An account of Tibet, the Travels of Ippolito Desideri*, Londres, G. Routledge and Sons, 1937.
- FRANCO, A., *Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus*, Coimbra, Real Colégio das Artes, 1719.
- FRANCO, A., A., *Synopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania*, Augsburg, Veith, 1726.
- GIORGI, Antonio, *Alphabetum Tibetanum missionum apostolicarum commodo editum*, Roma, 2.ª ed., Propaganda Fidei, 1762.
- GODINHO, F., *Avis d'une plus ample découverte du Royaume du Catai*, Paris, Sébastien Chapelier, 1628. [Original português perdido.]
- GOUVEIA, A., *Jornada do Arcebispo de Goa, Aleixo de Menezes*, Coimbra, Gomes Loureiro, 1607.
- GUERREIRO, F., *Relaçam annual das cousas que fezeram os Padres da Companhia de Jesus*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1609.
- HAY, J., *De rebus japonicis, indicis et peruanis*, Antuérpia, Martin Nutis, 1605.
- HEDIN, S., *Trans-Himalaya*, vol. III, Londres, MacMillan and Co., 1913.
- HOSTEN, H., *Jesuit Missionaries in Northern India*, Calcutá, Catholic Orphan Press, 1907.
- HOSTEN, H., «Mongolicae legationis commentarius on the First Jesuit Mission to Akbar by Fr. Antony Montserrate», *Journal of the Asiatic Society of Bengal [JASB]*, Calcutá 1914, pp. 513-704.
- HOSTEN, H., «A letter of Fr. Godinho from Western Tibet», *JASB*, 1925, n.º 5, pp. 49-73.
- HOSTEN, H., «A letter of F. A. de Andrade», *JASB*, 1925 n.º 6, pp. 75-92.

BIBLIOGRAFIA

- JALABERT, L., «Les premiers explorateurs jésuites de l'Asie centrale», *Revue d'histoire des Missions*, Paris, 1925, pp. 529-540.
- KIRCHER, A., *China Monumentis [...] illustrata*, Amesterdão, Waesberg, Weyerstraet, 1667.
- LE CALLOC'H, «La Mission Portugaise au Tibet» in *Missionação portuguesa e encontro de culturas*, II, pp. 103-123, Braga, 1993.
- Lettere annue del Tibet e della China, scritte al M. R. P. Mutio Vitelleschi*, Roma, 1628.
- NIEREMBERG, J. E., *Honor del gran patriarca San Ignacio de Loyola*, Madrid, María de Quiñones, 1645, pp. 11-27 (vida de Andrade).
- Notícias da China e do Tibete: Cartas dos Cativos de Cantão: Cristóvão Vieira e Vasco Calvo (1524). O descobrimento do Tibete pelo Padre António de Andrade (1624)*, comentários de Luís de Albuquerque e Rui Loureiro, Lisboa, Alfa, 1989.
- PETECH, L., *I missionari italiani nel Tibete e nel Nepal. Il Nuovo Ramusio*, tomo II, part. V e VI, Roma, 1954 e 1955.
- PIRES, B. V., *Portugal no Tecto do Mundo*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988. (Andrade e Góis).
- REGO, A. S., *Temas socio-missionológicos e históricos*, Lisboa, 1962, pp. 63-93 (o Grande Mogol).
- RIBEIRO, A., *Portugueses das sete partidas*, Lisboa, 1951.
- RICCI, M., *Fonti ricciane*, edite e commentate da Pasquale d'Elia, 3 vols., Roma, Libreria dello Stato, 1942 e 1949.
- SOMMERVOGEL, C., *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Bruxelles-Paris, O. Schepens, A. Picard, 1890-1900.
- SOUSA, F., *Oriente conquistado pelos Padres da Companhia de Jesus*, 2 vols., Lisboa, Valentim da Costa, 1710.
- TUCCI, G., *The Temples of Western Tibet and their artistic symbolism. Tsaparang. Indo-Tibetica*, III, 2, Roma, Reale Accademia d'Italia, 1935.
- TUCCI, G., e GHERSI, E., *Secrets of Tibet*, Londres, Blackie and Sons, 1996.
- Viagens na Ásia Central, Em demanda do Cataio: Bento de Goes e António de Andrade*, Introdução e notas de Neves Águas, Mem Martins, Europa-América, 1988.

BIBLIOGRAFIA

WESSELS, C., *António de Andrade, viajante no Himalaia e no Tibete*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1924.

WEYER, H., e ASCHOFF, J. C., *Tsaparang Tibets grosses Geheimnis*, Friburgo, 1987.

WYNGAERT, A. van den, *Sinica franciscana*, vol. 1, Florença, Ad Claras Aquas, 1929.

YOUNG, G. M., *A Journey to Toling and Tsaparang in Western Tibet. Journal of The Panjab*, Historic Soc., vol. VII, n.º 2.

YULE, H., *Cathay and the way Thither*, 4 vols., Londres, The Hakluyt Society, 1916.



ÍNDICES

Nestes três índices, os nomes de lugares, pessoas, objectos concretos ou noções filosóficas ou religiosas são apresentados, quer na sua língua original quer na grafia culta (para o árabe [ar.], o sânscrito [scr.] e, sobretudo, o tibetano), em itálico; a transcrição portuguesa original é apresentada entre aspas. A língua tibetana utiliza um alfabeto de origem norte-indiana que é muito pouco fonético. Por comodidade, estabeleceu-se o uso de apresentar em maiúscula a primeira consoante articulada, e deixar em minúscula a primeira consoante muda prefixada. Assim, a palavra dGon pa (lamaria), deve procurar-se em G (correspondência de sinal a sinal, alfabeto latino diacrítico / alfabeto tibetano segundo a grafia Tucci-Toscano).

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

- Abel, *filho de Adão*, 47
Abraão, *patriarca*, 48, 50
«Acabar»: ver Akbar.
Acquaviva, Rodolfo, *jesuíta*, 32, 249
Adão, *o primeiro homem*, 45, 47, 59, 169
Agostinho (Santo), *padre da Igreja*, 40
Aibek, *soberano muçulmano*, 34
Akbar, *soberano muçulmano de tendência sincretista*, 12, 32, 34, 51, 54, 161, 163, 165, 164, 209
Alberto, *jesuíta*, 193
Albuquerque, Afonso de, *vice-rei*, 29
Almeida, Diogo de, *mercador português*, 36, 37
Altan Khan, 246
Amitāyus: ver, no índice ideográfico, Chenresi
Andrade, António de, *jesuíta*, 11, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 38, 40, 42, 43, 45, 46, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 93-94, 172, 178, 180, 182, 192, 194, 197, 249, 250, 251, 77-78, 81, 86, 92, 107, 110, 111, 113, 125, 133, 138, 147, 149, 229, 252
Anjos, Alano dos, *jesuíta francês de seu verdadeiro nome Alain de la Beauchère*, 53, 65, 66, 250, 251.
Aristóteles, *filósofo*, 63
Arius, *herético*, 60
Atīśa, Atisha, *reformador do budismo*, 42
Áustria (Casa da), 16
Azevedo, Francisco de, *jesuíta*, 12, 22, 23, 26, 37, 250, 251, 161, 162

B

- Barreto, Sebastião, *jesuíta*, 16
Barros, João de, *cronista português*, 32
Barros, Tomé, *jesuíta*, 251, 253
Bartolomeu (São), 38, 47, 48
Bir Narayana: ver «Liquinarane»
Bossuet, 47
Bouillon, Godefroi de (Godofredo de Bulhão), *cruzado*, 29
Bruno, Giordano, 41
Buda: ver índice ideográfico

C

- Cabral, João, *jesuíta*, 12, 13, 15, 16, 23, 25, 26, 27, 111, 193, 216, 222, 223, 225, 227, 237, 238, 250, 251

- Cacela, Estêvão, *jesuíta*, 12, 13, 15, 23, 25, 26, 27, 37, 193, 216, 229, 243, 247, 250
- Camões, Luís de, 11, 12, 111, 169, 186
- Campori, Giovanni Maria, *jesuíta*, 31, 38
- «Canâ», ver *Kṛśna*
- Capece, *jesuíta*, 250, 251
- Carignano, Giovanni da, *geógrafo*, 28
- Castro, Francisco, 251
- Castro, Giuseppe ou José, *jesuíta*, 163
- «Chodapô» ou «Chodopa», *nome que designa o rei do Gu-ge, amigo de Andrade*: ver *Thi Tashi Dagpa*
- Clemente de Alexandria, *padre da Igreja*, 41
- Colombo, Cristóvão, 16, 26, 28
- Confúcio, 41, 42
- Constantino, *imperador romano*, 154
- Coresma, Nuño, *jesuíta*, 25, 53, 68, 251
- Corrêa, Ambrósio, *jesuíta*, 251
- Corsi, Francisco ou Francesco, *jesuíta*, 75
- C'os *bdag po*, «Chodapô» ou «Chodopa»: ver *Thi Tashi Dagpa*
- Cristovão (São), 31
- Cruz, Inácio da, *jesuíta*, 251, 253
- D**
- David, 48
- «Demba Cemba», *soberano de Utsang*, 231, 241
- Demócrito, *filósofo*, 38
- s*De pa gTsai pa*: ver «Demba Cemba»
- Desideri, Ippolito, *jesuíta*, 12, 25, 37, 125, 253
- Dharmaraja*: ver «*Droma Raja*»
- Dias, Manuel, *jesuíta*, 193, 250
- Dinis o Aeropagita, *autor patrístico*, 64
- Drölma: ver *Tārā*
- «Droma Raja» (Dharmaraja), *rei do Butão, Nag bdañ rNam rgyal*, 215, 229, 235, 243, 244, 246
- Duralam Shah, 76
- E**
- Elias, *profeta*, 50, 57
- F**
- Fernandes, Gaspar, *jesuíta*, 193
- Figueiredo, Simão de, *jesuíta*, 216
- Filipe IV, *rei de Espanha e de Portugal (Filipe III)*, 25
- Fonseca, António da, *jesuíta*, 250
- Fonteboa, Bartolomeu, *jesuíta*, 216, 222
- Freisingen, Otto de, *autor medieval*, 28
- G**
- Gaburra, 221, 223
- Gama, Luís da, *jesuíta*, 251, 253
- Gama, Vasco da, *navegador*, 13, 28
- Gautama: ver *Buda*
- «Gelobô Lunzé», 189
- Giorgi, Antonio, *agostinho*, 60, 125
- Godinho, Francisco, *jesuíta*, 250
- Góis, Bento de, *jesuíta*, 13, 15, 18, 19, 20, 26, 34, 35, 36, 37, 51, 67, 198, 249
- «Gombuna Miguel», *mGon pa rNam rgyal, príncipe tibetano*, 249
- Gouveia, André, *agostinho*, 36

s*Grol ma*: ver *Tārā*

Grueber, Johannes, *jesuíta*, 19, 37

H

Henrique o Navegador, 28

Henriques, Francisco, *jesuíta*, 32

Hermes Trimegisto: ver índice ideográfico

I

Isabel, *rainha de Portugal*, 17

‘*Isa* [ar.], *nome corânico de Jesus*, 56, 206

Isaías, *profeta*, 14

J

Jahāngīr, *soberano muçulmano*, «*Jan-gir*», 54, 75, 103-104, 106, 163, 165, 183, 207, 208

Jerónimo, *padre da Igreja*, 60

Jesus Cristo: ver índice ideográfico

João, *evangelista*, 138

José, *personagem bíblico*, 187

K

K’ri bKra šis grags pa: ver *Thi Tashi Dagpa*

Khan (Grande), 28, 30, 206, 246

Kircher, Athanasius, 18, 39, 41, 77

Kṛśna, *deus indiano*, 64, 209

L

La Beauchère, Alain de, *jesuíta*: ver Anjos

«Lama Rupa», *bLa ma Rin po c’e*: ver «Droma Raja».

Leão, Francisco, *jesuíta*, 67

«Liquinarane», *rei de Cocho*, 219, 220-221

Longjumeau, André de, *dominicano*, 30

Loiola, Inácio de, 12, 44, 45, 66, 130, 179, 231, 240

Luís IX, *rei de França, São Luís*, 29, 30

Luís XIII, 25

M

Mahipati Shah, 177

Maomé, Muḥammad, 48, 50, 59, 163, 164

Malpichi, Stanislao, *jesuíta*, 251

Maná Rupa [?], 193

Mañjusri, *divindade búdica*, 33, 112

Manuel I, *imperador bizantino*, 30

Maria, *mãe de Jesus*: ver índice ideográfico

Maria Madalena, 165

Marques, Manuel, *jesuíta*, 75, 85, 87, 88, 104, 178, 249, 250, 251, 253

Matusalém, *patriarca*, 198.

Menezes, Aleixo de, *arcebispo de Goa*, 32

Miguel, *arcanjo*, 31, 112

Mila Repa, *Mi la ras pa*, *asceta e poeta tibetano*, 63

Ming (dinastia chinesa), 28

«Mirijâ, Gonçalo» ou *Mirzā Dū-I-Qarnayīn*, *arménio cristão e funcionário mogol*, 67, 164

Moisés, 48, 50

Montserrat, Antoni, *jesuíta*, 32, 34, 249

Morando, Francisco, *jesuíta*, 163, 250, 251

N

Nag bdañ blo bzaiñ rgya mts’o, 5° *dalai-lama*, 37, 196

Nag bdañ rNam rgyal: ver «Droma Raja»

Nestorius, 57, 60
 Nobili, Roberto de', *jesuíta*, 12, 41,
 43, 45, 46, 48, 133
 Noé, 48
 Novotitch, Nicolas, 57
 «Nurmal», *Nūr Mahl*, *rainha muçul-*
mana, 161, 208

O

Oliveira, João de, *jesuíta*, 195, 250,
 251
 Orígenes, *autor patristico*, 60
 Orville, François d', *jesuíta*, 19

P

Padmasambhava, 230 (ilustração
 p. 113)
 Paiva, Mateus de, *jesuíta*, 161
 Paulo (apóstolo), 159
 Pereira, António, *jesuíta*, 250, 251
 Pinheiro, Manuel, *jesuíta*, 34
 Pinheiro, Mateus, *livreiro português*,
 16, 21, 25, 75
 Pitágoras, *filósofo*, 38
 Platão, *filósofo*, 38, 42, 63
 Polo, Marco, *viajante*, 16, 18, 28,
 184
 Preste João: ver índice geográfico
*sPyan ras gzi*s: ver, no índice ideo-
 gráfico, Chenresi

Q

Quetzalcoatl, 46
 Quixote (Dom), 199

R

Rafael, *arcanjo*, 230
 Ricci, Matteo, *jesuíta*, 12, 31, 35,
 38, 39, 40, 41, 45, 46, 52, 60
 Ronsard, *poeta*, 11
 Roth, Heinrich, *jesuíta*, 19

Rubrouck, Guillaume de, *franciscano*, 11

S

Śākyauni: ver índice ideográfico
 (Buda)
 «Saladi», «Saladim», *Salāh ad-dīn*,
nobre muçulmano, 167
Sais rgyas: ver Buda.
 «Sargir», «Satargit», *sattrajit*, *sobe-*
rano indiano, 164, 215, 219,
 220, 221, 222
Sei ge [rNam rgyal], *rei do Ladakh*,
vencedor de Thi Tashi Dagpa,
 37, 53, 68, 178, 191, 193, 194,
 197-198, 250
Šes rab p'a rol tu p'yin pa', «Sabedor-
 ria Transcendental»: ver «Ge-
 lubô Lunzé»
 Sousa, Gonçalo, *jesuíta*, 106, 250
 Sousa, Jorge de, *fidalg português*,
 216, 217, 218-219
 Susyenos, *imperador da Etiópia*, 17

T

sTag ts'an ras, 195
 «Tamerlão», Tamerlan, *Tīmūr Lang*,
conquistador turco, 34
Tārā (Drölma, *sGrol ma*), *divindade*
búdica, 45, 99
 Tavares, Álvaro, *jesuíta*, 53, 251
 Thi Tashi Dagpa, *rei de Gu-ge*, 21, 23,
 25, 30, 42, 43, 45, 52, 53, 54, 55,
 58, 61, 65, 66, 67, 68, 89, 92-96,
 97, 99-100, 105, 118, 121-123,
 134-135, 136, 138, 145, 147-157,
 178, 187, 191-192, 193, 250,
 251. *A mulher de Thi Tashi*
Dagpa, 95, 121, 135-136,
 147-149, 152, 155. *O seu filho e*
príncipe herdeiro, 95, 121, 135-136,

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- 147-149, 152, 155. *O tio do rei, grande lama*, 122, 134, 136, 147.
O irmão do rei, lama, 99, 108, 109, 121-122, 132-133, 135, 136, 138, 139, 152, 153-154, 156, 158.
A mãe do rei, 138, 151, 156, 158.
A sua avó, A Rainha Velha, 121, 142, 144, 145
- Tho-tho-ri, *nome de génio*, 59
- Tomás de Aquino, *dominicano*, 47, 63, 129
- Tomé (São), *apóstolo das Índias*, 18, 31-32, 38, 46, 48
- Tintim, 81
- Torres, Luís de, *intérprete de Colombo*, 28
- Ts'e dpag med*, 132, 233
- Tsong Khapa, *Tsoni k'a pas*, reformador do budismo, 42 (ilustração, p. 101)

V

- Velázquez, 16
- Vespasiano, *imperador romano*, 207
- Virgílio, 203

X

- Xavier, Francisco, *jesuíta*, 29, 34, 40, 45, 67, 159
- Xavier, Jerónimo, *jesuíta*, 27, 34-35, 104, 246, 249

ÍNDICE GEOGRÁFICO

A

- Abissínia: ver *Etiópia*
Afeganistão, 11, 35, 50
África, 28, 46
Agra, Agrā, 11, 22, 26, 32, 34, 35, 48, 54, 59, 75, 101, 104, 106, 161, 167, 207, 208, 209, 249, 250, 251, 253
Ajmer ou Ajmir, «Agmer», 79, 164
Alemanha, 22
Alentejo, 246
«Alner», *Han le*, 195
«Ambruâ», 170
América, 46, 47, 62
Antioquia, 46
Arábia, 29
Aragão, 34
Archande: Ver *Yarcand*
Arménia, 13, 163, 57, 67
Ásia central: ver *Turquestão*
«Asmir»: ver *Ajmer*
Assam, 219
Astúrias, 34
Atlântico (oceano), 26
Augsburgo, 21
«Azó», *Hajo*, 215, 219, 220
- ### B
- Babgo (em Ladakh), 36
Babilónia: ver *Mesopotâmia*
«Badri», «Badrid», *Badrīnāth*, 82, 83, 84, 104, 105, 158, 173, 182, 183, 249
Bahia, 16, 17
«Baioará», *Bainara* (? perto de Lahore), 206
«Baldis», 103, 198
Baltistão: ver «*Baldis*»
«Barochi», 179
Belfort, 21
Bengala, 11, 15, 65, 163, 183, 187, 193, 194, 218, 221, 246, 250
«Biar»: ver *Cochó*
Bisnaga, *Vijayanāgar*, 82
Bothānta, nome indiano do Tibete: ver *Potente*
Brasil, 11, 16
Breda, 16, 17
«Busna» (?), 219
dBus gTsaii: ver *Utsang*
Butão, 230, 245, 249, 250
- ### C
- Calecute, 29
«Cam», *K'ams*, parte do Tibete, 246
«Camau», *Kumaon*, 177
«Cambirasi» (?), reino dos *Himalaias*, 215, 229, 242, 250
«Candá», 186
«Carjã», *Gar za*, 202, 203
«Cascar»: ver *Kašgar*
Castela, 16, 34, 181

«Cata»: ver *Cathayo*

Cathayo, *antigo nome da China*, 13,
16, 17, 23, 25, 26, 27, 28, 29,
31, 32, 34, 35, 37, 51, 107,
220, 236, 237, 246

«Caximir», Caxemira, 34, 54, 75,
89, 94, 103, 104, 105, 171,
187, 241, 249, 250, 251

Ceilão, 82

Ceuta, 13, 59

«Chaparangue»: ver *Tsaparang*

China, 8, 15, 20, 35, 37, 38, 40, 42,
51, 60, 65, 100, 107, 198, 199,
220, 236, 237, 245, 251

Cochim, 12, 27, 194

«Cocho», *Kuch Behar*, 193, 215,
218, 219-223, 241, 245, 247,
250

«Coguê»: ver *Gu-ge*

Coimbra, 169

«Colambarim», *Kalabari*, 221

«Compo», *Koi po*, 241

Compostela, 182

Constantinopla, 46, 129

«Cordoar», 171

«Coscar»: ver *Kaşgar*

Cuama, *Zambeze* (rio), 100, 182

Cracóvia, 21

«Culú», Kulu, 202, 203, 204

«Cumbâ», 193

D

«Dacá», Dacca, 215, 216, 217

«Decão»: ver *Dekkan*

Damão, 167

«Deba Comba»: ver *Uisang*

Delhi ou Deli, 14, 48, 59, 75, 76,
208, 249

Dekkan, 32, 208

Diu, 198

E

«Ébron»: Ver *Hébron*

Egipto, 29, 34, 40, 41, 42

Espanha, 16, 17, 61

Etiópia, 12, 13, 17, 28, 32, 34, 46

Europa, 11, 17, 21, 23, 27, 28, 35,
45, 46, 48, 49, 51, 61, 62, 63,
67

F

Filipinas, 67

França, 22

G

Ganges ou Gangá, 12, 14, 15, 19,
45, 66, 76, 81-82, 86, 161, 168-
-169, 177, 178, 180, 181, 182,
183, 184, 185, 186, 187, 249

Gar za: ver «Carjã»

«Gigaci»: ver *Shigatsé*

Goa, 16, 36, 43, 45, 52, 59, 66, 67,
80, 82, 100, 106, 161, 165,
167, 208, 241, 249, 250, 251

«Golim», *Hugli*, 193, 215, 216, 222,
223, 245, 247, 250, 251

«Gouru», *Gaur*, 221

«Gozeopor», *Kāmpur*, 163

Grécia, 40

«Guama» ou «Guana»: ver *Cuama*
Guatemala, 46

«Guena», *rGya nag*, *nome tibetano*
da China, 237

Gu-ge, *reino tibetano*, 11, 12, 13, 26,
42, 43, 54, 51, 53, 54, 64, 68,
107, 196, 198, 199, 250

«Guiance», *Gyain ts'e*, 241

Guiar, *rGya*, 197, 199

rGya nag: ver «Guena»

Gyain ts'e: ver «Guiance»

H

- Hajo*: ver *Azó*
Han le: ver «Alner»
 Hébron, 170
 Himalaias, 11, 12, 13, 26, 32, 34,
 54, 58, 76, 249
 Hindustão, 12, 22, 23, 28-29,
 32, 38, 40, 46, 48, 50, 53, 59,
 61, 62, 76, 77, 103, 104, 105,
 106, 137, 150, 156, 187, 196,
 208, 219, 241, 249, 251, 220,
Hugli: ver «Golim»

I

- «Imao»: ver *Himalaias*
 Império otomano, 11, 65
 Índia do Norte: ver *Industão*
 Índia: ver *Goa* e *Hindustão*
 Índico (oceano), 13, 15, 26, 28, 29
 Indonésia, 49
 «Indostam»: ver *Hindustão*
 Indus (rio), 187, 198
 Industão: ver *Hindustão*
 Inglaterra, 17
 Irão: ver *Pérsia*
Iskandāra: ver «Scandara»
 Ispaão, 22
 Itália, 22, 40, 209

J

- Jamna, 161
 Japão, 40, 67, 199, 251
 Jerusalém, 30
 Jiuquan (China): ver *Xuxhou*
 Jumna: ver *Jamna*
 Jussi, *Josimāth*, 180

K

- Kabul, 171, 183
Kalabari: ver «Colabarim»

- K'ams: ver «Cam»
Kāmpur: ver «Gozepor»
 Karakorum, *capital da Mongólia no*
século XIII, 30
Kašgar, 13, 51, 198, 220, 246
 «Katay»: ver *Cathayo*
 Kérala, 29
 Khaibar (colo de), 35
Koi po: ver «Compo»
Kuch Behar: ver «Cocho»
Kulu: ver «Culû»

L

- Laça: ver *Lha sa*
 «Ladaca», Ladakh, *reino*, 36, 57,
 107, 121, 157, 192, 193, 198,
 196, 68, 250
 «Ladinhar», 171
La dvags: ver «Ladaca», *Ladakh*
 Lahore, 34, 75, 76, 104, 164, 171,
 187, 199, 200, 206, 208
 La Rochelle, 186
 Lary (?), 84
 «Lee», Leh, *sLel*, 192, 194, 198, 251
Lha sa, Lhassa, 241, 37, 196, 234
 Líbano, 12, 34
 Lisboa, 16, 22, 59, 163, 197

M

- Madagáscar, 100
 «Magar Sarâ», *Nāgar*, 204
 Maghreb, 28, 59
 Malabar, 13, 29
 Malaca, 66
 Mana (colo de), 14, 84, 97, 178,
 182, 184, 199, 249, 251
 «Mandi», *Mandī*, 205, 206
 «Mariul», *Mar yul*, *região do Tibete*,
 107, 197
 Massalagem, 100
Mathurā, 208, 209

Meca, 29, 34
 Medina, 29
 Mediterrâneo (mar), 48, 51, 61, 64
 Melã, (?), 206
 Melinde, 13, 29
 Mesopotâmia, 28, 32, 38
 México, 40, 46
 Mogol (Estados do) ou Grande
 Mogol (Índia do Norte), 11,
 27, 32, 51, 62, 67, 68, 76,
 171, 183, 206, 216, 218, 248,
 251
 Mon (?), *reino indiano*, 245
 Mondego (rio), 169
 Mongólia, 16, 28, 30, 32, 51, 107,
 236, 237, 245, 246
 Morongo (?), *reino indiano*, 193, 250
 Moscóvia, 107
 Moçambique, 13

N

Nāgar: ver «Magar Sarâ»
 Nápoles, 21
 Nepal, 193, 247, 250

O

«Oguli»: ver *Golim*
 Ormuz, 13, 62

P

Paquistão, 50
 Palestina e Terra de Promissão, 14,
 40, 85
 Pandó, *Pandu*, 215, 219, 221
Paragaon, «Pargão», 225, 227, 233,
 238
 «Patana», *Patna*, 221, 247
 Pequim, 35, 48, 246
 Pérsia ou Irão, 11, 30, 38, 49, 163,
 171
 Peshawar, «Peshavar», 35

Polónia, 16, 22
 Pont-à-Mousson, 21
 Portugal, 11, 16, 17, 21, 35, 59, 67,
 221, 245
Pot, nome do Tibete, 187, 188
 «Potente», *Bothānta*, *nome do Ti-*
 bete, 23, 25, 32, 93, 103, 215,
 220, 221, 223, 233, 236, 237,
 249
 Preste João (Reino do), 26, 28, 29,
 30, 31, 32

Q

«Querala»: ver *Kérala*

R

«Rajamol», *Rajmahal*, 216, 221, 247
 «Ralum», *Ralui*, 231
Rangamati, ver *Runate*
 «Ridocho», Rudok, *Ru'og*, *região do*
 Tibete, 107, 199, 250
 Roma, 43, 183
 Rota das especiarias, 27, 50
 «Rudoc»: Ver Ridocho
 «Runate», 215, 221, 222, 223, 224,
 225, 226, 250

S

Salcete [província de Goa], 94, 165
Šam bha la ou *Šam bha lai*: ver
 Shambala
 «Sambar», *Sambhal*, 164
 «Sanze», *Žan dse*, 195
 São Lourenço: ver *Madagáscar*
 «Scandarâ», 209
 Segóvia, 21
 Setúbal, 181
 Shambala, *terra mítica*, 13, 236, 237,
 246
 Shigatsé, *gŽis ka rtse*, 37, 243, 245,
 250, 251

ÍNDICE GEOGRÁFICO

«Sinande»(?), *reino indiano*, 207, 208
 «Sinde», *Sind*, 34, 187
 Síria, 61, 67
 «Sirinagar»: ver *Śrīnāgar*
 «Siripur»(?), 216
 Socotorá, 28, 29
Sog po, «Sopo», *nome tibetano da Mongólia*, 107, 236
 Śrī Lanka: ver *Ceilão*
 Śrīnāgar (no Alto Ganges), 68, 76,
 81, 82, 85, 96, 97, 106, 142,
 144, 158, 177, 199, 249
 Surrate, 167
 Sutlej, 14, 251

T

Tholing, 112, 151
 Tibete (descrições), 18-19, 20, 23,
 25, 36, 98-100, 103, 107-108,
 120, 137, 188
 Tibete (explicações do nome), 23,
 25, 32, 34, 103, 237
mTo gliii: ver *Tholing*
 Tróia, 203
rTsa braii, *Tsaparang*, «Chaparangue», 12, 13, 14, 19, 20, 21, 22,
 26, 38, 42, 43, 44, 45, 52, 53,
 54, 55, 58, 60, 64, 65, 87, 94,
 99, 105, 106, 147, 178, 185,
 187, 193, 194, 198, 199, 200,
 205, 232, 241, 249, 250, 251,
 253

Turquestão e Alta Ásia, Ásia Central, 27, 32, 35, 36, 50, 67, 249

Turquia, ver *Império otomano*

U

«Uçangue», *Utsang*, *Uzangue*, *dBus gtsaii*, *parte do Tibete*, 11, 12, 21, 26, 64, 66, 107, 115, 127, 139, 140, 146, 156, 157, 187, 193, 194, 199, 205, 243, 245, 246, 250
 Uttar Pradesh, 209
 Uzebequistão, 35

V

Vijayanāgar: ver *Bisnaga*
 Volga (rio), 65

X

«Xembala»: ver *Shambala*
 Xinjiang (Sinkiang, Turquestão chinês), 13
 Xuxhou (ou Jiuquan), 35

Y

Yamunā: ver *Jamna*
 Yarcand, Yarkand, 36, 198, 249

Z

Zambeze: ver *Cuama*
Žaii dse: ver «Sanze»

ÍNDICE IDEOGRÁFICO

- Adivinhação, 115, 147-148
Agostinho, 125
Água, 81, 83, 86, 87, 98, 139, 164,
168, 169, 170, 175, 187, 198,
200, 207, 209
Água benta, 99, 115, 140, 238
Ahl al-kiitāb [ar.]: «Os povos do
Livro», 49
ALIMENTOS, sólidos ou líquidos
e receitas
açúcar, doçaria, 93, 98, 170,
148
ameixa, 196
amoras, 221
arroz, 84, 93, 96, 98, 113, 148,
177, 181, 182, 184, 207,
210, 225, 230, 240
bolo, 149
bolota, 176
carne, 145, 148, 150, 182, 207,
230, 240
carneiro, 83, 98, 99, 120, 148,
150, 182, 184, 199
carneiro preparado à moda do
«Alto Ganges», 83
cereais (diversos), 84
cevada, 65
cevada tostada (farinha de) ou
tsampa, 84, 88, 188, 197,
198, 202, 204, 210
chá, 100, 108, 131, 145, 148,
149, 150, 187, 198-199, 288
coco, 182
dahim, lacticínios, 131
doce, 83, 131
erva, 128
ervilhas, 241
farinha, 93, 118, 202
fruto, 131, 230, 238, 241, 245
galinha, 98
iaque ou vaca, 120, 148
jagra, açúcar de palma, 93, 98
jambose (zambolão) ou
jambo, fruto do jambeiro
das Índias, 241
laranja, 164, 241
legume, 98, 145, 207
leite, 108, 131, 177, 196, 199,
202, 230, 238
lentilha, 145
maçã, 197, 201, 240
manteiga, 93, 96, 98, 112, 118,
148, 177, 182, 199
marmelo, 240
mel, 88, 206
nabo, 145, 195, 201, 241
noz, 131, 240
óleo, 176
ovo, 145
pão, 112, 140, 202, 207
passas, 83, 93, 108, 131, 148,
196
peixe, 145, 207, 230, 241
pêra, 240

ÍNDICE IDEOGRÁFICO

- pêssego, 96, 98, 240
 pimenta, 67
 sal, 120, 181, 182, 184, 196,
 207, 210, 241
 sardinha, 182
 tâmara, 195
 trigo, 98, 156-157, 181, 197,
 225, 240, 245. Trigo tos-
 tado, 202
 tsampa, *rTam pa*: ver *cevada*
 uvas, 93, 98
 vinho, 93, 140, 148, 153, 220,
 241
 zané, *za uas*, massa de cevada,
 197, 199, 210
 Allah [ar.], 56, 61
 Alma (destino da), 127, 129-130, 190
 Almíscar, 184, 185, 246
 Alpinismo, 76, 173, 174, 176, 179,
 203-204
 Altar, 143
 âmbar, 66
 Amitayus: ver *Chenresi*
 Anais azuis, 59
 ANIMAIS
 almiscareiro, 184, 185
 bada, 171
 bode, 175
 boi, 127, 172
 búfalo, 171; búfala (bufra ou
 bufara), 171, 175, 195
 burro, 181, 195
 cabra, 81, 98, 190, 195
 camelo, 11, 167
 cão, 183, 184, 206
 carneiro, 81, 83, 93, 96, 98, 99,
 108, 115, 120, 128, 130,
 148, 150, 182, 184, 185,
 186, 192, 195
 cavalo, 11, 89, 98, 108, 115,
 128, 150, 192, 195, 197,
 199, 202, 203, 205, 206,
 218, 223, 227, 228, 230,
 245
 cobra, 127, 209
 elefante, 127, 171
 formiga, 127
 gado, 230
 gato, 118, 128
 grou, 118
 iaque, iaca ou iaque, 115, 120,
 141, 195
 javali, porco montês, 184
 leão, 127, 171
 lebre, 195
 macaco, 170, 174, 175, 235
 mosca, 127, 128
 mosquito, 128
 onagro, burro do mato, 195
 papagaio, 132
 pássaros, 128, 195
 peixe, 241
 piolhos, 210
 pombo bravo, 195
 porco, 51
 rato, 118, 127, 128
 sardinha, 182
 tigre, 127, 128, 171
 urso, 171
 vaca, 108, 120, 130, 148, 150,
 174
 Anjos (cristãos, bíblicos ou pagãos),
 31, 109, 111, 112, 180, 190
 Antolhos, *Mig ra*, 88
 Apofatismo, 64
 Apóstolos de Jesus, 36
 Arianismo, 58, 61
 ARMAS
 adaga, 242
 alfange, 206, 210
 arco, 137, 147, 210, 242
 armadura, 112

- artilharia, 97, 245
 capacete, 112, 174
 cimitarra, 210
 espada, 112, 148, 174, 176
 escudo, 112, 198
 espingarda, 66, 97, 210
 flechas, 115, 137, 238, 242
 mosquete (na expressão «tiro de mosquete»), 201
 pistola, 66, 198, 210
- ARTE**
- arte indiana, 208
 arte muçulmana, 164-165, 209
 arte tibetana: ver *iconografia e templo*, 36, 235, 238
 arte (sensibilidade estética dos jesuítas), 143, 165, 179, 180, 186, 210, 207, 208, 245
- Asiatização do cristianismo, 12, 21, 27, 41, 42, 43, 52, 132
 ‘askarī [ar.]: ver *lascarim*
 Astrologia, 116-117
 Augustinismo, 40
 Azarat Isâ [pers.]: «Senhor Jesus», 206
- B**
- Balelas: ver *patranhas*
 Bandeiras, 100, 112, 113, 114
 Banianos: ver *castas*
 Banquetes reais, 144
 Baptismo, 52, 53, 67, 96, 99, 151, 154, 156, 158, 191, 192
 Barcos, 35, 161, 168, 170, 183, 220, 193, 216, 219, 220, 243, 201
 Bazares, 51, 80, 161, 221
 Bênçãos lamaicas, 115, 116
 Bhagavat Gitā [scr.], 64
 Bíblia, 38, 41, 46, 50, 60, 61, 100, 115, 129, 139, 141, 149, 231, 237, 240, 242; citações da Bíblia, 47, 126, 133, 136, 137, 141, 223; ver *Evangelho*
Bodhisattva [scr.], 57, 109, 132, 234
Bon po, xamanismo tibetano e categoria de feiticeiros, 30, 99, 100, 111
 Bosta (combustível), 196, 210
 Boy, criado carregador (palavra konkani), 82, 172, 201
 Brâmanes, 82, 168, 169, 174-175, 177, 221
a Brug pa, escola seita do lamaísmo, 230
 Buda, 12, 13, 25, 50, 55, 56, 58, 61, 62, 112, 126, 235, 241
 Budismo, 12, 13, 25, 30, 31, 34, 36, 38, 40, 42, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 125
But [pers.]: «ídolo», 50
- C**
- Cálice, 140
 Calor, 165, 207, 210, 240
 Calvinistas, 45
 Camas dos lamas, 43, 120
 Canto dos jesuítas, 99, 139, 150, 185
 Canto dos lamas ou dos tibetanos, 38, 99, 112, 148, 149, 231
 Carandi kāranda [scr.], cesto grande, 186
 Caravana, ou cáfila, 35, 84, 198
 Caravanserralho, 207
 Cartaz, *espécie de passaporte comercial*, 168
 Casamento: ver *mulheres*
 Castas hindus
 brâmanes, 82, 174, 175, 221

ÍNDICE IDEOGRÁFICO

- banianos, 82
 mainatos, 177
- Catequese, catecismo, 36, 96, 106,
 121, 139, 237
- Celibato, 31, 35, 36, 38, 99, 107,
 230
- Céu, *lugar da salvação*, 45, 85, 100,
 123, 126, 127, 128, 130, 131,
 137, 233, 235, 236, 240; ver:
alma (destino da)
- Chapa, *passaporte*, 223, 227
- Chenresi (*sPyan ras gzigs*), 132,
 233, 234, 235
- Chescamoni: ver *Buda*
- Cho conjo: ver *tríade do budismo*
- Choqui (hindi *coki*), *portagem*, 165,
 219
- Chörten, *monumento fúnebre*, 118
- Chuva, 98, 171, 180, 222
- mC'od skyoi*, 113
- Colégio dos jesuítas, 22, 24, 66,
 216, 239
- Comércio, 34, 35, 51, 64-68, 76,
 80, 89, 93, 94, 105, 106, 137,
 167, 168, 177, 181, 184, 187,
 195, 246
- Confissão católica, 203, 218
- Confissão dos lamas, 99, 190
- Consolo espiritual, 88, 96, 136,
 151, 157, 178, 200, 223, 239,
 240
- Contaminação pelo paganismo,
 ver *religiões*
- Coral, 113, 187, 188, 198
- Corão, 49, 50, 54, 59, 60, 61
- C'os, religião ou lei, [scr.] *dharma*:
 ver *religião*
- C'os *dKon m'og*: ver *tríade do bu-*
dismo
- Cor da pele humana, 22, 104, 198,
 205, 241, 245
- Crânios dos mortos, 32, 108, 109,
 191, 198
- Criados dos jesuítas, 86, 87, 88, 89,
 105, 186, 196, 204, 222, 223,
 224, 240
- Cristandades exteriores, 13, 23,
 26-40, 46, 75, 89, 92, 103
- Cruzada, 29, 46
- Cruz, 31, 46, 94, 95, 113, 127, 138,
 139, 141, 142, 143, 149, 155,
 156, 236, 237
- Danças tibetanas ou lamaicas, 109,
 148
- Demónios, 99, 113, 122
- Deus como tema de especulação,
 55, 56, 123, 126, 129
- Dharmakayā*: ver *tríade do bu-*
dismo
- Diabo, 40, 46, 79, 99, 100, 104,
 115, 117, 118, 119, 120, 122,
 175, 182, 192, 208, 238
- Diálogo inter-religioso, 12, 48-64
- sDig pa*, 99: ver *pecado*
- Dinnūs* [ar.], *minorias do islão*, 34
- Disfarces, 22, 32, 42, 54, 76, 104,
 147, 152, 210, 216, 219
- Disputas, 43, 109, 123, 126-133
- DOENÇAS, 104, 112, 145, 155,
 190, 193, 222, 223, 240
- abcesso, 157
- bexigas, 194
- cegueira provocada pela neve
 ou pelo gelo, 87, 88, 202
- cólicas da Índia, 84
- frieiras, 86, 186, 196, 201, 202,
 204
- mal das montanhas, 85, 173
- doença da pedra, 198
- varíola: ver *bexigas*
- outras doenças, 75, 155, 157,
 173, 222

- remédios tibetanos ou «Montanhese», 116, 117, 118, 173, 205
- Dominicanos, 37
- Dorjé, *rDo rje* [scr.], *vajra*, 33, 113, 126
- rDo rje gc'od pa*: ver *livro santo*
- Duplo (tema do), 13, 27, 31, 81
- E**
- Écharpes, ou lenços de seda para benvinda, ver: *saguate*
- Encarnação: ver *Jesus*
- Esmolas, 99, 107, 127
- Especiarias, 13
- Esoterismo, 63, 64, 236
- Espelho, 147
- Estampas dos jesuítas, 44, 45, 95, 96, 206, 231
- Eucaristia, 106, 120, 123, 140, 163; ver *Missã*
- Evangelizações anteriores, 31, 32, 33, 38, 40-42, 46-47, 55, 58, 75, 104, 106, 192, 229, 233, 240, 242
- Evangelho, 48, 60, 61, 100, 235, 237
- Exercícios espirituais [de Inácio de Loyola], 44, 130, 240
- Exércitos, 25, 96-97, 117, 150, 218-219
- Exorcismos, 99, 100, 108, 112, 113, 118, 119
- F**
- Filho de Deus: ver *Jesus*
- Fins derradeiros: ver *Alma (destino da)*
- Florestas, 79-80, 82, 171, 173, 184, 210
- Fogo, 56, 82, 83, 84, 150, 156, 175, 180, 197, 201, 202, 207, 218, 234
- Formão, 42, 93, 157, 167, 199, 218, 219, 244, 246
- Fortaleza, 97, 151, 161, 168, 191, 194-195, 207, 244, 245
- «Fova», *ap'o ba*, *cerimónia lamaica*, 236
- Franciscano, 30
- Frangui(m)*, *fringui*, 51, 93, 94, 171, 229
- Frio, 86, 88, 150, 156, 164, 182, 184, 186, 194, 195, 196-197, 199, 200, 201, 203, 204, 210, 225, 234, 239, 240, 245
- Fronreira, 66, 76, 81, 84, 106, 158, 171, 176, 206, 219, 224
- G**
- Gelo, 56, 120, 195, 197, 201, 202, 210, 245
- Gemani, *espécie de liteira*, 206
- Gentios: ver *Paganismo*
- dGe dui*, [scr.] *Saṅgha*, 58, 189
- dGe lugs pa*, *lamas amarelos*, 153; ver *Lamas*
- dGe sloi*, *título lamaico*, 153, 228
- «Giundo Conjô»: ver *tríade do budismo*
- Glória de Deus, 76, 79, 106, 160, 240
- Granizo, 187
- Grutas, 87, 153, 188, 202, 204, 239
- «Guelões», *sGe sloi*, 153, 230; ver *lamas*
- Guerra, 154, 95, 96-97, 117, 130, 135, 137, 150, 167, 176, 177-178, 183, 191, 216, 219
- rGya gram*, 236; ver *cruz*
- H**
- HÁBITOS / ROUPAS chineses, 42

- hindus, 54, 104
 muçulmanos, 22, 42, 76, 104,
 210, 218
 portugueses ou dos jesuítas,
 76, 81, 85, 195, 210
 tibetanos, 81, 83, 84, 98, 107-
 108, 117, 137, 140, 172,
 177, 188, 189, 202, 203,
 205, 241, 245
- Harém, 163, 164
Hermes Trismegisto, 42, 47
 Hermetismo, 42
 Hinduísmo: ver *paganismo*
- I**
- «Iamdar», *yantra*, 126; ver *cruz*
 e *dorjé*
- Iconografia búdica ou lamaica, 31,
 33, 36, 44-45, 99, 117, 139,
 149, 233, 235, 236
- Iconografia católica, 31, 38, 45, 49,
 56, 95-96, 138, 141, 143, 155,
 159, 192, 206, 231, 238
- Ídolos, idólatras, 23, 50, 79
- Igreja dos jesuítas, 93, 106, 121,
 137, 139, 141-143, 155, 159,
 191, 192, 231, 233, 243, 250
- Incenso, 124, 175, 180, 228
- Indofobia, 53, 54, 79-80, 137, 168-
 169, 208-209
- Inferno, 44, 45, 79, 98, 127, 128,
 129, 136, 164, 182, 208, 209,
 234, 240; ver: *Alma (destínos da)*
- Iujil, o Evangelho segundo o islão*, 35, 61
- Inquisição, 24, 42, 46, 52, 53
- Intérpretes, 35, 58, 62, 92, 94, 105,
 106, 222
- Isā'i, cristão em persa*, 206
- Islão, 11, 12, 27, 29, 30, 46, 48, 49,
 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59,
 60, 61, 68
- Islamofobia, 29, 30, 34, 49, 58, 68,
 92, 94, 104, 106, 163, 189, 210
- J**
- Jansenistas, 46
- Jejum dos jesuítas, 123, 145-146,
 150, 155
- Jejum dos lamas, 108, 130-131,
 145-146
- Jesus, Filho de Deus, 48, 50, 52, 55,
 56, 57, 60, 94, 95, 96, 99, 123,
 126, 131, 136, 137, 138, 139,
 141, 143, 145, 150, 175, 181,
 189, 202, 206, 208, 209, 223,
 226, 227, 231, 232, 235, 239,
 240, 244
- Jesus, Cristo e Senhor, Jesus invo-
 cado, 31, 32, 36, 40, 41, 44, 46,
 47, 48, 49, 52, 56, 58, 79, 85,
 100, 104, 106, 123, 126, 130,
 136, 138, 139, 142, 143, 150,
 155, 159, 160, 165, 171, 172,
 176, 178, 180, 184, 187, 191,
 192, 194, 201, 202, 216, 218,
 223, 226, 227, 229, 231, 232,
 235, 237, 239
- Jesus «Livro», 59, 138-139
- Jesus conhecido no Tibete, 57-58
- Jóias (Três): ver *tríade do budismo*
- Judaísmo, 46, 47, 48, 49, 50, 58,
 59, 60
- Judeus, 34, 49, 60
- Justiça no Tibete, 145
- K**
- bKa'agyur*: ver *Kanjur*
- Kaumbin, espécie de manta*, 85, 86
- Kāfir* [ar.], 51
- Kanjur, [*bKa' agyur*], *coleção canó-
 nica tibetana*, 21, 59, 107
- dKom mc'og*, 58

L

«Lâ»: ver *Ihas*

Ladrões, 144-145, 172, 176, 177,
192, 208, 210, 218, 227

Lagos, 79, 187, 205

Lágrimas de consolo espiritual, 96,
136, 150, 151, 157, 209

Lamas, *bLamas*, também «Lamão»
e «Lamba», 11, 26, 30, 36, 42,
43, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 61,
93, 94, 98-99, 100, 107, 108,
109, 110, 112, 115, 116, 117,
120, 121-122, 123, 127, 131,
139, 154, 190, 194, 215, 227,
228, 230-231, 232, 238, 242,
243, 244; categorias de lamas,
43, 61, 153, 195, 228, 230;
conflito entre lamas de Gu-ge
e Thi Tashi Dagpa, 21, 43,
121, 130, 134, 149-152

Lama conjoie, *bLa ma dKon mc'og*:
ver *tríade budista*

Lascarim, 167

Lavoura, trabalhos, 84, 98, 156-
157, 167, 172, 202

Lei: ver *religião*

Lendas europeias, 13-14, 27, 28,
45, 46, 47, 60

Lhas, *espíritos assemelhados aos*
anjos, 55, 59, 61, 109, 111,
112, 113, 114, 115

Lha tho, «Cairns» em honra dos
Ihas, 113-114

Limbo: ver *Alma (destinos da)*

LÍNGUAS

alemão, 21

aramaico, 28, 38

árabe, 25, 51; ver as palavras:
Ahl al-kiiāb, *Allah*, *‘as-*
karī, *Kāfir*, *malāk*, *uzūl*,

salāma, *taḥrīf*, *tanzīl*, *taḥlīt*,
taslīma

caldeu, 28

castelhano, 21

cocho (?), 229

hebreu, 28, 60

hindi ou hindustani, 206, 229

inglês, 21

italiano, 21, 25

latim, 26, 62, 159

neerlandês, 21

persa, 22, 23, 43, 54, 55, 56,
59, 61, 62, 65, 94, 95, 206,
229; ver as palavras: *but*,
isa’i, *Xuda*

polaco, 21

português, 21, 23, 27, 61, 159

sânscrito, 46, 61, 126; ver as pa-
lavras: *Dharmakaya*, *man-*
dala, *mantra*, *oṃṃ mani pad-*
me hūṃṃ, *praññāpāramitāsūtra*,
saṃbhokayā saṃgha, *san-*
dyābhāṣā satī, *śūnyata*, *tri-*
kaya, *triratna*, *trisulā*, *vajra*

tibetano, 28, 55, 61, 107, 123,
139, 147, 159, 194, 229,

231, 232, 244

turco, 25

Liturgia dos lamas, 108

Livro santo, 48-49, 50, 59, 98, 107,
109, 113, 123, 138, 139; o livro
santo dos lamas, *rDo rje gc’od*
pa, ou *Praññāpāramitāsūtra*, 21,
43, 61, 56, 58, 63, 107, 117,
124, 159, 187, 190, 189; a alte-
ração do Livro, tema islamo-
-cristão, 60, 61, 129

«Lossar», 147

Luii ra, «Cavalo de vento», 200

Lusíadas, 11, 12, 186

Luteranos, 45

M

Madeira (para aquecimento, para construção), 84, 127, 143, 156, 161, 171, 179, 198, 204, 207, 210, 219

Mainatos: ver *castas*

Malāk [ar.], *anjo*, 55, 61

Mandala [scr.], 44, 149

Maniqueísmo, 60

Mantra [scr.], 43, 46, 99, 131, 132, 133, 149

Maria, *mãe de Jesus*, 29, 36, 45, 47, 56, 57, 94, 95, 96, 99, 133, 143, 157, 160, 165, 170, 176, 181, 184, 189, 199, 231, 238, 239

Metempsicose, 38, 60, 127, 128, 129, 190

Migra, antolhos, ver: *antolhos*

MINAS E METAIS, 156, 233

argila, 198

cobre, 98

ferro, 83, 148, 242

latão, 86, 139, 143

ouro, 83, 98, 113, 144, 182, 208, 241, 129

prata, 83, 156, 235, 129

sal, 184, 196,

salitre, 167

Missa, 106, 120, 123, 140, 163

Mitra, 33, 107, 153; ver *dGe sloi*, *sGe lugs pa*

MOEDAS

bazarucos, 82, 203

cruzados, 167

larim, larins, 82

reis, 207

rupias, 167, 168, 204, 209

tangas, 219, 220

tostão(ões), 186

xerafins, 66

Moinho, 114, 198

Monção, 170

Montanhas, 32, 76, 79, 80, 82, 84, 85, 144, 153, 161, 170, 171, 172, 173, 178, 179, 181, 185-186, 187, 195, 198, 201, 202, 203, 204, 215, 221, 225, 240,

Mosteiro, 34, 43, 98, 151, 246

Muçulmanos, mouros, 27, 36, 34, 49, 50, 51, 59, 60, 61, 65, 106, 170, 216, 219, 233, 22, 64, 92, 98, 103, 163, 170, 206, 216, 218, 29; ver também *nacionalidades (de Caxemira) e islão*

MULHERES

hindus e «montanhesas», 84, 173, 178, 188

muçulmanas, 164, 134-135

tibetanas, 89, 134, 137, 163, 188, 189, 205

outras, 84, 202

MÚSICA (instrumentos de)

buzina, 174

charamela, 148, 228

címbalo, 174

flauta, 209, 148

guitarra, 148

sistro, 174

tambor, 100, 112, 174

tamboril, 110

tímpano, 174

trombeta, 100, 108, 142, 148, 228

N

Nababos, 208, 216

NACIONALIDADES (não incluindo os jesuítas)

abissínio: ver *etíope*

alemão, 21

árabes, 11, 32, 34, 60, 64

- arménio, 13, 30, 46, 57, 67, 92, 163
 Assam (de), 219
 cafre (negro-africano), 170, 209
 Caxemira (de), 89, 92, 93, 94, 98, 103, 104, 105, 187
 chinês, 38, 46, 100, 237, 107, 187, 236, 37, 40, 32
 cingalês, 82
 egípcio, 41
 espanhol, 46, 53
 etíope, 13, 17, 32, 46
 francês, 163, 21
 hebreu ou israelita, 14, 48, 50
 hindustani ou indiano, 187, 76, 103, 13, 167, 168, 187, 31
 inglês, 16, 21
 italiano, 163, 12
 javanês, 188, 198
 Lahore (de), 94, 187
 mongol, 30, 31, 107, 220, 237, 246
 montanhês do Alto Ganges, 83, 84, 87, 88, 173, 174, 175, 177
 persa, 60
 português (excepto jesuítas), 11, 12, 13, 16, 28, 29, 65, 67, 81, 93, 163, 171, 216, 218, 219
 sírio, 29, 30, 67
 tártaro: ver *mongol*
 tibetano (passim), 65, 98, 137-138, 187-188, 203, 242
 turco, 30, 32, 34
 uigur, 30, 31, 37
 Nascimento, nascer no Tibete, 119, 190
 Navegação, 11, 13, 16, 17, 161, 168, 170, 181, 187, 216, 218-219
 Nestorianos, 27, 29, 30, 31, 32, 46, 57, 60, 92
 Neve, 81-82, 83, 85-86, 88, 104, 120, 155, 184, 186, 195, 199, 200, 201, 203, 222, 225, 239, 245
 «Nhenâ», *bsĭNen gnas*: ver *jejum*
 «Nhunâ», *sMyuuñ gnas*: ver *jejum*
Nirmaṇakāya, 321: ver *triade do budismo*
Nuzūl [ar.]: ver *revelação*
-
- OFÍCIOS
- carregador, 172, 176, 205
 «catual», [scr. kota], *governa-dor*, 218
 ferreiro, 83
 marinheiro, 67, 216
 médico, 157, 117, 118, 157, 223
 mercador, 219, 241, 67, 89, 93, 105, 106, 221, 34, 35, 42ç, 62, 65, 247
 «Meteranim» (estalajadeira), 207
 oleiro, 142
 ourives, 127
 pastor, 195
 sapador, 144
 soldado, 167
Om̄ mañi pad me luñi, 43, 46, 53, 131-132, 133
 Oráculos sibílicos, 41, 46, 48
 Ossadas, 108, 198, 117, 191
- P
- Paganismo, 30, 31, 42, 45, 46, 49, 57, 58, 60, 61, 75, 76, 79, 82, 83, 99, 104, 105, 107, 158, 169, 170, 173, 177, 178, 183, 190

- Pagodes, templos e divindades asiáticas, 75, 79, 82, 83, 97, 99, 104, 105, 109, 157, 174, 175, 182, 183, 184, 205, 235, 238, 241
- Panela, 210
- Passaportes, 66, 158, 168
- Patranhas, balelas (relatos e lendas assim considerados pelos jesuítas portugueses), 82-83, 168-169, 205, 209, 235
- Pecados, 82, 83, 107, 127, 128, 129, 130, 132, 136, 140, 169, 189, 190, 217, 233, 236, 238
- Penteados, 188, 148, 241, 242
- Peregrinações, 37, 175, 180; peregrinações e romarias, 11, 37, 75, 76, 79, 82, 83, 104, 105, 174, 175, 180, 182, 215
- Perfumes, 112, 178, 179, 186, 228
- Pérolas e pedras preciosas ou raras, 83, 89, 129, 142, 170, 188, 198, 208, 209
- Perigos, 17, 26, 76, 79, 82, 85, 87, 88, 95, 104, 105, 155, 171, 180, 181, 184, 188, 192, 202, 206, 210, 216, 217, 218, 219, 224, 225
- Piedade dos tibetanos, 136-137, 138, 156
- aP'o ba*: ver «fova»
- Ponte, 81, 184, 185
- Porcelana, 100, 187, 198, 241
- Prajñāpāramitāsūtra* [scr.]: ver *livro santo*
- Presépio de Natal, 150, 151
- Prisão, prisioneiros, 105, 144-145, 150, 178, 191, 216, 224, 241, 250
- Procissões, 79, 100, 110, 112, 175, 180
- Propaganda (dos jesuítas), 16, 17, 21, 22, 23, 26, 32
- Prostrações, 95, 109, 116, 121, 138, 150, 151, 166, 206
- Providência divina, 17, 75-76, 104, 170, 222
- sPrul sku*: ver *triade do budismo*
- P'ugs*, «Pugus»: ver *gruas*
- Purgatório: ver *Alma (destinos da)*
- Q**
- Quaresma: ver *jejum*
- R**
- Racionalidade, 118, 123, 126, 129
- Ramadao, 61
- RELIGIÕES
- religião dos tibetanos, 95, 98-99, 100, 107, 108, 109, 111, 115, 116, 122, 124, 189-190, 191, 233, 234
- religião natural, 47
- religiões mistas pagano-cristãs ou pagano-monoteístas, 13, 30, 31, 37, 38, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58
- Relíquias dos jesuítas, 95, 98, 138, 155, 157, 238
- Relíquias dos lamas, 99, 137, 190
- Restrição mental, 22, 23, 25, 38, 65, 67, 81, 93, 105
- Revelação, 38, 46, 47, 49, 59, 60
- Reverência, ver *prostrações*
- Rio, 161, 164, 174, 210, 218, 219, 221, 226; ver *Ganges*
- Rocha, rochedo, 76, 84, 87, 180, 199, 229, 239
- Romarias, ver *peregrinações*
- Rosário dos jesuítas, 138, 154, 155
- Rosário dos lamas, 108, 132

Rus rgyan, ornamento feito de ossos humanos, 109

S

Sabedoria transcendental: ver *Livro Santo*

Sabeísmo, 49

Saguatē, *saugate*, ou *zauguate* [pers.], 112, 151, 161, 188, 199

Salāma [ar.], 191

Salvação, 128, 129, 130, 131, 137, 140

Saṃbhogakāya [scr], 321: ver *tríade do budismo*

Saṃgha [scr], 62

Sandyābhāṣā [scr]: ver *esoterismo*

«Sanguiã conjo», *Saṅs rgyas dKon mc'og*, Buda: ver *tríade do budismo*

Satī [scr], 178

Sapatos, 81, 91, 181, 242

«Sarai», estalagem, 207-208

Seita como designação de uma religião, 13, 26, 38, 42, 100, 103, 105, 107, 121, 122, 136, 137, 152, 240, 236

Sepultura, 117-118

Sibilinos, ver *oráculos*

Sino, campainha, 31, 33, 142, 163, 180

Siro-malabares (cristãos), 13, 29, 31-32

Sol, 86, 88, 168, 181, 190, 195, 201, 204

Sonhos, 13, 26, 155

Sujidade dos tibetanos, 98, 141, 188, 198,

Sumbâ: ver *bTsum pa*

Śūnyatā [scr.], *vacuidade*, *impermanência*, 56, 234

T

Talḥirīf [ar.]: ver *Livro Santo (A alteração do Livro)*

Tanzīl [ar.]: ver *revelação*

Tanjur, *bsTan agyur*, coleção canónica, 21

Tatlii: ver *trindade*

Tasīma [ar.], 165, 191

Tecidos ou têxteis, 66, 197, 198, 230, 242

de lã, 107, 137, 188, 199

de melique, 198

de seda, 100, 148, 174, 187, 221, 229, 241

de veludo, 198

Templos lamaicos, 31, 43, 45, 111, 112, 122, 127, 140, 143, 145, 149

Tendas, 120, 148, 229, 230

Tibetologia, 12-13, 25, 40, 61

Tod por, corte feito num crânio: ver *crânio*

Tora (Bíblia), 60

Tradução, 21, 23, 25, 26, 43, 57, 61, 62, 92

Tríade do budismo ou Três Jóias, 38, 50, 55, 56, 58, 61, 62, 123, 188, 189, 234

Trikāya [scr.], tríade esotérica do budismo, 62, 123-124

Trindade cristã, 31, 32, 38, 50, 51, 55, 60, 99, 123, 138, 139, 189

Triratna [scr.], 61, 38, 50 : ver *tríade do budismo*

Trisūla, 33: ver *dordjé*

Ts'e grub, cerimónia, 140

bTsum pa, «Sumbâs», 153

V

Vajra: ver *dordjé*

ÍNDICE IDEOGRÁFICO

Vedas, 41, 48, 59, 64

VEGETAIS

absinto, 167

aguila, 178

anil, 167-168

amoreira, 80, 207

arara, 205

árvore de S. Tomé (*Baubinia*),
80

aveleira, 179

bonina, 179

cabaço, 174

cana de açúcar, 170

caneleira, 175

carvalho, 176

castanheiro, 80, 179

cedro, 179, 204

cereais, 64

cevada, 64, 197

cipreste, 164, 174, 179, 186,
202

«Cipreste de flores», 80-81

coco, 182

cravo, 164

erva ou relvado, 84, 98, 128,
145, 184, 196

espinhos, 80

flores (gen.), 127, 179, 186

hissopo, 175

indigueiro, ver *anil*

jasmim, 164

laranjeira, 164

limoeiro, 80

lírio, 81, 164

macieira, 165

manjerona, 81, 173, 205

uaruchi (?), *raiz*, 205

nogueira, 179

pé de pavão (?), 173

pereira, 80

pessegueiro branco, 80, 164,
179

pessegueiro-damasqueiro, 179

pinheiros ou abetos, 80, 173-
174

roseira, 80, 81

salgueiro, 225

salva, 186

sândalo, 178, 230

sésamo, 168

silvas, 80, 173

sobreiro, 176

trigo, 98, 156-157, 181, 197,
225, 240, 245

Vento, 86, 200, 201, 204, 222, 225

Virgindade, ver *celibato*

X

Xamanismo: ver *Bon po*

Xuda, persa, 56

ÍNDICE ICONOGRÁFICO

- Almiscareiro (*Kirpatrick*, 1811), 185
- Casa tibetana, árvore da vida e moinhos de orações (*Giorgi*, 1762), 114
- Divindades, sacerdotes e tipos de tibetanos (*Giorgi*, 1762), 36, 110, 113, 116, 132, 189, 228
- Folha de rosto do *Alphabetum tibetanum* (*Giorgi*, 1762), 125
- Grande Mogol (*Kircher*, 1667), 166
- Itinerário de Bento de Góis (*Kircher*, 1667), 18-19
- Itinerário do padre António de Andrade, 20, 77, 78
- Itinerário do padre Francisco de Azevedo, 20, 162
- Itinerário dos padres Estêvão Cacela e João Cabral, 20, 217
- Itinerários das viagens europeias em busca do Cathayo (*Kircher*, 1667), 18-19
- Lhassa: pagode, 234; vista (*Kircher*, 1667), 37
- Luii rta*, «Cavalo de vento» (*Toscano*, 1951), 146, 200
- Mandala (*Giorgi*, 1762), 44, 259
- Mantra, 133
- Mapa da Ásia do Sul e do Cathayo (*Kircher*, 1667) (detalhe: reino das Índias e Tibete), 18-19, 77
- Mapa da Ásia: China e Cathayo (*Ortelius*, 1602), 14; Idem (*Herédia*, 1616), 15
- Mapa do Grande Tibete (*Bellini*, 1749), 90-91
- Mapa moderno do Tibete e das principais cidades referidas neste livro, 20
- Morte de António de Andrade (*Tanner*, 1675), 252
- Nag bdañ blo bzaiñ rgya mts'ö*, 5.º dalai-lama (*Kircher*, 1667), 196

ÍNDICE ICONOGRÁFICO

Objectos rituais (mitra e vajra) (*Toscano*, 1951), 33

Objectos tradicionais tibetanos (*Giorgi*, 1762), 124

Padmasambhava (*Toscano*, 1951), 247; (*Giorgi*, 1762), 113

Retrato de António de Andrade (*Academia das Ciências de Lisboa*), 24

Retrato do padre Ricci (*Kircher*, 1667), 39

Templo lamaico (*Giorgi*, 1762), 111

Tibetanos (*Mandeville*, 1484), 119

Tsaparang, por volta de 1940 (*croquis* de A. Govinda), 253

Tsong Khapa (*Toscano*, 1951), 101

Vinhetas variadas (*Giorgi*, 1762), 68, 73, 213, 259

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

1. Tibete, o último destino dos Descobrimentos?	11
2. A Europa à procura das «cristandades exteriores».....	26
3. A evangelização e as formações mistas pagano-cristãs	40
4. O impossível diálogo triangular cristãos-muçulmanos-budistas..	52
5. Apartes comerciais dos encontros entre cristãos, muçulmanos e budistas.....	64

NOTA DO COORDENADOR DA EDIÇÃO PORTUGUESA

I – Os textos	69
II – Critérios de transcrição.....	70
III – Notas de rodapé.....	72

MISSÃO A TSAPARANG

Primeira carta de António de Andrade (1624)	75
Segunda carta de António de Andrade (1626)	103
Terceira carta de António de Andrade (1627).....	147
Carta de Francisco de Azevedo (1631).....	161

MISSÃO A UTSANGUE

Carta de Estêvão Cacela (1627)	215
Carta de João Cabral (1628).....	243

CRONOLOGIA

249

BIBLIOGRAFIA

255

ÍNDICES

Índice onomástico.....	263
Índice geográfico	269
Índice ideográfico.....	275
Índice iconográfico.....	287

Doutorado pela Sorbonne (1974), professor de línguas e literaturas românicas na Universidade Jean Moulin de Lyon (França), Hugues Didier especializou-se na história religiosa da Península Ibérica na Idade Média e na Idade Moderna, mais particularmente na dos jesuítas portugueses e espanhóis.

Depois de ter estudado o basco Inácio de Loyola (1970), o castelhano Juan Eusebio Nieremberg (*Vida y pensamiento de Nieremberg*, Madrid, 1976) e o navarro Francisco Xavier (*Xavier, Lettres et documents*, Paris, 1987), consagrou vários estudos ao padre António Vieira. Tem-se ocupado também das relações islamocristãs em Espanha e no Norte de África (*Charles de Foucauld*, Paris, 1996). Actualmente prepara um livro sobre o catalão Ramón Llull.

Último título publicado:

- *Quando os índios eram vassallos. Colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*
de Ângela Domingues

ISBN 972-8325-82-7



9 789728 325824

As edições de literatura histórica – quer de fontes quer de estudos – ocupam lugar de relevo nos interesses do público. Que é preciso satisfazer, prezando a qualidade. Não poucos leitores querem conhecer o passado, e não se limitam a convencionais interpretações. Há muitos que se embrenham afoitamente em novas perspectivas e em novas problemáticas. Que podem contribuir para esclarecer os dias que vivemos. Novas margens, outras margens. Com este conjunto de publicações, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses iniciou, em 1997, uma nova colecção que se designou *Outras Margens*: assim mesmo. Onde têm saído alguns títulos de importância para alargar o número de leitores do que tem vindo a ser investigado e escrito em Portugal. Em que cabem também reedições de obras fundamentais, que se encontravam esgotadas. Sobre o passado de um Povo que pelo Mundo se espalhou.

Joaquim Romero Magalhães
Comissário-Geral da CNCDP

A epopeia marítima dos portugueses deixou uma obra incomparável na literatura mundial: *Os Lusíadas* de Luís de Camões. A profusão de obras sobre a história marítima confirma a ideia de uma nação de marinheiros ou inseparável da água salgada. No entanto, esquecemo-nos muitas vezes que esses argonautas, mais de uma vez, largaram os seus navios e embrenharam-se terra adentro: é o caso do Brasil ou do coração tórrido ou gelado da Ásia. A descoberta do Tibete não foi, por isso, menos *lusitana* que a do Cabo da Boa Esperança! António de Andrade e os seus companheiros (Francisco de Azevedo, Estêvão Cacela e João Cabral) conseguiram, com esforços sobre-humanos, penetrar no adverso *País das Neves* e instalar-se em dois reinos do Tibete: Gu-ge e Utsang. Os soberanos locais receberam-nos muito bem, de início, e autorizaram-nos a construir igrejas e a pregar. Contudo, o diálogo impossível com os lamas, em língua persa, tendo como intérpretes os mercadores muçulmanos, multiplicou os mal-entendidos baseados na ideia, historicamente falsa, que budismo e catolicismo tinham a mesma origem. A missão acabou por se frustrar, pelas esperanças desmedidas que tinha suscitado.

Redigidos por religiosos letrados, estes textos têm, para além da sua qualidade literária, um enorme valor intrínseco, em que as preocupações apostólicas dos seus autores são acompanhadas da evocação pormenorizada dos contratemplos que sofreram na Índia do Norte (ou Grande Mogol) e, sobretudo, nos Himalaias, que atravessaram de sandálias, submetidos às duras condições das montanhas e da neve.